ESTUDANDO NA CIDADE
ELES QUEREM O QUÊ?
Sentidos de escolarização no Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO

RICARDO FERREIRA

RICARDO FERREIRA

ESTUDANDO NA CIDADE ELES QUEREM O QUÊ?
Sentidos de escolarização no Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO

Universidade Federal de Goiás
Regional Catalão
Programa de Pós-Graduação em Educação
2015

sistema de bibliotecas ufg

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[X] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Ricardo Ferreira					
E-mail:	kalanhas@gmail.com					
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? [X]Sim [ ] Não						
Vínculo empregatício do autor	Estado de Goiás/Prefeitura Municipal Ipameri-GO					
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior			Sigla:	CAPES	
País:	Brasil	UF:	DF	CNPJ:	00889834/0001-08	
Título:	*ESTUDANDO NA CIDADE ELES QUEREM O QUÊ?* Sentidos de escolarização no Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO					
Palavras-chave:	Escolarização; Movimento Social; Assentamento Olga Benário.					
Título em outra língua:	*WHEN STUDYING IN THE CITY, WHAT DO THEY WANT?* The sense of schooling at Olga Benário Settlement in Ipameri-GO					
Palavras-chave em outra língua:	Schooling; Social Movements; Olga Benário Settlement.					
Área de concentração:	EDUCAÇÃO					
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	26/03/2015					
Programa de Pós-Graduação:	PPGEDUC/UFG/RC					
Orientador (a):	Prof.ª Dra. Aparecida Maria Almeida Barros					
E-mail:	cidaab@gmail.com					
Co-orientador (a):*						
E-mail:						

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: 28 / 04 / 2015

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

RICARDO FERREIRA

ESTUDANDO NA CIDADE ELES QUEREM O QUÊ?
Sentidos de escolarização no Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

Orientadora: Dra. Aparecida Maria Almeida Barros.

Linha: História e Culturas Educacionais.

Universidade Federal de Goiás
Regional Catalão
Programa de Pós-Graduação em Educação
2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Ferreira, Ricardo
ESTUDANDO NA CIDADE ELES QUEREM O QUÊ? [manuscrito] : Sentidos de escolarização no Assentamento Olga Benário de Ipameri GO / Ricardo Ferreira. - 2015.
ccxxi, 221 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Aparecida Maria Almeida Barros.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão , Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2015.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, gráfico, lista de figuras.

1. Escolarização. 2. Movimento Social. 3. Assentamento Olga Benário. I. Barros, Aparecida Maria Almeida, orient. II. Título.

RICARDO FERREIRA

ESTUDANDO NA CIDADE ELES QUEREM O QUÊ? Sentidos de Escolarização no Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO.

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Defendida e aprovada em 26/03/2015.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Aparecida Maria Almeida Barros – PPGEDUC/UFG/Regional Catalão.
Orientadora - Presidente da Banca

Prof. Dr. Jadir de Morais Pessoa

Profª. Drª. Maria Zenaide Alves – UFG/UAEE

Aos moradores do
Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO,
pelo exemplo de luta contra os opressores do mundo.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás - Catalão, por ter disponibilizado excelentes recursos materiais e imprescindíveis recursos humanos para que eu pudesse realizar esta pesquisa.

À CAPES, que por meio da Bolsa de Estudos me garantiu os recursos financeiros necessários para empreender este estudo.

Aos profissionais da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás - Catalão, Renata e Roberto, pelo profissionalismo e pela presteza com que conduziram meus passos como aluno desta instituição.

A todos os alunos da Turma de 2013 do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – Catalão, e, de maneira especial, aos colegas da Linha de Pesquisa – História e Culturas Educacionais, Cibele, Mara, Michele e Rubislei, por compartilharem saberes, estudos, incertezas, angústias e alegrias.

A todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – Catalão, por permitirem beneficiar-me da excelência com que constroem seu exercício profissional.

À Prof.ª Dra. Ana Maria Gonçalves, especialmente, por ter se tornado, ao longo do curso, uma referência de conhecimento, compromisso, dedicação e competência.

À Prof.ª Dra. Selma Martines Peres, especialmente, por me permitir escolher com segurança os caminhos a serem percorridos na ação investigativa.

Ao Prof. Dr. Sérgio Pereira da Silva, especialmente, por ajudar a reposicionar-me no universo do conhecimento humano.

Ao Prof. Dr. Wolney Honório Filho, especialmente, por me permitir de forma rigorosa, criativa e exemplar, acessar sua invejável intelectualidade.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Jadir de Morais Pessoa e Prof.ª Dra. Maria Zenaide Alves, que desde a qualificação instruíram o meu percurso investigativo com valiosas contribuições originadas na experiência de pesquisadores.

Aos moradores do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO, pela coautoria.

À minha orientadora, Prof.ª Dra. Aparecida Maria Almeida Barros, especialmente, por disponibilizar em favor de meu estudo todo o seu conhecimento e experiência, por ter me dado asas e por saber, no momento certo, apará-las, e por ter desde o início acreditado e investido tanta dedicação e competência.

Ao meu irmão Prof. Dr. Rogério Ferreira, meu "sul" intelectual.

À minha querida filha Yasmin, não só por ter sido companheira em momentos decisivos da pesquisa de campo e minha leitora favorita, mas também por ter me dedicado doses diárias de seu sorriso encantador.

À minha amada Gesiane, por ter sido companheira na elaboração do pré-projeto, na pesquisa de campo, nas leituras, na análise dos dados, na produção do texto, enfim, em todos os momentos que marcaram essa etapa de minha formação, mas, principalmente, por ser minha companheira na vida, mulher maravilhosa que, de tanto acreditar, convenceu-me de que era possível realizar este sonho.

Vista do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO

Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã.

(Olga Benário)

RESUMO

A chegada de alunos do Assentamento Olga Benário a uma escola pública do Município de Ipameri-GO, evento motivador desta pesquisa, desencadeou a questão investigativa com o objetivo de analisar como os processos formativos vivenciados na trajetória de luta pela terra dialogam com os sentidos de escolarização construídos pelos moradores desse assentamento. O caráter qualitativo e participante da pesquisa transportou o *locus* do estudo para o contexto do assentamento, tendo pesquisador e pesquisados interagido em situações geradoras de dados. A atividade de campo, composta por um levantamento inicial de dados obtidos em visitas às famílias, permitiu uma visão panorâmica da realidade investigada, bem como a localização de possíveis sujeitos para participar da segunda etapa, constituída por Grupos Focais, que teve por objetivo triangular alguns dados empíricos da primeira fase e aprofundar as percepções dos moradores a respeito dos sentidos da escolarização dos filhos e de suas expectativas e projeções futuras. Três grupos focais tiveram atividades interativas com a finalidade de dar voz aos sujeitos investigados. Duas sessões foram realizadas para captar possíveis convergências e divergências entre os dois segmentos representativos detectados na fase exploratória: O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e a ASPROAB (Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Olga Benário). A terceira sessão, realizada com estudantes do assentamento, situou as percepções e vivências de escolarização desses sujeitos. O aporte teórico que conduziu os percursos, as descobertas e as análises da pesquisa considerou o pensamento de Paulo Freire (2002; 2003; 2007; 2014), Miguel Arroyo (2009; 2011), Roseli Caldart (2012), Boaventura de Sousa Santos (2010), David Harvey (2011), Jadir de Morais Pessoa (2007), José de Sousa Martins (1975), Milton Santos (2010). Destaca-se, entre os resultados, a evidência de duas percepções distintas e contraditórias do sentido de escolarização. Uma entende a escolarização dos assentados como uma opção formativa que possibilita a adaptação e a inserção na dinâmica mercadológica da sociedade. A outra entende a escolarização como um desserviço que priva os jovens da convivência produtiva, levando-os a abandonar o campo e a dispersar os sonhos de conquista e permanência na terra. Uma terceira conclusão proveniente da análise da pesquisa aponta que nenhuma das duas concepções dos moradores encontra eco na escolarização urbana efetivada para os jovens assentados.

Palavras-chave: Escolarização; Movimento Social; Assentamento Olga Benário.

ABSTRACT

The arrival of some students from Olga Benário Settlement to a public school in Ipameri – GO - occurrence which motivated this research – was responsible for initiating this inquiry with the purpose of analyzing how the formative processes faced along the fighting for land relate to the sense of schooling developed by the residents from this settlement. The qualitative and participant features of this research carried the *locus* of study to the reality of the settlement, where researcher and researched were able to interact in situations which generated data. The field activity, composed by an initial data collection gathered when visiting the families, allowed a broadened view of the reality investigated, as well as the location of possible subjects to participate in the second stage of research, which was composed by Focus Groups, with the objective of using data triangulation to analyze some empirical data collected during the first stage of research so to deepen the perceptions of the residents regarding the sense of schooling of their children, and also their expectations and future projections. Three of the focus groups engaged in interactive activities with the purpose of giving voice to the subjects investigated. Two sessions took place so to collect possible convergences and divergences between the two representative segments detected at the exploratory stage: The MST (Movement of Rural Landless Workers) and the ASPROAB (Association of Small Farmers from Olga Benário Settlement). The third session, performed with students from the settlement, established the subjects' perceptions and schooling experiences. The theoretical framework which guided the paths, discoveries and analyses of this research took in consideration the thoughts of Paulo Freire (2002; 2003; 2007; 2014), Miguel Arroyo (2009; 2011), Roseli Caldart (2012), Boaventura de Souza Santos (2010), David Harvey (2011), Jadir de Morais Pessoa (2007), José de Sousa Santos (2010) and Milton Santos (2010). Standing out in between the results is the evidence of two distinct and contradictory perceptions regarding the sense of schooling. The first understands the settlers' schooling as a formative option which enables the adaptation and insertion of the subjects in the market dynamics of the society. The second understands schooling as a disservice which deprives youngsters of productive interactions inside the settlement, leading them to eventually abandoning the field and dissipating the dreams of conquest and permanence on the land. A third conclusion draw from an analysis of the research indicates that none of the subjects' conceptions meets equivalence in the urban schooling available to the young settlers.

Keywords: Schooling; Social Movements; Olga Benário Settlement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa do Município de Ipameri-GO

Figura 02 – Mapa do fluxo de migração para o Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO

Figura 03 – A produção de alimentos no Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO

Figura 04 – Casas do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Distribuição por faixa etária dos 199 moradores da amostra de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.

Gráfico 02 – Distribuição por escolaridade dos 199 moradores da amostra de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.

Gráfico 03 – Percentagem de pessoas com curso em técnicas agropecuárias entre os 199 moradores da amostra de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.

Gráfico 04 – Percentagem de pessoas que trabalham fora da parcela entre os 128 adultos da amostra de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.

Gráfico 05 – Principais atividades agropecuárias desenvolvidas por 55 famílias do Assentamento Olga Benário.

Gráfico 06 – Percentagem de famílias beneficiárias de Programas Sociais entre 55 famílias do Assentamento Olga Benário.

Gráfico 07 – Distribuição do vínculo representativo de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.

LISTA DE SIGLAS

ASPROAB – Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Olga Benário

CEFTRU – Centro de Formação de Recursos Humanos em Transportes

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MEC – Ministério da Educação

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico

PDA – Plano de Desenvolvimento do Assentamento

Penad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PER – Programa Empreendedor Rural

PRONAF – Programa Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar

SPC – Serviço de Proteção ao Crédito

UFG – Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	DO EDUCADOR EM CRISE A UM CAMINHO DE PESQUISA ..	**13**
CAPÍTULO I	DEFININDO CAMINHOS	**21**
CAPÍTULO II	ENCONTRANDO-ME COM/NA TEORIA	**34**
CAPÍTULO III	UM TERRITÓRIO CHAMADO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO	**45**
CAPÍTULO IV	DESFIANDO SABERES, TECENDO RESPOSTAS	**66**
CONCLUSÕES	PESQUISADOR E PESQUISA: A DOR DO "APARTO"	**106**
REFERÊNCIAS	.....	**110**
APÊNDICE A	FORMULÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS PRELIMINARES DO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO DE IPAMERI-GO	**112**
APÊNDICE B	TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM OS REPRESENTANTES DO MST	**115**
APÊNDICE C	TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM OS REPRESENTANTES DA ASPROAB	**154**
APÊNDICE D	TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM OS ESTUDANTES DO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO	**190**
ANEXO A	HINO DO MST	**220**

INTRODUÇÃO
DO EDUCADOR EM CRISE A UM CAMINHO DE PESQUISA

Trinta anos de prática docente, dos quais vinte e sete dedicados à Escola Pública, gestaram em mim o sentido desta pesquisa e o seu caráter político de comprometimento com as causas populares que sempre estiveram camufladas nos intramuros das instituições onde atuei e por meio das quais me tornei um profissional da educação. A sensibilidade que me permitiu vislumbrar as contradições da relação aluno, visto como objeto passivo do aprender e escola, entendida como único sujeito ativo do ensinar, por vezes, me faltava para perceber as minhas próprias contradições, o que ofuscava o meu papel de sujeito diante da incapacidade de subverter a inoperância contestatória frente a um sistema educacional que, a mim mesmo, transformava em mero instrumento a serviço da lógica do modelo dominante de produção. Lá estava eu, então, servindo a quem me constituiu professor e aos interesses políticos impostos por sei lá quem, em detrimento do saber e daqueles a quem imaginava estar bem ensinando (BRANDÃO, 2007). Um misto de desconforto e questionamento delineava a crise e, ao mesmo tempo, instigava a busca por respostas.

A quebra desta inércia auto-reflexiva-investigativa que me acometia como professor da Educação Básica teve um despertar efetivo com a chegada de alunos provenientes do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO à escola. Tal acontecimento, que em tese poderia instituir novas relações no espaço escolar, catalisou a busca por uma compreensão teórica que permitisse responder às questões que a situação me impunha: Com que tipo de educação deveria eu colaborar para que as aspirações dos novos alunos provenientes do campo, e filhos de pais recém-beneficiados pela Reforma Agrária a partir da luta empreendida pelo MST, pudessem ser alcançadas?

A luta pela terra travada por esse movimento social sinalizava as condições distintas da chegada dos alunos à escola de Ipameri e passou a ser percebida como uma possibilidade, quase um imperativo, de educar a partir da ação. Entender o caráter pedagógico deste agir passa a representar novos desafios ao ofício de um professor de Educação Física, incomodado e insatisfeito com o sentido e valor educativo do movimento humano quando o que se almeja é justamente transformar e humanizar a sociedade.

> Vocês já perceberam que quando o MST é notícia, ele não aparece falando, mas fazendo, ele aparece com gestos, gestos que impressionam, chocantes, que obrigam a pensar e a repensar este país. Parabéns a vocês por esta Conferência e, sobretudo, que continuem esta pedagogia dos gestos, do ritual; parabéns a vocês pela recuperação de estilos pedagógicos que não podem ser perdidos. (ARROYO et al., 2009, p. 67)

Este desafio da ação referenciado por Arroyo se confirma na percepção de que o resultado factual daquela marcha de camponeses, sistematicamente contestada pelos endinheirados meios de comunicação, estava ali, didaticamente concretizado, empírico, visível, precipitando na rebeldia do exemplo uma série de inquietações forjada na convivência imposta, é verdade, verticalmente! Mas, extraordinariamente, no sentido do sul para o norte (SANTOS, B., 2010).

Logo me ocorreu se não resultaria em uma educação democraticamente mais horizontalizada, o choque violento de duas políticas educacionais verticais e antagônicas portadoras de interesses que, a priori, seriam diametralmente opostos. Essa hipotética situação se baseou, por um lado, na pouca crença de que as políticas educacionais oficiais, a maioria definida sob a influência de instituições financeiras, levassem em consideração algo que fosse contrário à lógica da acumulação capitalista, e por outro, na precipitada conclusão de que os sujeitos assentados, por sua trajetória de luta contra-hegemônica, desejassem unânime e irrevogavelmente outro formato de educação que lhes possibilitasse um percurso social contrário ao induzido pela política oficial.

Aquela situação, interpretada a princípio como uma inequívoca e freireana vitória do oprimido sobre o opressor, logo que assimilada, transforma-se em novos questionamentos. Minha atenção se volta para o consequente êxodo estudantil dos jovens do Olga Benário, que para terem acesso à única alternativa de escolarização, eram submetidos a um deslocamento diário do campo para a cidade. Por que aquela situação, que até então era interpretada como uma deleitosa remição dos excluídos, passa a ser percebida como um novo problema?

A resposta a esta inquietação poderia ser buscada na ação intelectual de empreender uma pesquisa com o objetivo de compreender esta realidade para dela extrair aprendizados que suscitassem novos saberes potenciais no sentido de fundamentar a prática educativa comprometida com esses e/ou com outros possíveis sujeitos que, por suas características e interesses próprios, mereceriam estudar em uma escola pública solidária às suas outras

experiências educativas não escolarizadas e que tivesse a sensibilidade de potencializar princípios e vivências estimuladoras da autonomia e liberdade de pensamento e ação.

Ao inferir tais hipóteses já havia, num exercício intuitivo e subjetivo, iniciado meu processo investigativo como um crítico observador participante deste complexo e contraditório contexto educacional. Ao ser contagiado pela presença de novos sujeitos no espaço da escola, houve um despertar para aquilo que deveria ser a utopia de formação promovida na e pela escola, o que me levou a questionar não apenas as relações entre professor-aluno e aluno-aluno diante da nova realidade, mas, sobretudo, a tecer novas inquietações a respeito dos efeitos e sentidos atribuídos à educação e à escola, o que trazia a lume o que seria, ou poderia ser, o seu papel e função.

Até então, o projeto de pesquisa não passava de um confuso esboço mental que precisava ser organizado com o mínimo de fundamentação teórica para ser estruturado e submetido a um programa de pós-graduação em educação que conferisse a ele alguma relevância acadêmica. Quando, em 2013, se concretizou minha oportunidade de acesso ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG - Catalão, já havia, aproximadamente, oito anos da chegada dos jovens assentados à instituição escolar onde atuava como professor.

Neste intervalo, a esperada tensão provocada pelo conflito de interesses educacionais opostos, se houvera, já estava reestabelecida em um relativo equilíbrio, pois não era possível verificar, na rotina escolar, nenhuma estratégia pedagógica que levasse em consideração a peculiar trajetória de vida dos referidos sujeitos. Tampouco havia registros alusivos a conflitos e ocorrências que envolvessem os alunos assentados e inspirassem alguma ruptura na regularidade cotidiana, o que, em princípio, sugeria uma aparente normalidade das ações e reações. Um dado observado empiricamente era a impossibilidade de estabelecer distinção entre os jovens estudantes do Assentamento Olga Benário e os alunos filhos de trabalhadores rurais, proprietários ou empregados, de fazendas locais que, por questões administrativas e de logística, principalmente relacionadas ao transporte escolar, frequentavam o mesmo turno da escola.

Observa-se neste cenário uma aparente coexistência de interesses distintos, compartilhando o mesmo processo formativo sem, contudo, estabelecer formas explícitas de confrontos, conflitos ou contestação. A presença, no mesmo espaço, de sujeitos oriundos de diferentes comunidades rurais e urbanas indica, em princípio, uma possível ocultação dos interesses que os caracterizam e os definem na singularidade de sua composição. O

nivelamento proporcionado pela escola pode favorecer a negação do eu e do outro, ainda que isso não seja manifesto de maneira explícita. Por sua vez, o próprio movimento social, ao silenciar quanto à necessidade de uma escola dentro do assentamento, também se omite ou pelo menos dispersa a possibilidade de projetar uma formação diferenciada a estes jovens. Tal percepção é, sobremaneira, instigante e provocadora.

Sob a influência teórica de alguns autores que se ocupam da compreensão dos fenômenos que envolvem a educação das pessoas que vivem no campo, tal situação só me provoca a criticidade em relação a esta aparente paz e, principalmente, com a conformista postura diante da difícil rotina diária à qual eram submetidos todos os estudantes que dependiam do transporte escolar. O que estaria oculto por trás da perceptível euforia juvenil-camponesa provocada pelo contato com a cidade? Seria a comprovação de que esse transporte significava, para eles, um verdadeiro benefício? Ou simplesmente o previsível resultado de uma política vertical, e desta vez imposta de cima para baixo, cujo objetivo seria a homogeneização de pensamento necessária para que um determinado modelo político, econômico e ideológico prevalecesse para sempre? E ainda, o que pensariam os pais desses alunos sobre essa questão? Haveria um desejo coletivo em relação à educação dos jovens assentados?

Ao refletir sobre esse contexto, é possível constatar contradições intensas, nem sempre explicitadas ou questionadas pelos sujeitos, entidades ou instituições.

> O imperativo da redução inescrupulosa de custos não apenas implica, em muitos casos, a precariedade desse serviço, como o torna, na verdade, um perverso desserviço às famílias rurais, retirando os filhos do seu convívio. Com toda a aparência de um benefício às populações rurais, o transporte de crianças e adolescentes para ser atendidos nas escolas urbanas decreta, a um só tempo, seu atendimento escolar em condições desfavoráveis – uma vez que são tratados no mesmo diapasão estudantes com diversificadas experiências de vida – e a inviabilização do seu retorno ao campo, comprometendo taxativamente a reprodução dos grupos familiares em atividades rurais. (PESSOA, 2007, p.8)

A pertinente percepção desse autor não poderia deixar de ser considerada no sentido de lançar estranhamentos ao contexto observado. Em particular quando se definem contornos científicos bem mais complexos que desafiam a experiência anteriormente acumulada, o que reordena o olhar empírico, conferindo maior confiança para reestruturar conceitos e

mergulhar na realidade da pesquisa. Era o momento de ir a campo e, quase que literalmente, pegar o boi pelo chifre[1]!

Tal expressão, obviamente, não tem relação com as desconhecidas possibilidades que me aguardavam naquela singular comunidade camponesa, pois elas mais me encantavam do que punham medo. O desafio era justamente vencer a dúvida de que as vivências e estudos já seriam suficientes para vencer os 12 quilômetros de asfalto que separam a cidade da principal entrada do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO e interagir com as 84 famílias que habitam uma área de 4322 hectares[2], provenientes da desapropriação da antiga Fazenda Ouro Verde para efeitos de Reforma Agrária.

Para explicar a tomada de decisão em relação à apresentação da proposta de pesquisa aos moradores daquele assentamento e, antes de discutir a metodologia propriamente dita, abro um parêntese para compartilhar um lapso típico de pesquisador iniciante, que me proporcionou os primeiros aprendizados no contato com a realidade investigada. Partindo do pressuposto de que todas as famílias assentadas seriam vinculadas ao MST, dirigia aos alunos, meus primeiros informantes, a seguinte pergunta: *Quem é o líder do MST lá no assentamento?* Minha intenção era a de conseguir um tipo de salvo-conduto para empreender a pesquisa. Diante da pergunta objetiva e direcionada, naturalmente a resposta só poderia ser específica e apontar o nome de um dos moradores do assentamento. Certo de que possuía a informação necessária e, convicto de que a insegurança deveria ser superada, procurei a pessoa indicada confiante de que o seu aval seria suficiente para realizar os procedimentos de investigação.

Penso que nem se faz mais necessário esclarecer que se tivesse perguntado *quem eram as lideranças lá do assentamento* ou, *quem deveria procurar no assentamento para conversar sobre a pesquisa*, teria descoberto pelos próprios alunos que a liderança daquela comunidade estava dividida. Sobre a importância do pesquisador se apresentar às lideranças Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1999, p.160) afirmam: “Nos casos em que o interesse da pesquisa

[1] Provérbio popular recorrente no meio rural, também utilizado em algumas situações formativas para designar comprometimento e determinação. A mim, serviu como inspiração, significando um ânimo extra para enfrentar as dificuldades e desafios da pesquisa.

[2] Este dado, retirado do Diário Oficial da União é contraditório em relação à informação do PDA – Plano de Desenvolvimento do Assentamento Olga Benário de Ipameri – que indica uma área desapropriada de 4191 hectares, no entanto, o motivo desta discrepância não será objeto de análise desta dissertação.

se centra, não em uma instituição, mas em uma comunidade, é necessário conhecer as lideranças, pois sua ajuda é essencial para obter o acesso aos demais sujeitos".

Após contatar e ser muito bem recebido pelo morador que os alunos indicaram em resposta à minha pergunta, me senti à vontade para conversar com as famílias assentadas. Não foram necessárias muitas visitas para constatar a existência de uma divisão à qual os moradores, a exemplo de Rosa[3], se referiam como "racha":

> Você acredita que a Aninha achou bom demais, sábado passado, né! Porque ela, ela... no acampamento era assim, tinha... era muita... tinha como o jovem gostar! Depois desse racha que não prestou mesmo, sabe! Mas, antes eles gostava, por quê? A gente tinha muitas comemoração, sabe! Não era umas festa chique... (Pesquisa de Campo, 2014.)

O que havia acontecido no referido "sábado passado" e que a "Aninha" tinha achado "bom demais", fora a realização de um dos três grupos focais que integram a metodologia desta pesquisa, a qual será discutida no próximo capítulo. Neste fragmento, a interlocutora compara o ambiente em que se realizou a atividade do grupo focal com os eventos do passado, quando havia momentos coletivos entre os acampados, tidos como expressão de união e participação de todos.

Quanto ao "racha" citado pela moradora Rosa, trata-se de uma polarização entre um grupo de moradores que ainda se mantem sob a orientação e vinculação do MST e outro que se reorganizou em uma associação denominada ASPROAB, fato que despertou para a possibilidade de análise da concepção de educação de cada grupo, bem como das possíveis diferenças de perspectivas quanto à escolarização e o futuro dos jovens e do próprio assentamento.

O contato formal com a realidade investigada revelou a existência de outras duas importantes lideranças locais: o presidente da ASPROAB e uma terceira pessoa, também ligada ao MST. Ao serem procurados concordaram em colaborar e até promoveram um momento para a apresentação do projeto à comunidade por ocasião de uma reunião de interesse comum entre os dois grupos, realizada na antiga sede da fazenda desapropriada pelo INCRA. Esse espaço é atualmente destinado ao uso coletivo de todos os moradores do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO.

[3] Nomes fictícios serão utilizados todas as vezes que este trabalho se referir a algum morador do Assentamento Olga Benário que tenha participado da pesquisa ou que tenha sido citado por terceiros.

O mergulho na realidade investigada, o contato com os diferentes sujeitos e o mapeamento dos primeiros dados, foi um exercício ancorado, revisto e reorientado gradativamente, tendo em vista o interesse central da pesquisa. Considerada como um permanente exercício de construção e redefinição, a proposta desta investigação delineou, como seu objeto, a percepção da comunidade do Assentamento Olga Benário de Ipameri sobre a escolarização de seus jovens. Nesta diretiva, a hipótese central pressupõe que os sujeitos investigados, para além da inserção no movimento de luta e da posterior participação na produção na terra, vivenciam contradições, perplexidades e conflitos que motivam leituras distintas em relação à educação e ao que projetam quanto ao seu presente e futuro.

Por fim, destaco minha opção pela construção de um texto no qual o diálogo com as fontes empíricas e teóricas ocorreu entrelaçado à medida que os argumentos e as reflexões exigiram. Os capítulos não constituem partes estanques de um todo e as análises suscitadas muitas vezes extrapolam o que, em princípio, está delimitado nos respectivos títulos, posto que o exercício dialético desta investigação não se restringe a modelos rígidos, mas busca traduzir a dinâmica das relações inseridas no contexto e, ao mesmo tempo, objetos de interpretação.

O **Capítulo I** indica os pressupostos metodológicos do estudo. Nele discuto as opções feitas em relação às técnicas de produção de registros e suas implicações no encaminhamento da pesquisa. São descritos e delineados os procedimentos adotados no sentido de demonstrar a coerência destes com o caráter contra-hegemônico desta pesquisa que visa, a partir das perspectivas dos sujeitos assentados, compreender uma realidade educacional construída na trajetória histórica dos trabalhadores rurais sem terra que lutaram e reconquistaram o acesso ao meio de produção econômico, social e cultural com o qual se identificam.

O **Capítulo II** situa as fontes teóricas acionadas em função dos objetivos e da essência deste estudo. O argumento principal busca demonstrar e defender a opção feita em favor do ponto de vista dos sujeitos assentados. A educação é analisada nesta perspectiva com ênfase no seu caráter crítico-emancipatório a partir da conscientização dos sujeitos oprimidos pelo sistema de produção vigente. Neste sentido, vários autores contribuem para que a educação escolarizada seja confrontada com os saberes construídos na luta do movimento social e nas vivências propiciadas pela vida camponesa.

No **Capítulo III** priorizo o contexto da pesquisa por meio de um breve histórico do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO e uma descrição crítica de seu espaço físico e da

sua dimensão política, social, cultural e econômica como território conquistado que vem sendo construído na dura realidade dos assentados pela Reforma Agrária brasileira. Outros dados quantitativos levantados durante a pesquisa de campo também são demonstrados e discutidos de forma a se visualizar a totalidade das condições concretas em que vivem aquelas famílias que confiam a escolarização de seus filhos às instituições públicas localizadas na zona urbana do Município de Ipameri-GO.

No **Capítulo IV**, o último que compõe essa dissertação, os registros produzidos na apropriação da empiria e da teoria foram organizados e analisados criticamente em torno da questão central da investigação, o que possibilitou algumas conclusões aproximadas dos sentidos de escolarização no contexto do Assentamento Olga Benário.

CAPÍTULO I
DEFININDO CAMINHOS

O viés crítico deste estudo alinha-se ao caráter contra-hegemônico das práticas dos movimentos sociais organizadas com a finalidade de contestar uma realidade vigente que, por regra, tende a desconsiderar os interesses das minorias, produzindo um processo de exclusão e invisibilização daqueles que sonham e lutam por outro modelo de sociedade. Abordar essas questões ao delinear definições e escolhas metodológicas é uma tentativa de demonstrar a coerência de ter optado por uma postura investigativa que não perdesse de vista os aspectos acima descritos. Segundo Gatti:

> Historicamente, além das associações com determinados tipos de poder e conjuntura, para ser tornado como conhecimento relevante e penetrar no social, o conhecimento advindo das pesquisas parece necessitar também carregar em si um certo tipo de abrangência, nível de consistência e foco de impacto, aderência ao real, tocando em pontos críticos concretos. (GATTI, 2007, p. 38)

Embora haja segurança quanto ao percurso, pertinência e seriedade da investigação, especialmente no que diz respeito à sua atualidade, paira uma dúvida em relação à relevância desta pesquisa, mais precisamente em relação ao alcance e contribuição de seus resultados no âmbito das escolas públicas que, via de regra, estão comprometidas com políticas educacionais determinadas por relações de poder as quais são objeto de crítica e de questionamentos. Esse aspecto contestatório frente aos modelos vigentes parece contribuir ainda mais para alargar o abismo existente entre as políticas públicas oficiais e as pesquisas acadêmicas que problematizam e instigam a busca de práticas inovadoras. Inovar, longe de significar a digitalização da escola para adequá-la ao informatizado mercado de trabalho, deve ser entendido como a subversão de uma lógica educacional totalmente voltada aos interesses daqueles que dominam, para os quais, aliás, a escola pública parece estar cumprindo razoavelmente o seu papel.

A opção de empreender esta pesquisa com a intenção de ir além das trivialidades narrativas ou meramente quantitativas, encerra um profundo desejo de "impactar" socialmente uma realidade conflituosa, complexa, diversa e contraditória, não percebida e invisível a esta escola oficialmente instituída. Compreendidos nesta dinâmica, os procedimentos metodológicos assumem, também, uma relevância formativa para todos os envolvidos – pesquisador e sujeitos investigados – o que potencializa os resultados obtidos, uma vez que,

por mais relevantes que possam ser, não carregam em si mesmos o poder de serem considerados, efetivamente, no chão da escola pública. Este relativo pessimismo, contudo, não abranda o desafio de canalizar as conclusões no âmbito de outros estudos acadêmicos já realizados ou que ainda possam vir a ser concebidos em relação ao tema analisado.

> O que é importante ressaltar é que, se o pesquisador permanece restrito à sua prática, sem uma tentativa de teorização que permita estender suas reflexões a outros contextos, pouco ou nada contribui para a construção de conhecimentos relevantes. (ALVES-MAZZOTTI, 2003, p. 34)

Não obstante concordar com a autora, importa entender que a construção de "conhecimentos relevantes" ou educação de qualidade, não é exclusividade da escola ou, tão somente da academia. O processo educativo pode ocorrer, e com base nos resultados dessa pesquisa arrisco-me a afirmar que ocorre, em outras relações ditas não formais ou populares nem sempre doutas, a exemplo dos aprendizados que acontecem em ambiente familiar, na militância dos movimentos sociais ou no dia a dia da vida camponesa, isso só para citar o que diretamente interessa às futuras argumentações desta dissertação.

Estas reflexões expressam o cuidado na escolha de técnicas e práticas que buscaram a efetiva participação dos sujeitos envolvidos na investigação. Esta opção foi demarcada por uma apropriação teórica que permitiu desnudar procedimentos e posicionamentos apriorísticos em relação às concepções de educação dos assentados, sobretudo, resguardando a devida cautela em relação à minha própria concepção e entendimento de educação. Dar voz a estes sujeitos constituiu, então, uma importante questão metodológica problematizada, contudo, numa perspectiva dialógica, sem a pretensão de transferir a eles a total ou exclusiva responsabilidade pelos rumos da investigação. Nesta diretiva, Alves-Mazzotti (2003, p.37) afirma: "Aparentemente, para fugir do equívoco de encarar a teoria como verdade, cai-se no equívoco de transferir para os sujeitos a posse da verdade".

Sem pretender discutir verdades, se faz necessário esclarecer que a postura investigativa não partiu de uma hierarquização dos conhecimentos, quer sejam eles advindos das vivências dos moradores do assentamento, ou de minha opção teórica como pesquisador, de minha experiência pessoal, ou de outros epistemologicamente construídos e suas, também relativas, verdades. Por isso, a busca empreendida ousou trilhar o difícil caminho de lidar com a interpretação de múltiplas opiniões numa tentativa de extrair conclusões que, apesar de se

exporem ao contraditório, não perseguiram uma sustentação científica forjada em românticos, politicamente corretos, e incontestáveis consensos.

O embate de diferentes visões, captadas nas interações que a metodologia propiciou entre o pesquisador e a comunidade, revelou convergências e divergências, aproximações e distanciamentos, estabelecidos entre as teorias e a percepção dos sujeitos, entre minhas expectativas de investigador e o interesse dos sujeitos e, até mesmo, a partir de diferentes posicionamentos entre os próprios sujeitos que só foram desvelados mediante o sistemático mergulho no campo de pesquisa.

Lançar luz a um objeto de estudo difuso em complexas relações sociais tramadas ao longo da história individual e coletiva dos sujeitos investigados que, em decorrência da luta empreendida pelo MST, atualmente formam uma comunidade de pequenos produtores rurais, não depende, exclusivamente, da profundidade e do tempo de mergulho no cotidiano dessas pessoas e, tão somente, das técnicas escolhidas para esse propósito. Eis que está posta a capacidade interpretativa de um pesquisador que arriscou percorrer caminhos que, provavelmente seriam menos desafiadores para os antropólogos, estes, acostumados às leituras daquilo que não está escrito e nem dito, mas, para quem, etnógrafos por essência, está explícito na sutileza das interfaces quase imperceptíveis das relações sociais com o objeto foco do interesse de seus estudos. Geertz comunga de tal premissa ao postular que:

> Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa", tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Toda essa argumentação objetiva explicitar mais uma preocupação do que um excesso de confiança. A "descrição densa" perseguida é um tanto relativa, pois escapa do olhar único do pesquisador e se submete aos dos eventuais leitores do texto acadêmico. Isso, no entanto, não acovarda o ímpeto de empreender a pesquisa e de submeter suas conclusões às críticas e suspeitas alheias e até às minhas próprias desconfianças quanto aos resultados. A possibilidade do equívoco interpretativo parece fazer parte do desafio do percurso inerente a um projeto de pesquisa. Há de se buscar conforto nas palavras do já mencionado pensador quando este descreve uma ciência que se baseia na difícil análise cultural:

> É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não está encarando de maneira correta. Mas essa é que é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas. (GEERTZ, 2008, p. 20)

Mesmo consciente de que o empreendimento de alguma forma se apoia no método etnográfico, o qual busca respostas a partir daquilo que um determinado grupo tem em comum e que isso só se torna possível no contato direto e prolongado com o contexto investigado, as possibilidades que emergiram após as primeiras visitas deram conta de que o desafio de identificar, selecionar e interpretar os registros não seria tarefa fácil. O fato de terem em comum vários referentes culturais e organizativos articulados na luta pela terra e de estarem assentados em uma contínua área de terra que ora constitui o seu espaço histórico (FREIRE, 2014) não construiu, naquela coletividade, uma visão una acerca da escolarização.

É oportuno evidenciar o interesse na apropriação de um método que tem base na antropologia para compreender fenômenos relacionados com a educação. Investigar a relação e possíveis contradições entre uma educação influenciada pela militância em um movimento social que reivindica terra e as perspectivas de jovens assentados que frequentam uma escola urbana, transporta o *locus* da pesquisa para a realidade na qual as especificidades dessas relações sociais ocorrem, uma vez que serão elas que produzirão as respostas buscadas. O Olga Benário, enfim, não é o objeto de estudo. É, simplesmente, o local mais propício para produzir os registros que a pesquisa exige. "O *locus* do estudo não é o objeto de estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias" (GEERTZ, 2008, p. 16).

Transformar alguns aspectos da etnografia em um elo que, de certa forma, entrelaça a antropologia à educação pode ter uma justificativa mais simples se for considerado que:

> Una característica medular de la etnografia es ser holística y contextual. Esto significa que las observaciones etnográficas son puestas en una perspectiva amplia, entendiéndose que la conducta de la gente sólo puede ser entendida en su contexto específico.
> Un estúdio etnográfico es una descripción (*grafia*) completa o parcial de un grupo o pueblo (*ethno*). Se centra en el estúdio de un grupo de personas que tienen algo em común, sea un grupo en un aula escolar, un sitio de trabajo, un barrio, una comunidad, entre otros. Los estúdios etnográficos han sido tradicionalmente antropológicos, pero hoy en día los encontramos en diversas disciplinas, especialmente en la educación. (GUARDIAN-FERNANDEZ, 2007, p.160)

É fato que o contato com o assentamento influenciou quase de imediato os rumos da investigação, o que não deixa de corroborar a ideia metafórica de que, quanto mais próximo o alvo, maior a chance de se atingir a mosca. Neste sentido, a questão propulsora de todo o trajeto de pesquisa, ao mesmo tempo que orientou os primeiros passos, valeu-se do próprio percurso para também reorientar-se. Inserido em um lato sentido de educação o problema foi, no transcorrer da investigação, adquirindo contornos mais coerentes com as opções teóricas e as inquietações do pesquisador em relação ao tema investigado. Aos poucos as impressões que direta ou indiretamente apresentavam interface com os processos educacionais formais e não formais dos assentados foram sendo canalizadas para dar conta de responder **como os processos formativos vivenciados na trajetória de luta pela terra dialogam com os sentidos de escolarização construídos pelos moradores do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO.** Esta é a questão problema e objeto que desenha o interesse e foco desta investigação e, em torno da qual, as ações de pesquisa foram direcionadas e conduzidas.

Essa flexibilidade metodológica não estava pré-estabelecida em princípio na concepção do projeto de pesquisa, mas parecia corresponder ao imenso desejo de estabelecer, o mais rápido possível, o contato inicial com a realidade daquele assentamento. A convicção era de que o melhor caminho seria encontrado a partir do próprio caminhar.

Sobre esta questão, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder consideram que:

> É importante lembrar também que esse planejamento não precisa e nem deve ser apriorístico no sentido mais estrito, pois, nos estudos qualitativos, a coleta sistemática de dados deve ser precedida por uma imersão do pesquisador no contexto a ser estudado. Essa fase exploratória permite que o pesquisador, sem descer ao detalhamento exigido na pesquisa tradicional, defina pelo menos algumas questões iniciais, bem como os procedimentos adequados à investigação dessas questões. (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 148)

Tal efetividade foi percebida na fase exploratória do campo de pesquisa. O levantamento inicial de dados teve por objetivo confirmar ou redirecionar algumas questões do projeto no contato do pesquisador com o campo da investigação. Redefinir o projeto só foi possível após conhecer de perto a complexidade de um contexto circunscrito em 4322 hectares de terra, divididos em 84 lotes, nos quais residem grupos familiares com diversas configurações e histórias.

Assim, foi aplicado um instrumento para o levantamento de dados que teve o objetivo de vislumbrar o panorama geral do assentamento. O instrumento[4] foi composto por dois conjuntos de questões: o primeiro conjunto com questões objetivas de natureza quantitativa que visaram levantar dados em relação às famílias assentadas como o número de membros, idade, sexo, escolaridade, se eram usuários do transporte escolar, origem, tempo de acampamento[5] e de assentamento, tipos de atividades agropecuárias exercidas pelo grupo familiar, renda etc; e o segundo conjunto com questões abertas que visaram captar uma primeira noção do entendimento que os moradores tinham em relação à educação, numa nítida tentativa de aproximação ao tema da pesquisa.

A amostra considerada suficiente foi constituída por visitas a 67 das 84 parcelas[6] que compõem o Assentamento Olga Benário, o que corresponde a praticamente oitenta por cento (79,7%) do total de lotes. No entanto, só foi possível contar com as informações de 55 famílias, ou seja, mais de sessenta e cinco por cento do total (65,4%). A diferença se deu pelo motivo de algumas pessoas encontradas no momento da visita não se disporem a cooperar por não serem os moradores titulares, ou por serem recém-chegados ao assentamento a partir da ilegal compra do lote de terra. Sobre essa situação a assentada Rosa deu o seguinte depoimento: "As pessoas de Ipameri, eles não têm noção. São tipo arrendatário. Não têm nada com o Movimento. É lazer para eles no final de semana". (Pesquisa de Campo, 2014.)

As informações do instrumento de pesquisa foram obtidas por meio da conversa com os moradores de cada parcela visitada. As respostas foram acolhidas conforme a disponibilidade dos respondentes, não sendo estabelecido nenhum critério em relação a quem deveria responder. As informações eram concedidas no ato da visita à propriedade por quem estivesse presente e disponível no momento. Ocorreram situações de estar presente somente a mulher que, aliás, é quem prioritariamente detém o direito legal sobre a terra. Esta situação ocorreu pelo fato de estarem, alguns homens, realizando outro tipo de trabalho fora de sua própria parcela e as crianças, em horário de aula. Mas não foram raras as ocasiões em que os homens e as crianças também colaboraram enriquecendo as informações.

Esse expediente propiciou um interessante contato entre o sujeito pesquisador e os sujeitos investigados. As visitas, que num primeiro momento geravam desconfiança de ambas

[4] APÊNDICE A.
[5] Para os movimentos sociais que se organizam para lutar pela Reforma Agrária o acampamento é historicamente uma fase obrigatória da militância que antecede a ocupação e a posse da terra.
[6] Os moradores do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO usam o termo "parcela" para se referirem ao lote de terra que cada família ocupa.

as partes, logo se transformavam em ricos momentos de troca de experiências, angústias e informações que extrapolaram, em muito, o que estava sistematizado no instrumento de pesquisa. Os moradores pareciam viver uma espécie de expectativa ruim em relação às visitas oficiais, sobre as quais opinou o assentado Samuel após perceber do que se tratava: "Quando vi o carro parando, pensei que fosse o povo do INCRA, o INCRA só vem pra estrová"! (Pesquisa de Campo, 2014.) Contudo, logo que as barreiras eram vencidas, longas conversas se estabeleciam e algumas chegaram a durar até duas horas, sempre acompanhadas de gentis cortesias como cafezinho, biscoitos, doces, na maioria, provenientes da produção do grupo familiar o que, aliás, os moradores faziam questão de mostrar *in loco*. A afinidade gerada a partir desse primeiro encontro foi um elemento facilitador de todo o processo investigativo, pois a confiança estabelecida fez com que os sujeitos pesquisados colaborassem de forma surpreendente com as informações de interesse da pesquisa.

Outro encaminhamento que surgiu do longo período de visitas foi a identificação dos possíveis informantes para o aprofundamento ou confirmação dos dados preliminares.

> Além do exame da bibliografia sobre o tema, o contato com o campo na fase inicial do planejamento é de suma importância, não apenas para a geração de questões e identificação de informantes e documentos, como para uma primeira avaliação da pertinência, ao contexto considerado, das questões sugeridas por outras fontes. As questões iniciais assim selecionadas, serão, então, explicitadas no projeto de pesquisa, o que não quer dizer que não possam ser reformuladas, abandonadas ou acrescidas de outras no decorrer do estudo, num processo de focalização progressiva. (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 151)

O reconhecimento espacial do assentamento, composto de uma trama de vias que interligam as oitenta e quatro parcelas que o compõem, também foi um fator positivo desencadeado a partir das visitas. As idas e vindas pelas estradas acabavam em casuais encontros com os moradores sempre dispostos a orientar e a pegar uma *carona*, oportunidades em que a boa conversa resultava em diversas informações a respeito do modo de vida, das preocupações, angústias e expectativas daquela comunidade. Isso contribuiu para que minha presença como pesquisador se tornasse um fato corriqueiro no assentamento, possibilitando uma maior aproximação com o ambiente de pesquisa.

Após o período de visitação, realizado no ano de 2013 e intercalado com as atividades paralelas do Programa de Mestrado, as informações até então registradas foram sistematizadas sendo selecionados aspectos que subsidiaram a definição e preparação dos grupos focais que compuseram a segunda etapa da pesquisa. Esta técnica de produção de registros foi escolhida

como opção metodológica por se mostrar adequada à essência e aos propósitos da investigação.

A realização dos grupos focais teve por objetivo extrair dos sujeitos suas próprias percepções acerca dos fenômenos educativos que podem ter sido desencadeados por aspectos comuns de suas trajetórias de militantes de um movimento social que luta pela posse da terra e por outra lógica de produção voltada para a agricultura familiar. Os dados obtidos foram analisados à luz de uma interpretação que, embora pessoal, estivesse em consonância com as teorias já construídas em relação ao objeto, o que permitiu confrontar o saber e as perspectivas dos sujeitos com as outras variáveis que envolvem a questão para a qual se buscou resposta.

Como diferencial, a técnica do grupo focal tem a capacidade de produzir dados que podem representar mais que uma imagem congelada e restrita a uma circunstância momentânea da memória dos sujeitos. Neste sentido, as sessões realizadas puderam revelar não só alguns processos formativos que marcaram a história dos militantes de um movimento social, mas, por que marcaram, o que significaram, em que contextos aconteceram e, principalmente, em que medida foram acionados por esses sujeitos para explicar a sua realidade atual e para justificar suas perspectivas futuras.

Provocar nos sujeitos essas reflexões propiciou reelaborações internas de seus processos formativos que produziram importantes dados para análise e interpretação, uma vez que, tais fenômenos foram desencadeados por uma técnica que se baseia na efetiva, espontânea e livre expressão de pensamento dos sujeitos investigados. Tal situação é assim descrita por Alves-Mazzotti:

> "Dar voz" ao sujeitos que foram, de alguma forma, silenciados, é de pouca valia se não tentarmos, por exemplo, compreender como e por que essas vozes foram silenciadas. A compreensão das subjetividades requer que se busque relacioná-las às condições sociais em que foram produzidas, procurando ir além da mera descrição e contribuindo para a acumulação do conhecimento. (ALVES-MAZZOTTI, 2003, p. 37)

Buscou-se por meio do grupo focal suscitar uma discussão coletiva acerca dos processos formativos dos participantes. Para isso, foram propostas questões orientadoras pertinentes ao tema com o único objetivo de desencadear as reflexões e os debates. A partir daí, o processo ocorreu com mediações pontuais, as quais se efetivavam quando o grupo se

desviava acentuadamente do foco de interesse da investigação ou como forma de uma consciente provocação quando o *feeling* indicava que informações importantes poderiam surgir.

> Na condução do grupo focal, é importante o respeito da não diretividade, e o facilitador ou moderador da discussão deve cuidar para que o grupo desenvolva a comunicação sem ingerências indevidas da parte dele, como intervenções afirmativas ou negativas, emissão de opiniões particulares, conclusões ou outras formas de intervenção direta. Não se trata, contudo, de uma posição não diretiva absoluta, ou do tipo *"laissez-faire*", por parte do moderador. (GATTI, 2012, pp. 08-09)

Outra característica da técnica é não exigir, necessariamente, a confirmação de hipóteses a partir da uniformidade das opiniões. Para além dos consensos e dissensos das respostas, o mais interessante foi interpretar os contextos que influenciaram as trocas de opiniões promovidas pela interação do grupo. Os posicionamentos, independente de serem convergentes ou divergentes, apresentaram-se carregados de significados, de críticas, de sentimentos e emoções e de outras imprevisíveis reações que foram consideradas em função do problema a ser respondido. Sobre este aspecto, Gatti (2012, p. 9) afirma que "o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar".

De fato, essa particularidade do grupo focal pôde ser percebida na comparação da fidedignidade das informações em relação às outras levantadas a partir da ficha utilizada inicialmente, as quais, como já foi mencionado, mereceram confirmação e aprofundamento. A dinâmica do grupo focal fez com que elementos relevantes surgissem espontaneamente no calor das interações do grupo e não em resposta a uma pergunta fria e direta que, de certa forma, obriga uma imediata reflexão. Neste sentido, considero os depoimentos legítimos e idôneos, mesmo reconhecendo o peso das atuais convicções para quem conta e reconta uma história. Isso não implica uma desvalorização dos registros que brotaram do grupo focal, porque, para além dos depoimentos, interessa de modo particular, o que os provocou e as interações que eles provocaram coletivamente. Sendo assim, algumas vezes, as entrelinhas das falas foram capazes de dizer muito mais do que as próprias linhas.

Quanto ao número de sessões, este foi definido em três com o propósito de trazer a lume eventuais diferenças de pontos de vista dentro da complexa realidade do assentamento.

O primeiro grupo focal teve a intenção de investigar possíveis contradições e/ou afinidades entre as perspectivas construídas pela escolarização em uma instituição pública urbana e aquelas alicerçadas nas vivências da militância do movimento social. A sessão foi composta por 22 jovens estudantes da segunda fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio, o que, segundo um levantamento feito em todas as escolas da cidade de Ipameri, corresponde a mais de oitenta e quatro por cento (84,6%) do total de alunos do assentamento matriculados nas séries que compõem esses níveis de ensino.

Para efeito deste recorte foi considerado, além da maturidade dos jovens para participar da dinâmica, o fato de este coletivo reunir pessoas com idade suficiente para ter vivenciado as principais fases da luta pela terra, incluindo tempo e espaços distintos, tais como o acampamento, a ocupação, a resistência e a produção dentro da parcela. Os outros dois grupos focais foram realizados, respectivamente, com a participação de 05 representantes das famílias que permanecem vinculadas ao MST, e com 06 moradores associados à ASPROAB. A opção por essa divisão objetivou apreender a concepção de educação de cada grupo, bem como as possíveis diferenças de perspectivas quanto ao futuro dos jovens e do próprio assentamento. Gatti (2012, p. 21) justifica a decisão de realizar as sessões em separado: “Quando se quer comparar e contrastar diferentes expressões e pontos de vista, muitas vezes convém separar os diferentes tipos de pessoas que serão envolvidos em diferentes grupos”.

O local escolhido para a realização dos grupos focais foi a área de uso coletivo em que se transformou a antiga sede da fazenda desapropriada. O conjunto de prédios, localizado em um ponto central do assentamento, ofereceu a tranquilidade e o conforto necessários para o desenvolvimento adequado das atividades previstas nos encontros. Dentre as vantagens estão a facilidade de acesso, a familiaridade com o local utilizado para reuniões comunitárias, e a redução de interferências externas. Destaca-se neste ponto a diversidade da fauna local revelada, involuntariamente, pela audição dos registros referentes aos grupos focais, provocando uma interessante interação com o meio durante a realização das atividades.

Quanto ao formato de registro, a opção foi pela gravação em vídeo com utilização de duas câmeras. Este recurso facilitou a identificação das pessoas e também a captação de reações demonstradas por gestos carregados de significados e que não seriam percebidas por meio de outros recursos. Por considerar que o grupo focal oportuniza a interpretação das interações entre os participantes, a gravação em vídeo foi importante para identificar quem

estava falando e para quem estava falando, assim como as reações do grupo frente às discussões que se estabeleceram. À oportunidade, vale ressaltar que as preocupações de alguns autores que versam sobre esse tipo de registro não se confirmaram neste caso específico.

> Outro meio de registro é o videoteipe, cuja utilização é muito discutível por ser um meio bastante intrusivo. Para garantia do sigilo quanto às participações, é um meio bem problemático. Considere-se, também, que as tomadas em vídeo são, no mais das vezes, feitas com uma só câmera, em planos gerais que abrangem o grupo como um todo e, devido a isso, podem apresentar baixa qualidade de áudio. Há, nessas condições, dificuldades técnicas relativas à obtenção de *closes*, de expressões corporais que exigem mais de uma câmera, etc., perdendo-se o todo. Há laboratórios de pesquisa em ciências humanas e sociais que dispõem de salas especiais para tomadas em vídeo, com várias câmeras e operadores com iluminação e captação de som bem programadas. Porém, a maioria dos pesquisadores não dispõe dessas condições. (GATTI, 2012, pp. 25-26)

Desde o convite para participar dos grupos focais, ocasião em que a forma e a finalidade de registro foram procedimentos esclarecidos aos participantes, com abertura para a manifestação de dúvidas e curiosidades garantida, nenhum constrangimento foi verificado em relação à questão. O acesso às tecnologias de comunicação, principalmente ao telefone celular que, na sua maioria, permitem a gravação de vídeos amadores e sua divulgação através das redes sociais, pode ser uma das justificativas para a aparente acolhida e tranquilidade dos sujeitos quanto às filmagens.

Apesar de essa informação não ter sido considerada na ficha de levantamento de dados aplicada, foi possível perceber durante o longo tempo de convívio com os moradores, que os telefones celulares são extremamente comuns entre os jovens e os adultos do Assentamento Olga Benário. Neste sentido pode ser interpretada a fala do morador Reinaldo quando, no início do grupo focal com os integrantes das famílias que ainda integram o MST, eu esclarecia sobre o sigilo e o uso das imagens: “Deixa eu falar aqui. Eu quero que você ponha no Twitter... o Twitter tá bombando”! (Pesquisa de Campo, 2014.) Ou em outra ocasião quando uma participante deixou escapar o apelido nada convencional do mesmo Reinaldo e, em tom de descontração, chamei a atenção para o ato falho. Disse, então, Reinaldo: “Agora vai pro notebook, agora você vai pro meu e-mail”! (Pesquisa de Campo, 2014.)

Em síntese, os jovens e os adultos que participaram dos grupos focais se mostraram muito à vontade diante das câmeras e de seus operadores ignorando-os como se tivessem sido preparados para isso. Há de se ressaltar o profissionalismo e a sensibilidade dos técnicos para

captar e editar as imagens. Mesmo tendo recebido algumas orientações, os técnicos contratados, podem ser considerados coautores desta fase da pesquisa. Voltando à citação anterior, na qual a renomada autora descreve a dificuldade de se ter à disposição os sofisticados equipamentos para garantir a qualidade dos registros, impõe à ética, o esclarecimento de que os custos para a contratação dos serviços não consumiram mais do que uma das vinte parcelas de recurso financeiros públicos recebidas por mim, como pesquisador beneficiário, através da Bolsa de Estudos.

Enfim, a quantidade e a qualidade dos registros que foram produzidos a partir dos procedimentos metodológicos adotados foram surpreendentes e podem também ter sido resultado da relação de confiança estabelecida entre as partes. Neste sentido, ao utilizar nomes fictícios, o que pretendi foi preservar a identidade de todos os informantes que contribuíram com a investigação, mesmo tendo estes, autorizado a referência a seus nomes. Esta opção se deu mediante a densidade dos depoimentos que a mim foram confiados e que carregam em si muito mais do que, direta e conscientemente, se pretendeu dizer. É que, analisar implica chamar a atenção para elementos secundários das falas e dos gestos dos sujeitos. É, portanto, valer-se dos descuidos que deixam escapar algo que não se teve a verdadeira intenção de revelar. A perspicácia do analista se torna, então, uma poderosa ferramenta que invade o pensamento alheio para dele extrair o máximo de informações que lhe interessa. Surge aqui uma espécie de conflito ético cuja intimidade reflexiva conforta por se acreditar, convictamente, nas boas intenções da ação investigativa, mesmo sabendo ser esta, uma conclusão pessoal.

Esta preocupação que, de certa forma, incomoda um pesquisador que pretende tornar públicas as conclusões de suas interpretações, encontra eco nas palavras de Bourdieu:

> Como, de fato, não experimentar um sentimento de inquietação no momento de tornar *públicas* conversas *privadas*, confidências recolhidas numa relação de confiança que só se pode estabelecer na relação entre duas pessoas? Sem dúvida, todos os nossos interlocutores aceitaram confiar-nos o uso que seria feito de seus depoimentos. Mas jamais houve um contrato tão carregado de exigências tácitas como um contrato de confiança. Devíamos, pois, cuidar primeiramente de proteger aqueles que em nós confiaram (especialmente mudando, muitas vezes, as indicações, tais como nomes de lugares ou de pessoas que pudessem permitir sua identificação); mas convinha também, e acima de tudo, procurar colocá-los ao abrigo dos perigos aos quais nós exporíamos suas palavras, abandonando-as, sem proteção, aos desvios de sentido. (BOURDIEU, 2008, p. 09)

Considerados estes postulados, o esforço foi no sentido de restringir as análises à compreensão dos fenômenos investigados sem desrespeitar ou desmerecer qualquer pensamento advindo dos sujeitos participantes desta pesquisa. Contudo, o volume das transcrições e seus conteúdos, depois de serem alforriados pela publicação deste estudo, abrem-se para a interpretação de outros olhares, o que, na condição de pesquisador, me provoca temores e tremores. O motivo é a imprevisibilidade das possíveis intenções que outras categorizações possam ter. Resta entender essa situação como uma importante contribuição desta pesquisa e torcer muito para que a confiança entre o pesquisador e seus colaboradores de investigação não seja quebrada por outros sujeitos, sobre os quais, não pesa nenhum tipo de comprometimento ético e ideológico com as pessoas e os fins deste estudo.

Essas considerações relacionadas aos procedimentos utilizados para desenvolver a pesquisa tiveram o propósito de demonstrar que a essência contra-hegemônica do projeto não pode estar desvinculada de sua metodologia. Neste sentido, a tentativa foi de trilhar um caminho que fortalecesse meu comprometimento de pesquisador com as causas dos assentados, ao mesmo tempo em que os levasse a refletir e, quem sabe, "re-agir", em relação à sua própria realidade educacional. Entretanto, essa opção em favor dos sujeitos assentados envolve uma escolha maior e anterior à existência do Olga Benário. Difícil é definir o momento exato em que essa convicção se dá. O processo é lento e complexo, baseado em reflexões críticas, de mundo e de teorias, feitas no curso de toda uma história de vida. No próximo capítulo serão explicitadas as bases epistemológicas que orientam a fundamentação e as opções delineadas nesta pesquisa.

CAPÍTULO II
ENCONTRANDO-ME COM/NA TEORIA

Apesar de o debate teórico já ter sido enfrentado nos títulos anteriores e de continuar em todos os demais que compõem o corpo textual desta dissertação, este capítulo apresenta os fundamentos que corroboraram este estudo, mesmo diante da possibilidade de as páginas anteriores terem deixado claro o ideário que o sustenta. É que as ideias presentes em minhas concepções parecem transbordar pelas margens a cada releitura que se faz. Aliás, esse esforço intelectual nada mais é do que uma tentativa de transformá-las – as ideias – em uma resposta às inquietações provocadas por uma realidade (mal) dividida entre opressores e oprimidos. Assim, a verdadeira opção se deu ao longo da vida quando as leituras, de livros e de mundo teceram, nem sempre de forma hábil e sutil, uma postura política e cidadã comprometida com os interesses de mulheres e homens explorados e marginalizados pela hegemonia implacável do sistema dominante que há séculos impera nessas austrais terras americanas.

> Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de "distanciar-se" dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. (FREIRE, 2007, p.17)

Neste sentido, as teorias apropriadas transformam-se em óculos que permitem abstrair da realidade para, panoramicamente, analisá-la a partir de diferentes perspectivas. Escolher, portanto, qual delas utilizar, momentaneamente ou definitivamente, é uma questão pessoal sujeita a acidentes de percurso. Isso porque em determinado momento da edificação politico-intelectual de cada um, quando o aprofundamento teórico ainda não foi capaz de produzir imunização contra o poder dos pensamentos homogeneizadores, ler o de que não se gosta é brincar com as próprias convicções, pois quem arrisca fazê-lo, simplesmente para confirmar suas escolhas, oferece-se ao poder de encantamento de seus opositores intelectuais e, quando isso acontece, pode comprometer as opções que não têm suas bases alicerçadas em amadurecidas reflexões críticas.

Destaco que, o paradigma que construiu e sustenta as convicções que operam essa pesquisa se encontra firme e até fortalecido pelo embate de ideias contraditórias de autores e também de professores que colaboraram para que eu pudesse chegar até aqui. Talvez os

argumentos contrários não tenham sido capazes de superar meras palavras de pensadores como Fernandes (1995, p. 29): "o intelectual deve optar entre o compromisso com os exploradores ou com os explorados".

Depois desta, as outras opções se tornaram mais fáceis e a motivação para o presente estudo deve ser entendida como consequência das transformações provocadas pela influência de teóricos que não aceitam como inexorável o destino que condena homens e mulheres a viverem sob a batuta de um sistema opressor que sobrepõe a "ética de mercado" à "ética universal do ser humano" (FREIRE, 2002, p. 19). Aliás, precisar se foram os teóricos que construíram a postura contestatória ou a postura contestatória quem definiu os teóricos é como querer solucionar a questão proposta pelo adágio popular que se incomoda com a origem do ovo e da galinha. Outro problema, outra pesquisa.

O meu comprometimento com o que de humano ainda resta à humanidade, comunga com as ações de gente que acredita e busca resgatar homens e mulheres, transformados em seres autômatos, para devolver-lhes a condição de sujeitos determinantes de sua própria história. Pessoas que através de sua luta potencializam um tipo de desenvolvimento que considere, acima de tudo, o bem estar das pessoas na diversidade de sua sociedade, e não os seus potenciais de gerar lucros para alimentar um sistema que não se auto-sustenta. Os problemas gerados pelo desejo de produzir lucros eternos, no qual se apoia o capitalismo, têm afetado a humanidade como um todo, mas, de maneira mais evidente, as sociedades ou comunidades minoritárias que, historicamente, construíram suas tradições a partir de outra lógica de relação entre os seres humanos e destes com o meio ambiente. O extremismo das recentes ações empreendidas em nome do capital contra quem a ele se opõe pode ser comparado com o afã com que se agarram à corda aqueles que estão prestes a, inevitavelmente, despencar-se dela rumo ao abismo sem fim. A esse respeito, David Harvey explica que:

> Obter crescimento composto para sempre não é possível, e os problemas que assolaram o mundo nos últimos trinta anos sinalizam que estamos próximos do limite para o contínuo acúmulo de capital, que não pode ser transcendido exceto criando-se ficções não duradouras. Adicione-se a isso o fato de que tantas pessoas no mundo vivem em condições de extrema pobreza, a degradação ambiental está fora de controle, a dignidade humana está sendo ofendida em toda parte, enquanto os ricos estão acumulando mais e mais riqueza para si próprios e as alavancas dos poderes políticos, institucionais, judiciais, militares e midiáticos estão sobre controle político estrito, porém dogmático, encontrando-se incapazes de fazer algo além de perpetuar o *status quo*. (HARVEY, 2011, p. 184)

A tentativa de perpetuação à qual o autor faz referência se materializa em forma de adjetivações diversas que se apresentam como mágicas soluções para as óbvias consequências que atingem a grande maioria das pessoas em razão da minoria que se beneficia do poder. Neologismos como globalização, neoliberalismo, desenvolvimento sustentável, e outros artifícios paliativos, funcionam como uma maquiagem que camufla o avanço do capital sobre os últimos recursos naturais e mercados possíveis de serem explorados, dando uma dimensão global para a miséria que o sistema produz e da qual depende para se manter. Além disso, o domínio das esferas de poder garante que os meios de produção se tornem legalmente propriedade de quem detém o capital, o que muitas vezes inclui recursos naturais que deveriam estar à disposição de todos que necessitam deles para sobreviver – biológica, social, econômica e culturalmente – como a terra, por exemplo.

Neste sentido, os integrantes das comunidades que optam por manter as suas tradições vinculadas aos meios de produção que, como a terra, interessam à perene necessidade de expansão do sistema capitalista passam a ser consideradas *personae non gratae* pelos dominadores e, em nome do que estes consideram desenvolvimento, são expulsas de seu ambiente cultural e, não raramente, criminalizadas quando ousam resistir. Por este viés podem ser situadas as palavras de Caldart (2012, p.39): "Na sociedade capitalista, a propriedade privada tem um valor supremo, acima de qualquer outro, inclusive o da vida humana". Esta crítica se justifica na análise do episódio ocorrido no Estado do Pará em 1996, conhecido por Massacre de Eldorado dos Carajás, quando dezenove trabalhadores sem terra foram mortos pela Polícia Militar daquele estado.

Acontecimentos desta natureza expõem o caráter protecionista e reacionário da cultura dos dominantes em relação àqueles que historicamente foram conduzidos à condição de marginalizados. No entanto, essa reação violenta do opressor diante da ação de resistência organizada pelo oprimido demonstra que a conscientização desses começa a ser vista como uma verdadeira ameaça aos interesses daqueles, sobretudo quando contribuem para a emergência de alternativas emancipatórias de educação, pensadas e projetadas a partir da luta dos que se opõem ao sistema vigente.

Desviar o foco dos processos educativos que ocorrem nas escolas em direção àqueles outros construídos no seio dos movimentos sociais, é por em prática a rebeldia transformadora que as políticas educacionais oficiais têm tentado amortecer justamente por ser manifestação de quem pretende questioná-las. Para os educadores que já conseguiram superar a dicotomia

entre política e educação e que, politicamente, escolhem agir de acordo com os interesses dos explorados, é impossível manter-se passivo diante de uma escola pensada e controlada por uma rede de poder que não deseja mudança alguma que ameace sua condição de domínio. A influência do poder dominante sobre a escola é objeto da crítica feita por Paulo freire em seu famoso diálogo com Ira Shor:

> Sabemos que não é a educação que modela a sociedade mas, ao contrário, a sociedade é que modela a educação segundo os interesses dos que detêm o poder. Se é assim, não podemos esperar que a educação seja a alavanca da transformação destes últimos. Seria ingênuo demais pedir à classe dirigente no poder que pusesse em prática um tipo de educação que pode atuar contra ela. Se se permitisse à educação desenvolver-se sem fiscalização política, isso traria infindáveis problemas para os que estão no poder. Mas as autoridades dominantes não permitem que isso aconteça e fiscalizam a educação. (FREIRE e SHOR, 2001, p. 49)

Contraditoriamente, se a escola simplesmente reflete os interesses de quem a constituiu, então não seria, a mesma, o principal alvo das críticas, mas o próprio sistema que a formata para esse fim. Não se trata, portanto, de desmerecer a escola, sobretudo a pública, como instituição que promove a educação popular, mas sim de questionar seu papel massificador e contrário ao que deveria interessar à formação das classes menos favorecidas.

Nessa dinâmica da contradição, portanto, há de se dar mérito ao poder libertador da educação promovida por práticas pedagógicas populares construídas pelos movimentos sociais e, em especial, no caso desta pesquisa, àquelas das quais se beneficiam os militantes da luta pela terra empreendida pelo MST. Se os movimentos sociais surgem justamente para contestar a ordem vigente, é de se esperar que, ao contrário da escola tradicional, estejam livres da influência dominadora das elites. Enquanto o sistema dominante continua pensando a escola, os oprimidos, conscientes de sua condição e por si mesmos convencidos de que devem lutar, pensam as práticas dos movimentos sociais e nelas a possibilidade de outras formas de educação.

Estar atento a este movimento baseado na reflexão e ação coletivas, a esta conscientização que não fora dada por nenhuma liderança revolucionária, mas construída dialogicamente com ela ou com outros sujeitos que propiciaram uma inserção crítica na realidade a ser superada (FREIRE, 2014), pode representar um importante aprendizado para uma educação comprometida com a transformação social e que busca saberes que ensinem os educandos a reconhecerem-se como cidadãos pertencentes a uma classe historicamente constituída como dominada e excluída.

> Como profissionais da educação, não somos contra a escola nem poderíamos ser, mas relativizamos a escola. Entendemos que o mais grave não é a inexistência de uma política que permita ao povo entrar na escola e ali permanecer. O mais grave é que não há uma política que favoreça a educação do povo através de suas lutas. (ARROYO, 2011, p. 186)

Relativizar a escola, como sugere o autor, pode ser interpretado como uma forma de reconhecer a importância dos processos educativos que ocorrem fora de seu contexto. Nesse sentido, o texto citado parece ser bem colaborativo. No entanto, percebo na citação uma oportunidade de refletir sobre o que o autor chama de política. Ao afirmar que não há uma política que favoreça a educação através da luta, o teórico parece fazer uma justa crítica às políticas públicas oficiais baseadas em legislações e/ou em recursos humanos e financeiros governamentais.

Considerando que políticas podem ser implementadas por ações coletivas distantes da esfera do poder governamental ou econômico, entendo que a própria luta empreendida de forma consciente pode ser interpretada como uma política popular que favorece a educação dos excluídos. Esta observação visa exemplificar a dificuldade de enxergar e reconhecer algo que acontece fora das perspectivas de quem detém o poder. Se não é oficial é inexistente. Mais grave, em minha opinião, seria a inexistência da luta, pois é ela que traz à luz uma situação que muitos preferem não enxergar.

A luta já é uma resposta da conscientização de quem entende que sua condição é injusta e precisa ser superada. O oprimido que empreende luta não se vê mais como o único culpado por sua miséria e passa a combater os que sempre tentaram convencê-lo do contrário. O maior mérito da luta, mais que as possíveis conquistas, é tornar visível uma realidade produzida como inexistente. Criminalizar e reprimir são, então, as imediatas reações de um sistema que se vê surpreendido pelas inadmissíveis demandas que advêm da luta dos, até então, inexistentes excluídos.

> A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade de copresença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialéctica. (SANTOS, B. 2010, p. 32)

À luz deste pensamento, a luta pode ser entendida como o grito revelador de que outra realidade existe, e que também é capaz de construir saberes, e que tem demandas próprias, e que entre elas pode estar o direito de contar com uma educação pública que não boicote suas expectativas originais, e que uma escola assim deve estar acessível, e tem que considerar a própria luta como parte integrante de seu currículo, porque, se for verdadeiramente democrática, a escola jamais poderá menosprezar os conhecimentos que chegam a ela na bagagem de vivências das pessoas que a procuram. Enfim, a escola concebida nesta perspectiva valer-se-ia do conhecimento para ajudar as pessoas a concretizar as infinitas possibilidades de seus sonhos, e não para substitui-los por um único arremedo de utopia imposto por uma lógica capitalista homogeneizadora.

Por este viés será situada a pedagogia do MST, organização que inicialmente congregava todas as famílias do Assentamento Olga Benário. Sua gênese está no surgimento de algumas práticas educativas informais voltadas às crianças acampadas tendo, entre outras, a finalidade de aliviar as tensões provocadas pelo constante conflito entre as partes envolvidas na luta empreendida pelo movimento, o que frequentemente impactava de forma mais severa as famílias que lutavam por uma distribuição mais democrática da terra. É o poder dos fortes para usufruírem seus direitos contra a fraqueza dos débeis para exercerem os seus (FREIRE, 2002). Essa realidade poderia ser assim descrita:

> Antes mesmo de se começar a luta específica por escola, as pessoas com certa sensibilidade para essa dimensão da educação (via de regra mães, professoras ou religiosas) passaram a se preocupar com o atendimento pedagógico às crianças. Às vezes, isso significava apenas reunir as crianças para fazer algumas brincadeiras que amenizassem o peso da realidade que já enfrentavam, e também para explicar a elas o que estava acontecendo, principalmente quando havia ações mais violentas. (CALDART, 2012, p. 234)

Essa iniciativa estava longe de representar uma proposta organizada de educação para as crianças integrantes do Movimento, contudo, já se podia perceber uma inquietação que mais tarde se transformaria em mais uma luta do MST: a luta por escola. Tal situação pôde ser confirmada nas palavras de Helen, jovem moradora do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO:

> Ali na entrada, quando a gente morava lá na entrada, era cheio de barraco na beira do asfalto, do outro lado tinha uma mulher, eu não lembro quem era, que juntava as crianças pequenas enquanto os pais estavam trabalhando e ia brincar com elas, contar história. (Pesquisa de Campo, 2014.)

A evolução destas primeiras ações até chegar a uma proposta de educação que atendesse as necessidades e os interesses dos Sem Terra[7], passa por etapas de organização que começam com o simples planejamento para elaboração de atividades recreativas e culturais nos acampamentos e vão até o entendimento de que a educação formal dessas crianças não poderia parar. Para que isso acontecesse, haveria de se constituir uma escola e esta, por sua vez, não poderia ser uma escola comum, teria de ser diferente. Começa-se então a estabelecer debates para definir quais diferenças ela deveria ter. A coletividade então se reunia para debater uma escola para o MST.

> Talvez estas famílias já começassem a compreender o quanto estavam aprendendo em sua nova coletividade e o quanto ainda tinham de aprender para dar conta dos novos desafios. Então, não seria justo que a escola (conseguida na luta) não ajudasse nessa tarefa. (CALDART, 2012, p. 238)

A ingenuidade de admitir como óbvio que qualquer escola deve ser diferente das demais é superada no entendimento de que o ser diferente citado acima tem a ver com a experiência de vida dos filhos dos Sem Terra e também com o fato de que esta experiência de luta deveria ser levada para a escola, até mesmo para que essas crianças pudessem compreender os motivos e os benefícios dessa luta, incorporando-a como princípio básico de sua formação. Em sua trajetória o MST passa a lutar pelo direito de ter escola pública para as crianças de seus acampamentos e assentamentos. Contudo, a escola por eles almejada deveria ser concebida pelo próprio movimento como forma de reafirmar sua identidade. O movimento, então, promove a ocupação da escola e substitui a escola "para" o MST, por uma escola "do" MST.

Esta conquista conferiria às crianças a mesma condição de Sem Terra de seus pais, fazendo com que, mais tarde, as mesmas viessem a ser chamadas de Sem Terrinha. Isto constitui um novo elemento de formação para a militância no MST e dificilmente seria considerado no ambiente da escola tradicional. A escolarização descontextualizada em relação à trajetória de luta do movimento social e impregnada de pensamentos dominantes homogeneizadores passa a ser confrontada como fator dispersante de uma identidade que começava a ser transmitida para as crianças como forma de garantir a continuidade do processo de luta. Sobre este aspecto da educação e da formação dos filhos dos Sem Terra, Caldart afirma:

[7] Neste texto o termo "Sem Terra" será escrito com letra maiúscula sempre que a intenção for expressar a identidade dos trabalhadores rurais que aderiram à militância do MST.

> Do ponto de vista da formação dos sem terra, o fato de o MST passar a *se ocupar* da escola projetava um elemento muito importante da continuidade da trajetória: as crianças e os jovens também estavam sendo incluídos na categoria *Sem Terra*, e isso apontava para uma visão mais histórica (de longo prazo) da luta, e para uma aproximação maior entre as tarefas de *formação e educação* no Movimento. A formação dos sujeitos sem terra também poderia ser feita na escola; a escola também poderia ser lugar de formação para a continuidade do MST. Um processo de ressignificação do Movimento e da escola estava sendo posto *em marcha.* (CALDART, 2012, p. 253)

Este processo traz à luz a concretude do protagonismo daqueles que assumem sua condição de dominados e ousam lutar pela superação de sua realidade. Mais ainda, transformam sua luta em exemplo para outras lutas, superando o paradigma da impossibilidade de os movimentos sociais serem sujeitos da construção de seus próprios ideários educacionais. Ao assumir a responsabilidade da gestão dos seus processos educativos, o MST, ao mesmo tempo em que exige do Estado o reconhecimento e a validação dos referidos processos, faz com que a "co-presença" negada pelo dominador passe a vigorar, apesar da constante tentativa de "invisibilização" promovida pela parte opressora da sociedade.

Ao situar o problema central dessa pesquisa, sua resposta encontra-se nos possíveis motivos e consequências da lacuna que representa a ausência, no Assentamento Olga Benário, de uma escola ocupada pedagogicamente pelo MST. O fato de esse assentamento ter sido originalmente composto somente por famílias de Sem Terra e que agora se veem obrigadas a encaminhar seus filhos para uma escola pública urbana fora do assentamento, cria um cenário educacional conflituoso no qual se manifestam pelo menos duas vertentes pedagógicas contraditórias, sendo uma forjada na militância do movimento social e na vida camponesa, e outra que se efetua numa escolarização influenciada por princípios mercadológicos desvinculados da premissa política que visa garantir a reprodução dos grupos familiares que vivem na/da terra e trabalham com a lógica produtiva da agricultura familiar.

Isso reflete e configura as contradições do contexto no qual se inserem os sujeitos da pesquisa. No entanto, não se pode desconsiderar que a sua trajetória histórica de luta pela terra, vivenciando a situação de acampados e mais recentemente de assentados, confere particularidades nas suas percepções de sujeitos. As rupturas e aproximações desses jovens com diferentes processos de formação, dentro e fora dos acampamentos e agora no assentamento, é algo que despertou a curiosidade investigativa no interesse em captar o sentido atribuído à escolarização na dinâmica desses processos. Como perceberam esses

processos? De que se apropriaram e o que assimilaram nessas trajetórias? O que conservam, por exemplo, dos discursos de transformação e mudança que a posse da terra traria para a vida familiar e pessoal? Como se relacionam com o ambiente da escola urbana? Quais os vínculos que cultivam no assentamento e na escola? Seriam críticos desses processos? O que têm a dizer sobre suas expectativas para o presente e para o seu futuro? Quais marcas da formação e da escolarização são mais significativas para os adultos e os jovens assentados?

Essas questões foram equacionadas em três objetivos principais: Primeiramente descrever a realidade sociocultural do Assentamento Olga Benário – sua história, sua configuração, quem são seus moradores, em que condições vivem, o que produzem, como se organizam representativamente. Outro objetivo seria detectar os processos educativos mais significativos para os moradores que vivenciaram toda a experiência de luta, resistência, conquista, posse e produção na terra. Por último, analisar criticamente como esses processos dialogam com os sentidos de escolarização e as perspectivas de futuro e presente desses moradores e, em especial, as dos jovens que integram aquela comunidade.

As reflexões advindas dos autores que fundamentaram este capítulo acompanham a construção da pesquisa, na interpretação e análise dos dados e em questões pontuais articuladas. Paulo Freire, Miguel Arroyo, Boaventura de Sousa Santos, David Harvey, Roseli Caldart são pensadores cujos conhecimentos perpassam centralmente as argumentações e enfoques da investigação. Contudo, outros teóricos, não menos importantes, e também referenciados nesta dissertação, foram acionados para ajudar na compreensão de relevantes questões tratadas nesta pesquisa.

Freire contribui com sua teoria ao propor uma educação libertadora e emancipatória, capaz de levar o oprimido a superar sua condição a partir da consciência crítica de sua realidade. Embora a ausência no assentamento de uma escola constituída nessa perspectiva seja ainda agravada pelo fato de os jovens assentados serem obrigados a estudar em uma escola descomprometida com a luta do movimento social, essa dimensão está contemplada pela investigação empírica quando a discussão e análise dos processos educativos e formativos são estendidas para além do que ocorre no contexto escolar.

Considero, portanto, que ao assumirem a condição de sujeitos de sua própria história, homens e mulheres que militam no movimento social, passam a lutar contra o opressor que, através de sua pedagogia opressora, sempre tentou convencê-los de que eram os únicos

culpados por sua condição de oprimido. Nesta perspectiva vem sendo analisada a luta dos Sem Terra, através da qual se constituiu o Assentamento Olga Benário: uma "re-ação" ao sistema que merece, como possibilidade de educação libertadora, ser confrontada com a escolarização que os jovens assentados vêm recebendo na cidade de Ipameri-GO.

A educação pensada no seio do movimento social é também repercutida por Arroyo que critica a ausência de políticas públicas educacionais que considerem os aspectos pedagógicos da luta dos excluídos. Com uma ampla análise no campo dos movimentos sociais, este autor foi importante para a compreensão dos valores formativos do gestual, do ritual e da mística que envolve a luta dos Sem Terra. A atenção à sua teoria foi importante para observar, identificar, selecionar e interpretar os testemunhos dos sujeitos participantes da pesquisa.

Santos, por sua vez, apresenta uma reflexão acerca da concretude dos saberes contra-hegemônicos que tendem a ser invisibilizados pelo imperativo de práticas alicerçadas em um tipo de pensamento ao qual, metaforicamente, se refere como sendo abissal. Essa teoria foi importante para trazer à tona reflexões sobre o desvio conceitual de se considerar ilegal, falso, irrelevante e, até mesmo inexistente, todo e qualquer conhecimento construído para além dos limites pré-definidos pelo norte global. Ao sul também é dado o direto de produzir conhecimentos relevantes. Essas teorias ajudaram a entender que existem outras possibilidades educacionais, culturais, sociais e econômicas, diversas daquelas prescritas verticalmente por quem historicamente detém o poder. Essa percepção, portanto, foi aperfeiçoada com a ajuda dos assentados desde o início desta ação investigativa.

Quanto à essência crítica deste estudo em relação ao sistema capitalista, a contribuição de David Harvey ajuda no convencimento da importância de garantir aos sujeitos assentados o direito de buscar um modelo de desenvolvimento concebido no âmago de sua natureza camponesa e vinculado à lógica de produção da agricultura familiar. Através de seu pensamento, foi analisada criticamente a falácia da crise do capitalismo. Não porque o sistema não esteja verdadeiramente vivendo uma crise, mas sim pelo fato dela só estar sendo considera agora, justamente no momento em que coloca em cheque os interesses daqueles que sempre se beneficiaram dele, relevando suas responsabilidades em relação às misérias do mundo.

Caldart também representou um importante apoio teórico no decurso desta investigação. Seus pensamentos ajudaram a refletir sobre a gênese da pedagogia dos MST, permitindo a interpretação de vários fenômenos relacionados com a militância dos sujeitos participantes desta pesquisa. Suas considerações acerca da ocupação da escola promovida pelo movimento social ajudaram a entender o sentido contraditório de uma escola “para” o MST e de uma escola “do” MST. Esta pequena diferença linguística, representa um protagonismo histórico totalmente alinhado com os pensamentos dos outros autores que dão sustentação teórica a este estudo.

Há de ser ressaltada a colaboração dos saberes dos moradores do Assentamento Olga Benário que têm sido constantemente acionados para justificar, confirmar, refutar e ilustrar diversas reflexões teóricas propostas nesse trabalho. Aliás, parece oportuno admitir que, por enquanto, as possibilidades interpretativas que emanam da riqueza dos registros produzidos pelos sujeitos participantes desta investigação, não poderão ser totalmente exploradas no âmbito desta pesquisa. Daí a opção de apresentar, anexada a esta dissertação, a integralidade das transcrições produzidas a partir da realização dos grupos focais, para que, assim, se exponham à análise de outros olhares que ajudem a conferir aos saberes a relevância que merecem.

Além dos autores supracitados, outros estão referenciados nesta dissertação e suas ausências neste capítulo, que pressupõe a discussão teórica do estudo, não significa, sobremaneira, uma menor relevância quanto às contribuições dadas. Com a base teórico-metodológica construída até aqui, será colocado em foco no próximo capítulo, de modo mais detalhado, o contexto de pesquisa: o Assentamento Olga Benário.

CAPÍTULO III
UM TERRITÓRIO CHAMADO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO

Acredito que nesse ponto da dissertação o leitor já tenha construído uma ideia da concretude do Olga Benário. No entanto, é importante contextualizar o território do assentamento como espaço físico, histórico, social e econômico no qual está estabelecida uma complexa trama de relações resultantes da convergência de histórias construídas ao longo das vidas de seus moradores. Esse é o objetivo deste capítulo.

O topônimo Olga Benário confere ao lugar representado pelo assentamento uma identidade comprometida com a história de personalidades engajadas na luta em favor dos oprimidos. Essa é uma característica marcante da mística do MST que pode ser comprovada observando-se os nomes escolhidos para os seus acampamentos e assentamentos espalhados pelo território brasileiro. São diversas as referências a pensadores comprometidos com as causas populares como Paulo Freire, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro. Também são muito lembrados alguns líderes revolucionários como Che Guevara, Zumbi dos Palmares e sua esposa Dandara. Outras menções comuns se referem a políticos que ascenderam das causas populares ou que são, para o movimento, exemplos de luta e resistência contra os opressores, como Nelson Mandela, Emiliano Zapata e Carlos Marighella. Os mártires da luta do MST como Oziel Alves Pereira, militante Sem Terra que foi morto no Massacre de Eldorado dos Carajás, também dão nome a vários acampamentos, assentamentos e escolas ligadas ao MST. Outra referência são os lugares relacionados às revoltas e resistências populares em diferentes épocas como Canudos e Quilombo dos Palmares.

Supostamente observando esta tradição, a homenagem feita a uma jovem ativista alemã de origem judia que acompanhou Luís Carlos Prestes em sua tentativa de capitanear, em 1935, a Intentona Comunista, foi discutida e aprovada em uma assembleia que contou com a participação dos moradores do assentamento e de líderes do MST. Mesmo sem ter o completo entendimento de que a referida revolta contra o Governo de Getúlio Vargas tinha entre as suas reivindicações a Reforma Agrária e que, em decorrência do malogro desta empreitada, Olga Benário acabou deportada pelo Governo Brasileiro para a Alemanha onde foi presa e executada pelo regime nazista, o morador Reinaldo descreveu assim o processo de escolha do nome do assentamento:

> Foi várias reuniões, porque nós acampamos primeiro pra poder vir pra cá, certo? Um acampamento aqui, outro ali. Eu acredito que aqui teve uns treze ou foi quatorze acampamentos, acampados numa região, em outra e cada acampamento tinha um nome de um lutador. Eu, por exemplo era do acampamento Chico Mendes no Município de Niquelândia. Aqui tem outros que eram do Anita Mantuano, que era uma outra lutadora. Aqui tinha um outro que era de Dorcelina Folador, que era outra lutadora, também aqui, do Estado de Mato Grosso do Sul. E assim, cada um tinha um. Aí, vieram pra cá, esses chegou aqui reuniu tornou um só, um só assentamento, agora também tinha que ser um só lutador, se bem que nois tem origem de vários lutador, mas aqui era só um. E aí, ficaram a discussão e sempre reunindo e discutindo e até que, então, chegaram a um consenso que seria Olga Benário, mas foi bem discutido, bem coletivizado, todo mundo dava as suas opções, um queria de outro, daqui, dali, mas até que chegou a um consenso, Olga Benário. (Pesquisa de Campo, 2014)

Quando questionado se o nome da antiga fazenda desapropriada não fora considerado na discussão, o mesmo morador fez a seguinte declaração:

> Não. Não porque nós tínhamos... oh! Falar assim pra você que nois tinha era raiva do nome, porque pra nois era um cara que tava roubando de nois, era um nome que tava roubando, tomando nosso direito, tirando a nossa liberdade. Então nois queria acabar com isso, *agora vamos colocar o nosso, que o nosso é que dá direito pra nois*. Foi assim, foi todos e será, com tranquilidade. (REINALDO, Pesquisa de Campo, 2014)

Estes depoimentos, marcados por expressões como “lutador”, “lutadora”, “coletivizado”, “tomando nosso direito”, “tirando nossa liberdade”, denotam alguns princípios ideológicos de um movimento que luta contra um sistema que oprime o trabalhador rural. Sobremaneira, demonstra que a militância deixa marcas de aprendizados na formação dos Sem Terra. Contudo, essa característica do discurso do sujeito não é uma unanimidade no material empírico produzido pela pesquisa. Alguns assentados proferiram discursos opostos, totalmente descomprometidos com o passado de luta e que não exprimem nenhum sentimento de pertencimento em relação ao MST. Uma análise foi feita no sentido de confrontar esta divergência de posturas, com a lacuna deixada pela ausência, no assentamento, de um espaço de formação que desse continuidade aos aprendizados adquiridos na trajetória da militância para, então, entender como essa situação pode ser relacionada com as diferentes perspectivas que também puderam ser percebidas em relação à escolarização dos jovens assentados.

Diante do processo de definição e da origem de seu nome, é perceptível que o Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO não é fruto do acaso e muito menos da boa vontade de um ex-proprietário de terra possuído por um repentino desejo de socializar a extensa área improdutiva na qual se transformou a sua fazenda, mas sim a factível comprovação de que homens e mulheres, conscientizados e dispostos a agir, podem

transformar em seu favor a realidade na qual vivem. Analogamente, o desejo de lutar pela terra não surgiu de um inopinado ímpeto coletivo que acometeu, simultaneamente, os trabalhadores que ora constituem aquela comunidade rural. As motivações que os levaram a conscientizarem-se da necessidade de aderir à luta do MST estão contidas em suas trajetórias de sujeitos explorados e excluídos que se perceberam como tais, graças ao aprendizado mediado não só pelas lideranças do movimento ou pela dura realidade imposta por sua condição de lavradores sem terra, mas, também, pelos lugares que fizeram parte de suas histórias de vida e que, assim como o espaço do Assentamento Olga Benário vem fazendo, construíram significados, valores e perspectivas diversas que envolvem, entre outros aspectos, o sentido de educação e de escolarização.

No entanto, essa aparente oposição de ideias e interesses polarizados entre os proprietários de terra – como exploradores da força de trabalho dos camponeses sem terra – e os camponeses sem terra – como explorados pelo poder capitalista dos proprietários de terra – é muitas vezes atravessada, no âmbito dos sujeitos investigados, por contraditórias manifestações coletivas ou individuais que não merecem ser interpretadas de forma dicotômica e antagônica como se a lógica de produção capitalista e a da agricultura familiar, ou, a ruralidade e a urbanidade, fossem opções ou conceitos *puro sangue* que jamais se deixariam *hibridizar* pela mobilidade e permeabilidade impostas pela globalização econômica que, embora ainda não tenha sido capaz de produzir uma total hegemonização cultural, permeou seus valores em várias sociedades e comunidades tradicionais.

A descrição a seguir pretende chamar a atenção para a complexidade dos aspectos que definiram a atual formatação espacial, social, cultural e econômica do Olga Benário, na qual foram produzidas e/ou identificadas as informações relevantes para a compreensão dos sentidos de escolarização nas possíveis e diferentes perspectivas de seus moradores.

O Diário Oficial da União nº 155 de 12 de agosto de 2004, página 5, tornou público o Decreto que declara ser de interesse social para fins de Reforma Agrária, ao mesmo tempo em que autoriza, a desapropriação pelo INCRA do espaço ocupado pela Fazenda Ouro Verde que, em 9 de agosto de 2005[8], veio a constituir, oficialmente, um novo território chamado Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO. O Município de Ipameri, cuja sede administrativa dista 190 quilômetros da capital do Estado, integra, juntamente com outros dez

[8] Data da Portaria de Criação expedida pelo INCRA segundo o Plano de Desenvolvimento do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO

municípios, a Microrregião de Catalão que, por sua vez, pertence à Região Sudeste do Estado de Goiás (fig. 01).

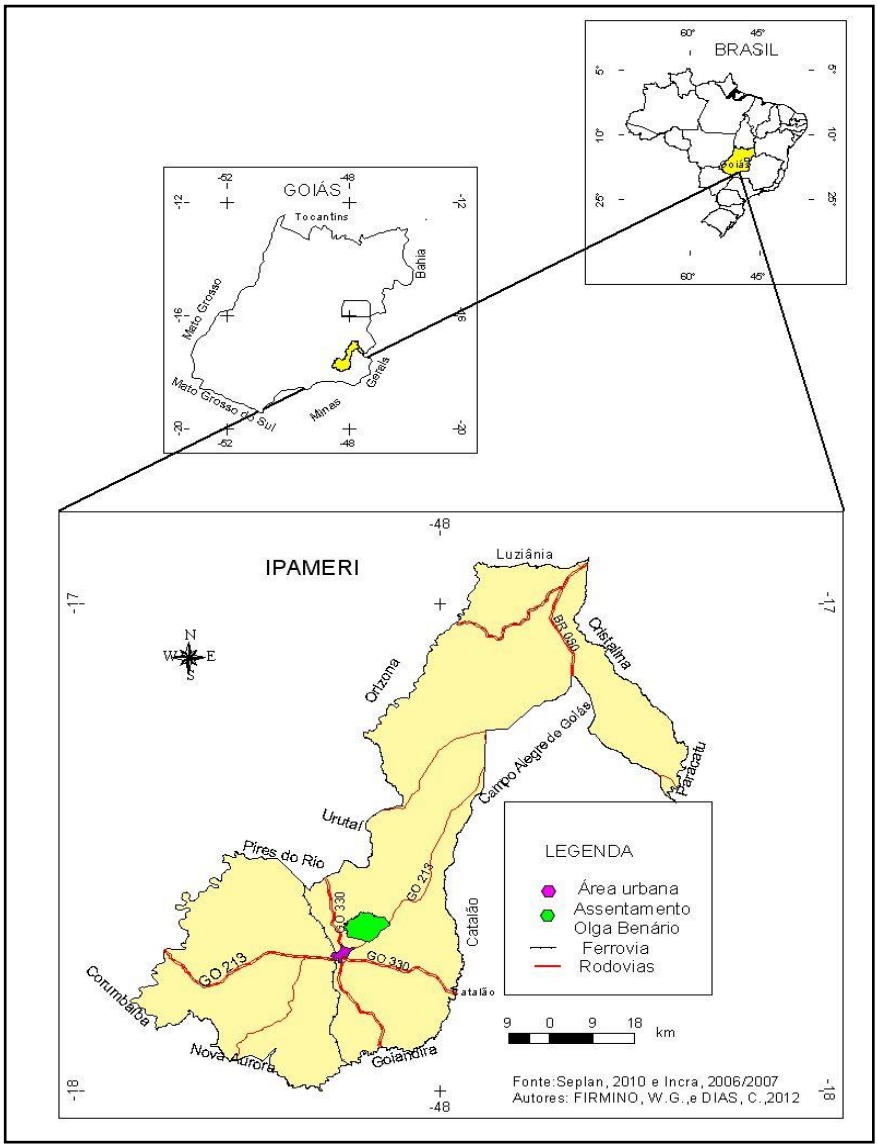


Figura 01: Município de Ipameri no Estado de Goiás
Orgs.: FIRMINO, Waldivino Gomes; DIAS, Cristiane. 2012.

Distante 12 km da sede do município, o assentamento ocupa uma extensa área às margens da rodovia GO 213 que liga as cidades de Ipameri e Campo Alegre de Goiás. Os 4322 hectares que, segundo o Diário Oficial de 12 de agosto de 2004, compõem o Olga Benário, foram, inicialmente, ocupados por 83 famílias de Sem Terra que, após intensa peregrinação, convergiram de várias regiões do Estado (fig. 02) para formar a nova comunidade rural que, conforme já foi dito, tornou-se o *locus* desta investigação.

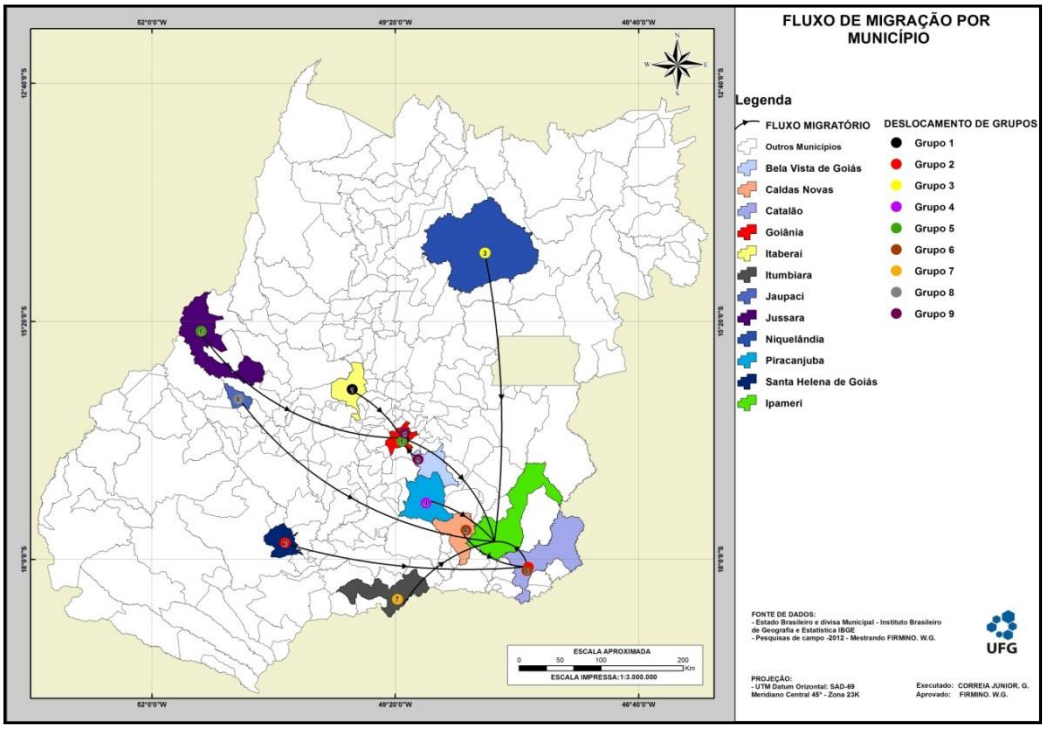


Figura 02: Itinerário camponeses no estado de Goiás.
Fonte: Base de dados cartográficos do estado de Goiás.
Org.: CORREA JUNIOR, Giovane; FIRMINO, Waldivino Gomes.

Para efeito organizativo inicial, nove Grupos Familiares foram constituídos e distribuídos no espaço do assentamento, levando-se em conta a origem e a afinidade dos novos moradores. Esta afinidade, além de refletir os laços familiares entre alguns dos assentados, representa as marcas históricas deixadas pelos lugares por onde passaram e nos quais lutaram para sobreviver e para conquistar a terra. Ironicamente, os constantes deslocamentos impostos pela necessidade de buscar melhores condições de trabalho ou pelas estratégias de ocupação do MST, sempre carregaram consigo a esperança da realização do sonho comum que os Sem Terra têm de conquistar, coletivamente, um território definitivo para viver, conforme verificado no depoimento da assentada Glória:

> É ocupa aqui, ocupa acolá, ocupa aqui, ocupa acolá, até que deu certo de sair essa terra. Nois foi pra porta do INCRA, o INCRA negociou aqui, o cara foi lá pra vender, né! Aí, ele pegou e falou assim, "*você pode ir pra porta da fazenda então, que já tá negociando já"*, nois ficou quase um ano lá, depois nois ficou quase um ano aqui na porta. Aí, nois esperou desocupar, ele tirar os trem dele, nois pegou e entrou. Aí, já estava negociado e pago já. É isso. Estou satisfeita demais da conta com minha terrinha! (Pesquisa de Campo, 2014.)

Esta "desterritorialização" à qual, a exemplo da depoente, foram submetidos os Sem Terra, implicou uma necessidade de deslocamento que pode ser entendida como uma

consequência indesejada imposta pelo modelo de produção capitalista contra o qual, agora, empreendem luta. Mas, por outro lado, a "desterritorialização" também pode ser percebida como uma necessidade consequente dos novos tempos, uma característica do homem e mulher modernos que não se prendem a um só lugar, mas buscam globalizar-se para enfrentar as exigências de um sistema o qual não pretendem contestar, mas sim adaptarem-se a ele. Milton Santos colabora com esta reflexão:

> Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí a ideia de desterritorialização. (SANTOS, M., 2010, p.597)

Há, portanto, nessas argumentações, pelo menos duas formas contraditórias de considerar o território. Uma delas está ligada à premissa de que a conquista definitiva de um pedaço de chão representaria o ideal do camponês de ter sua própria "terrinha", o que poria um fim definitivo às intermináveis e indesejáveis andanças "daqui pra acolá". Aliás, as constantes mudanças de um lugar para outro, e que fazem parte da vida dos trabalhadores rurais, não têm a ver, exclusivamente, com as ocupações promovidas pela militância dos movimentos sociais, mas também com a condição de insegurança e dependência em relação aos proprietários de terra. Durante a Pesquisa de Campo realizada para produzir os registros que vêm sendo interpretados neste estudo, foi possível constatar que, como empregados das fazendas, os trabalhadores rurais hoje assentados, também eram obrigados a se deslocar constantemente e que isso os deixava inseguros quanto às suas perspectivas futuras. É o que podem comprovar as palavras do assentado Reinaldo:

> Olha, esse momento de entrada nessa luta é quase idêntica à história de todas as companheira aí, porque eu fui nascido e criado na zona rural, na roça, e toda vida gostei muito da roça, mas eu fui um menino criado sem o papai, meu pai morreu, eu fiquei muito novinho, dois anos de idade, e minha mãe era uma mulher trabalhadeira, mas que não tinha firmeza, até porque ela também não tinha um lugar próprio, então não tinha como firmar. Um tempo estava com um fazendeiro, um tempo estava com outro, e aquilo ali era um problema pra nós. (Pesquisa de Campo, 2014.)

Contrário a este implícito desejo de se estabelecer definitivamente na terra há, quem considere o território como um empecilho para atingir seus sonhos. Estes entendem o mundo como um espaço comum cujas diferentes realidades devem ser rapidamente assimiladas e

superadas para que se possa delas extrair os benefícios desejados, mesmo que isso implique, no curso do tempo, a homogeneização das perspectivas e o declínio das culturas minoritárias. Corrobora esse entendimento a seguinte reflexão:

> Desteritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização. Vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada pra se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. (SANTOS, M., 2010, p. 597)

Diante da dualidade das perspectivas postas, interessou para esta pesquisa problematizar o ponto de vista do assentado do Olga Benário, que após anos de luta conseguiu, enfim, realizar o sonho de ter a própria terra para trabalhar, um lugar definitivo para morar, um território finalmente sob sua posse. Um espaço, no entanto, propenso a contraditórias manifestações culturais forjadas no sinuoso trajeto imposto pelo longo tempo vivido em situação de opressão.

Por isso, foi necessário compreender como esses sujeitos assimilaram os aprendizados mediados pelos lugares que a sua condição de trabalhadores rurais sem terra e de militantes do MST os conduziram e, também, analisar os significados que esses aprendizados poderiam ter no âmbito de sua formação e na construção de suas perspectivas quanto à escolarização e ao futuro de seus filhos.

As idas e vindas desses trabalhadores foi consequência, então, de pelo menos duas situações. A primeira imposta pelas questões trabalhistas muitas vezes marcadas por uma desproporcional relação de poder entre empregados e empregadores que obriga o trabalhador, quase sempre a parte oprimida, a uma constante busca de melhores condições de vida, como afirma a trabalhadora Glória em sua justificativa para aderir ao MST:

> Justamente! Porque você vê, toda vida a gente morou na fazenda dos outros, na hora de você fazer as colheita o patrão dava um jeitinho de descombinar com você pra você ir embora, era aquela coisa, e toda vida era essa vida, ganhava pouco, fazia um trato não cumpria, né! (Pesquisa de Campo, 2014.)

A outra situação ocorre quando, após aderir à luta pela terra, o trabalhador rural participa dos constantes deslocamentos impostos à militância pela estratégia de ação das lideranças dos movimentos sociais que lutam pela Reforma Agrária. Estes aspectos foram

analisados como elemento constitutivo de uma educação que, em lato sentido, incorpora aprendizados assimilados em diferentes lugares pelos quais passaram as pessoas que, agora, habitam um só território chamado Assentamento Olga Benário. Quanto a este aspecto da formação, Milton Santos afirma que:

> Mas, num mundo do movimento, a realidade e a noção de residência (Husserl, Heidegger, Sartre) do homem não se esvaem. O homem mora talvez menos, ou mora muito menos tempo, mas ele mora: mesmo que ele seja desempregado ou migrante. A 'residência', o lugar de trabalho, por mais breves que sejam, são quadros de vida que têm peso na produção do homem. (SANTOS, M., 2010, p. 597)

No mesmo sentido, a construção e adaptação ao novo território também mereceram a atenção quanto à assimilação de aprendizados por parte dos assentados. Entre os aspectos que foram analisados e que, de certa forma, apresentam interface com o espaço do assentamento, estão a superação das dificuldades iniciais da ocupação, os sucessos e os reveses na produção e comercialização de alimentos, a necessidade de trabalhar fora do assentamento para complementar a renda familiar, o sentimento de abandono em relação ao Poder Público, o desencanto de alguns assentados em relação às lideranças locais do MST e a consequente criação de uma associação (ASPROAB), a inevitável interação com a cidade de Ipameri, a venda de parcelas por parte de alguns assentados e a chegada de outros totalmente alheios ao histórico de luta dos Sem Terra, a escolarização na zona urbana, o transporte escolar, a evasão dos jovens, além do próprio convívio comunitário que se estabeleceu ao longo de uma década de história do assentamento.

Enfim, a relação com o espaço é um importante elemento constitutivo dos processos formativos dos moradores do Assentamento Olga Benário e determinantes de aprendizados construídos nas suas experiências no passado de luta, na concretude das adaptações exigidas pelas demandas do momento presente e nas projeções feitas para o futuro. Justifica-se considerar a influência do espaço na educação individual e/ou coletiva dos assentados, refletindo-se, mais uma vez com Milton Santos:

> O homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. (SANTOS, M., 2010, p. 599)

Se o espaço é determinante na construção de conhecimentos e na produção de diferentes culturas, o Olga Benário se torna um ponto convergente das influências de vários

lugares do Estado de Goiás e, também, de outros Estados brasileiros dos quais migraram, anteriormente, alguns dos assentados. Além deste aspecto, outra situação que colabora para a complexidade do contexto do assentamento, é a perceptível dubiedade de valores produzida por uma realidade histórica, cultural, econômica e social que levou os referidos sujeitos a viverem com um pé na cidade e outro na roça, o que vem sendo potencializado pelo fato de os jovens estarem estudando em escolas localizadas na área urbana do Município de Ipameri.

A interpretação desses fenômenos mereceu atenção especial para identificar e analisar criticamente como as manifestações de ruralidade e urbanidade dialogam com as expectativas dos assentados em relação à escolarização e ao futuro dos jovens do Assentamento Olga Benário. A dificuldade crítico-interpretativa vem da miscigenação cultural que ocorre, sobretudo, nas pequenas cidades interioranas que têm uma estreita relação com o campo, como é o caso da cidade sede do município ao qual o Olga Benário está circunscrito.

No âmago desta reflexão, podem ainda ser evocados os parâmetros da OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – segundo os quais, para que uma localidade seja considerada urbana, seria necessária uma densidade demográfica de 150 hab/km^2, o que colocaria o Município de Ipameri, que de acordo com o IBGE[9] tem 5,66 hab/km^2, entre os 92,5% dos municípios brasileiros cuja densidade demográfica não permitiria classificá-los como urbanos (VEIGA, 2002).

É neste cenário, marcado por um tênue limite entre rural e urbano ou entre campo e cidade, que as contraditórias perspectivas acerca da escolarização verificadas entre os sujeitos investigados foram analisadas no sentido de apreender o que representa para eles a ausência de escola no assentamento e a consequente necessidade de deslocamento dos jovens para se escolarizarem na cidade de Ipameri. Ao refletir sobre as consequências da modernização da economia brasileira nas relações produtivas do campo, Pessoa (2007) nos auxilia nessa compreensão ao mostrar que:

> Nessas condições, tem-se há algumas décadas uma situação bastante diversificada nas relações entre campo e cidade. Primeiro, um campo modernizado – para alguns, urbanizado –, principalmente pela presença da agroindústria, eletrificação rural, abertura de estradas, suntuosas residências secundárias etc., e um grande contingente de sua população que, antes de ter acesso a esses benefícios, já havia perdido as condições de aí permanecer. Segundo, uma pequena parcela da população que permaneceu na condição de população rural mas, pela dependência de serviços de educação, saúde e comercialização dos seus produtos, vive um vínculo muito mais

[9] http://www.cidades.ibge.gov.br. Endereço eletrônico acessado em 19/01/2015.

> efetivo com a cidade do que com o campo. Terceiro, uma cidade com um grande contingente da sua população vindo diretamente das regiões rurais ou de pequenas cidades e, por consequência, perpassada por componentes culturais vinculados muito mais ao campo que à cidade. (PESSOA, 2007, p. 15)

Vários destes aspectos podem ser verificados na realidade do Olga Benário apesar de esse assentamento ser o resultado de uma "re-ação" ao movimento de expulsão dos trabalhadores do campo descrito pelo autor. Esta oposição, contudo, não impediu uma análise que considerasse a mesma perspectiva de seu pensamento.

Após todas essas considerações teórico-críticas acerca da territorialidade do Assentamento Olga Benário, faz-se necessário dar conhecimento ao leitor de alguns dados quantitativos produzidos pela pesquisa de campo. Algumas informações, que a princípio parecem não ter relação direta com o objeto de estudo desta investigação, serão apresentadas com o intuito de contribuir para o melhor entendimento da realidade na qual os processos educativos não formais dos jovens ocorrem ou deixam de ocorrer na medida em que o deslocamento imposto por uma escolarização fora dos limites do assentamento os priva de participar mais efetivamente da lida diária na terra. Esta opção foi feita em função de minha própria experiência durante a produção dos dados empíricos desta pesquisa, quando essas informações foram de fundamental importância para compreender e interpretar o contexto dos fenômenos analisados.

É oportuno mencionar que os procedimentos metodológicos já foram tratados no Capítulo I desta dissertação, no qual o instrumento[10] utilizado para produzir os dados que ora se apresentam, já foi discutido. Todas as informações têm como referência as 55 famílias assentadas que contribuíram para este levantamento. Esse número corresponde a mais de sessenta e cinco por cento (65,4%) do total das parcelas que constituem o Assentamento Olga Benário. O índice pode ser ainda mais significativo se for considerado que, do universo de 84 parcelas utilizado para efeito de cálculo, algumas se encontram desabitadas por terem sido adquiridas, de forma ilegal, por pessoas que residem na zona urbana ou que as usam como uma extensão de outras propriedades rurais.

As 55 famílias que colaboraram com o preenchimento do formulário perfazem um total de 199 pessoas, sendo 100 do sexo masculino e 99 do sexo feminino. Em relação à distribuição por faixas etárias, os dados confirmaram a preocupação dos adultos com a evasão

[10] APÊNDICE A.

dos jovens assentados. Na faixa etária de 21 a 30 anos foi possível verificar uma significativa diminuição do número de pessoas. Ou seja, assim que concluem o Ensino Médio os jovens abandonam o assentamento em busca de oportunidades de estudo e/ou trabalho, o que compromete a reprodução dos grupos familiares nas atividades produtivas do assentamento.

Semelhante conclusão é compartilhada pela moradora Cacilda ao afirmar que “tem assentamento que parece asilo, só fica velho”! (Pesquisa de Campo, 2013.) e, também pelo morador Diogo quando sugere que "Se não tiver uma escola profissionalizante, vai ficar aqui um asilo de velho"! (Pesquisa de Campo, 2013.)

O gráfico a seguir mostra a integralidade da distribuição dos moradores que compõem a amostra em relação à faixa etária:

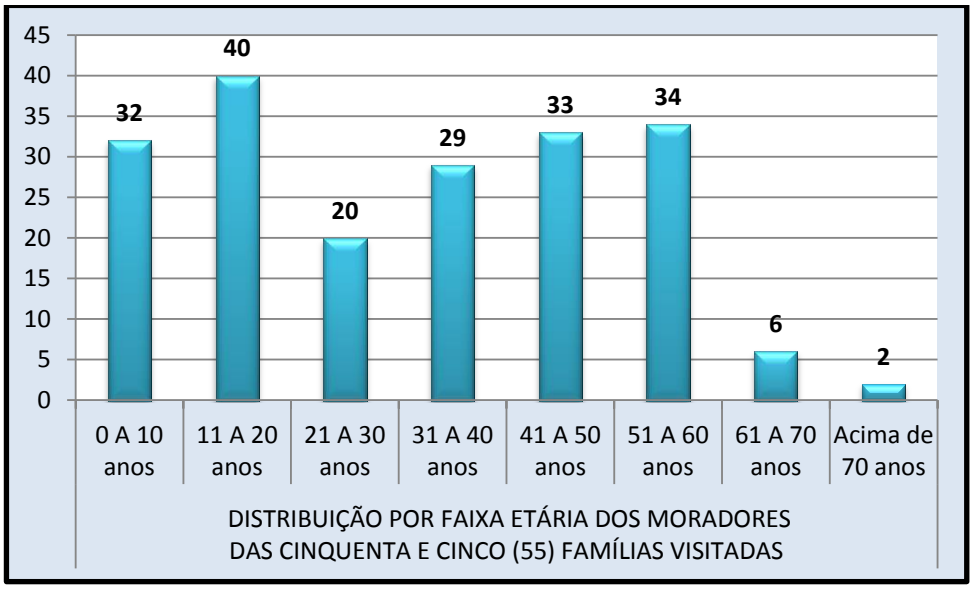


Gráfico 01: Distribuição por faixa etária dos 199 moradores da amostra de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

Se confrontados com o gráfico 01, os dados mostrados no gráfico 02 indicam uma concentração da escolaridade dos adultos na primeira fase do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Já o número de analfabetos representa 14,5% do total da amostra, índice muito acima da média nacional, que em 2013 era de 8,5%[11]. Embora a ficha de levantamento de dados não tenha sido estruturada para captar objetivamente o desejo dos adultos em continuar ou iniciar a sua escolarização, foi possível perceber esse interesse entre os moradores analfabetos e entre

[11] Fonte: IBGE/Penad- 2013

os que declaram ter dificuldades de ler e escrever, mesmo tendo frequentado os anos iniciais da educação básica. Essa demanda, a meu ver, estaria inviabilizada pela necessidade de deslocamento para estudar em uma sala de EJA localizada na zona urbana, o que seria resolvido caso houvesse uma escola no assentamento.

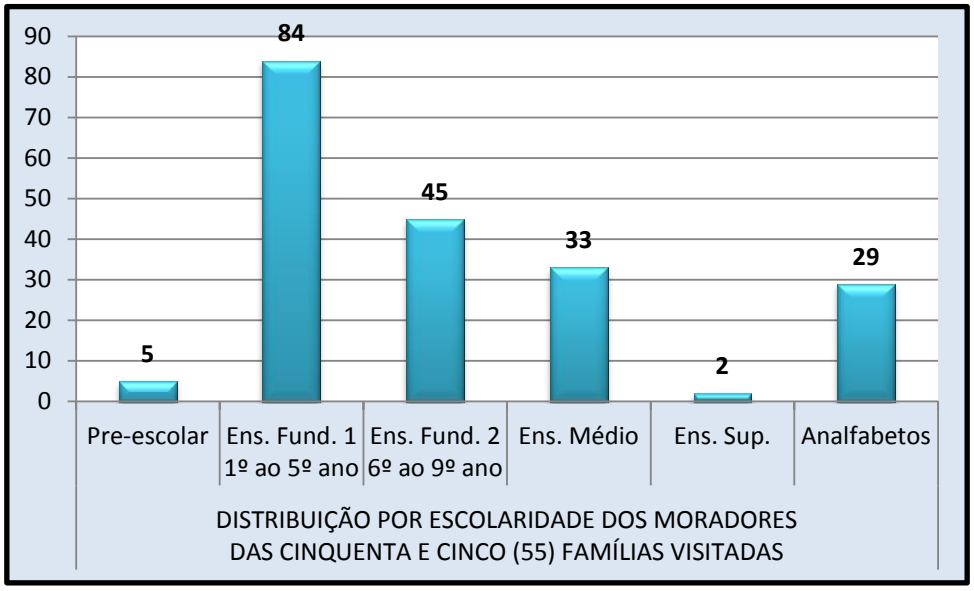


Gráfico 02: Distribuição por escolaridade dos 199 moradores da amostra de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

Ao visualizar o total de 22 jovens, com idade entre 15 e 19 anos, encontrado na amostra, foi possível verificar que 11 deles já atingiram ou já concluíram o Ensino Médio, 8 estão matriculados na 2ª fase do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e somente 3 ainda cursam a 1ª fase deste nível de ensino (1º ao 5º ano). Não foi encontrado entre os jovens desta faixa etária nenhum assentado analfabeto ou fora da escola. No entanto, ao analisar a escolaridade dos pais desses jovens e, também, a dos assentados adultos que não têm filhos morando no assentamento, constata-se que entre os 102 registrados, apenas 17 atingiram o Ensino Médio enquanto que 65 deles não foram além da 1ª fase do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e outros 10 se declararam analfabetos. Nestes termos, a porcentagem de jovens que atingiram o Ensino Médio é de 50% e provavelmente aumentará pelo fato de todos eles continuarem frequentando a escola sem apresentar, na maioria dos casos, grande defasagem entre idade e escolaridade. Já entre os adultos analisados o índice é de apenas 16,6% para os indivíduos que chegaram a frequentar o Ensino Médio, enquanto que 63,7% deles nem sequer chegaram à 2º fase do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).

Pelo exposto, é possível contrapor o interesse pela escolarização entre as duas gerações de moradores do Olga Benário. É provável que este aumento de escolaridade dos jovens assentados em relação aos seus pais tenha a ver com as facilidades de acesso em decorrência do transporte escolar e de outras políticas públicas como, por exemplo, os programas sociais que estão condicionados à frequência escolar dos filhos dos beneficiários. O fato de esta escolarização ser efetivada na zona urbana será oportunamente analisado no sentido de comprometer a participação dos jovens nas atividades familiares de produção.

Do total de 199 pessoas que integram as famílias pesquisadas, 57 são estudantes, todos matriculados em escolas da zona urbana de Ipameri, sendo que destes, apenas dois não fazem uso do transporte escolar. Segundo informações dos próprios estudantes, o tempo despendido em função do transporte escolar pode chegar, em alguns casos, a mais de 4 horas diárias distribuídas entre os trajetos de ida e volta da escola. Considerando que o período diário de aula das escolas do Município de Ipameri está definido entre 4 horas e 4 horas e 50 minutos, é possível concluir que o tempo gasto com o transporte escolar e o tempo de permanência na escola, em alguns casos, são equivalentes.

Vale ressaltar ainda, que os manuais[12] produzidos em parceria pelo MEC, FNDE e CEFTRU e que têm por objetivo a regulação do transporte escolar, chamam a atenção para que o tempo máximo de viagem não prejudique o bem estar dos alunos e nem o seu desempenho escolar, no entanto, transferem para a esfera local do Poder Público, a responsabilidade de defini-lo, levando-se em consideração as características da região. No caso do Olga Benário, a constatação do longo tempo de permanência dos estudantes dentro dos veículos para vencer a distância de 12 km que separa o assentamento da cidade, indica que os aspectos econômicos e/ou operacionais se sobrepõem ao conforto e à preocupação com o bom rendimento escolar dos usuários. Neste sentido, alguns jovens informaram que, apesar de acordarem antes de o sol nascer, às vezes chegam atrasados à escola. Outros, que estudam no período vespertino, relataram que chegam à escola uma hora antes do início das aulas.

Em relação à participação em cursos de capacitação ligados à produção agropecuária, verificou-se que apenas 62 pessoas têm experiência nesse sentido. A Pesquisa de Campo possibilitou perceber que os estudantes não têm muito interesse em participar dos cursos oferecidos no próprio assentamento, o que aponta para uma projeção do futuro profissional sem vínculo com a produção na própria terra, ou pelo menos distante, efetivada em outros

[12] Os manuais estão disponíveis na página eletrônica do FNDE: http://www.fnde.gov.br.

espaços. Esse aspecto corrobora a já mencionada preocupação dos adultos em relação à falta de interesse dos jovens em permanecer no assentamento.

O gráfico seguinte ajuda a visualizar a proporção deste dado em relação ao total da amostra.

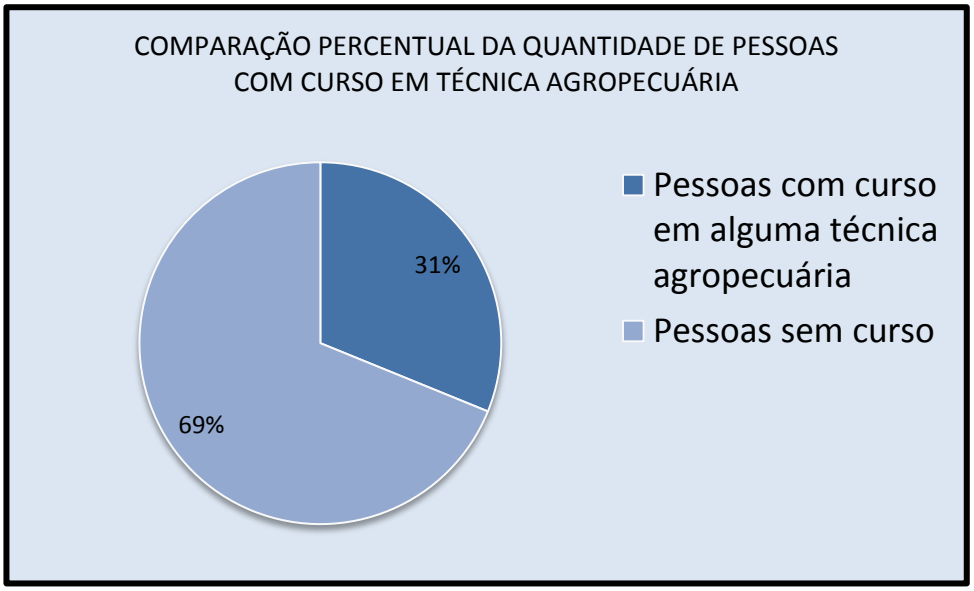


Gráfico 03: Percentagem de pessoas com curso em técnicas agropecuárias entre os 199 moradores da amostra de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

Assim, podem ser entendidas as palavras da moradora Zélia que, na ocasião do grupo focal com os associados da ASPROAB, deu o seguinte depoimento:

> PER, é! É um curso que a gente faz, pra você aprender a fazer um projeto, você analisar... se em tudo, se o jovem começasse a inserir também nesses programa aqui dentro, eles vai aprender que na terra dá pra gente sobreviver, porque, no caso, que nem elas estão falando, é um problema, que depois vai ficar só os velho se essas criança for tudo pra cidade, né! (Pesquisa de Campo, 2014.).

A baixa participação dos moradores nos cursos também tem a ver com a necessidade que os adultos ainda têm de buscar uma complementação da renda familiar em outros trabalhos fora de sua parcela. (Gráfico 04)

Dos 128 adultos que compõem a amostra, 50 exercem outra atividade remunerada fora do assentamento. A grande maioria é de homens que continuam trabalhando como empregados nas fazendas localizadas no entorno do Olga Benário, enquanto que outros buscam empregos oferecidos na cidade de Ipameri. Este fato demonstra que a simples posse da terra não foi capaz de tirar todos os assentados da condição de dependência em relação aos

fazendeiros ou em relação ao mercado de trabalho mais acessível nas áreas urbanas. Esta situação merece reflexão na medida em que pode influenciar nas perspectivas dos adultos quanto ao futuro de seus filhos e, também, na própria perspectiva dos jovens em relação ao seu futuro e, consequentemente, em relação à sua escolarização.

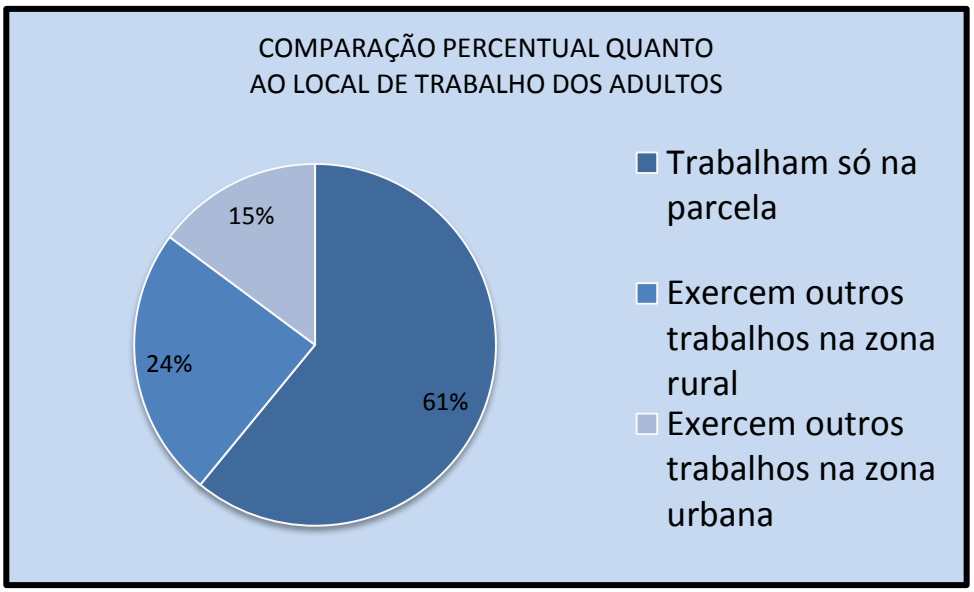


Gráfico 04: Percentagem de pessoas que trabalham fora da parcela entre os 128 adultos da amostra de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

Seria leviano afirmar, no âmbito desta pesquisa, que a falta de investimentos na estruturação dos assentamentos faz parte de uma estratégia de desconstrução que só interessa ao latifúndio rural. Ao impedir, influenciando as esferas do poder público, o aporte de recursos financeiros que viabilizem a estruturação e o pleno aproveitamento da agricultura familiar nas áreas da Reforma Agrária, os grupos que querem transformar a terra em um meio de produção que atenda exclusivamente à lógica capitalista, decretam o fracasso dos assentamentos e criam o falso axioma de que os assentados não têm competência para lidar com a terra, ou que não gostam de trabalhar e que, com isso, estariam impedindo o desenvolvimento do setor.

Conjecturas à parte, o factível é que as dificuldades enfrentadas pelos moradores do Olga Benário para produzir e a escolarização descomprometida com a luta travada pela terra, independentemente de ser fruto de uma intencional política opressora ou não, delineiam um cenário de desesperança que faz com que, principalmente os jovens, construam suas perspectivas sem nenhuma relação com a terra e, quando muito, pensam em se formar para trazer algum dinheiro que possa ajudar a aliviar o sofrimento de seus pais. É ao que remetem

as palavras da jovem assentada Maíra: "...e também, se eu for, por exemplo, estudar administração, eu posso ir ajudando eles, trazendo dinheiro, que talvez possa ser difícil aqui. Aí, eu posso ir trazendo dinheiro, ajudando eles nessas coisas". (Pesquisa de Campo, 2014.)

Quanto à produção de alimentos dentro do assentamento, foi possível verificar que as famílias se dedicam ao desenvolvimento de algumas culturas que, de certa forma, não apresentam grande diversificação, como demonstra o gráfico 05.

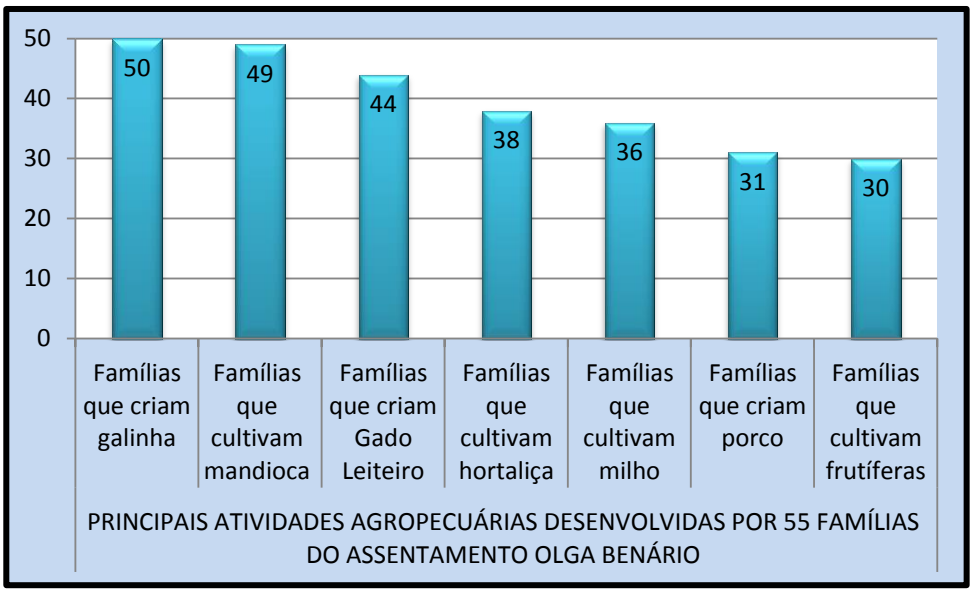


Gráfico 05: Principais atividades agropecuárias desenvolvidas por 55 famílias do Assentamento Olga Benário.
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

Apesar de, na sua totalidade, as famílias do Olga Benário ainda não poderem sobreviver exclusivamente da produção de alimentos, quer sejam para uso próprio ou para a comercialização, foi possível verificar que, de maneira geral, há muito empenho dedicado aos labores dessas atividades, sobretudo, no sentido de superar os problemas estruturais que impedem um melhor aproveitamento da terra. Em seus depoimentos, os assentados apontaram como dificuldades para produzir, a falta de água para irrigação, a falta de recursos para cercar, dividir, e formar pastagens nas parcelas, a dependência em relação ao maquinário do Poder Público Municipal no que diz respeito ao preparo do chão para as lavouras, a dificuldade de comercialização devido à falta de transporte para escoar a produção e, ainda, a baixa qualidade do solo de algumas parcelas.

De maneira geral, há entre os moradores do Olga Benário, um sentimento de frustração em relação à promessa de recursos financeiros públicos que seriam repassados para

estruturar as parcelas. Esta conclusão se baseia nos depoimentos dos moradores quando questionados sobre o que precisaria ser melhorado no assentamento: “O INCRA soltar verba, eles jogam as pessoas aqui dentro e esquece”, “por parte do INCRA é um abandono”, “a mentirada é que era pra sete meses e já vai dá sete anos”, (sobre a liberação de financiamento) ou ainda, “a gente luta pra conseguir um financiamento e não consegue”, “ajudar a gente a arrumar o pasto”, “um trator seria uma boa coisa”, “pra pegar o PRONAF tem que ter curso”, “o INCRA só vem pra estrová”! (Pesquisa de Campo, 2013)

Tais dificuldades não impediram as famílias de produzir alimentos (Figura 03) em uma variedade e quantidade bem superiores ao que antes produzia a antiga Fazenda Ouro Verde. Apesar de esta afirmação carecer de dados oficiais a mesma se baseia, empiricamente, em minha avaliação pessoal ao longo de mais de trinta anos de observação da realidade da referida propriedade que, nos anos que antecederam a ocupação, encontrava-se no mais completo abandono. Esta visível transformação do espaço da antiga área improdutiva, se observada criticamente, deveria ser capaz de dissipar o preconceito presente no discurso dominante de que os Sem Terra[13] não gostam de trabalhar. É neste contexto de produção que a educação não escolarizada ocorre ou deixa de ocorrer. Os aprendizados advindos do contato com a terra têm relação direta com as rotinas produtivas, o que é limitado pelas condições adversas impostas pela falta de efetividade das políticas públicas voltadas para os beneficiários da Reforma Agrária.

Figura 04: A produção de alimentos no Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

[13] De maneira geral, é assim que a população da cidade de Ipameri se refere indiscriminadamente aos moradores do Assentamento Olga Benário.

Sobre a receita familiar, as informações indicaram um valor médio de R$ 1107,00 (um mil cento e sete reais), incluindo neste dado as quantias advindas de programas sociais como o Bolsa Família e o Renda Cidadã[14]. Em relação às famílias analisadas, esses benefícios estão assim distribuídos:

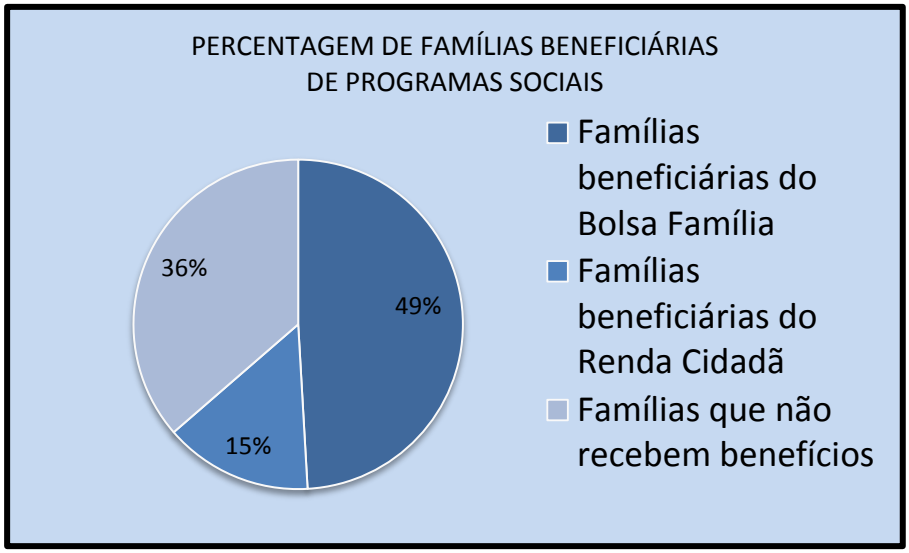


Gráfico 06: Percentagem de famílias beneficiárias de Programas Sociais entre 55 famílias do Assentamento Olga Benário.
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

Se considerar a reprodução dos grupos familiares que vivem no Olga Benário, esse dado também é preocupante, pois demonstra que 64% das famílias dependem da ajuda governamental e esse aspecto também contribui para que os jovens assentados construam suas perspectivas futuras longe da realidade rural na qual vivem. É ao que remete o pensamento da jovem assentada Márcia, que no grupo focal com os jovens fez a seguinte afirmação: "Bom, no meu caso, eu gosto muito daqui, mas eu pretendo morar em Goiânia, eu acho, porque eu gosto também bastante de lá, que eu vou sempre para lá. Mas, eu pretendo ajudar meus pais". (Pesquisa de Campo, 2014.)

Outras informações ajudam a compor a realidade do assentamento: todas as parcelas visitadas possuem casas de alvenaria com um razoável padrão de construção e a maioria das famílias aguarda o recebimento de um benefício referente ao acabamento das mesmas (fig.03). O acesso à energia elétrica é garantido a todos os moradores, assim como a água

[14] Os Programas Bolsa Família e Renda Cidadã são ações governamentais de caráter social que visam à transferência direta de renda às famílias em situação de pobreza e/ou de extrema pobreza.

encanada. Das 55 casas visitadas somente duas não tinham aparelho televisor. 46 famílias possuem pelo menos um veículo automotor, sendo que, 32 possuem motocicletas e 30 possuem automóveis.

Figura 04: Casas do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO.
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

Em relação à representatividade, os dados mostraram que existe atualmente no assentamento uma polarização entre o MST, movimento ao qual, originalmente, todos os moradores eram vinculados, e a ASPROAB, associação criada a partir de uma dissidência em relação ao primeiro.

Durante o longo período da Pesquisa de Campo foi possível perceber que os motivos que levaram alguns moradores a romper com o MST têm a ver com a insatisfação em relação às suas lideranças locais e não com o movimento em si. Essa afirmação pode ser justificada pelas palavras de Reinaldo, morador que ainda se mantem ligado ao MST, mas que, em relação à principal liderança local da época, disse: “Ele faz como as galinhas, pega tudo juntinho e espalha com os pés”. (Pesquisa de Campo, 2013.)

Em outro depoimento, a assentada Zélia apresenta os motivos que a fizeram deixar o MST para filiar-se à ASPROAB:

> Bom, eu acho o seguinte... aliás, não que o Movimento em si, que todos movimentos sociais, eles são bem vindos, né! Ele está aí pra ajudar as pessoas, mas os cabeça grande daqui do Movimento é que... eles buscavam só pra eles, então a gente ficou muito sofrido, ficava... na época que nois entrou, eu estou desde o pré-assentamento, eu não estava no acampamento, né! Mas, com três anos sem cortar a parcela, e saindo aluguel de pasto aqui, era oito mil reais que eles pegava por mês de aluguel de pasto e todo mundo sofrendo e ninguém sabia pra onde ia esse dinheiro, porque não era dividido entre os acampado, né! E ficava naquele sofrimento e nada! E buscando e nada, nada! Buscando, nada... Até que resolvemos largar de mão do Movimento e abrir uma associação, na época tinha sessenta e pouco, hoje nós estamos com quarenta e cinco associados, né! E isso já tem seis anos, né! Seis ou sete anos, né! Que nós abrimos a associação, assim, em si, por causa que assim, porque da liderança do Movimento, porque não agradava todos... (Pesquisa de Campo, 2014.)

Este excerto mostra que no auge da crise que gerou a dissensão, era grande a insatisfação e desconfiança em relação aos líderes locais do MST, no entanto é possível perceber que, no momento atual, tem-se o cuidado de poupar das críticas o "Movimento em si". Neste sentido, pode também ser interpretada a diminuição ao longo do tempo do número de moradores afiliados à ASPROAB.

Outro aspecto a ser considerado é o grau de animosidade gerado por esse episódio. À época, a forte influência formativa e ideológica construída na, então, recente militância de luta do MST, fez com que alguns assentados reagissem com violência contra os idealizadores da referida associação. Alaor, um dos participantes do grupo focal realizado com os membros da ASPROAB, lembra:

> O primeiro que começou a inventar o negócio da Associação foi embora amarrado, foi expulso... foi lá uma turma deles lá, e pegaram ele lá, e saiu até tiro lá, uma meia-noite véia lá, de madrugada, amarraram ele lá e enfiaram, e jogaram ele numa camionete. (Pesquisa de Campo, 2014.)

Apesar da evidente resistência, no dia 22 de junho de 2008, uma assembleia geral aprovou o estatuto da Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Olga Benário – ASPROAB – que, dois dias depois, foi registrado no Cartório do Segundo Serviço Notarial de Registro de Pessoas Jurídicas, Títulos e Documentos e Protesto da Comarca de Ipameri-Estado de Goiás.

O gráfico 07 mostra em dados quantitativos, a atual situação representativa do Assentamento Olga Benário dentro da amostra analisada:

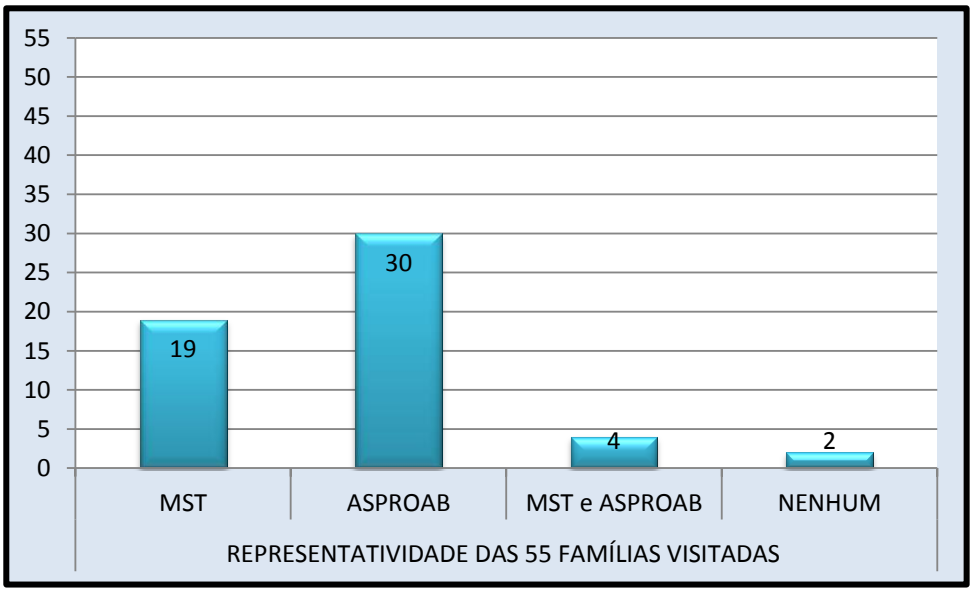


Gráfico 07: Vínculo Representativo de 55 famílias do Assentamento Olga Benário.
Fonte: PESQUISA DE CAMPO, 2013.
Org.: FERREIRA, Ricardo.

Esta divisão da representatividade dos assentados foi percebida desde o início da Pesquisa de Campo e chamou a atenção para algumas características distintas nos discursos dos grupos, principalmente no que diz respeito ao sentimento de pertencimento e aos valores construídos na luta como militantes do MST. Devido a esta situação, por uma questão de prudência, decidi pela realização em separado de dois grupos focais com o objetivo de detectar e analisar possíveis divergências e/ou aproximações de cada um dos segmentos em relação à significação dada às experiências educativas vivenciadas e ao processo de escolarização.

A análise pormenorizada desses registros, bem como a interpretação das outras informações produzidas ao longo da investigação, serão objeto do próximo capítulo, a ser composto a partir da definição de alguns eixos analíticos formulados em função da questão problema que delineou as ações e reflexões deste estudo.

CAPÍTULO IV
DESFIANDO SABERES, TECENDO RESPOSTAS

As visões dos sujeitos assentados suscitadas pela empiria têm mantido desde a introdução e ao longo dos demais capítulos, um permanente diálogo com o objeto central deste estudo. Definido pela percepção da comunidade do Assentamento Olga Benário de Ipameri sobre a escolarização de seus jovens, o objeto foi respectivamente analisado em função de suas interfaces com as motivações que levaram à investigação, com a metodologia da pesquisa, com o aporte teórico e com a descrição crítica da realidade do assentamento. Com este propósito, à medida do que julguei necessário, optei por explicitar nos fragmentos de falas, o pensamento dos sujeitos.

Neste capítulo, prioritariamente, dou ênfase aos depoimentos no sentido de extrair as percepções que os sujeitos têm em relação aos fenômenos que orbitam o objeto, buscando responder, ainda que parcialmente, a questão problema deste estudo. A análise dialógico-crítica abarca as possíveis causas e efeitos das atuais concepções dos sujeitos investigados, sendo empenhado para esse fim, um exercício quase ficcional de viajar no tempo através das marcas deixadas pelo passado de luta, pelas premências do momento atual e pelas projeções de futuro, aspectos que emergiram ao longo do trabalho de campo e, sobretudo, no calor das interações provocadas pela técnica do grupo focal.

Nessa disposição, quatro eixos centrais foram organizados para direcionar a interpretação das informações selecionadas da totalidade do material empírico produzido, definindo as principais rotas da análise. Essa delimitação, que teve por objetivo manter a pertinência analítica em função do problema, não impediu que algumas variantes fossem percorridas ao longo deste capítulo para realçar outros elementos importantes de serem discutidos com vistas a uma melhor apreensão dos significados construídos pelos sujeitos e que, de alguma forma, servem aos propósitos desta investigação.

Ao basear minhas reflexões em eixos analíticos, pretendo manter-me coerente com a opção de construir um texto que desde o início tem evitado a compartimentação de ideias, mesmo porque o próprio material empírico obriga a uma interpretação de caráter holístico que dificilmente seria possível realizar a partir da tradicional categorização de dados. Essa rígida subdivisão das informações foi preterida por induzir um tratamento isolado das percepções

dos sujeitos o que comprometeria uma análise orgânica das imprescindíveis interfaces entre os eixos definidos.

O primeiro eixo analítico diz respeito aos **indícios de que os sujeitos perceberam e reagiram contra a opressão que os impedia de realizar o sonho de ter a própria terra para trabalhar e viver**. Este processo de transformação interessou à análise por sua descrição ter se apresentado com sentidos de aprendizados marcados temporalmente pelo antes e o depois da entrada na luta pela terra. Neste sentido, Freire (2014, p.74) afirma que: "Precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização".

O segundo eixo remete aos **valores construídos na militância do MST**. Os fragmentos selecionados para esta dimensão das reflexões são caracterizados por uma linguagem que expressa o sentido formativo da luta. Tais depoimentos muitas vezes apresentaram um forte sentimento de pertencimento e indicam a assimilação de ensinamentos comuns construídos nas dificuldades e riscos decorrentes da rebeldia coletiva característica das práticas extremas dos movimentos sociais. Os indícios de negação e dispersão também foram analisados em contraponto à assimilação destes valores.

> A pergunta que aflora: por que os movimentos sociais teriam essas virtualidades educativas tão de raiz? Uma das suas características é seu envolvimento totalizante. Quando em movimento, os sujeitos vivem em torno do que e do como estão sendo; consequentemente, todas as dimensões de sua condição existencial entram em jogo. Frequentemente sua vida é posta à prova em situações de risco. Nos momentos de mobilização se vivenciam situações-limite: de um lado, como ponto de partida e motivação as carências existenciais no limite; de outro lado, coletivos se articulam em processos de luta e reivindicação tensos, arriscando o emprego, a segurança, a vida, a identidade. Muitos dos movimentos sociais carregam a característica de ser vivências existenciais totais. (ARROYO, 2011, p. 251.)

A relação dos jovens com o assentamento foi o que definiu a seleção dos depoimentos que compõem o terceiro eixo analítico. Com essas informações, foi possível perceber as diferentes expectativas dos jovens em relação ao seu futuro e também as contraditórias expectativas dos pais quanto ao futuro de seus filhos. As aproximações e distanciamentos entre essas perspectivas foram criticamente analisadas no âmbito de uma escolarização efetivada em um contexto cultural, social e econômico propício a produzir uma intensa dubiedade de valores.

Ao cerne desta análise foram trazidos os dados que formam o quarto eixo analítico, o qual reúne os depoimentos que revelam **como os sujeitos percebem a efetiva educação escolar oferecida aos jovens do assentamento**. Não menos contraditórias que os demais aspectos, as informações trouxeram à tona questões que vão além dos problemas estruturais como, por exemplo, o transporte escolar. Muitas denotam um misto de assimilação e rejeição dos princípios inculcados por uma pedagogia produzida pela sociedade envolvente que, através da escola, implacavelmente desconsidera o histórico das famílias camponesas que optaram por enfrentar o sistema para terem garantido o direito de viver no campo. Em uma reflexão que envolve as interfaces entre os dois últimos eixos, Martins (1975) faz um alerta que julgo ser pertinente:

> (...) a eficácia da escola em cada uma dessas situações sociais (a da economia do excedente e a da economia de mercado) depende de fundamentos estruturais diversos, apesar da aparência de não-diversidade, e não do teor do ensino nem da eficiência do professor. Ela se relaciona, basicamente, com a possibilidade de surgimento de um projeto individual ou familiar, mas de qualquer modo socialmente dado, de negação da existência rural. (p. 100)

Este pensamento, além de ilustrar a complexidade que envolve a interpretação dos eixos aos quais contempla serve também para abrir espaço para que os saberes comecem a ser desfiados em função da questão motivadora deste estudo.

Feita a breve apresentação dos quatro eixos centrais, passo então à primeira rota analítica a qual focaliza a percepção e a reação dos sujeitos contra a sua condição de oprimidos. O depoimento que abre minhas reflexões traz as marcas da crueldade desumanizante com que muitas vezes são tratados os trabalhadores rurais levados à exploração extrema pelo modelo de produção capitalista:

> Eu vim pra luta por causa que eu trabalhava de boia-fria e aí... tem muitos anos que eu trabalho de boia-fria, aliás, quase a minha vida inteira. Quando eu vivia na Bahia eu trabalhava na roça junto com meu avô, minha mãe, depois nós viemos pra Goiás e eu trabalhava de boia-fria lá em Itumbiara. Aí, passei mal na roça porque o avião estava batendo veneno no algodão e eu limpando o algodão. Aí, intoxiquei com o veneno e fui quase morta pro hospital e chegou lá, cuidei e tudo, mas eles me mandaram embora. Fiquei três dias, quando eu voltei eles disseram que não precisavam, como a carteira não era registrada. Aí, disseram que não precisavam mais do meu serviço, porque eu estava passando muito mal e eu pensei, *"porque ficar trabalhando de boia-fria se eu posso entrar no acampamento e lutar por um pedaço de terra pra mim"?* (LUZIA, Pesquisa de Campo, 2014.)

O relato da trabalhadora Luzia revela que sua história é farta de situações que podem ter sido assimiladas como significativas lições de que sua condição de oprimida é algo inerente, natural, quase que hereditário, tanto que passou de seu "avô" para a sua "mãe" e de sua "mãe" para ela mesma. Nada mais previsível, na sutileza do pensamento dominante assimilado, que essa condição fosse transmitida também para seus filhos. Ensiná-los a suportar a dura rotina de um boia-fria deveria ser, logicamente, a melhor forma de garantir-lhes um futuro condizente com a nata condição de oprimidos que são filhos de uma oprimida, netos de outra oprimida, e bisnetos de mais um oprimido. Seria possível esta situação perpassar as quatro gerações sem que alguém se perguntasse por que deveriam produzir algodão, ou qualquer outra coisa, em condições tão insalubres? Não teriam esses lavradores, questionado sobre os reais beneficiados pelo produto de seus esforços? Ou, simplesmente, a limitação da capacidade de transformar reflexão em ação teria impedido a superação dessa condição: "Não basta saber ler mecanicamente que *"Eva viu a uva"*. É necessário compreender qual a posição que *Eva* ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho" (FREIRE, 1975, p. 255).

O depoimento de Luzia, entretanto, tenta explicar o motivo que a levou a "vir para a luta" tendo como fator culminante a dispensa compulsória após ter se ausentado por "três dias" e "quase ter morrido" em função do próprio trabalho como boia-fria. Descartada por não ser imune ao poder envenenador dos agrotóxicos, Luzia poderia ter ficado se culpando por não estar apta a ser totalmente explorada pelo sistema opressor, visto que o próprio lhe ensinara que era ela mesma a única responsável por sua condição de oprimida. Ao compreender-se descartável, coisificada, lamentar-se seria, na ótica do opressor, a esperada reação de uma trabalhadora submetida às injustiças impostas à sua classe ao longo das gerações. Mas ao final do depoimento, Luzia chega a uma surpreendente conclusão: "por que ficar trabalhando de boia-fria se eu posso entrar no acampamento e lutar por um pedaço de terra pra mim"?

Neste ponto da reflexão surge a lacuna que desencadeou as interações seguintes. De onde Luzia teria tirado a ideia de entrar no acampamento e lutar por um pedaço de terra? Quem teria lhe ensinado isso? Muito provavelmente não fora o encarregado ou gerente da fazenda que a dispensou. Muito menos teria sido o proprietário da lavoura de algodão que ela muito provavelmente nem tivera a chance de convidar para ser padrinho de um de seus filhos e assim tornar-se comadre do opressor como se fazia nas épocas do arrendo no Município de Orizona, em Goiás, para disfarçar a relação de opressão e dependência entre fazendeiros e

lavradores (LOUREIRO, 1982). Essas conjecturas, para além da mera suposição, me instigam a refletir que uma educação para o oprimido pensada justamente por quem oprime jamais será capaz de conscientizar, por exemplo, uma boia-fria, levando-a a perceber que também tem direito à terra para trabalhar e produzir para si e sua família.

Questionada sobre como teria decidido entrar na luta, Luzia traz para a análise outro elemento:

> Não, é porque já tinha um rapaz lá que era do acampamento, só que ele trabalhava de boia-fria e ia pro acampamento. Aí, ele me chamou, *"Luzia, vamos lá! Quem sabe você não ganha uma terra"?* Aí, foi onde eu fui. Através dessa pessoa que eu conheci o Movimento. Que antes eu tinha os Sem Terra como vagabundo, que é o que a gente vê na televisão, né! Que é vagabundo, que gosta de invadir fazenda dos outros, sendo que não é nada disso. E aí, ele foi explicar pra mim que não era nada disso e tal, eu falei... que eu fiquei até com medo. Aí, mas mesmo assim eu falei "vou tentar, quem sabe"! Você tem que conhecer pra depois falar, né! E fiquei. (Pesquisa de Campo, 2014.)

Surgiu na vida de Luzia o MST, um movimento social que se organizou na década de 1980 para lutar por uma Reforma Agrária popular e que tinha como uma de suas bandeiras garantir o acesso à terra para todos os que nela trabalhavam[15]. Mas, para Luzia, marcada pelo discurso dominante, que também tem o poder de educar e quase sempre o faz no sentido de manter o *status quo*, os Sem Terra eram "vagabundos" que gostavam de "invadir fazenda dos outros". Luzia superou o medo de contrariar esses aprendizados e resolveu "tentar". Aí, aprendeu diferente e concluiu que "não era nada daquilo". O movimento social acabava de mostrar para aquela mulher que ele também tinha muito para ensinar, e que esse ensinamento não a fazia entender-se como coisa descartável, mas como ser humano pleno de direitos que precisavam ser buscados. E, reumanizada por seus novos aprendizados, Luzia gostou do que aprendeu, e "ficou". Baseio-me nessas argumentações para afirmar que uma escolarização será realmente democrática se sua prática contemplar de forma crítica o contraditório político e ideológico de seus ensinamentos, permitindo que os educandos, na diversidade de seus quereres, exerçam seu papel de sujeitos.

A força percebida no depoimento de Luzia não é menor nas palavras da assentada Érica ao explicar como teria aderido à luta do MST:

> Nasci e me criei em terra de fazendeiro, né! Meu pai era lavrador, trabalhava muito. E ali eu via meu pai trabalhar, sofrer daquele tanto, a gente era oito filho, e meu pai trabalhava... levantava às três horas da manhã, tirava o leite e ia pra sede, né!

[15] As Bandeiras do MST: http://antigo.mst.org.br/taxonomy/term/329. Acessado em 05/02/2015.

> Trabalhar. E nois ficava lá no retiro. Aí, ali a gente plantava, capinava... a gente que cuidava, né! E cresci com isso, *"um dia eu quero ter minha terra"!* Tive esse sonho, loucura! Eu fazia tudo pra ter meu pedacinho de terra. Eu pensava em escrever pro Gugu, escrever pro Ratinho, escrever pro Silvio Santos, escrever pro Netinho, né! Mas nunca escrevia, mas falava, *"gente, eu quero ter meu pedacinho de chão"!* Aí, quando uma vez chegou um pessoal em Pires do Rio, falou, *"Oh! Vai vir um pessoal pra Pires do Rio aí, que vai dá dinheiro, vai dá terra, vai dá tudo, né! Pras pessoa ir trabalhar, vai dá até a terra"! "Viche! Quando vai ser isso"?* Fui atrás, né! Passado uns três mês chegou o Movimento... (Pesquisa de Campo, 2014.)

Este fragmento extraído do grupo focal realizado com os moradores que ainda se consideram Sem Terra, tem em comum com o depoimento anterior a relação de dependência entre trabalhador e proprietário de terra, dependência esta, que nos dois casos foi transmitida de uma geração para outra. Outro elemento marcado na fala é a aceitação do sofrimento imposto aos lavradores pelo trabalho excessivo como se isso fosse consequência da sua condição de inferioridade classista. Érica, no entanto, acrescenta à discussão o sonho comum dos sujeitos de terem a própria terra, um desejo "louco" que a fazia pensar em recorrer a renomados apresentadores de programas de televisão que buscam garantir a audiência por meio da realização do sonho de algum felizardo telespectador. A televisão aparece novamente inculcando saberes e, mais uma vez, o ensinamento é contrário à luta, pois Érica esperava um dia ser agraciada com um pedaço de chão através da bondade dos artistas, sendo que para isso o único esforço necessário seria escrever e contar com a sorte. Mas Érica não escrevia. Seria por fazer parte daqueles 14,5% de analfabetos que compõem a amostra dos dados quantitativos? Ou o que Érica não tinha aprendido era simplesmente superar a mera consciência apartada da ação?

Ao final de seu depoimento, assim como Luzia, Érica se refere ao "Movimento" e na sequência declara:

> Era! O movimento do MST! Aí, chegou. Eles chegaram lá no dia quatro, de 2004, acho que foi no início... no início do ano, e eu fiquei sabendo já fui lá, procurei as pessoas, fiz a minha inscrição, né! E fui pra dentro do acampamento, e... igual a Rosa falou, você encanta. Que eu não sei da onde saiu tanta gente, da onde sai tanta gente, e aquelas pessoa muito bem preparada, a organização do Movimento é excelente! Muito boa mesmo! (Pesquisa de Campo, 2014)

A chegada do MST à cidade despertou Érica e fez com que ela começasse a se movimentar para conquistar o seu sonho. "Procurou as pessoas", "fez a inscrição", "foi para dentro do acampamento". Érica agiu. E se "encantou". Érica ainda teria muito que sofrer na militância do movimento até chegar ao Olga Benário e edificar uma bela casa localizada

próxima a um rio onde a encontrei trabalhando ao lado de seu esposo, de sua filha e de sua neta. Família assentada, ocupando e produzindo no espaço conquistado na luta. O MST, ao contrário da televisão, tinha lhe ensinado que não basta sonhar, é preciso lutar pelo seu sonho. Paulo Freire poderia tomar emprestada a história de Érica para exemplificar a sua visão acerca da conscientização: "Conscientização, é óbvio, que não para, estoicamente, no reconhecimento puro, de caráter subjetivo, da situação, mas, pelo contrário, que prepara os homens, no plano da ação, para a luta contra os obstáculos à sua humanização" (FREIRE, 2014, p.158).

Interessado neste aspecto comum das falas dos sujeitos, provoquei-os a falar mais sobre como teria ocorrido a decisão de trazer o sonho à realidade através da ação. Ao que me respondeu o assentado Reinaldo:

> Eu te disse aqui no início. Começou da formação! O que é a formação? Nós somos um... éramos umas crianças inocente na história. Chegou você, que já um educador formado pra aquela história e nos formou! Agora, nos chamou pra essa ação, porque você viu o nosso sonho, os nossos desejo, você percebeu, chamou nois pra essa luta e nois chegamos junto. (Pesquisa de Campo, 2014)

Reinaldo destaca o papel da "formação" e do "educador", que ao se preocuparem em ser solidários aos sonhos do oprimido que ainda pensa e age como "crianças inocentes na história", logo conquistam o seu interesse e seu total engajamento, o que o faz "chegar junto" ao processo de luta. Seria pertinente indagar se este aspecto da educação não formal, construída na militância dos movimentos sociais, faz parte da educação escolarizada dos jovens assentados. Estaria a escola "vendo o sonho" desses alunos? Estaria ela atenta aos seus "desejos"? Estaria "percebendo" as necessidades desses jovens? Ou estaria, simplesmente, sendo efetiva na desconstrução de perspectivas alternativas àquelas impostas pelo sistema dominante? Reitero a percepção enunciada na introdução de que nenhuma estratégia pedagógica que levasse em consideração a história de vida dos alunos assentados podia ser verificada na rotina da escola na qual eu trabalhava e que, por coincidência, recebeu a maioria dos jovens assentados. Voltando ao depoimento de Reinaldo, este ao trocar o "nós somos" por "nós éramos", demarca o antes e o depois da ação educativa que o teria tirado da "inocência". Isso evidencia a efetividade do caráter formativo dos movimentos sociais.

Em outro depoimento selecionado para compor esta rota da análise uma moradora dissidente do MST e associada à ASPROAB também revela sua opção pela luta a partir do contato com o MST:

> Aí quando meu marido chegou de noite já falei pra ele, *"oh! Fui pra uma reunião ali, e disse que era pra nois ganhar terra, eu não entendi direito não, mas eu vou"!* Ele falou, *"você tá ficando doida, é aqueles povo que mata gente e atira, que briga, vai matar minha filha, pelo amor de Deus, eu já tô quase conseguindo trabalhar no frigorífico"!* Eu falei, *"não, você fica aí só, eu vou mais ela*, porque *lá agente vai ganhar terra logo, eles falou que em três mês nois ganha terra"!* É, e aí eu fiquei animada, falei, *"como nois trabalhou a vida inteira na roça, mais meu pai, nois nunca teve nada, eu vou trabalhar, porque se nois conseguir um chãozinho é bem mais bão pra nois"*. (SEBASTIANA, Pesquisa de Campo, 2014.)

O contato com as lideranças do Movimento fez com que Sebastiana passasse a acreditar na possibilidade de realização do sonho de ter um "chãozinho" e que isso seria melhor do que dedicar a vida inteira ao trabalho na roça para no final não "ter nada". Outro aspecto que se repete é a capacidade que tem a palavra das lideranças do MST de superar o imaginário negativo que o discurso dominante confere aos Sem Terra: "gente que mata, que atira e que briga". Sem ter a intenção de fazer juízo de valor, mas apenas para que seja pedagogicamente considerado, chamo a atenção para o poder que carrega em si uma educação que se potencializa por ser solidária aos interesses e sonhos de seu sujeito.

Repetidamente, os sujeitos, ao explicarem os motivos que os levaram a aderir à luta do MST, começam descrevendo a sua condição de oprimidos e falam do sonho que sempre tiveram de ter a própria terra. Isso pode ser visto nas palavras de Luzia, Érica e Sebastiana. No entanto, outros depoimentos comprovam esta constatação. A assentada Glória inicia sua justificativa da seguinte forma: "toda vida morei na fazenda dos outros, né"! Mais adiante lembra o pedido de seus filhos: "A senhora podia dá um jeito de entrar nesse movimento pra vê se nois pega uma terra pra nois, pra nois parar com esse negócio de morar na terra dos outros". (Pesquisa de Campo, 2014) Já o morador Paulo descreve assim seus motivos: "Eu sou órfão, fui criado na mão dos outros em roça, trabalho aqui, trabalho ali, desde menino pequeno, né! Aí, o sonho da gente sempre era morar na roça, ter a terra, né! Sei fazer tudo de roça. E aí, graças a Deus, agora tá tudo certo. Sonho realizado"! (Pesquisa de Campo, 2014) Reinaldo, que por outro motivo já teve este depoimento transcrito anteriormente, faz declaração parecida: "(...) esse momento de entrada nessa luta é quase idêntica à história de

todas as companheira aí, porque eu fui nascido e criado na zona rural, na roça, e toda vida gostei muito da roça (...)". (Pesquisa de Campo, 2014)

Os depoimentos transcritos até aqui demonstraram como o MST foi decisivo para que os sujeitos repensassem seus históricos de trabalhadores oprimidos e incorporassem a luta como um valor fundamental de suas vidas. Não se pode perder de vista que o Olga Benário, em sua formação original, era constituído somente por Sem Terra, e hoje os moradores que reconhecem essa identidade são minoria no assentamento. No entanto, foi justamente na luta como militantes desse movimento social que outros valores comuns entre os sujeitos foram construídos.

O segundo eixo de análise envolve um conjunto de informações caracterizado por palavras e expressões que denotam aprendizados adquiridos no pleno exercício da rebeldia contestatória que envolve o período de acampamento e de ocupações das fazendas. Aliás, afirmo, mesmo que extemporaneamente, que no atual contexto social, político, econômico, cultural e educacional desse assentamento, novos aprendizados logicamente acontecem, mas quase nenhum no sentido de preservar e reforçar aqueles advindos da luta pela terra. Estes estão se perdendo.

Um pequeno trecho da fala da assentada Fernanda traz para análise alguns elementos importantes: "Era igual ela falou, tinha muita união, né! Quando soltava foguete embaixo, todo mundo corria pra baixo, soltava um lá em cima, todo mundo corria pra cima. Era muito unido" (Pesquisa de Campo, 2014). O depoimento se refere às estratégias de defesa do acampamento que era feita coletivamente. Essa ação, executada uma única vez, e na iminência do perigo que envolve a repressão aos acampados, é capaz de ensinar muito mais que o ditado popular – a união faz a força – repetido mil vezes em um contexto escolar.

O valor da "união" está marcado na vida de Fernanda graças à sua participação efetiva nas ações do movimento social. No entanto, os dois verbos, ser e ter, usados no pretérito imperfeito demarcam o tempo e o espaço de seu sentimento, denunciados ainda pela entonação saudosista que só pode ser percebida no vídeo do grupo focal. Esta percepção revela que tais valores não fazem parte do momento atual do assentamento.

A afirmação de Reinaldo reforça essa constatação de uma forma mais explícita: "Hoje aqui não, hoje aqui cada um é livre, mas no acampamento, ninguém era livre não! Lá nois era unido e era pra ser uma família unida". (Pesquisa de Campo, 2014) Além de ficar evidente

que o valor da união faz parte de um tempo e espaço passados, as palavras de Reinaldo ainda revelam uma importante lacuna que merece ser considerada como ausência de ação formativa no contexto do Olga Benário: quem ou o quê não permitia que os acampados fossem "livres" para se "desunirem" e que agora, na realidade do assentamento, sua ausência permite que isso aconteça?

Outra fala de Reinaldo compõe este ciclo de interação do grupo focal:

> Então, essa luta foi ferrenha, assim, só que a gente passou a amar isso, gostar, pelo fato da necessidade, (...) e da união do povo. A gente sentia saudade quando a gente ficava dois, três dias fora do acampamento... fora do acampamento. Sentia saudade do povo, sentia saudade da luta. (Pesquisa de Campo, 2014)

Esta fala acrescenta um aspecto que merece ser analisado. A "necessidade" entendida como o que dá sentido à luta, é que torna o valor da "união do povo" significativo, pois é solidária aos anseios do próprio povo. Provoco então: uma pedagogia pensada para atender as "necessidades" do competitivo mercado de trabalho seria capaz de produzir um valor como a "união" na classe trabalhadora? Teriam, as instâncias que pensam verticalmente a escola, a "necessidade" de difundir tal valor? A escola que mantem seu foco na "necessidade" de outrem não estaria tirando a condição de sujeito de seus alunos e transformando-os em objetos? Contenho-me para mais uma vez não antecipar minha conclusão.

Menos marcante, embora presente, nas falas dos jovens, o valor da união também é referenciado de modo saudosista pelo estudante Renan:

> Na época do acampamento, é tipo, todo mundo era unido, um ajudava o outro, assim, se alguém precisava de uma coisa, ia na casa do outro, pegava emprestado. Aí, os homens juntavam para fazer as coisas, as mulheres ficavam em casa, fazia comida. (Pesquisa de Campo, 2014)

Ao ser perguntado sobre o que o acampamento tinha lhe ensinado, o jovem Renan reforça o sentido de união:

> O acampamento me ensinou assim, que quando a gente une assim, muitas pessoas, consegue fazer grandes coisas. Que, tipo, começava do nada assim, quando via, no outro dia tinha um monte de barraca pronta, já muita gente morando. (Pesquisa de Campo, 2014)

Renan tem marcado, em sua memória, os tempos de acampamento, mas deixa claro que a união, apesar de ainda ser valorizada, não é mais cultivada na realidade coletiva do assentamento. Já a moradora Zélia, quando provocada diretamente para falar sobre a união do assentamento, expressa-se assim:

> Graças a Deus... eu, no meu ponto de vista, eu acredito assim, nós temos um grupo bom de pessoas unidas, mas cem por cento não é não, ainda tem uns assim, meio... mas o sonho da gente seria todo mundo ser unido, né! Seria maravilhoso se fosse igual, que nem eu estava falando pra você, na beira da estrada que todo mundo era amigo de todo mundo, todo mundo... hoje em dia ainda tem, assim, umas pessoas, assim, ao contrário, que está... nem Deus conseguiu vim aqui e agradar todo mundo, né! Então, sempre tem uns fora, mas graças a Deus eu acredito que nós temos, no meu ponto de vista, tem um grupo de pessoas muito unidas, muito boa aqui dentro. (Pesquisa de Campo, 2014)

Este depoimento deixa claro que não existe uma coesão entre os moradores, o que coloca em xeque o valor da união no contexto atual do assentamento. Qual outro sentimento ou "necessidade" teria se sobreposto à união que existia na época do acampamento? O que estaria deixando de acontecer para que esse valor não fosse preservado? Tais interrogações não têm a intenção de passar para o leitor o ônus da interpretação que, a meu ver, indica um vácuo de poder que vem sendo ocupado por uma força política e ideológica contrária aos princípios de coletividade difundidos pelo movimento social. Caso houvesse a escola "do" assentamento, esta poderia estar educando no sentido de preservar ou refutar os valores adquiridos de acordo com o interesse e a "necessidade" dos assentados. No entanto, a escola descontextualizada retira dos moradores esse poder de decisão.

Sobre a opção dos acampados pelo coletivo, Reinaldo traz um exemplo que extrapola o campo da mera consciência e adentra ao da ação:

> Então, eu não conhecia essa mulher, não sabia de nada de vida dela, de marido dela, mas, se tivesse uma briga, eu tinha que ir lá! Se tivesse uma divergência lá, entre ela e o filho, ou entre ela e o marido, eu como coordenador, eu tinha que ir lá pra resolver o problema com eles. E qual era o resolver? No conselho! (Pesquisa de Campo, 2014)

Esse exemplo mostra situações corriqueiras da vida familiar, mas demonstra o ímpeto de agir em defesa da harmonia coletiva como se a situação problema de uma única família interferisse no bem estar do acampamento como um todo. Esse tipo de valor só faz sentido em uma sociedade imune ao individualismo imposto pela desumanizante lógica de mercado ou, no mínimo, preocupada em defender-se dele.

Em relação ao sentimento de pertencimento e à identidade de Sem Terra, foi possível verificar que esse valor também é contraditório na realidade atual do Olga Benário. Embora a própria criação da ASPROAB a partir de uma dissidência do MST seja suficiente para indicar essa contradição, trago para a análise os depoimentos dos moradores para que possam ser interpretados como causa e/ou efeito de uma ação educativa. O ciclo interativo de diálogo produzido pelo grupo focal realizado com os integrantes do MST que apresento a seguir é, neste sentido, significativo: "Porque eu esclareço todos os dia, *"meus filho, vocês estão ali, você tem que ter sua faculdade, porque por mais que nois seja Sem Terra"*... nois foi, que agora nois nem é, (...) nois não é sem terra mais não, né"? (ROSA, Pesquisa de Campo, 2014)

O indeciso depoimento de Rosa mostra toda a contradição em relação ao sentimento de pertencimento ao MST. Primeiro porque ela, em relação ao "racha" do acampamento, diz pertencer ao MST e não à ASPROAB. Segundo porque, logo após afirmar que todos na família são "Sem Terra", ela afirma que "agora nem são mais". Ato contínuo, diante da perplexidade estampada na face de alguns participantes do grupo focal, ela vacila em buscar a aprovação dos companheiros: "nois não é sem terra mais não, né"? e em seguida afirma: "nois é sem dinheiro, mas sem terra nois não é, nois é sem dinheiro"! (Pesquisa de Campo, 2014)

Na esperança de encontrar respaldo nos colegas, Rosa dirige seu olhar para Reinaldo, o que significa que esse sujeito tem uma posição de liderança dentro do grupo. Reinaldo não hesita em afirmar que "agora que nois é Sem Terra"! (Pesquisa de Campo, 2014) e em seguida, parecendo querer amenizar o constrangimento de Rosa, explica: "é o que eu quero esclarecer, porque na realidade, o sentido dela está correto, só que pra sua pergunta não é correto, porque agora é que nós somos Sem Terra. A nossa identidade"! (Pesquisa de Campo, 2014) e ainda complementa: "a terra estava aí, era de todo mundo, mas nois era sem terra, porque nois não tinha terra. Agora, hoje nois leva a identidade de Sem Terra, pela luta, certo"? (Pesquisa de Campo, 2014)

Na sequência, pergunto a Reinaldo se ele acha importante que as crianças tenham a mesma identidade de Sem Terra. A resposta foi a seguinte: "Olha, os meus filhos são filhos de Sem Terra"! (Pesquisa de Campo, 2014) "Mas não são Sem Terra"! (Pesquisa de Campo, 2014) Comentou Luzia. A resposta mais uma vez é assertiva: "Se eles não quiserem aceitar a identidade, eles não vão aceitar, mas eles são filhos de Sem Terra, porque eu sou um Sem Terra"! (REINALDO, Pesquisa de Campo, 2014)

Rosa, a moradora que através de sua fala desencadeou esse debate, manteve-se calada por um bom tempo, voltando a manifestar-se quando perguntei se eles tinham orgulho de carregar a identidade de Sem Terra: "Orgulho", disse Luzia. "Com orgulho", disse Érica. Fernanda assente balançando a cabeça. "Ah, eu com muito orgulho", completa Reinaldo. "Ninguém quer que mude", (Pesquisa de Campo, 2014) diz Rosa, finalmente, após todos os outros se manifestarem. Na sequência do ciclo interativo, após ouvir efusivas defesas do *ser Sem Terra*, Rosa tenta, através de uma longa tergiversação, fortalecer sua nova posição:

> É incrível, né! É igual às vezes lá em casa, porque assim, meus pais são baiano, tanto a minha mãe como meu pai. Eu já nasci em Goiás, tanto os meninos tudinho, né! Que eu sou a mais velha. Aí, lá em casa às vezes o Síndico fala assim, ele faz alguma coisa de errado ele fala, *"dei uma baianada hoje"*, deu uma bobeira hoje, uma baianada hoje, que baiano dá bobeira. Aí, eu falo, que engraçado, taí uma coisa (...) que na verdade está certo que eu possa até ser mais pra goiana, só que eu quero ser mesmo é baiana, eu falei, eu sou baiana e eu sou Sem Terra, assim, não sou no caso de ter a terra, mas na minha identidade, entende? Então, é a mesma coisa, nasci em Goiás, mas em lugar nenhum eu quero ficar, eu sou goiana. Eu falo logo, eu nasci em Goiás, né! Meu pai e minha mãe que é baiano, eu falo logo. Eu gosto de ser, você entende? (Pesquisa de Campo, 2014)

O grupo, disperso em outro interesse, não repercutiu a fala de Rosa que parecia querer se redimir de sua afirmação anterior. Ela então insiste:

> Eu acho chique ser baiana e eu acho chique ser Sem Terra! Você entendeu? Porque Sem Terra, quando eu chego num lugar que as pessoas fala, *"Rosa, aonde você mora, o endereço"?* Eu já falo logo, *"Assentamento Olga Benário, Sem Terra, assentamento Sem Terra, Olga Benário"*! Sabe por quê? Porque eu fico assim pensando, *"oxente! Quem não é..."* não é falar mal, mas a pessoa não é capaz de lutar pelo sonho, está perdendo pra mim (...). Eu sou mais eu, entende? Porque o Sem Terra, ele é capaz de lutar por qualquer coisa, o bicho é atrevido! Por isso que eu gosto de ser Sem Terra! É assim mesmo! (Pesquisa de Campo, 2014)

Na tentativa de amenizar o constrangimento de Rosa e ao mesmo tempo querendo aproveitar o *gancho* no final de seu depoimento, perguntei se o Sem Terra era assim mesmo, "atrevido e capaz de lutar por qualquer coisa", ou se tinha aprendido a ser assim. A resposta de Rosa desta vez surpreende pela convicção: "Eu acho que está no sangue! Eu acho que junta os dois. Tá no sangue porque aprendeu, mas muita gente aprendeu e desistiu na estrada..." (Pesquisa de Campo, 2014)

Era de se esperar que o consenso em relação à importância de manter a identidade de Sem Terra prevalecesse entre os próprios integrantes do MST. No entanto, a mudança de

posicionamento de Rosa ao longo do processo e a sua tentativa de voltar a merecer a confiança do grupo pode ser interpretada em função dos processos formativos. Neste sentido, o próprio caráter educativo do grupo focal voltou a preencher uma lacuna deixada pela ausência de ações do movimento social no contexto do Assentamento Olga Benário.

Apesar do peso das palavras de Reinaldo, foi o grupo como um todo que redirecionou o pensamento de Rosa no sentido de reconhecer-se como Sem Terra. Este fenômeno pode ser tomado como um exemplo de educação horizontalizada que produz resultados mediante a participação coletiva dos sujeitos. Outro aspecto que chama a atenção é que Rosa, sem ter consciência, é o próprio exemplo de sua afirmação final – "tá no sangue porque aprendeu" – afinal, ela dá indícios de estar prestes a "desistir na estrada" e o calor do grupo focal acabou avivando o aprendizado e a convicção em seu "sangue", o que a reconduziu para a luta. Insisto em transformar minhas conclusões em perguntas: até quando a ação educativa do grupo focal vai conseguir manter sólida a convicção de Rosa, ou de qualquer outro Sem Terra, em relação à sua identidade?

No entanto, o mesmo grupo focal mostrou que certos aprendizados não são tão facilmente recuperados mesmo diante de um esforço movido pelo interesse coletivo. Afirmo isto porque, transversalmente à realização do grupo focal, os participantes tentaram resgatar de suas memórias a letra e a música do Hino do MST[16]. A primeira referência ao Hino foi feita por Rosa trinta minutos após o início do grupo focal e provocou o ciclo interativo o qual transcrevo integralmente:

- ROSA
    - Foi bom e... eu não sabia nem cantar o Hino do Movimento, eu não sabia o que era MST. Eu só sabia do MST na televisão, que tinha... aquelas coisas...
- REINALDO
    - Aí ela cantou, eu me amarrei! (risos)
- ROSA
    - Não, aí tinha aquela bagunça...
- PESQUISADOR
    - Eu me amarrei! É esse o Hino, Rosa? Eu me amarrei?
- AS MULHERES
    - Não! Que é isso!

[16] ANEXO A.

- ROSA
    - Os hino são bonito, (...). Eu não canto, não vem com gracinha não! Mas, é lindo! Os hino não era coisa feia, era coisa que não mexia com a população, não prejudicava ninguém, não era baixa... coisa baixa não!
- PESQUISADOR
    - Você se recorda alguma coisa da letra do Hino?
- ROSA
    - Não, não recordo nada não!
- PESQUISADOR
    - Nem pra falar, assim! (risos)
- ROSA
    - Não, nem pra falar!
- PESQUISADOR
    - Você tá é com vergonha de cantar, né!
- LUZIA
    - Tá!
- ROSA
    - Mais é o chique...
- REINALDO
    - Na hora que nois terminar aqui nós vamos cantar!
- LUZIA
    - Sério?
- ROSA
    - Só se for nós. Aí eu concordo. Mas eu não!
- PESQUISADOR
    - Olha a promessa, eu vou cobrar, eu vou cobrar! Érica, você tem alguma história parecida?
- LUZIA
    - Sabe o começo? (Luzia e Rosa começam a cantarolar o Hino)

(Pesquisa de Campo, 2014)

Quarenta e dois minutos depois, quando a questão motivadora era sobre o aprendizado que havia ficado da luta, Fernanda volta a lembrar do Hino e dá início a um novo ciclo de interações:

- FERNANDA
    - Vocês lembra aqui de um Hino do Movimento que eles cantava, eu não lembro do trecho dele todo não, eu lembro só um trechinho, mas falava assim, *"venham, temos, punhos erguidos..."* (cantarolando)
- LUZIA
    - Uai, é o Hino, é o Hino!
- PESQUISADOR
    - Pega aí o som? (para o técnico de filmagem)
- ROSA
    - É o Hino de todos acampamentos!
- REINALDO
    - Depois nois canta ele!
- LUZIA
    - É o Hino de todos acampamentos!
- REINALDO
    - No finalzinho a gente lembra ele!
- FERNANDA
    - Então, quando cantava esse Hino eu sentia... eu ficava lá atrás, eu olhava assim, eu sentia que o pessoal fazia assim com o punho... forte mesmo, sabe? Assim com aquela esperança de está concretizando um sonho, sabe?
      (Pesquisa de Campo, 2014)

Dezoito minutos após Fernanda relacionar a força com que os acampados cantavam o Hino do MST com a esperança de estar concretizando um sonho, Reinaldo me pede uma folha em branco e começa a percorrer as cadeiras dos colegas pedindo ajuda para escrever a letra do Hino. Enquanto Rosa faz uso da palavra, as outras mulheres começam a cantarolar o Hino numa tentativa de lembrar a letra, até que Luzia pergunta para Reinaldo: "Nossa! Você esqueceu"? (Pesquisa de Campo, 2014)

Não perdi a oportunidade de provocar com outra pergunta: “Esquece? A gente esquece o que aprende”? (Pesquisa de Campo, 2014) Foi então que se desencadeou outro ciclo interativo importante para a análise:

- LUZIA
    - Não, eu canso de dizer nas reunião, quando tinha, eu dizia, *“Oh, gente! Daqui uns dia nois não vai saber nem cantar o Hino nosso mais”*, porque já começa a reunião...
- PESQUISADOR
    - Qual a solução que você dá pra isso...
- ROSA
    - Só que é assim, cada... é o Hino do Movimento e cada acampamento tem um, né, Érica?
- PESQUISADOR
    - Parece, assim, você falou... você quis dizer assim, se a gente não exercitar esse aprendizado, a gente acaba esquecendo. Como é que vocês veem isso? Vocês estão exercitando o aprendizado ou vocês...
- LUZIA
    - Você acredita que eu vejo isso com tristeza?
- ÉRICA
    - Eu também!
- LUZIA
    - Eu vejo isso com tristeza!
- ROSA
    - É, não tá mesmo!
- LUZIA
    - Porque a gente cantava com aquela força tão grande, aquele amor, que eu chego arrepiava, eu sentia melhor cantando o Hino do Movimento do que o Hino Brasileiro.
- ROSA
    - Ah, claro!
- LUZIA
    - Eu sinto mais emoção!
- PESQUISADOR

- Te tocava mais?

- LUZIA
  - Anrham!
- FERNANDA
  - É porque quando cantava, quando cantava o Hino era aquela força, aquela esperança...
- REINALDO
  - Lembra o outro verso aí?
- ÉRICA
  - Que era assim, a gente cantava só naquele momento, assim, que nois estava todo mundo reunido, oitenta e quatro família junto, você imagina, oitenta e quatro pessoas ali, tudo num rumo só, e agora dispersaram, esqueceram, cada um tá no seu canto, cada um tá ali, ninguém vê o outro, passa ano sem vê o outro, não é?
- PESQUISADOR
  - E se fosse pra pensar isso, gente. Pra pensar esse problema, essa dificuldade que vocês estão colocando?
- LUZIA
  - *"Sobre a sombra de nossa valentia"* (cantarolando)
- PESQUISADOR
  - Mesmo que for um sonho! Como que você... qual é a solução pra isso?
- ÉRICA
  - Pra resgatar o que a gente viveu aqui quando a gente entrou... francamente eu não vejo mais...
- PESQUISADOR
  - Perspectiva?
- ÉRICA
  - Eu não vejo como... como, né Flavia? Voltar a ser aquilo novamente. Eu fico me procurando pra onde que se perdeu? Por quê?

Enquanto Érica buscava uma explicação que justificasse a perda de valores que eram tão caros, Reinaldo continuava tentando, aos cochichos, resgatar coletivamente a letra do Hino escrevendo no papel. Foi quando propus encerrarmos o grupo focal cantando o Hino:

- PESQUISADOR
    - Vamos encerrar cantando, eu acho que vocês vão lembrar na hora que vocês forem cantar!
- REINALDO
    - Não dá não!
- PESQUISADOR
    - Dá, ué!
- REINALDO
    - Eu acho que cantando a gente não dá conta.
- ÉRICA
    - Deixa eu ver!
- TODOS (cantando)
    - *Vem teçamos da nossa liberdade, braços fortes que rasga o chão, sob a sombra da nossa valentia, despertemos a nossa rebeldia, e plantemos nessa terra como irmãos, venha, lutemos, punhos/braços erguidos...*
- REINALDO
    - Reunião do MST não tá acontecendo aqui dentro e quando acontece não estão cantando o Hino e aqui nas reuniões da Associação não... mas nós temos hino.
- PESQUISADOR
    - Gente, eu queria... eu acho que eu já tomei tempo demais de vocês, mas eu vou dizer pra vocês uma coisa, foi além do que eu esperava. Eu sabia até que ia acontecer isso, né! Eu sabia que quando vocês tivessem a oportunidade de falar e trocar ideia, um ajudar o outro a lembrar, a coisa ia...
- LUZIA
    - E você pode escrever aí que o Movimento ele forma a pessoa, os filho dos acampado também.
- REINALDO
    - Ela lembrou o refrão aqui, oh!
- PESQUISADOR
    - Também?
- REINALDO
    - Ela lembrou o refrão!
- ÉRICA

    - Forma! Leva pros Estados Unidos, leva pra qualquer lugar! Tudo quanto é lugar do mundo tem os filhos dos acampado que estuda.
- REINALDO (cantando)
    - *Vem teçamos a nossa liberdade...*
- ROSA
    - É aquele mesmo?
- REINALDO
    - É, esse é o refrão. É esse que você tá falando.
- ROSA
    - Será que eu tô certa?
- REINALDO
    - Tá, uai!
- ROSA (cantando)
    - *Nossa força leva edificar...*, como é que eu falei o outro pedaço?
- PESQUISADOR
    - Você tem que começar de novo!
- ÉRICA
    - Não, não, não dá não. Nois tem que voltar mesmo!
- LUZIA
    - Não, eu vou arrumar esse Hino só pra... porque eu tenho ele...
- REINALDO
    - Começa ele aí!
- PESQUISADOR
    - Vamos lá, começa! Vamos ver até onde vocês vão!
- TODOS (cantando)

    Vem teçamos a nossa liberdade, braços fortes que rasga o chão, sob a sombra de nossa valentia, desfraldemos a nossa rebeldia, e plantemos nessa terra como irmãos, vem lutemos, braços...

O grupo focal terminou sem que os participantes conseguissem passar da primeira estrofe. No entanto, chamou a atenção a perfeita sincronia dos fortes movimentos que todos faziam com os punhos cerrados sempre que tentavam cantar o refrão. Esse aprendizado motor estava bem vivo na memória dos assentados e ressurgiu vigoroso e espontâneo, catalisado

pelo calor das interações desencadeadas pelo grupo focal. Esta constatação me faz retomar uma citação feita anteriormente na qual Arroyo afirma que:

> Vocês já perceberam que quando o MST é notícia, ele não aparece falando, mas fazendo, ele aparece com gestos, gestos que impressionam, chocantes, que obrigam a pensar e a repensar este país. Parabéns a vocês por esta Conferência e, sobretudo, que continuem esta pedagogia dos gestos, do ritual; parabéns a vocês pela recuperação de estilos pedagógicos que não podem ser perdidos. (ARROYO et al., 2009, p. 67)

Para além dos gestos, Rosa, que afirmara que no início da luta não sabia nem cantar o Hino, nem percebera que agora estava como antes. Luzia teve confirmada sua previsão de que em pouco tempo não saberiam mais cantar o Hino, e justamente aquele hino que a fazia sentir-se tão bem a ponto de superar o próprio Hino Nacional. Reinaldo, por sua vez, confere às reuniões do MST uma importância formativa e lamenta que não estejam mais acontecendo no assentamento e, ato contínuo, lembra-se das reuniões da ASPROAB e, perceptivelmente, engole as palavras como se não quisesse tocar em um assunto delicado. Se ele pensou como eu, concluiu que o vazio deixado pela falta de ação educativa do MST estava aos poucos sendo ocupado. Quanto à folha na qual Reinaldo tentava escrever a letra do Hino, se houver em relação a ela algum interesse, confesso que só percebi que podia se tratar de um importante registro de pesquisa quando fui assistir ao vídeo do grupo focal. Ao tentar resgatá-la descobri que já era tarde demais. Pesquisando e aprendendo.

Apesar de essas reflexões estarem diretamente relacionadas às perspectivas dos adultos, as contradições reveladas pelos diálogos transcritos e analisados até aqui, envolvem sentidos de valores, formação e educação que certamente repercutem na relação dos jovens com o espaço do assentamento e com a escolarização na zona urbana da cidade de Ipameri. Esses aspectos compõem, respectivamente, os dois últimos eixos temáticos a serem, preferencialmente, analisados. Entretanto, a empiria produziu informações amalgamadas em trechos de depoimentos que contemplam essas duas rotas de análise, o que me fez optar por uma interpretação simultânea todas as vezes que os fragmentos selecionados apresentaram uma correlação desses elementos. Neste sentido, as palavras da assentada Érica são representativas:

> É isso mesmo, sobre a educação, deixa a desejar aqui dentro, por quê? Porque os nossos filhos têm que ir pra cidade, têm que conviver com a cidade, né! E o aprendizado da terra é uma coisa, da cidade é outra. Isso começa a interferir na educação deles na terra. Passa já a ter vergonha de contar aonde mora, passa a ter

> vergonha de falar que é um Sem Terra, né! Por causa da convivência na cida... vai crescendo, vai mudando. Então, o que seria importante pra nois? Ter uma escola dentro do assentamento pra poder está trabalhando da mesma forma, pra não tirar isso das nossas criança, né! Deles crescer ali dentro com a mesma, com o mesmo modo que a gente cresceu, tendo amor pela terra, pela nossa... nosso antepassado, não deixar isso interferir. E a cidade interfere! Por eles ter que sair daqui e frequentar uma escola lá na cidade, isso interfere muito nas coisa dos nossos filho aqui dentro. (Pesquisa de Campo, 2014)

Nesta visão a educação escolar fora do contexto do assentamento é contrária aos valores construídos ao longo de toda uma história de vida intrínseca à terra. Ao dizer que seus filhos "têm que ir para a cidade" e que eles "têm que conviver com a cidade", Érica deixa claro, no contexto de seu depoimento, que essa é uma situação imposta que não faculta alternativa. Como consequências indesejáveis a assentada destaca a "vergonha de contar onde mora" e a "vergonha de falar que é um Sem Terra". Se Érica pensa assim é porque ainda confere aos jovens a identidade construída na militância do MST. O *ser Sem Terra* no entanto, estaria sendo ameaçado pela escolarização fora do assentamento.

Ao buscar nas interações do grupo focal realizado com os estudantes algum indício que confirmasse ou refutasse a preocupação de Érica, encontrei alguns depoimentos importantes. As breves palavras de Júlia, de tão diretas, falam por si só: "tipo, existe preconceito até hoje, tipo, de escola, de gente que fala que Sem Terra não presta, que escola não aceita gente do Sem Terra". (Pesquisa de Campo, 2014) Mas, são nas entrelinhas das narrativas que se escondem as informações mais significativas:

> Na escola, na escola também, a gente sofre preconceito, até alguns professores, né! Não gosta da gente por ser... muita gente chama a gente de Sem Terra. Aí, essas coisas assim, isso é ruim porque é preconceito, né! Com a gente. Aí, os colegas também, de sala, sempre com as mesmas coisas, sabe? E exclui a gente por morar na fazenda, isso é ruim. (ANIELE, Pesquisa de Campo, 2014)

Após dizer que os assentados sofrem preconceito, sendo recorrente inclusive por parte de "alguns professores", a estudante tenta explicar o que a faz sentir-se discriminada. Antes de completar a frase que fatalmente a levaria dizer que as pessoas na escola não gostam deles pelo fato de serem "Sem Terra", a jovem parece perceber que estaria, ela própria, assumindo essa identidade. Resolve, então, abrir um parêntese em sua fala para explicar que "muita gente chama a gente de Sem Terra" e isso, ao contrário, indica uma negação. No final, já sob o efeito de sua própria reflexão, Aniele conclui dizendo que são excluídos "por morar na fazenda".

Este depoimento merece reflexão em dois aspectos: o primeiro é que ele indica que a discriminação realmente existe e o segundo é que, como chamava à atenção a moradora Érica, isso estaria fazendo com que os jovens sentissem vergonha de ser Sem Terra, afinal, para ser aceito no ambiente escolar, melhor do que ser assentado ou roceiro, é ser "fazendeiro":

> Mas assim, lá na minha sala, de fato tem alguns professores que são assim com fazenda também, porque, quando eu da minha sala sou a única que mora na fazenda. Era o Tomás também, só, como ele foi para outra escola. Aí, tipo, a minha professora de Geografia, ela sempre me defende, porque às vezes os meninos falam... (...) É Geografia! Ela conversa com os meninos. Ela faz com que os meninos entendam que morar na fazenda, não é porque a gente mora na fazenda que é roceiro. Ela explica para os meninos, né! Que assim fica mais fácil de lidar! (ANIELE, Pesquisa de Campo, 2014)

Tomada como uma exceção no ambiente escolar, a professora de Geografia é citada como uma defensora que deixa as coisas "mais fácil de lidar, explicando para os meninos que não é porque mora na fazenda que é roceiro".

Antes de expor minha análise deste depoimento, tenho por necessidade usar este parágrafo para esclarecer que, em momento algum, permiti que a minha capacidade de indignação fosse amortecida por preceitos acadêmicos tradicionais, frios e robóticos, que acabam por transformar o pesquisador em um ente desumanizado. Mesmo tentando manter firme o caráter racional deste estudo, é impossível, para mim, afastar-me da vertente emocional que envolve um campo de pesquisa imerso em densas e marcantes histórias de vidas humanas que se tornaram para mim tão caras. Aliás, acredito que quanto mais humanizada mais fidedigna será a investigação, sobretudo esta, na qual a dimensão política se faz basilar.

Reconheço, como auto-aparte, que minha interpretação em relação a este depoimento subjugou-me à minha própria indignação. A forma encontrada para combater um preconceito suscitou outro que, em minha opinião, atinge de forma mais visceral aqueles que se intencionou defender. A nova preconcepção diz que fazendeiro merece o respeito da turma, roceiro não! E isso dito para filhos de roceiros Sem Terra ou de roceiros ex-Sem Terra que foram, conforme demonstrado anteriormente, a vida toda explorados pelos fazendeiros. Definitivamente, as parcelas do Assentamento Olga Benário não são fazendas.

Essa educação renegadora desqualifica a luta empreendida pelos pais e pela própria aluna. Fomenta uma inautenticidade que aprisiona e esvai a consciência do oprimido que

passa a se ver merecedor de respeito por, ilusoriamente, estar ocupando o lugar do opressor. E se esta ilusão for transformada em realidade pelo próprio mérito ou por um fortuito golpe de sorte, como sonhava a assentada Érica antes de aprender a ir à luta pela terra, é muito provável que a situação de opressão, ao contrário de ser superada, seja fortalecida. Só que, neste caso, pela ação opressora de uma ex-oprimida que aprendeu que só merece respeito quem consegue chegar à condição de opressor.

> Desta forma, por exemplo, querem a reforma agrária, não para se libertarem, mas para passarem a ter terra e, com esta, tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados.
> Raros são os camponeses que, ao serem "promovidos" a capatazes, não se tornam mais duros opressores de seus antigos companheiros do que o patrão mesmo. Poder-se-á dizer – e com razão – que isto se deve ao fato de que a situação concreta, vigente, de opressão, não foi transformada. E que, nesta hipótese, o capataz, para assegurar seu posto, tem de encarnar, com mais dureza ainda, a dureza do patrão. Tal afirmação não nega a nossa – a de que, nestas circunstâncias, os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de "homem". (FREIRE, 2014, p. 45)

Ao ser uma solidária às avessas, fica evidente que a professora de Geografia não conseguiu retirar de si o preconceito original, mas, em busca de libertar e libertar-se, na verdade criou uma adaptação ao preconceito, o que só fez com o que o mesmo fosse vigorosamente realimentado e potencializado, pois, agindo assim, entorpecida pelo discurso dominante, acaba por amortecer a rebeldia transformadora que só pode ser motivada pela indignação de quem é desrespeitado em sua humanidade.

O pensamento do jovem Tomás, que fora citado no depoimento de Aniele e, portanto, aluno da mesma professora, também corrobora esse desejo de reverter a condição de oprimido como se tivesse assimilado bem aqueles ensinamentos antes de deixar a escola. Ao relatar como reagia às provocações dos colegas que os chamavam de roceiros, Tomás diz: "Que eu saiba, a roça fica dentro da fazenda, não é a fazenda que fica dentro da roça, que eu saiba, a gente é fazendeiro, a gente não é da roça". (Pesquisa de Campo, 2014)

O termo fazenda aparece também na fala do jovem Renan: "Do meu ponto de vista, a fazenda, assim, me ajuda muito, que tipo, nas aulas de Geografia tem ideia sobre erosão, assim, desmatamento. Aí, tipo, é o que eu lido todo dia na fazenda, eu sei muita coisa sobre isso". (Pesquisa de Campo 2014)

A partir do discurso dos jovens, constata-se a influência da escola na construção de valores contraditórios àqueles provenientes das experiências e vivências dos estudantes do

Olga Benário. O *ser fazendeiro* fortalecido pela escola é um contraponto ao *ser Sem Terra* construído no movimento social, assim como o lugar *fazenda* é um contraponto ao lugar *assentamento* ou à *roça*. O ambiente escolar estaria, então, explicitando um conflito de identidade e contribuindo para que ocorra um deslocamento de referência do ponto de vista do camponês oprimido para o ponto de vista do fazendeiro opressor. À luz do pensamento de Freire essa situação pode ser interpretada como uma escolarização que corrobora a introjeção do opressor no oprimido. Este movimento tem uma direção absolutamente contrária ao da formação libertadora advinda do movimento social.

> O grande problema está em como poderão os oprimidos, que "hospedam" o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram "hospedeiros" do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica. (FREIRE, 2014, p. 43)

O trecho final da citação me remete mais uma vez ao último depoimento de Érica: "Então, o que seria importante pra nois? Ter uma escola dentro do assentamento pra poder está trabalhando da mesma forma, pra não tirar isso das nossas criança, né"! Érica parece concordar com Freire quanto a que "a pedagogia do oprimido não pode ser elaborada pelos opressores", pois, para ela o importante não é somente "ter uma escola dentro do assentamento", mas essa escola também tem que "trabalhar da mesma forma" pra não interferir nos "aprendizados" que as crianças receberam "da terra". Uma escola, portanto "do" assentamento, e não somente uma escola "no" ou "para" o assentamento.

Assim como Érica, Reinaldo também faz uma veemente defesa em favor de uma escola no assentamento. Seus argumentos podem ser percebidos na transcrição do seguinte ciclo interativo do grupo focal realizado com os integrantes do MST:

- REINALDO
    - Eu tenho o conhecimento e esse entendimento pelos meus próprios filhos, porque hoje eu não tenho nenhum comigo. O que acontece? O grande problema que não é desejado por nós. Não foi, não era, não foi e não é e não será! Todos nós queríamos e queremos que nossos filho, nossa família, tivesse aqui conosco. O que fez isso? Esse chamamento do Governo de tirar a escola da zona rural e levar pra cidade, esse desfecho de descaso também dos governos para com os assentamento. Não nos deu oportunidade de termos a

escola. Se você for lá no Canudo, você vai perceber uma grande briga, porque lá formamos professores de lá de dentro e brigando pra levar escola lá pra dentro, pois nem assim! Depois dos professor formado e eles não aceitava, não liberava, por quê? Não, porque tem esse programa de levar os aluno pra escola lá da cidade, por lá é isso, é aquilo, aquilo outro. O grande problema...

- PESQUISADOR
  - É, eles colocam isso como um benefício!
- REINALDO
  - Eles colocam sim!
- PESQUISADOR
  - E aí, o que vocês acham?
- REINALDO
  - Só que pra nós, (...) não é benefício. Nossos filho fica mal educado...
- ÉRICA
  - Anrham!
- REINALDO
  - ...brutos conosco...
- ÉRICA
  - Anrham!
- REINALDO
  - ...ignorante conosco, estranho com as nossas coisas dentro de casa, querem aquilo que nós não temos condição de dá, porque você sabe que quem mora aqui na roça não tem a mesma condição de lá não. Outra coisa! Aqui nós observamos, o MST toda vida bateu nisso, observou esta questão do estatuto da criança, do estatuto da escravização no serviço, trabalho escravo, toda vida foi observado isso, nós não aceitamos isso no nosso meio, porem nós sabemos que você criar os seus filhos aqui, junto com você, eles vão pra escola e eles te ajudam, não num trabalho escravo, não num trabalho como eles é obrigado, responsável por aquele trabalho, mas você já imaginou você, *"meu filho, vai lá aparta os bezerro pra mim"!* O que é que tem? O menino está aprendendo, se adequando a essas coisas. Nós perdemos tudo isso aqui, todos os pais aqui perdeu e em todos os assentamento, culpa mais do que nós falamos, não é por que nós queremos jogar culpa em alguém, mas é a forma que a lei foi

> sancionada e está sendo executada que tirou esse direito nosso de ter nossos filhos conosco. Então, eles estudando lá, eles querem o quê? Eles querem a cidade.
> (Pesquisa de Campo, 2014)

Logo no início, Reinaldo deixa claro seu desejo de ver os filhos trabalhando na terra e culpa o transporte escolar pelo fato de não ter nenhum vivendo com ele. Para Reinaldo essa política educacional tirou a "oportunidade" dos moradores terem uma escola no assentamento e, ao explicar por que não considera o transporte escolar um benefício, ele diz que os filhos, por estudarem na cidade, acabam ficando "mal educados", "brutos", "ignorantes" e "estranhos com as coisas dentro de casa". Mas, o mais significativo para esta análise é a defesa que Reinaldo faz do direito de educar seus filhos a partir do trabalho na terra. Ao se preocupar em demonstrar conhecimento sobre o ECA, Reinaldo tenta esclarecer que o interessante para ele não é, em si, o produto do trabalho dos filhos, mas sim o seu valor educativo. No entanto, implícito em suas palavras, deixa claro que se os filhos estudassem no assentamento teriam como ajudar nas tarefas da terra e, consequentemente, desenvolveriam valores que os fariam optar pela vida no campo. Mas, se ao contrário, estudarem na cidade, eles vão, automaticamente querer viver "lá".

Provavelmente o depoente deve ter considerado o longo tempo despendido em função do transporte escolar para afirmar que se os filhos fossem criados no assentamento, "junto" dele, poderiam ir para a escola e "ajudar" no "trabalho". Este aspecto do depoimento traz à reflexão a concomitância entre trabalho e escola posta como um valor cultural socialmente construído e aceito no meio rural. A escolarização na cidade, portanto, estaria impossibilitando a prática desta tradição e provocando o desenvolvimento de outros valores ligados à cultura da sociedade envolvente. Neste sentido Martins afirma que:

> No meio rural, a concomitância da escolarização com o trabalho produtivo (...) não é apenas um aspecto distintivo da inserção da escola na vida da população. É imposição, igualmente, das condições de existência e das representações que as integram coerentemente num modo de vida. (MARTINS, 1975, p. 85)

Mesmo considerando diverso o tempo e o espaço no qual o autor produziu sua teoria, valho-me de seu pensamento para analisar a influência da escolarização no comprometimento da reprodução dos grupos familiares que vivem no Olga Benário. É evidente que no momento

atual a força produtiva infanto-juvenil não é tão premente para as famílias assentadas, mas, ainda assim, o trabalho continua sendo considerado como um importante espaço de formação que, se fosse pedagogicamente considerado, desenvolveria vínculos de afinidade com a vida no campo, perspectiva esta, que corre o risco de sucumbir mediante a influência de uma escolarização voltada para atender a necessidade do mercado de trabalho.

Com uma perspectiva contrária, há entre os assentados quem acredite que a escola na cidade representa uma oportunidade de inserção na sociedade envolvente e que isso seria positivo no sentido de eliminar o que para eles são estereótipos indesejáveis que estigmatizam os jovens do Olga Benário como sendo da roça, do assentamento, ou ainda, de forma eufemística, da fazenda. É o que se apresenta no discurso de Sebastiana:

> É isso aí que ele fala mesmo, porque eu acho assim, se as criança que conveve aqui dentro, vim uma escola pra eles estudar aqui dentro, quando chega lá na rua tem diferença com as outras criança lá da cidade, como eles exclui, eles fica *"nossa chegou lá, aquela turminha é do assentamento, aqueles menino é do assentamento, é da fazenda oh! os da fazenda chegou"!* E fica... a gente vê que se for pra eles é... igual ele tá falando aí, pra ter escola, assim, aqui, e eles participar só daqui, pra casa, e ficar aqui, movimentando aqui dentro, fica uns menino, assim, excluído que não vai saber como, por exemplo, sair daqui e negociar alguma coisinha lá na cidade, que quando chegar, todo mundo já olha assim, do tipo, *"nossa, esses menino é tudo da fazenda, nunca vi esses menino aqui estudando"!* Às veiz até fala assim, *"não, eles não estuda não"!* Por quê? Porque muitas da veiz não leva a sério a escola daqui, porque... sei lá, não sei explicar direito. (Pesquisa de Campo, 2014)

A compreensão deste sujeito não demonstra nenhuma preocupação relacionada à manutenção de qualquer identidade que seja, nem com a de camponês e muito menos com a de Sem Terra. Essa moradora faz parte do grupo ligado à ASPROAB e pensa que a escola, entre outras coisas, deve preparar os jovens para irem à cidade "negociar alguma coisinha" produzida nas parcelas. Mesmo projetando um futuro vinculado à terra, Sebastiana não consegue visualizar uma escolarização na qual as diferenças inerentes à vida no campo sejam respeitadas. Para a depoente os jovens do assentamento devem estudar na cidade justamente para minimizar essas diferenças em relação aos jovens de lá. Essa lógica, a meu ver, mais que uma valorização do que é estritamente urbano, é uma total negação da ruralidade que só faz sentido em uma comunidade que já absorveu o modo de vida dominante e enxerga a terra simplesmente como um meio de produção de mercadorias, mas, jamais, de tradições e culturas, valores estes que, de acordo com a moradora, deveriam ser suprimidos pela escola em favor do que é reconhecido como positivo pela sociedade urbana.

> É isso que torna ingênua a suposição corrente de que a escola pode se constituir num meio de "recuperação" do homem rural, pois a premissa de tal suposição é a de que o tradicionalismo rural é o fruto de uma existência econômica e moralmente indesejável, de um lado, e, de outro, de que a escolarização é um dos eficazes instrumentos da sua superação. Na verdade, a escola está irremediavelmente comprometida com concepções e valores urbanos e dominantes da sociedade capitalista. Por isso, ela só se torna eficaz no meio rural quando a sua população já está envolvida, através da mercadoria, em relações sociais indispensáveis com a sociedade inclusiva. (MARTINS, 1975, p. 101)

À luz do pensamento deste autor, Sebastiana já estaria dominada pelos valores mercadológicos da sociedade envolvente e isso faz com que uma escolarização pedagogicamente pensada sob essa perspectiva tenha sentido para ela. No entanto, quando afirmou que a escola estaria "irremediavelmente comprometida com concepções e valores urbanos e dominantes da sociedade capitalista" o teórico parece não ter imaginado que na década seguinte a possibilidade de uma escola pública ser concebida na perspectiva de um movimento social contra-hegemônico começaria a se efetivar a partir das ações empreendidas pelo MST que, paralelamente à luta pela terra, passaria a lutar também por uma escola que contemplasse uma pedagogia autônoma.

Esta escola, que se faz presente na realidade de outros assentamentos da Reforma Agrária, não se concretizou no Olga Benário, o que não impediu, entretanto, que seus moradores vivenciassem os mesmos princípios de autonomia e liberdade durante o tempo em que exerceram a militância como Sem Terra. O que está posto em análise, portanto, é justamente a ausência formativa que acaba cedendo espaço para que outros processos ocorram e, aos poucos, substituam os antigos aprendizados forjados na luta, como os que, provavelmente, obteve a própria Sebastiana nas passagens por ela narradas quando, no grupo focal realizado com os integrantes da ASPROAB, lhe perguntei sobre o Assentamento Canudos:

- SEBASTIANA
    - Canudo é um assentamento...
- PESQUISADOR
    - É um assentamento?
- SEBASTIANA
    - É, perto de Goiânia, pertinho de Goiânia mesmo, pra lá um pouquinho, bem pertinho. Aí, a gente já foi, já ficou lá, eu mesma já fiquei lá uns seis meses junto com eles, fazendo trabalho de acampamento mesmo, a gente ficou lá,

porque lá, era um assentamento. Aí, os acampado ia pra lá fazer trabalho, eu fiquei lá uns seis mês, conheço lá bastante...

- PESQUISADOR
  - Que tipo de trabalho?
- SEBASTIANA
  - A gente fazia... era tipo... a gente ia buscar as história dos assentado pra levar pros acampado. Aí, a gente ia pra escutar. Aí, ia outras pessoa mais... porque eu quase não tenho estudo, né! Eu quase não sei falar, assim, muitas coisa, porque eu não tenho estudo nenhum, estou estudando agora, eu não tive estudo nenhum...
- PESQUISADOR
  - Não, mas é rico o que você tem na memória...
- SEBASTIANA
  - ... porque a gente ia pra escutar aquelas palestra, que ia gente de fora, de longe, de outros assentamento de fora do Goiás também ia pra lá, e ficava muitas pessoa...
- PESQUISADOR
  - Você gostava?
- SEBASTIANA
  - Gostava, na época eu gostava. Ela era pequena, mas gostava demais. Quando falava assim, vamos fazer... por exemplo, eles punha muito eu, porque eles punha eu muito pra fazer mística, devido eles falar que eu era muito... coisada, né!
- ZÉLIA
  - Esparolada!
- SEBASTIANA
  - É! Aí, eles gostava de fazer... me ajeitava, me punha pra mística. Menina, aquilo ali até caminhão parava pra vê! O dia da parição da Maria Bonita, parou foi carreta na estrada, assim oh! E foi vê aquele trem numa mesa, fazendo cesariana, e ela gritando, aquele rolo, o povo tudo com rifle na mão. Menino, foi um tiroteio! (risos) Então, já nesse caso lá, de nois ir lá pra esse Canudo, a gente ficou lá muito tempo lá. Aí, a gente ia e aqueles que escrevia, levava pra poder tirar as coisa daqueles que ia de longe pra falar lá, eles fazia reunião,

> fazia festa, baile nesse dia, e tudo quanto era de coisa que você pensar de diversão, conversa, lá tinha. Aí, a gente tinha que ir, levar pros acampamento. Então, a gente ficava muito tempo lá. Aí, ia trocando. Aí, com o tempo aquela voltava, ia outras pessoa, e ela sempre me acompanhava pra todo lado, que ela era pequena, né! Aí, eu, como disse, pra todo lado que eu ia, ela tinha que ir junto. Nisso, ela cresceu assim, oh! Nos acampamento, nos assentamento, e hoje está aqui!
>
> (Pesquisa de Campo, 2014)

Essa narrativa descreve as ações formativas do MST que visavam manter vivas as esperanças dos militantes acampados que ainda não haviam conquistado a terra. Sebastiana participava com um fulgor tal, que ao resgatar essas lembranças, a alegria invadiu todas as expressões de sua face. De fato ela devia incorporar a própria Maria Bonita em seu exercício "místico" de culto às heroínas e aos heróis da luta pela terra. Durante esse ciclo interativo do grupo focal foram mencionados também Chico Mendes, Che Guevara e "um cara do México, um cara antigo do movimento, foi matado pelos... pelo latifúndio... falava muito sobre latifundiário..." (ALAOR, Pesquisa de Campo, 2014) Quando perguntei se o tal cara era Emiliano Zapata, o líder revolucionário mexicano cujo lema era – Terra e Liberdade – Alaor me respondeu que "do México eu não lembro, eu até tive um livro dele quando eu era solteiro lá, eu ganhei e depois... não lembro, eu dei o livro pra outra pessoa". (Pesquisa de Campo, 2014)

Outro aspecto a ser analisado é que Sebastiana faz questão de dizer que sua filha Maíra estava sempre junto com ela e ao final de seu depoimento faz a seguinte conclusão: "...nisso, ela cresceu assim, oh! Nos acampamento, nos assentamento, e hoje está aqui"! Maíra, que concluiu o Ensino Fundamental e Médio em uma escola urbana descomprometida com todo esse passado de luta, é o exemplo perfeito desta contradição pedagógica, "e hoje está aqui" contribuindo, e muito, para esta pesquisa, ao dar a sua definição de educação durante a realização do grupo focal com os jovens estudantes do Assentamento Olga Benário: "Também, é o que o Tomás falou, a vida ensina a ser humilde. Minha mãe aprendeu que com humildade ela pode ir em qualquer lugar. Então, eu acho que educação é isso, é humildade, é paz, é amor ao próximo, respeito". (Pesquisa de Campo, 2014)

Embora os princípios presentes na definição possam se relacionar com o convívio interno dos acampamentos, onde a harmonização coletiva se fazia necessária, é provável que

os mesmos desaparecessem no contexto da luta pela terra, o que deixaria transparecer outra face da formação do MST. Essa reflexão não me permite afirmar que o conceito de educação elaborado pela jovem Maíra seja resultado direto e exclusivo de sua escolarização, porém, arrisco-me a dizer que não fora estruturado com base nos exemplos de Maria Bonita, Chico Mendes, Che Guevara ou Emiliano Zapata, pois, tivessem eles, em relação aos opressores, sido fieis a valores como "humildade", "paz", "amor ao próximo" e "respeito", jamais chegariam a ser misticamente cultuados como ícones da luta em favor dos oprimidos. Esclareço mais uma vez que esta interpretação não tem por objetivo fazer um juízo de valor, mas somente demonstrar a dubiedade formativa à qual foram e ainda estão sendo submetidos os sujeitos desta pesquisa.

O assentado Paulo, que também é integrante da ASPROAB, defende a escolarização na cidade da seguinte forma:

> É porque na escola lá, ele vai... é outra convivência, ele tem que viver os dois lado pra ele escolher um quando ele crescer, não é mesmo! (...) É uai, ele viver o lado da cidade na escola, viver o lado da roça no campo, trabalhar aqui, estudar lá, que isso é que eu acho que é o certo. O filho, principalmente o filho homem, ele não pode ficar estudando e ficar quieto não, eu penso assim, ele tem que trabalhar no campo, igual nois mora no campo, se eu morasse na cidade, ele ia trabalhar comigo na cidade, mas tem que trabalhar aqui, nois mora aqui, e estudar lá Aí, quando estiver formando, ele escolhe o que ele quiser! (Pesquisa de Campo, 2014)

Assim como Sebastiana, Paulo não enxerga a escola como um ambiente de fortalecimento dos valores construídos na terra, mas, ao contrário, defende sua localização na zona urbana para que os jovens do assentamento tenham a oportunidade de "viver o lado da cidade" e assim optarem com mais segurança quando chegar a hora de "escolher". Este raciocínio de Paulo só pode fazer sentido se for considerado sob a ótica do camponês que está inseguro quanto às suas convicções e se sente inferiorizado em relação aos que vivem na cidade. Afirmo isso por considerar pouco provável que o próprio Paulo também "ache certo" que alguma família da cidade submeta seus filhos à mesma precariedade do transporte escolar só para que eles possam estudar em uma escola rural para, assim, terem a oportunidade de "viver o lado da roça" e decidirem melhor sobre seu futuro.

Ao cometer o exagero desta inversão, não tenho em mente desqualificar as palavras do sujeito, mas sim dimensionar o poder de influência do pensamento dominante. Contudo, essa afirmação de Paulo foi feita, contraditoriamente, momentos depois de ele mesmo ter

explicado como uma formação superior poderia ajudar para que o seu desejo de ter os filhos trabalhando na terra fosse concretizado:

> Uai, se for na área da agricultura, uai, pra eles fazer agronomia, alguma coisa assim, pra ajudar a gente, bom né! Agora, se eles formar pra um advogado, a hora que eu ficar velho mais ela, o que vai ser da terra lá, ele não vai querer vim morar aqui, o que eu falo... quero chegar pra você, igual agora a Zélia falou aqui, oh! Dos curso, esses trem, se os menino tivesse aí, ia aproveitar. Não ia Zélia? Faltou apoio do Governo, entendeu? Pra incentivar os jovens trabalhar aqui, um crédito, uma linha de crédito pros menino, um rapaz de dezesseis, dezessete ano, hoje aí, comprar umas vaca, um gado, tocar a vida, o pai dá um pedaço de terra, vamos supor, se você tem dez alqueire, seu filho pode ficar com uns três, quatro, cinco. Não pode? Eu penso assim, ele pode estudar, que daqui na cidade, nois estava falando hoje, é vinte minuto daqui na cidade, pode fazer uma faculdade lá, uai! (Pesquisa de Campo, 2014)

Neste depoimento, ao contrário do anterior, Paulo exprime o desejo de que a escolarização seja solidária à sua perspectiva de ter os filhos ajudando nas atividades produtivas da parcela e, ao mesmo tempo, demonstra preocupação com o futuro de sua terra caso eles optem por um curso que os leve a trabalhar na cidade. Ao projetar uma formação de nível superior para seus filhos, Paulo demonstra que os tempos em que os lavradores enviavam seus filhos para a escola para aprender a ler e escrever somente para "se defender" (MARTINS, 1975) há muito ficou para trás, pelo menos no contexto do campo desta pesquisa.

No âmbito dos assentamentos da reforma agrária que, como o Olga Benário são extremamente dependentes de recursos públicos para estruturar a produção, esta busca por escolarização raramente tem como foco a adequação e modernização das atividades agropecuárias na própria propriedade rural, pois, as dificuldades enfrentadas pelos pais fazem com que os jovens não desenvolvam perspectivas de futuro vinculadas ao trabalho no campo. Isso os leva a buscar nos estudos uma forma de se preparar para o competitivo mercado de trabalho que os aguarda fora do assentamento, o que, para Paulo, é uma indesejada consequência desta realidade.

Considerada nesta perspectiva, a escolarização na cidade também se mostra contraproducente por submeter os jovens assentados a condições que os coloca em desvantagem em relação aos outros estudantes. Neste sentido, as informações que constam desta pesquisa comprovam que a afirmação feita por Paulo de que apenas "vinte minutos" seriam necessários para vencer a distância entre o assentamento e a cidade, não se concretiza na realidade do transporte escolar, uma vez que, conforme já foi discutido, essa política chega

a impor aos estudantes do Olga Benário uma clausura totalmente estéril do ponto de vista formativo, chegando a durar até quatro horas diárias gastas entre os percursos de ida e volta para a escola.

A fim de direcionar a conclusão da análise, trago à reflexão, de forma mais direta, as falas em que os próprios jovens expressam suas perspectivas futuras. Ao basear minhas argumentações em opiniões polarizadas de dois sujeitos, tenho em mente contemplar as reiteradas contradições percebidas ao longo deste estudo. O primeiro depoimento a ser analisado é o do Jovem Tomás que vive com uma família ligada à ASPROAB, o mesmo que em ocasião anterior dissera ser fazendeiro e não roceiro:

> É tipo assim, eu acho que o futuro, o futuro de cada um é ter um destino. Igual eu mesmo. Eu quero me formar, estou querendo fazer engenharia, talvez, mas, tipo, eu quero crescer, quero fazer minha casa, quero ter a minha família, quero ter, tipo, o que eu quero, o que eu quero ter, tipo, minha garagem, eu quero ter no mínimo dois carros, duas motos, ter uma continha boa no banco, e ajudar meus pais, tipo, crescer mais, não passar mais necessidade. Ter uma vida mais elevada um pouquinho. (Pesquisa de Campo, 2014)

De início já se pode perceber que o jovem tem um projeto futuro totalmente dependente do capital e que, se for concretizado, irá ajudar os pais a superar a difícil situação em que se encontram no assentamento. Esta opinião pode ser tomada como exemplo de minha conclusão anterior na qual afirmei que a precariedade produtiva das parcelas acaba impelindo os jovens a buscar alternativas de futuro fora da realidade do assentamento. Quando perguntei para Tomás qual o caminho que o levaria a conseguir tudo o que desejava, ele respondeu prontamente: “educação e escola”! (Pesquisa de Campo, 2014).

De fato, para conseguir concluir o curso de “Engenharia”, seja ela qual for, Tomás vai precisar, e muito, de uma “educação e de uma escola” que lhe deem condições de competir em pé de igualdade com os outros estudantes interessados em garantir vaga em um dos mais concorridos cursos superiores da atualidade. Entretanto, ao contrário dos outros alunos, Tomás vai ter que superar todas as já discutidas dificuldades impostas a ele pelo simples fato de morar em um assentamento. Mas, seguindo adiante na análise do pensamento de Tomás, trago sua resposta quando perguntei sobre o futuro do assentamento:

> Eu acho que depende de cada um, né! Da família. Têm umas famílias, têm outras. Às vezes, tem uma família que quer sair, outra que os filhos não querem. A maioria, mais ou menos, quer ir para a cidade. São bem poucos mesmo, eu acho que pode contar nos dedos os que querem ficar na roça, viver na roça. (Pesquisa de Campo, 2014)

Agora, contradizendo uma afirmação bem anterior na qual afirmava morar na fazenda e ser fazendeiro, Tomás se refere ao assentamento como sendo "roça". Apesar de incluir "a maioria" no seu desejo de viver na "cidade", Tomás fala, bem mais, é por si próprio. Ainda assim resolvi provocá-lo com uma pergunta direta sobre como ele via o próprio futuro em relação ao assentamento. Ele então respondeu:

> Talvez! Posso ter, tipo, não! Minha mãe mesmo, ela quer morar até, até no dia que jogar o pé dentro do caixão. Aí, tipo, dependendo, às vezes eu posso, tipo, estou com dezesseis, fazer dezoito anos, eu sair de casa e trabalhar, né! Seguir minha vida. Às vezes, eu posso investir, né! Igual, gado mesmo, dá dinheiro colocar na fazenda. A relação, às vezes, pode ser essa. Morar na cidade e ter alguma coisa minha na fazenda que der lucro, que um dia eu possa vender e pegar o dinheiro e comprar outra coisa. (Pesquisa de Campo, 2014)

Os termos, "dinheiro", "investir", "lucro" reforçam a perspectiva capitalista de Tomás que pensa em transformar a terra em um meio de produção que vai ser administrado, a distância, para garantir recursos financeiros suficientes para ele "comprar outra coisa". Em outro momento do grupo focal Tomás faz mais uma significativa intervenção:

> Eu acho, tipo assim, a gente que é humilde, mais baixo, a gente tem que ter orgulho do que a gente tem, é igual eu tenho minha moto ali, minha moto está um lixo praticamente, (risos) e eu vou para a escola, eu vou para a cidade direto nela, tô nem aí não, paro na frente de escola, chega menino, *"ah! Você é de assentamento e esse lixo aí"!* É lixo mesmo, eu sei que é lixo, mas é o que eu tenho. "*Por que você não compra uma moto"?* É porque eu não tenho dinheiro de comprar uma moto melhor. "*Por que você não tem não sei o que"?* Porque eu não tenho condição. Quando eu tiver minha condição, você pode saber que eu vou comprar, eu não compro porque eu não tenho condição de ter ainda. (Pesquisa de Campo, 2014)

Neste depoimento Tomás se mostra determinado a superar todas as dificuldades para conseguir, um dia, ter condições de "comprar" tudo o que deseja, inclusive aquilo que parece ser o seu sonho maior de consumo e que ficou bem claro quando perguntei sobre seus desejos imediatos: "Ganhar dinheiro e todas as motos potentes"! (Pesquisa de Campo, 2014)

Outras manifestações de Tomás merecem ser analisadas. Uma foi proferida quando os jovens faziam uma série de reclamações em relação à escola:

> Eu acho que a escola, tipo, a escola dá oportunidade para quem quer crescer na vida, tipo, ela tenta, ajuda, mesmo os meninos com dificuldade, baguncento, então, eles tentam, reclamam e tal, mas, tipo, quem cresce na vida, a escola pode ser a pior, ela dá oportunidade. Se um aluno for um bom aluno, tirar dez e querer crescer, ele vai longe, pode ser a escola mais esfarrapada, nominho. Então, *"naquela escola não presta, não vai naquela escola não que não presta"*, não é a escola, são os alunos, às vezes depende, de uma sala de quarenta alunos, às vezes, têm três, dois que querem levar a sério os estudos. (Pesquisa de Campo, 2014)

É possível perceber que Tomás adota uma postura na qual assume para si mesmo a responsabilidade de superar qualquer deficiência da escola, mas logo em seguida surpreende, em tom de brincadeira, ao responder sobre aquilo em que a escola poderia melhorar: “Eu acho que mais tempo de recreio”. (Pesquisa de Campo 2014)

Em outro momento, quando a discussão girava em torno das dificuldades impostas pelo transporte escolar, Tomás mais uma vez isenta o sistema de qualquer responsabilidade: “é, tipo, é o que eu acho, tipo, a escola, a escola tem que cumprir com o negócio, o negócio, quem é da área rural, tem que saber que é essa realidade”. (Pesquisa de Campo, 2014) E mais adiante, criticando alguém que sugeriu a criação de duas rotas de transporte para atender os diferentes horários das aulas, diz: “ia gastar muita verba para fazer isso! Eu acho, tipo, a gente da área rural, tem que saber disso”. (Pesquisa de Campo, 2014)

Sem perder a oportunidade de fazer todos rirem, quando perguntei se no assentamento eles aprendiam alguma coisa na prática, Tomás disse: “aprende”. “O quê”, perguntei eu. A resposta veio imediata e acompanhada de muita gargalhada: “capinar”! (Pesquisa de Campo, 2014) No mesmo ciclo interativo, ele ainda brincou dizendo que o assentamento lhe ensinava matemática porque ele vivia calculando quantos litros de gasolina ele gastava por dia. Provavelmente para ir, de motocicleta, até a cidade.

Outro aspecto da postura de Tomás é a forma com que ele lida com o preconceito sofrido na escola: “Tipo, eu, nós estudávamos na mesma escola e eu, tipo, nunca levei muito a sério não. É negão, é preto, é chulé, é teta, (risos) eu levo quase tudo na brincadeira”. (Pesquisa de Campo, 2014) Em seguida, ainda em relação ao preconceito, volta a se posicionar:

> Não, é, existe o preconceito, mas depois, tipo, eu mesmo cheguei aqui, mais ou menos com dois meses, eu já conhecia quase todo mundo, tá! E falava com todo mundo. Então, não tive dificuldade para conversar, esses trem. As pessoas que eu conheço hoje... mesma coisa, às vezes, uns amigos meus, tipo, é branco, melhor do que eu, não consegue conversar com as meninas que eu converso, agora, o Renan também é mais popular um pouquinho que eu, mas eu também consigo alcançar um pouquinho, mas vai indo. Eu acho que depende da pessoa, não é da cor. Tem que saber viver. (Pesquisa de Campo, 2014)

Tomás, que foi levado a entender-se inferior, parece estar convencido de que aceitar essa condição é o primeiro passo para se sobrepor às outras pessoas que, apesar de serem

“brancas” e “melhores” não têm a mesma capacidade para, por exemplo, “conversar com as meninas”. Para Tomás, quem se deixa abater pelo preconceito de “cor” não “sabe viver”.

Todas essas referências ao pensamento de Tomás têm, por objetivo, demonstrar que ele, além de ter uma personalidade marcante, é um jovem inteligente, criativo, com fortes indicativos de liderança, que não se entrega às adversidades e ainda consegue ser extremamente bem humorado. Em minha análise, Tomás reúne todos os predicados para se adequar ao sistema vigente e conseguir, em sua perspectiva própria, “vencer na vida”. Imagino que possa, inclusive, ser tomado futuramente como um daqueles exemplos de superação que o pensamento dominante faz questão de enaltecer, não por seu caráter de excepcionalidade, mas sim como forma de desqualificar todos os outros que não conseguiram chegar lá.

Ao retomar a discussão acerca do objeto desta pesquisa, penso que ficou evidente que em relação a Tomás a escola na cidade acrescenta alguns obstáculos a mais para serem transpostos em meio a tantas outras dificuldades. Essa interpretação me leva a concluir, mais uma vez que, para os assentados que desejam um futuro melhor fora do assentamento, o deslocamento para a cidade não lhes garante uma equânime escolarização.

Finalmente, busco nas palavras do jovem Renan, cuja família ainda se considera Sem Terra, algumas informações importantes para reflexão. Renan é muito ligado a Tomás e costumam ir juntos para as “baladas”. Isso ficou claro quando minha orientadora, que também participou do grupo focal com os jovens, perguntou que tipo de festa era mais frequente. Foi então que o seguinte ciclo interativo foi desencadeado:

- TOMÁS
    - Balada, de tudo.
- ORIENTADORA
    - Mesmo! Mas, as baladas acontecem aqui na comunidade?
- TODOS
    - Na cidade!
- ORIENTADORA
    - E vocês vão para a balada na cidade? E quando vai para a balada todo mundo vai junto?
- RENAN

- Só eu e o Tomás que costuma sair assim junto.

- INDEFINIDO
  - Só os doidos!
- RENAN
  - Porque, tipo assim, a gente dorme na casa da minha avó.

(Pesquisa de Campo, 2014)

Tomás, mal esperou Renan acabar de dizer que os dois dormiam na casa de sua avó, e respondeu com o seu característico senso de humor: "Não dorme, né! Porque a gente chega às seis da manhã. Aí, loguinho, dorme uma hora e vem embora, né! Às vezes, quando não tem festa no outro dia". (Pesquisa de Campo, 2014)

Renan, assim como Tomás, demonstra muita seriedade quando o assunto é escola: "(...) mas também não adianta ter uma escola boa se os alunos não sabem dá o valor que a escola tem. Porque tem muita gente que vai para a escola para brincar, para lanchar no máximo". (Pesquisa de Campo, 2014) Em outro depoimento Renan continua argumentando em favor de uma escola de qualidade:

> "Na minha opinião, devia ter uma melhora na educação, tipo, uma reforma pros professores, porque eles dão aula do modo antigo ainda. Têm muitos professores que acham que é só passar matéria no quadro, mal explica e já dá prova"! (Pesquisa de Campo, 2014)

No entanto, quando vai explicar sobre o tratamento dado pela escola aos assentados, Renan deixa no ar uma dúvida:

> No meu ponto de vista (...), eu acho que, eu não sei se é pela Diretora do C2 ser a mãe do motorista aqui, ela flexibiliza muito as coisas na escola para a gente, tipo, a van estraga, ela deixa a gente entrar em qualquer horário que a gente chega, se chega mais tarde, ela entende que é por causa de ser da fazenda que chega mais tarde. (Pesquisa de Campo, 2014)

Se o próprio Renan não sabe dizer se a consideração da diretora é para com os alunos ou para com seu filho motorista do transporte escolar, não vai ser eu quem terá melhor condições de fazê-lo, mas, o que não fica em suspeição em seu depoimento é que, mais uma vez, fica claro que os estudantes do Olga Benário têm sua escolarização prejudicada pelo fato de morarem na zona rural. A diretora, ao conferir a distinção de permitir a eles a entrada com

atraso, ao que tudo indica, está fazendo o possível para amenizar o problema, mas sua ação é inócua no sentido de resolvê-lo.

Após essas considerações preliminares em relação às palavras do jovem Renan, chego ao depoimento que explicita de forma mais direta a contradição que propus evidenciar neste ciclo da análise:

> No meu ponto de vista, o futuro do assentamento é, tipo, a gente, jovens que estão aqui, que, tipo, as pessoas mais velhas, nossos pais, assim, estão aqui e já não estão muito, assim, com muitos sonhos ainda para o assentamento. Agora, a gente tem que sonhar o que a gente quer e colocar isso em prática no assentamento. A gente é que vai ter que fazer isso! (Pesquisa de Campo, 2014)

Aqui o jovem demarca a sua perspectiva futura vinculada ao assentamento e aos ideais dos mais velhos e, em especial, aos sonhos de seus pais. Renan afirma que os jovens "têm que sonhar o que eles querem" e isso me faz pensar na possibilidade de ele estar repudiando qualquer interferência estranha à sua história de luta. Mas, para Renan, não basta sonhar. É preciso "colocar em prática". E, o que pra mim é o mais significativo, é que ele tem a consciência de que os jovens não podem ficar esperando a ajuda externa, pois são eles mesmos "que vão ter que fazer isso".

Uma análise conjunta dos pensamentos de Renan e Tomás resume toda a contradição que vem sendo discutida desde o início desta dissertação a qual impõe aos jovens uma educação ambígua que talvez tenha a escola como seu principal vetor disseminador. O antagonismo entre MST e ASPROAB, roça e fazenda, rural e urbano, terra como meio de produção capitalista e terra para a agricultura familiar, e outros mais, levantados pela empiria, apontam para uma realidade que foi conduzida a uma polarização definida por duas perspectivas de futuro distintas e antagônicas dos moradores do Olga Benário. Uma está marcada por valores e aprendizados construídos e assimilados graças à conscientização mediatizada pela militância no MST. A outra se baseia em valores arraigados na sociedade envolvente que exerce sua influência de uma maneira desproporcional aproveitando, inclusive, de todos os vácuos de poder para fazer-se valer.

Acredito que, se nada de novo acontecer, o ponto de equilíbrio político, ideológico, cultural e educacional do Assentamento Olga Benário tende a se aproximar do polo que tem como representante máximo o atual pensamento de Tomás. No entanto, considero que a perspectiva de Renan está calcada em bases formativas mais sólidas demonstradas no discurso

menos contraditório e mais estruturado do ponto de vista político-ideológico dos representantes do MST. Contudo, só o futuro poderá revelar se, em algum momento pós-maturidade, esses jovens vão permitir que os aprendizados vivenciados coletivamente na luta pela terra venham à tona a partir de uma reelaboração provocada por alguma situação de "necessidade" ou interesse. O que me preocupa, porém, é minha conclusão final baseada na dualidade improdutiva de uma escolarização que insiste em tratar como iguais jovens tão diferentes: no que depender desta escola, não vão poder contar com uma solidariedade incondicional, nem o desejo de ter motos potentes de Tomás e, muito menos, o sonho que Renan ainda mantem vivo de transformar o assentamento em um lugar melhor de se viver.

CONCLUSÕES
PESQUISADOR E PESQUISA: A DOR DO “APARTO”

O esforço canalizado para a construção desta pesquisa manteve, desde a sua concepção, o propósito de contribuir para algo que fosse além de minha realização pessoal como pesquisador. Tal intento implica compartilhar seus resultados e expô-los a interpretações de outros olhares cuja imprevisibilidade causa apreensão. Este sentimento passageiro é provavelmente resultado da inexperiência acadêmica, entretanto, considero este estudo um significativo primeiro passo capaz de impulsionar uma trajetória de pesquisa que está apenas começando. A imperativa publicação do texto, de certa forma, representa um “aparto” que, apesar de doloroso, se faz necessário para concretizar esta etapa a qual considero ter superado minhas expectativas iniciais.

O aprendizado proporcionado fez perceber que a riqueza do material empírico produzido não pôde ser totalmente explorada no âmbito deste estudo, o que sinaliza seu caráter parcial e a possibilidade de retomá-lo em momento futuro para avançar na compreensão dos fenômenos que envolvem a educação e a escolarização de seus sujeitos, os quais passam a compor minha própria história de vida, sobretudo, de minha trajetória profissional, que absorveu desta experiência a convicção de continuar optando pelo compromisso intelectual com os explorados.

As interações entre sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados permitiram trocas de novos conhecimentos e reelaborações de aprendizados passados que representaram um importante momento formativo para ambas as partes. No exercício prolongado e sistemático de produção de registros para a pesquisa, os moradores talvez não tenham percebido que o proponente foi, na verdade, quem mais aprendeu, enquanto que eles, à medida que colaboravam, iam se constituindo professores cujas palavras disseminaram ensinamentos dignos do meu reconhecimento e respeito.

Mais que sujeitos participantes desse estudo, protagonistas dos depoimentos interpretados em função do problema de pesquisa, todos os colaboradores passam a me acompanhar, não só no meu exercício de docência ou no meu exercício investigativo, mas, principalmente, no meu essencial exercício de humanidade. Impossível, a partir de agora, andar desprovido dos aprendizados intermediados pelos pensamentos de Reinaldo, Edna, Luzia, Sebastiana, Rosa, Maíra, Tomás, Renan e todos os outros (nomes fictícios que definem

seres humanos cuja concretude de personalidade e história de vida foi capaz de redirecionar meu pensar docente, acadêmico e cidadão).

Quanto aos resultados apresentados no capítulo anterior, no qual delineei minha análise, apesar de conclusivos, merecem ser revisitados com mais profundidade em outro momento. Os sentidos de escolarização construídos numa trama de relações marcadas pelo passado de opressão, pela efetiva militância do movimento social, pela frágil política de reforma agrária e, ainda, por uma escolarização descontextualizada, me remeteram a várias possibilidades interpretativas. Apesar de considerar que este estudo tenha contemplado significativa parte delas, julguei ser contraproducente querer atacar a todas no primeiro elã investigativo.

O caminho que me permitiu elaborar as respostas foi pavimentado por informações organizadas em quatro eixos centrais. A análise do primeiro eixo, **indícios de que os sujeitos perceberam e reagiram contra a opressão que os impedia de realizar o sonho de ter a própria terra para trabalhar e viver,** foi capaz de revelar os contraditórios aprendizados alicerçados em momentos distintos e definidos pelo antes e o depois do contato com o movimento social. As falas indicaram que a educação que emana da solidariedade de seus atores em relação às necessidades de seus sujeitos é capaz de superar ensinamentos dominantes que há muito tempo vêm transformando os lavradores em objetos moldados para a exploração. Neste sentido a escolarização dos jovens assentados foi confrontada quanto ao seu papel reprodutor de concepções estruturadas sob o ponto de vista de quem detém o poder e o usa para impor ensinamentos que objetivam a manutenção do *status quo* vigente. Nesta disposição foi possível verificar que a escola acessível aos jovens assentados não contempla uma perspectiva fundamentada na luta que seus pais empreenderam contra o sistema imperante, o que demanda a necessidade de um espaço de aprendizagem concebido sob a ótica do oprimido.

Percorrer o segundo eixo de análise, o qual remete aos **valores construídos na militância do MST**, permitiu identificar um processo de desconstrução dos princípios adquiridos na militância do movimento social. As informações indicam que essa dispersão tem campo fértil na ausência de uma ação educativa no interior do assentamento capaz de dar continuidade aos aprendizados adquiridos nas vivências de luta e, sobretudo, nos eventos formativos projetados e efetivados pelo MST. Outro aspecto conclusivo foi a constatação de que a escola urbana distancia os jovens dos saberes construídos na luta e impacta o sentimento

de pertencimento e identidade, fazendo com que vislumbrem e projetem seu futuro a partir da introjeção do pensamento dominante potencializado por sua escolarização.

A relação dos jovens com o assentamento subsidiou o terceiro eixo da análise. Os depoimentos dados nas visitas e nas atividades do grupo focal permitiram concluir que a falta de estrutura de produção das parcelas do Olga Benário impõe diversas dificuldades que levam os jovens e algumas famílias a criarem expectativas futuras fora daquela realidade. Neste sentido a escolarização é percebida pelos moradores de duas maneiras distintas: para alguns, como um eficaz instrumento de adaptação dos jovens à sociedade envolvente, sendo que, quanto mais descontextualizada em relação ao campo, melhor; para outros, uma possibilidade de capacitação para os jovens transformarem as práticas produtivas na terra. Neste último caso, apesar de reconhecerem a possibilidade de os filhos escolherem viver na cidade, os pais ainda acreditam que a escola possa ajudar a mantê-los trabalhando no próprio assentamento.

Contrário à escolarização na zona urbana, outro resultado emergiu da análise dos depoimentos que consideram a relação dos jovens com o espaço do assentamento. A concomitância entre trabalho e escola ainda é um valor presente naquela realidade. Este aspecto da cultura camponesa é defendido como espaço de formação que protege os jovens das influências externas e desenvolve afinidades que os aproximam das tradições rurais, do gosto pela produção naquele espaço, na consequente valorização e cultivo de vivências, costumes e relações. A conclusão suscitada desta revelação é que esta perspectiva é renegada pela escola imposta aos estudantes do Olga Benário na zona urbana do Município de Ipameri.

O quarto eixo analítico, o qual reúne os depoimentos que revelam **como os sujeitos percebem a efetiva educação escolar oferecida aos jovens do assentamento**, evidenciou que a discriminação dentro da escola atinge os estudantes assentados em diferentes graus da relação com a comunidade escolar e, apesar de gerar contraditórios mecanismos de defesa, não pode deixar de ser considerada como um obstáculo a mais imposto por uma escolarização deslocada do meio cultural original.

Quanto às perspectivas dos jovens em relação ao seu futuro e do assentamento, foi verificada a existência de dois projetos distintos que, apesar de polarizados, confiam que a escola seja capaz de levar à sua concretização. Um deles está alinhado aos princípios mercadológicos e capitalistas da sociedade envolvente e acredita que a escola pode preparar os jovens assentados para o mercado de trabalho fora do assentamento. O outro dialoga com o caráter contra-hegemônico da luta pela posse, resistência e produção na terra e vê a escola

como uma oportunidade de capacitação para melhorar a produção das parcelas. No entanto, as informações indicaram que, ao serem tratados como se fossem iguais, os estudantes do Olga Benário têm seu acesso e sua permanência na escola prejudicados pelo fato de morarem na zona rural. Isso atravanca a realização de seus sonhos independentemente da matriz ideológica que os constituiu.

Uma conclusão final, não por acaso deixada para este momento, sinaliza para novas possibilidades investigativas e envolve ações políticas muito mais complexas e abrangentes do que as que impactam de forma particular o campo desta pesquisa. Considerando os resultados desta investigação, é possível afirmar que toda ação política, oficial ou popular, que tem por objetivo garantir a redistribuição de terras para serem ocupadas e cultivadas por homens, mulheres e jovens, tem que levar em conta o caráter basilar da educação do campo. Caso contrário, poderá sucumbir diante da eficiente e subliminar ação educativa exercida por setores da sociedade que usam de todo o seu poder de influência, historicamente acumulado, para ocupar espaços carentes de formação e impor o seu próprio modelo de desenvolvimento.

Ao finalizar, expresso manter ativa a esperança de que esta dissertação possa ser consultada por outros pesquisadores que se interessem por seu tema central, pela sua metodologia, pelo seu escopo teórico, pelo seu campo de pesquisa, pela sua importância política ou por qualquer outra motivação que apresente interface com seu conteúdo. Imbuídas as iniciativas da mesma intenção de contribuir para o avanço da educação, hei de considerar positivamente até as mais duras críticas que possam advir em relação às minhas interpretações. Esta é a expectativa em relação à densidade do material empírico que juntos, pesquisador e sujeitos, conseguimos produzir e que, ora, submeto a outros olhares para que possam ser estudados em favor dos moradores do Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO.

Quanto a mim, retomo o frontispício desta dissertação, para arriscar-me a tomar emprestadas as palavras escritas por Olga Benário em sua derradeira carta e dizer que também continuarei lutando “pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo”, mas que, agora, é hora de me preparar “para ser mais forte amanhã”.

REFERÊNCIAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e Documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação.** 3. ed. Rio de Janeiro: Petrobrás, 2011. Disponível em: <http://www.usp.br/prolam/ABNT_2011.pdf> Acesso em: set. 2014.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares**. In: ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília Pinto de, VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DPA, 2003, p. 33-48.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais:** Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo.** 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A escola e o movimento social:** relativizando a escola. In: NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirley Aparecida de. (Orgs.), Miguel González Arroyo: Educador em diálogo com nosso tempo. Belo Horizonte: Autêntica, p. 183-192, 2011.

_____. **Pedagogias em movimento:** o que temos a aprender dos movimentos sociais? In: NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirley Aparecida de. (Orgs.), Miguel González Arroyo: Educador em diálogo com nosso tempo. Belo Horizonte: Autêntica, p. 243-266, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense. 2007.

BRASIL. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 ago. 2004. Seção 1. p. 5. Disponível em: <http//: www.jusbrasil.com.br >. Acesso em: 10 set. 2014.

BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A Miséria do Mundo**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, Florestan. **Em busca do socialismo:** últimos escritos & outros textos. São Paulo: Xamã. 1995.

FIRMINO, Waldivino Gomes. **Itinerários Camponeses:** *de lá para cá* e *daqui pra li* até o Assentamento Olga Benário em Ipameri (GO). 2013, 141f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 57. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Educação e Mudança**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Simpósio internacional par a Alfabetização em Persépolis 1975**. In: GADOTTTI, Moacir, História das Ideias Pedagógicas 8. ed. São Paulo: Editora Ática, p. 254-255, 2003.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Líber livro, 2007.

_____. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** São Paulo: Líber Livros, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUARDIÁN-FERNANDES, Alícia. **El Paradigma Cualitativo em la Investigación Socio-Educativa**. Costa Rica: CEECC; AECI, 2007.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital:** e as crises do capitalismo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

LOUREIRO, Walderês Nunes. O aspecto educativo da prática política: a luta do arrendo em Orizona. 156 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1982.

MARTINS, José de Sousa. **Capitalismo e Tradicionalismo:** estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MORAIS, Fernando. **Olga:** A vida de Olga Benário Prestes judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas. 2. Ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985.

PESSOA, Jadir de Morais. **Educação e Ruralidades**. Goiânia: UFG, 2007.

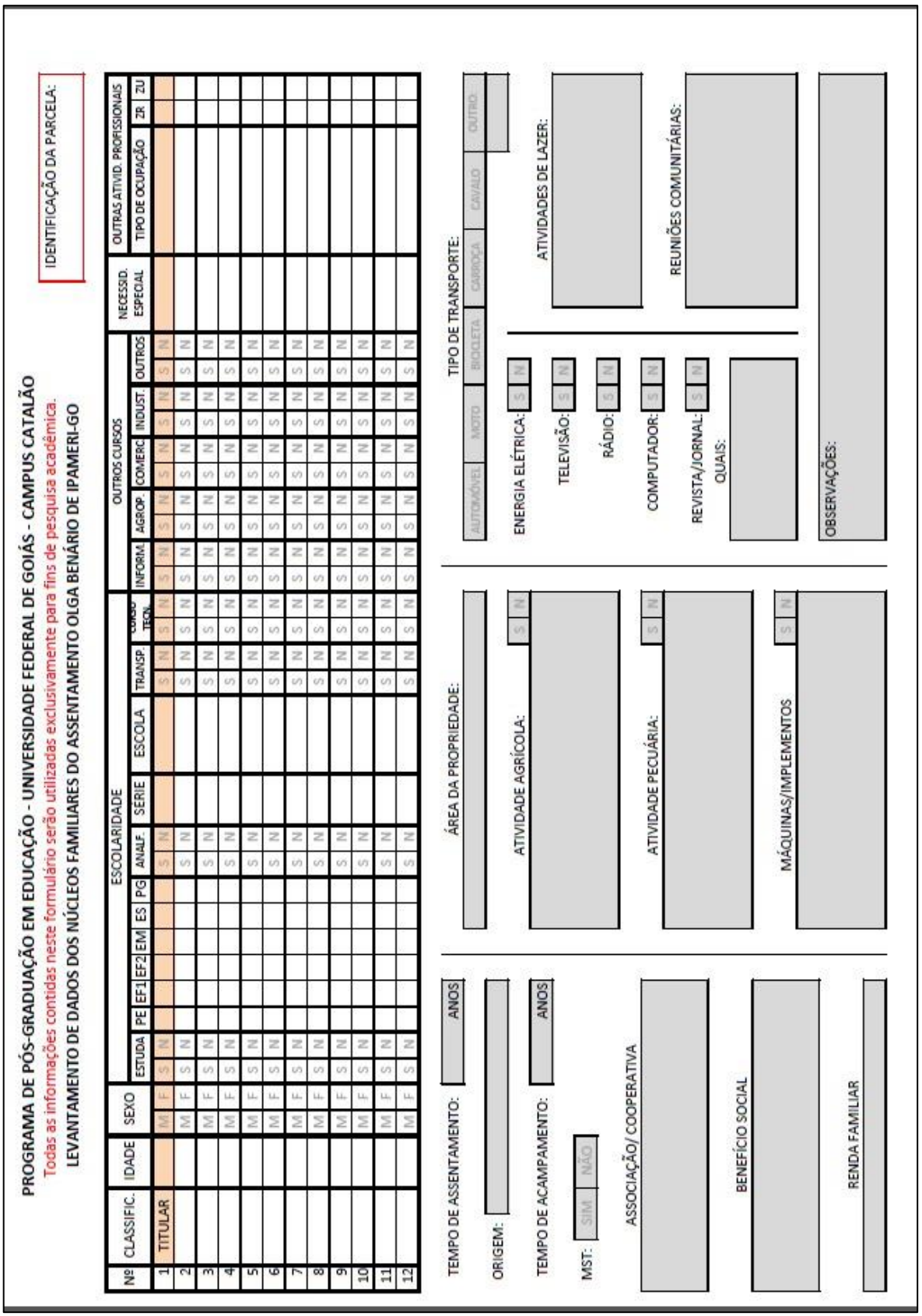
SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para Além do Pensamento Abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.), Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, p. 31-83, 2010.

SANTOS, Milton. **O lugar e o cotidiano.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.), Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, p. 584-602, 2010.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**. Campinas: Autores Associados, 2002.

APÊNDICE A
FORMULÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS PRELIMINARES DO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO DE IPAMERI-GO

FORMULÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS PRELIMINARES
DO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO DE IPAMERI-GO
(FRENTE)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - CAMPUS CATALÃO

Todas as informações contidas neste formulário serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica.

LEVANTAMENTO DE DADOS DOS NÚCLEOS FAMILIARES DO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO DE IPAMERI-GO

IDENTIFICAÇÃO DA PARCELA:

Nº	CLASSIFIC.	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE										OUTROS CURSOS								NECESSID. ESPECIAL	OUTRAS ATIVID. PROFISSIONAIS		
				ESTUDA	PE	EF1	EF2	EM	ES	PG	ANALF.	SÉRIE	ESCOLA	TRANSP	CONSTRUÇÃO	INFORM.	AGROP.	COMERC.	INDUST.	OUTROS			TIPO DE OCUPAÇÃO	ZR	ZU
1	TITULAR		M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
2			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
3			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
4			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
5			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
6			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
7			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
8			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
9			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
10			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
11			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					
12			M F	S N							S N			S N	S N	S N	S N	S N	S N	S N					

TEMPO DE ASSENTAMENTO: ANOS

ORIGEM:

TEMPO DE ACAMPAMENTO: ANOS

MST: SIM NÃO

ASSOCIAÇÃO/ COOPERATIVA

BENEFÍCIO SOCIAL

RENDA FAMILIAR

ÁREA DA PROPRIEDADE:

ATIVIDADE AGRÍCOLA: S N

ATIVIDADE PECUÁRIA: S N

MÁQUINAS/IMPLEMENTOS S N

TIPO DE TRANSPORTE:

AUTOMÓVEL MOTO BICICLETA CARROÇA CAVALO OUTRO

ENERGIA ELÉTRICA: S N

TELEVISÃO: S N

RÁDIO: S N

COMPUTADOR: S N

REVISTA/JORNAL: S N

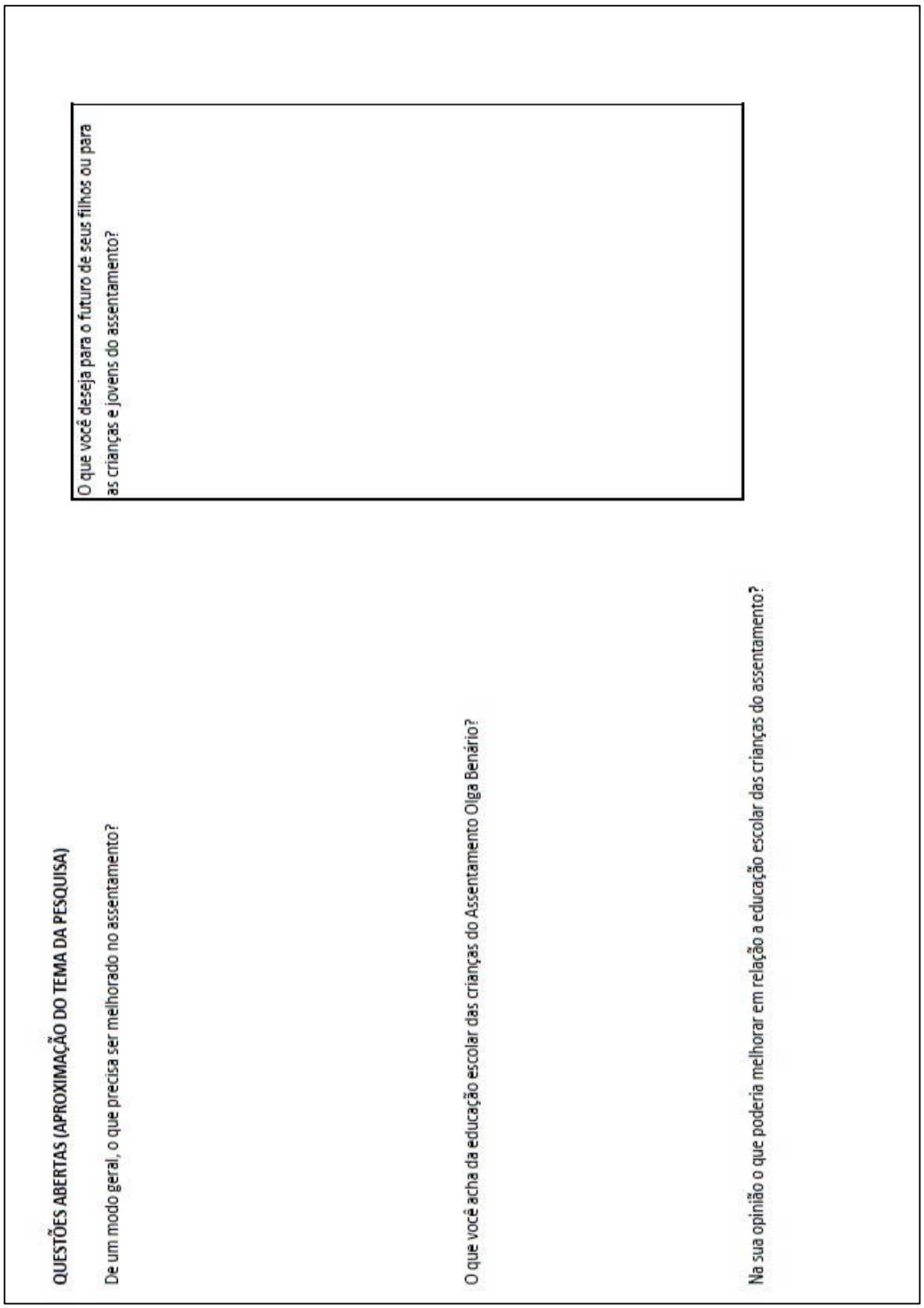
QUAIS:

ATIVIDADES DE LAZER:

REUNIÕES COMUNITÁRIAS:

OBSERVAÇÕES:

FORMULÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS PRELIMINARES
DO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO DE IPAMERI-GO
(VERSO)



APÊNDICE B
TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM OS REPRESENTANTES DO MST

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM OS REPRESENTANTES DO MST

- PESQUISADOR
    - Então, é o seguinte! Antes de mais nada, né! Eu queria agradecer muito a presença de vocês aqui, novamente. É muito importante. Vocês, eu acho que não têm, assim, a dimensão do quanto é importante para o resultado da pesquisa essa disposição que vocês estão tendo de participar e de ajudar, né! A gente conversa, eu tenho conversado com vocês aí, visitando vocês e às vezes a gente não deixa tão claro o tanto que é importante a participação de vocês, inclusive essa forma de colher dados para a pesquisa, esse movimento que nós estamos fazendo aqui hoje, que ele tem um nome técnico que chama grupo focal, ele é uma forma de reconhecer a importância da participação das pessoas que compõem a realidade que tá sendo investigada, então, olha só! É, seria muito mais fácil para um pesquisador entrar aqui, observar e concluir no trabalho dele, registrar as conclusões que ele tirou da observação dele sem dá oportunidade de voz para as pessoas que compõem aquela realidade. Então, olha só! Esse grupo focal é a maneira mais democrática que eu achei de fazer vocês participarem da pesquisa, porque o que interessa é a opinião de quem vive essa realidade, é a visão de quem tá aqui, conhece o dia a dia, que tem toda uma história, que a gente vai tentar levantar a partir de agora, que seja de interesse pro foco da pesquisa. Vocês sabem que a minha pesquisa, ela envolve as questões de educação do assentamento, né! A minha intenção é entender aqui, qual é a visão que vocês têm de educação, né! Porque vocês acham que ela é importante, pra vocês, para os jovens, para o futuro do assentamento, como que vocês enxergam essa questão da educação, tá? Então, muito obrigado, em nome do pesquisador que sou eu, em nome da Universidade Federal de Goiás também, né! Que é a instituição que abraçou essa pesquisa, entendendo a importância dela, tá? Eu queria para começar, explicar para vocês como que funciona o grupo focal. Essa identificação aqui ela faz parte de um procedimento de pesquisa, que a gente tem umas normas para cumprir que a gente faz questão de seguir, né! O grupo focal, ele não tem por objetivo ver o que é certo ou o que é errado, eu não quero julgar se o Reinaldo está falando coisa certa ou errada. Não existe o certo e o errado aqui, né! O que eu espero é que aconteça uma troca de ideia. Quanto mais debate houver, é mais interessante para a pesquisa, então, eu estou dizendo isso, por quê? Porque não precisa ficar preocupado assim, *"Ah! Eu não vou falar porque eu tenho que falar aquilo que é certo",* não é uma tentativa de vocês acertarem nada, é uma...um diálogo, uma conversa. Eu não sei... você que teve a oportunidade de estar aqui, né Rosa, mais de perto quando aconteceu com os meninos, né! Foi uma maravilha! Tudo ocorreu bem, mas parece que às vezes os jovens, eles têm mais facilidades para lidar com essas coisas, né! Mas eu acho que, com o passar do tempo aqui, a gente vai soltando e a gente vai conseguindo levantar as informações que são interessantes. Então, para efeito do registro, primeiro, vou explicar para vocês porque o Denison esta filmando. As coisas que eu achar importantes para a pesquisa, depois eu tenho que transcrever para o papel, né! E a memória da gente, já com essa idade meio avançada, é muito difícil da gente captar tudo e fica muita coisa importante para trás. Então, a filmagem é a forma só de eu estar revendo depois o que cada um falou, porque falou, o que será que levou de repente a Érica a falar aquilo naquele momento, aí eu vou falar *"não, é porque eu tinha falado antes aquela coisa,*

provavelmente foi isso que fez ela lembrar aquilo que ela falou". Então, eu vou assistir e "re-assistir" juntamente com a minha professora orientadora do Mestrado, nós vamos assistir e "re-assistir" essa gravação várias vezes para tentar tirar dela aquilo que é relevante para o nosso estudo, vocês estão entendendo? Então, a filmagem é para efeito de pesquisa, ela só vai ser usada com a finalidade única e exclusiva da pesquisa.

- LUZIA
  - E também, é só você que vai ver as palhaçada que nós vai...
- PESQUISADOR
  - Só eu. Eu vou estar pedindo licença para vocês para estar discutindo com a minha orientadora, né! Porque ela esteve aqui na semana passada. Essa semana ela está viajando, ela não pôde estar aqui, e a pesquisa, a gente tem prazos pra cumprir, então, eu não pude adiar. Eu tenho que fazer mais uma reunião além dessa, né! Com outro grupo de pessoas, tem mais um grupo focal para fazer. Bom, então, o que eu quero explicar para vocês, que ela vai estar assistindo comigo, a gente vai estar assistindo numa sala, só os dois, pra gente tá tentando analisar, né! Os dados que estão contidos ali, que pra gente são importantes. Mas, eu já digo para vocês, tudo que for registrado está à disposição de vocês também, tá? Se vocês quiserem ver num momento, falar assim, *"olha, isso aqui eu não gostei, eu quero tirar",* a gente retira, isso sem o menor constrangimento, isso faz parte dos procedimentos de pesquisa, né! Então, se por acaso alguém fala assim, *"olha, Ricardo! eu queria desconsiderar aquilo que eu falei, aquilo que eu falei eu acho que não ficou muito legal"*, nós vamos, eu vou conversar com o Denison, ele vai editar, ele vai cortar aquilo e aquilo não vai ser analisado nem para efeito de pesquisa. Vocês estão me entendendo. Vocês é quem mandam, tá? Vocês é que definem, é, como que vai ser esse procedimento, bom...
- REINALDO
  - Deixa eu falar aqui. Eu quero que você ponha no Twitter! (risos)
- PESQUISADOR
  - Aí, também a gente põe. Tendo autorização, Reinaldo, para por no Twitter, a gente põe também. Vocês são os donos das imagens, tá?
- REINALDO
  - O Twitter tá bombando!
- PESQUISADOR
  - Vai bombar, eu tenho certeza que vai bombar! Bom, para a gente, então, identificar cada um na hora do momento da fala, é... eu pensei uma dinâmica assim. Eu gostaria que cada pessoa viesse até aqui e escolhesse um bombom que acha mais parecido com um de nós e faz uma apresentação, presenteando essa pessoa que você vai apresentar com um bombom e fale alguma coisa daquela pessoa, entenderam? Se vocês quiserem eu começo pra dá o exemplo, pode ser?
- LUZIA
  - Não, meu Deus! Eu não aguento fazer isso não!
- PESQUISADOR
  - Então, aqui oh! Não, é coisa à toa. Gente aqui não tem nada! É só uma forma da gente pensar uma apresentação! Deixa eu ver aqui um bombom! 'Surreal', vou pegar esse aqui. Eu vou presentear esse bombom a Fernanda, e vou falar um pouquinho o que eu sei dela, tá? Eu tive a oportunidade de conversar com a Fernanda duas vezes, né Fernanda! E foi o suficiente pra eu achar que ela tem

muito a colaborar com a pesquisa, aliás, todos vocês que estão aqui, porque aquela primeira conversa que a gente teve, eu percebi que vocês têm muito a dizer para a pesquisa, tá! Então, uma pessoa muito simpática, me recebeu muito bem, muito cuidadosa com a casa dela com as crianças, tá! E é uma pessoa que eu tive o maior prazer de conhecer, a Fernanda, viu Denison, essa aqui, tá bom?

- FERNANDA
  - Obrigada!
- PESQUISADOR
  - Agora você faz a mesma coisa! Escolhe uma pessoa que você quer apresentar e presenteia com um bombom, coisa simples!
- FERNANDA
  - Vamos ver! Eu vou numa pessoa com mais intimidade.
- PESQUISADOR
  - Isso!
- FERNANDA
  - Vou pegar esse! Rosa, né! Aqui a minha amiga Rosa...
- LUZIA
  - Só que você tem que ficar de cá, né!
- PESQUISADOR
  - Não, tá ótimo. Vocês podem ficar à vontade. Ele se vira para registrar. Não se preocupa não!
- FERNANDA
  - A Rosa é como eu. Trabalha adoidado, tenta de todo jeito, se não dá daqui vai dali, caça um jeitinho de tá sempre buscando uma oportunidade, uma coisa nova pra tá inovando e pra poder o negócio andar, né! Certo? Beleza?
- ROSA
  - Obrigada, amiga!
- PESQUISADOR
  - A Rosa e a Fernanda não sossegam, né! Tão sempre achando uma forma de...
- FERNANDA
  - Buscando uma forma de tá inovando...
- PESQUISADOR
  - Produzindo alguma coisa, inovando, aprendendo... isso é bom, o que você falou! Vai, pode escolher alguém que você quer apresentar!
- ROSA
  - Deixa pro fim!
- PESQUISADOR
  - Vamos agora mesmo! Vamos Rosa!
- ÉRICA
  - Ah, Rosa! Anda logo, sai desse lugar!
- ROSA
  - Tanto faz a cor, né!
- PESQUISADOR
  - Tanto faz!
- ROSA
  - Bom, pra mim foi um pouco difícil porque ela já me vê todos os dias, né! Eu tenho tempo que não vejo a Luzia, tem tempo que eu não vejo a Érica, o Cenoura, a gente já se vê muito nos cursos...

- PESQUISADOR
  - Quem é? Cenoura?
- ROSA
  - Esse menino aqui.
- PESQUISADOR
  - Eu não sabia desse apelido não!
- ROSA
  - Desculpa Cenoura! (risos)
- REINALDO
  - Agora vai pro notebook! Agora você vai pro meu e-mail!
- ROSA
  - Não vai ter outro jeito! Eu chamo ele toda a vida assim!
- LUZIA
  - E eu também é!
- ROSA
  - (Ininteligível)... no Reinaldo e eu não gravo!
- PESQUISADOR
  - Brincadeira! É isso mesmo!
- REINALDO
  - Mas onde não tem cenoura não fica bom, não!
- PESQUISADOR
  - Fica não, tem que ter!
- ROSA
  - Então, eu vou dá aqui pra Luzia, né! E ao mesmo tempo, na minha ideia seria para as duas, porque todas duas é companheira há muitos anos aqui dentro e a Érica é muito... a gente é muito amiga, foi vizinha muito tempo, onde eu pegava a... eu ia pegar carona na beira da BR, eu ia por dentro de a pé, na volta eu dava minhas paradinhas pra lanchar na casa dela com a água friinha, era eu e a Sebastiana, né Érica? Sem falha! E a Luzia, eu vou oferecer também o bombom pra ela porque, além da gente ser companheira, a gente não anda muito se vendo, porque ela tem os problemas na família, né! De saúde pra ela resolver e ela... e eu quase não tenho tempo de ir por causa dos cursos, é igual a Fernanda disse, a gente se ocupa muito com os cursos e com a quitanda, um trem pra sair pra vender, então, você acaba sumindo, né! A gente mora aqui dentro, acaba sendo quase a distância de uma cidade pra outra pra se vê, porque a gente geralmente não se vê todos os dias, que é, a mulher assentada, não é aquela coisa que se fala assim, *"ah! As mulher lá do assentamento",* que às vezes vê a gente lá no trevo acha que tem tempo. Não é Kal. A gente não tem tempo, né! Para se vê, a gente trabalha, acho que as que mais trabalha na vida. Então, Luzia! Pra gente se vê mais tempo, tá! Arruma mais um brechinho pra vim me visitar!
- PESQUISADOR
  - Que legal!
- LUZIA
  - Obrigada! Ai, agora eu!
- PESQUISADOR
  - Agora você! Escolhe um dos dois aí!
- ROSA
  - Acho que eu falei demais!

- REINALDO
  - O Zé não está aqui!
- PESQUISADOR
  - Falou não! Quanto mais vocês falarem é melhor!
- LUZIA
  - Eu vou ter que falar é com o Cenoura mesmo, que ele que eu convivo mais!
- REINALDO
  - Agora você vai ter que distribuir isso aí é pro feio, que o lindinho não tá!
- LUZIA
  - Ah! Aqui eu vou pegar qualquer um aqui. Tudo é chocolate mesmo, né! Eu vou oferecer pra você, Cenoura!
- REINALDO
  - Muito obrigado, eu já estou agradecendo...
- LUZIA
  - Pelo companheirismo seu, pela sua inteligência, que você procura sempre ser informado das coisas e passar para a gente também, viu! E é só isso que eu tenho pra falar!
- PESQUISADOR
  - Ótimo, muito bem!
- REINALDO
  - Nossa querida irmã, amiga, companheira Érica. Receba de presente e eu quero tá agradecendo o Ricardo essa oportunidade e dizer que eu gostaria de distribuir os quatro bombons!
- PESQUISADOR
  - Pode distribuir, Reinaldo! (risos)
- REINALDO
  - Porque, todas são excelentes pessoas. A Luzia, venho fazer isso aqui, porque foi a primeira pessoa aqui, nesse assentamento que conhecemos quando eu, acampado ali no Retiro, né! E aí, essa Luzia lá fazia um bafafá danado lá mais nois, e nois conversava muito e a gente tomou, assim, uma boa amizade. Até porque, Ricardo, eu não sou daqui dessa região, sou lá do norte de Goiás e quando a gente chegou aqui, era estranho demais pra gente, o pessoal, né! E depois tomei também conhecimento com a Érica e passei a gostar muito do Ítalo, nós trabalhamos aí junto numa roça comunitária e a gente passou a ter, assim, uma certa amizade, assim, mais é... confiável, né! Depois a gente vem pra cá e passa a conhecer a Fernanda também e já nas associações, aqui nas reuniões, que eu era, assim, um pouco excluído aqui dentro, porque eu não estava desde o início da luta daqui. Até que eu sou, ás vezes aqui, mais velho que alguns aqui na luta, mas na época daqui eu não estava aqui, eu estava na luta em outras regiões. Mas, depois também vem a dona Rosa, que nós nos conhecemos aqui e acho ela uma excelente pessoa e conheci primeiro foi o marido dela que é o Síndico e a gente tomou, assim, boas amizades também, graças a Deus eu conheci o Síndico eu ainda não era assentado aqui, numas reuniões lá no Retiro que chamava ele pra ser coordenador de grupo e tal, até pra Direção Estadual e aí falavam *"Síndico, Síndico"*, e eu nem sabia o nome, depois que descobri o nome dele e tal, e graças a Deus a gente vem se relacionando e por isso eu parabenizo, são boas pessoas e estamos aqui para dispor pra você a disposição de palavras aqui do conhecimento de nossa luta, o que for possível. Deus abençoe!

- PESQUISADOR
  - Amem! Obrigado, então!
- REINALDO
  - Agora, comeremos o lanchinho!
- PESQUISADOR
  - Querem lanchar agora? Podem ficar à vontade. A gente vai conversando, vocês vão comendo...
- LUZIA
  - A gente vai comer depois. Eu vou esquentar ela aqui na minha mão! Falta a Érica falar!
- PESQUISADOR
  - A Érica não falou? Me apresenta, Érica!
- REINALDO
  - Agora ela tem o direito de distribuir seis bombom!
- PESQUISADOR
  - Eu quero bombom, também!
- ÉRICA
  - Bom, como sobrou eu, né! Eu vou oferecer ao professor Ricardo, pela segunda vez, né! Conheci ele foi na minha casa, a gente teve a oportunidade de trocar algumas palavras e simpatizei muito com ele, gostei do jeito dele, da preocupação dele, né! De tá aqui, dando uma força pra nós no assentamento que são poucas pessoas que se disponibilizam, né! De vir, interessar por nós, né! Então, quando a gente acha uma pessoa assim, que tá querendo ajudar numa área que, principalmente tá precisando aqui dentro, a gente fica muito feliz! Então, ofereço ao professor Ricardo.
- PESQUISADOR
  - Obrigado.
- REINALDO
  - Vamos montar nessa oportunidade! (risos)
- PESQUISADOR
  - Então, tá! Yasmin quer o bombom, pode pegar filha! Bom, pessoal! O Reinaldo falou um pouco pra gente até... você falou um pouco de onde você veio, né! Quem mais pode falar de onde veio?
- LUZIA
  - Eu vim de Itumbiara!
- PESQUISADOR
  - De onde você veio, Reinaldo?
- REINALDO
  - Niquelândia!
- PESQUISADOR
  - Niquelândia, a Luzia de Itumbiara?
- LUZIA
  - Itumbiara!
- PESQUISADOR
  - Érica?
- ÉRICA
  - Pires do Rio!
- PESQUISADOR
  - Pires do Rio...

- REINALDO
    - Aliás, oh, Ricardo! Eu posso me consertar aqui, que eu não vim pra aqui de Niquelândia. Eu vim de Baliza, que Baliza tá na região de Aragarças, divisa de Goiás com Mato Grosso. Baliza faz divisa ali com Torixoréu. Então, eu vim direto de lá, aqui pro acampamento em Urutaí e daí que eu vim aqui pra esse assentamento, que pra... de Niquelândia eu fui pra lá.
- PESQUISADOR
    - E a Rosa?
- ROSA
    - Rio Verde. Rio Verde! Das abóboras, perto de Santa Helena.
- PESQUISADOR
    - Gente, o que vocês guardam na memória de antes de entrarem nessa luta pela terra, antes dessa história... todo mundo aqui foi acampado? Todo mundo acampou?
- GERAL
    - Fui!
- PESQUISADOR
    - Antes do acampamento, o que vocês têm pra me falar, assim, da vida de vocês antes do acampamento. O que despertou vocês para essa luta pela terra?
- LUZIA
    - Posso falar?
- PESQUISADOR
    - Claro!
- LUZIA
    - Eu vim pra luta por causa que eu trabalhava de boia-fria e aí... tem muitos anos que eu trabalho de boia-fria, aliás, quase a minha vida inteira. Quando eu vivia na Bahia eu trabalhava na roça junto com meu avô, minha mãe, depois nós viemos pra Goiás e eu trabalhava de boia-fria lá em Itumbiara. Aí, passei mal na roça porque o avião estava batendo veneno no algodão e eu limpando o algodão. Aí, intoxiquei com o veneno e fui quase morta pro hospital e chegou lá, cuidei e tudo, mas eles me mandaram embora. Fiquei três dias, quando eu voltei eles disseram que não precisavam, como a carteira não era registrada. Aí, disseram que não precisavam mais do meu serviço, porque eu estava passando muito mal e eu pensei, *"porque ficar trabalhando de boia-fria se eu posso entrar no acampamento e lutar por um pedaço de terra pra mim"?* Aí eu fui, que do acampamento, eles transferiu pra cá mentindo pra nós que tinha ganhado a terra, cheguei aqui não era nada disso Aí, fui contribuir, fiquei morando mais de um ano ali naquelas casinhas ali no Retiro, é, eu estava contribuindo lá, e de lá eles tiveram... surgiu uma oportunidade de ter uma vaga, alguém que desistiu. Aí, eles me colocaram, através do meu serviço que eu fiz lá, eles me colocaram aqui e hoje vivo trabalhando pra mim mesma. (sorrindo)
- PESQUISADOR
    - Luzia, mas como foi o passo que você deu, assim? Você falou que passou por isso, você era boia-fria, né!
- LUZIA
    - Boia-fria!
- PESQUISADOR

    - Aí, teve esse problema. A sensibilidade com relação ao produto que usava lá, adoeceu. Aí, você resolveu...
- LUZIA
    - Entrar no Movimento!
- PESQUISADOR
    - Entrar no Movimento... eu queria que você falasse, esse passo que você deu, você resolveu entrar no Movimento e aí, você... como que foi, essa entrada? Você encontrou alguém? Como que foi?
- LUZIA
    - Não, é porque já tinha um rapaz lá que era do acampamento, só que ele trabalhava de boia-fria e ia pro acampamento. Aí, ele me chamou, "*Luzia, vamos lá! Quem sabe você não ganha uma terra"?*
- PESQUISADOR
    - Ah, tá. Entendi!
- LUZIA
    - Aí, foi aonde eu fui.
- PESQUISADOR
    - Então, foi através dessa pessoa que você conheceu o Movimento?
- LUZIA
    - Através dessa pessoa que eu conheci o Movimento. Que antes eu tinha os Sem Terra como vagabundo, que é o que a gente vê na televisão, né! Que é vagabundo, que gosta de invadir fazenda dos outros, sendo que não é nada disso. E aí, ele foi explicar pra mim que não era nada disso e tal, eu falei... que eu fiquei até com medo. Aí, mas mesmo assim eu fui. Eu falei *"vou tentar, quem sabe"!* Você tem que conhecer pra poder depois falar, né! E fiquei.
- PESQUISADOR
    - Depois que você conheceu mudou a sua visão?
- LUZIA
    - "Iche", completamente! É tanto que se a pessoa tiver nome sujo na delegacia não fica aqui, não ganha terra. Se tiver nome no SPC tem que limpar. Então, isso aí é uma prova que só fica pessoa boa, não é verdade? Que se tiver processo não ganha terra.
- PESQUISADOR
    - Quem mais tem alguma coisa, assim, pra falar dessa época, dessa passagem, desse interesse pelo Movimento, como é que aconteceu?
- ROSA
    - Bom, Kal! Eu... sempre eu gostava, assim, eu tinha vontade, só que eu... às vezes, a gente ia passear em alguma fazenda que parente, né! Trabalhava pros outros e morava, né! Aí, sempre que tinha... às vezes tinha um passeio, alguma coisa na cidade, não me interessava tanto quanto ir pra roça, eu amava. Aí, um dia eu fui falei... o Síndico trabalhava em um motel lá em Rio Verde. Ele só tinha folga uma vez na semana, então, era uma coisa que estava prejudicando a saúde dele porque depois que ele começou a trabalhar nesse motel ele começou a beber muito, era! Bebia, às vezes chegava, ao invés de ir para casa ia diretamente pro bar, ficava aquela vida tucunhada, já com muito sofrimento, né! Aí, um dia eu falei pra ele assim... ele tem esse apelido de agora, só que antes, é de acampamento, antes não era Síndico, né! Eu falei pra ele o nome, né!
- PESQUISADOR

- Esse apelido surgiu no acampamento?

- ROSA
  - No acampamento! Rolo de acampamento! Aí, ele pegou, eu falei, assim, falei *"Fernandes, vamos, vamos caçar uma fazenda pra gente trabalhar e morar lá"?* Ele falou assim, *"você tá ficando doida? De jeito nenhum"!* Eu falei, *"Ah, não! É tão bom! Você vê, o seu irmão mora lá, a gente vai, aí eles têm horta"*, eu tinha vontade de um lugar sossegado, eu queria mesmo era fugir da cidade, eu não aguentava mais, né! Aí, ele não queria, ele falou pra mim assim, *"não, se for pra mim um dia, Rosa, pra nós morar na roça, só se for nosso. Dos outros, não vou morar no meio de roça tratando de fazenda dos outros não, cuidando de coisa dos outros não"*. Mas Deus abençoa, um dia nós vai ter! Aí eu pensei, eu falei, né! E ao mesmo tempo eu raciocinei, *"como é que nois vai ter, nois não tem dinheiro pra comprar uma fazenda"*. Aí, quando foi um dia minha irmã ligou lá em casa, era meio dia e pouco, ele estava dormindo, ele estava tão cansado daquela noite de serviço, a noite toda acordado, lavando apartamento, trocando lençol, e aquele... aquela loucura, né! E então, e já bêbado também, juntou tudo. Aí, minha irmã ligou e falou assim, *"Rosa, adivinha onde é que eu tô"?* Eu falei, *"aonde"?* Ela falou, *"tô no acampamento"!* Falei, *"ah, que bom! Vocês foram acampar"?* Ela, *"é no acampamento, vem também"!* Eu falei, *"ah, não! Tá bêbado, o (ininteligível) tá bêbado aqui desde madrugada"*, falou assim, *"não Rosa, no acampamento aqui dos Sem Terra"!* Falei, *"nossa, você tá ficando doida"?* Aí ela falou assim, *"não..."* foi quando eu falei assim, *"nossa Raimunda, sai daí, você tá ficando doida minha irmã, não sei, esse trem não dá muito certo, não, não vou de jeito nenhum"!* Ela, *"não, vem"*, falei, *"vou aí, mas pra te tirar daí, isso não é certo, Raimunda, como é que você entra dentro de uma, de um acampamento de Sem Terra, vejo falar, eles é um povo brabo"*. Aí ela, *"e não, se você vê o tanto que aqui é bom"*, e foi contar como que lá era bom e falou um punhado de coisa, aí eu falei, *"vou chamar ele e vou lá agora"!* Aí, chamei ele, falei, *"vamos lá na Raimunda"?* Ele já tinha dormido mais um sono, né! Ele falou assim, *"fazer o que lá"!* "*Pra ver o que era, onde era"*, ele falou, *"ah, eu vou"!* Eu pensei que ele não ia interessar por esse lado não, *"Ah, eu vou"!* Eu falei, *"vamos, mas nós vai lá só vê minhas irmãs primeiro*", já que no caso, estavam duas, duas irmãs acampadas. Elas acampou, que nem hoje, na parte da manhã já ligou pra minha casa pra mim ir também. Aí, nois pegou, foi. Quando chegou lá eu vi aqueles tanto de casinhas! Menino, o povo já tinha... já tinha uma ocupação planejada pra aquele dia. Kal, eu não tinha noção do que era uma ocupação. Aí, a minha ideia era ir como se vai num dia na beira do córrego, passa o dia lá e volta. Eu pensei, *"vai ser bom, né"?* Menino, quando chegou lá, elas alugou tanto ele, aí ele disse assim, *"Rosa, você fica"!* Eu falei, *"eu! Porque eu? Eu não vim com ideia de ficar"*, Eu falei, *"não minha irmã, eu vou e amanhã eu volto"*, Aí ela, *"ah, mais você não vem"!* Falei *"venho"! "Não Rosa, fica hoje que vai ter uma ocupação..."* e me forçou, *"vai ter ocupação hoje, nois vai sair daqui hoje à noite e as terra, nois já vai diretamente pras terra"*, falei, *"é"*?

- FLÀVIA
  - É desse jeito!

- ROSA
  - Eu falei, *"mas como é que vai"?* Aí ela falou assim, *"não, é... vem um ônibus, eu vi falar que é assim, vem um ônibus*", só que eles não fala a hora e nem o

lugar. Aí, eu já comecei a ficar com o pé atrás, *"Raimunda, como é que vai pra um lugar que a gente não sabe nem pra onde vai? Se acontece alguma coisa com nós? Como é que vai achar? A família vai saber"?* Ela, *"não, uai! Risco é risco! Vamos correr o risco"!* falei assim, *"ah, não! Mas eu não quero ficar, e eu vou fazer cumê..."*

- PESQUISADOR (sobre o barulho que a roçadeira do esposo da Fernanda estava fazendo)
    - Deixa eu fazer uma perguntinha pro Denison. Denison, você acha que atrapalha a captação do áudio?
- DENISON
    - Atrapalha!
- PESQUISADOR
    - Tem jeito Fernanda, por favor?
- FLÀVIA
    - Eu vou lá falar!
- PESQUISADOR
    - Porque é importante cada coisa que vocês falam. Se confundir o barulho depois eu não consigo escutar. Mas, pode continuar!
- DENISON
    - É porque o microfone da câmera é muito sensível!
- ROSA
    - Aí, eu peguei e falei assim, *"mas, e nois vai dormir aonde, como é que vai fazer comida"? "Ah! Comida nois..."* aí, minha irmã tinha levado um fogãozinho, né! Aí, eu pensei, *"nois vai fazer comida aqui, e dormir"? "O Dimar faz um barraquinho procê, ou então fica junto com nois, nois vai dormir no chão. Aí, quando for hora de ir... na hora de levantar acampamento nois tem que tá pronto"*. Eu fiquei ali. Oh, Kal, eu fiquei contrariada dum tanto, eu fiquei com uma raiva tão grande dela e do meu marido. Falei, *"mas isso é uma armadilha! Como é que faz... eu não queria ficar não Raimunda"!* Aí, quando foi de noite, menino do céu! Quando foi escurecendo... aí eu fiquei com os dois pequeno meu, a Ana, que nesse tempo a Aninha tinha cinco anos e o Wanderley com seis. Aí, eu fiquei com esses dois meninos, né! A Jussara ficou com o pai dela. Quando foi à noite eu vi só o povo começando a juntar os trem. Era muito diferente de uma mudança! Oh, Kal! Aí, começou desmanchando as barraca, igual numa hora que eu queria era quietar, eu queria era dormir! Ou, era um frio tão grande! Aí, foram desmanchar as barraca. Aí, disse que na hora que estourasse um foguete era hora de levantar esse acampamento. Menino, a hora que esse foguete estourou foi o maior vuco-vuco, eu fiquei perdidinha, porque era tão... o nosso acampamento, você ter noção, era quase quinhentas pessoa!
- PESQUISADOR
    - Nossa! Quinhentas pessoas?
- ROSA
    - Ele pegava o comecinho... não sei se você conhece o lado de lá. Vindo de Rio Verde pra cá tem um posto chamado Posto São Pedro. Ele pegava...
- FERNANDA
    - Era no Anita Mantuano?
- ROSA
    - Não, Dorcelina!

- FERNANDA
    - Ah, Dorcelina!
- ROSA
    - Ele pegava do Posto São Pedro até na cabeça da ponte cá em cima. Muita gente de um lado e de outro, duas pista de acampamento de um lado e duas de outro, tinha aquelas ruazinhas com as barraca, gente demais! Aí, você vê, aí, até aí eu estava achando meio ruim. Aí, depois quando o trem começou a esquentar, eu comecei a gostar. *"Sabe de uma coisa, eu tô gostando desse trem, é bom demais, tô gostando! Se pra conquistar a terra é assim..".* eu achava que ia ter arruaça, mas não teve, foi uma coisa muito boa, só que o acampamento... nossa ocupação foi a primeira que eu fiz foi, ela foi ruim, porque, além do nosso acampamento ter gente demais, eu acho que a gente até se viu por lá, porque muita gente que eu vejo aqui hoje, estava lá nessa ocupação, mas ninguém sabia de mim, eu não sabia de ninguém, porque chegou lá Kal... aí nisso Kal, tô pulando! Nisso aí, foi muitas Scania, muitos ônibus e nois foi por dentro do mato! Nois saia pelo mato, os carro veio, entrou na estrada de uma fazendinha de um lado do acampamento, os outros mudou tudo pra cá, só ficava ali na beira da BR só os ônibus, as Scania ficava pro fundo, nois saiu tudo com as mudança pelo fundo, que a mudança seria saco de roupa, de comida e vasilha. Aí, lá ia ter lona, esses trem, tudo de novo. Nois deixamo... ah, tá! Algumas barraca foi desmontada, a maioria não foi desmontada, por quê... porque se alguém comentasse ou deixasse vazar para a família, se algum caso a polícia, porque a polícia sempre estava atrapalhando nossa vida, né! Fosse interferir ali, chegasse lá, assim, *"não, não foi ninguém, o acampamento tá lá em peso"*, mas nois já tinha planejado... o MST trabalha muito bem nesse ponto. O MST não põe ninguém em risco, trabalha a organização muito boa, eu acho que é a única. Hoje em dia a gente, a gente pode até se distorcer, viu Kal, a gente pode ser aí uma coisa ou outra, ou gostar de muitas coisas, mas, mas a parte que era trabalhada pelo MST... eu acho que é por isso que eu gostei, porque o MST tem essa coisa com ele, não tem como, no primeiro dia você fazer uma ocupação, no segundo você falar, *"não vou nisso mais não"!* Não tem como você não ir. É todas muito boa. Era comida fartura, tudo muito bem organizado. Então, deixamos o acampamento por quê? Porque a Direção já tinha cuidado disso, já tinha cuidado de... carreta com comida, nois podia ficar quanto tempo nois quisesse nessa fazenda lá! Tinha cuidado da segurança nossa pra invadir a fazenda, tinha... e outra, ninguém deixa ninguém perdido na estrada, pode até acontecer, mas quando a gente mesmo, acontece um imprevisto, tipo assim, que alguns vai, porque, se tem essa linha, se tem criada uma barreira, você não passa do lado do policial, você fica junto com seu povo, entendeu? Ali você não é pego, entende? É então, tinha cuidado de lona e de tudo. Quando nois chega nessa ocupação, menina, que era na Monsanto, chegou lá tinha tanto, tanto, tanto, tanto acampamento que tinha levantado na mesma noite, foi a ocupação mais... maior que teve, mais linda naquela época. Foi tanta gente de outros acampamento...
- PESQUISADOR
    - Então, foi daí que você... foi assim que a história que você conheceu e... resolveu.
- ROSA
    - Conheci e gostei demais. Não arrependi...
- PESQUISADOR

    - A partir, então, do convite da sua irmã, né!
- ROSA
    - Dela!
- PESQUISADOR
    - Tinha duas irmãs, você falou?
- ROSA
    - Tinha duas. Aí, eu fui nesse dia, liguei, meu irmão foi também, então, nós estava em quatro.
- PESQUISADOR
    - Aí, dali você se envolveu e começou a viver...
- ROSA
    - E continuei... continuei, gostei e continuei...
- PESQUISADOR
    - ...aquela rotina e se encantou!
- ROSA
    - Foi bom e... eu não sabia nem cantar o Hino do Movimento, eu não sabia o que era MST. Eu só sabia do MST na televisão, que tinha... aquelas coisas...
- REINALDO
    - Aí ela cantou, eu me amarrei! (risos)
- ROSA
    - Não, aí tinha aquela bagunça...
- PESQUISADOR
    - Eu me amarrei! É esse o Hino, Rosa? Eu me amarrei?
- AS MULHERES
    - Não! Que é isso!
- ROSA
    - Os hino são bonito, Kal. Eu não canto, não vem com gracinha não! Mas, é lindo! Os hino não era coisa feia, era coisa que não mexia com a população, não prejudicava ninguém, não era baixa... coisa baixa não!
- PESQUISADOR
    - Você se recorda alguma coisa da letra do Hino?
- ROSA
    - Não, não recordo nada não!
- PESQUISADOR
    - Nem pra falar, assim! (risos)
- ROSA
    - Não, nem pra falar!
- PESQUISADOR
    - Você tá é com vergonha de cantar, né!
- LUZIA
    - Tá!
- ROSA
    - Mais é o chique...
- REINALDO
    - Na hora que nois terminar aqui nós vamos cantar!
- LUZIA
    - Sério!
- ROSA
    - Só se for nós. Aí eu concordo! Mas eu não!

- PESQUISADOR
    - Olha a promessa, eu vou cobrar, eu vou cobrar! Érica, você tem alguma história parecida?
- LUZIA
    - Sabe o começo? (Luzia e Rosa começam a cantarolar o Hino)
- ÉRICA
    - Não, era a mesma coisa. Nasci e me criei em terra de fazendeiro, né! Meu pai era lavrador, trabalhava muito. E ali eu via meu pai trabalhar, sofrer daquele tanto, a gente era oito filho, e meu pai trabalhava... levantava às três horas da manhã, tirava o leite e ia pra sede, né! Trabalhar, e nois ficava lá no retiro. Aí, ali a gente plantava, capinava... a gente que cuidava, né! E cresci com isso, *"um dia eu quero ter minha terra"!* Tive esse sonho, loucura! Eu fazia tudo pra ter meu pedacinho de terra. Eu pensava em escrever pro Gugu, escrever pro Ratinho, escrever pro Silvio Santos, escrever pro Netinho, né! Mas nunca escrevia, mas falava, *"gente, eu quero ter meu pedacinho de chão"!* Aí, quando uma vez chegou um pessoal em Pires do Rio, falou, *"Oh! Vai vir um pessoal pra Pires do Rio aí, que vai dá dinheiro, vai dá terra, vai dá tudo, né! Pras pessoa ir trabalhar, vai dá até a terra"! "Viche! Quando vai ser isso"?* Fui atrás, né! Passado uns três mês chegou o Movimento...
- PESQUISADOR
    - E esse pessoal quem era?
- ÉRICA
    - O Movimento!
- PESQUISADOR
    - Era o MST?
- ÉRICA
    - Era! O movimento do MST! Aí, chegou. Eles chegaram lá no dia quatro, de 2004, acho que foi no início... no início do ano, e eu fiquei sabendo já fui lá, procurei as pessoas, fiz a minha inscrição, né! E fui pra dentro do acampamento, e... igual a Rosa falou, você encanta. Que eu não sei da onde saiu tanta gente, da onde sai tanta gente, e aquelas pessoa muito bem preparada, a organização do Movimento é excelente! Muito boa mesmo!
- FERNANDA
    - A união!
- ÉRICA
    - A união. Eles prega a união, o companheirismo, a convivência, né! Aonde convive só pessoas... igual que a Rosa falou, tem aquela exceção, o que é bom fica, o que não é bom sai, né! E com isso eu fui fiquei... e fiquei, corri atrás desse sonho, trabalhava de dia na cidade, de noite ia pro acampamento, tirava guarda a noite inteirinha, no outro dia ia pro serviço, toda feliz... e nisso houve um problema! Que o que a gente vive hoje aqui! Rachou o acampamento!
- PESQUISADOR
    - Lá, na época de acampamento?
- ÉRICA
    - Na época. A gente tinha quatro meses de acampamento, houve um racha! Fundou... como que era? Era MST e... como que é o outro?
- REINALDO
    - FETAEG!
- ÉRICA

    - FETAEG! Bom... cheguei dentro do assentamento, os caminhão tudo cheio de mudança já e aquela brigaiada, aquele peteco, gente com facão, gente com (ininteligível), falei *"meu Deus do céu, o que está acontecendo aqui"?* né! Vamos embora hoje! MST sai, FETAEG fica! E eu fui em cima dos encarregados! Porque, dos que estava saindo tinha dois irmão meu. Fui em cima dos encarregado, falei, *"o que está acontecendo aqui"? "Não é esses bobo aí que tá indo embora aí e não vai ganhar terra. Eles tá levantando acampamento, porque são um bando de maloqueiro, malandro, vagabundo, que esse povo do MST não presta, então, eles estão dividindo o acampamento, nós vamos fundar o FETAEG e eles estão indo embora"!* Fui lá no chefe do MST, que nois tinha uma pessoa, um coordenador. Falei, *"o que tá acontecendo aqui"? "Não, a gente tá levantando a bandeira e vamos embora"!* Falei, *"tá! Que segurança essas família que está indo com vocês têm?* Ele falou, *"não, quem tá indo... você quer terra"?* Falei, *"eu quero"! "Então, vem com nós"!* falei, *"não, no escuro!? Eu quero falar com a pessoa responsável pelo MST"!* na época era o Lúcio! Mário pegou meu telefone e ligou pro Lúcio. Aí, o Lúcio perguntou pra mim, *"a senhora quer terra"?* Eu falei *"eu quero", "então acompanha o Mário..."*
- FERNANDA
    - Mário Eugênio!
- ÉRICA
    - *"...Mário Eugênio, com ele a senhora vai ter terra"!* E isso, né! Quem ficasse no acampamento não saía na ponte. E como eles armaram pra... se tentasse descer a bandeira do MST, eles estava preparado pra morte mesmo, brigar, matar, picar! Acenderam o pneu e fez as arruaça! Aí... eu sou mulher macho! Aí a hora que a turma que ia sair foi sair eu peguei a frente. Eles disse, *"onde que você vai, Érica"?* Falei, *"eu vou sair com o pessoal"! "Se você sair você não entra"!* Eu falei, *"eu vou sair e vou entrar"! "Você não entra"!* Eu era financeira. Eles estava com medo de eu roubar o dinheiro do acampamento.
- PESQUISADOR
    - Entendi!
- ÉRICA
    - Eu era financeira, Aí, eu falei, *"eu vou sair e vou entrar"! "Não entra"! "Então veremos"!* Eu fui passando todo mundo, todo mundo eu fui passando. A hora que saiu o último eu saí junto, que era meu irmão e mais dois companheiro, que é o Mirim, o Divinão meu irmão e o Riva que faleceu. Saí com eles! Eles achou que eu tinha roubado o dinheiro!
- LUZIA
    - O Mirim é seu irmão?
- ÉRICA
    - Não, era militante! Achou que eu tinha roubado o dinheiro, tinha ido embora. Aí, no outro dia cedinho lá vem eu de bicicleta pro acampamento. Topei já um guarda lá em cima, *"onde que você vai"?* Falei, *"eu vou pro acampamento"! "Não vai não, porque você vai morrer"*! Falei, *"eu vou e quero ver quem me mata"!* Aí, desci de bicicleta feito uma loucona, né! Na hora que eu atravessei a ponte a fila de homem atravessou, *"onde que você vai"?* Falei, *"vou pra minha barraca"! "Aqui você não entra, você saiu com a turma, você vai embora com a turma"!* Falei, *"não, minha barraca ficou e eu vou ficar na minha barraca"! "Você não entra não"!* E um era sobrinho meu. Falei, *"eu entro e quero vê quem vai me impedir"!* Na hora que o meu sobrinho veio

assim, Carlos, eu peguei a minha bicicleta, levantei a bicicleta e meti no peito dele... e entrei, fui embora pra minha barraca, peguei um pau e um facão, falei, *"agora vem, o que vier aqui me tirar da minha barraca eu corto no facão"!* E lá fiquei, mas o meu sonho... que eu não podia...

- REINALDO
  - E lá ninguém foi! (sorrindo)
- ÉRICA
  - Ninguém foi, só ficou na...
- LUZIA
  - Você ficou na FETAEG?
- ÉRICA
  - Fiquei lá, mas com o nome garantido no MST, porque eu tinha que prestar conta com o assentamento pra mim poder tirar minha barraca, né! Que eu era financeira do acampamento... e entrou muito dinheiro, nois era mais de mil famílias, era muito dinheiro!
- PESQUISADOR
  - Aí, você resolveu isso e...
- ÉRICA
  - Aí, sentei com os dois líder, chamou a equipe do... falei, *"escolhe uma equipe aí da finança que eu estou deixando o acampamento"*. Aí, prestei conta, entreguei o dinheiro e não levantei barraca! Aí, eles proibiu eu de entrar. Aí, meu marido assumiu, eu saí. Eu não abria mão da minha terra! (sorrindo) Eu queria minha terra! Aí o Ítalo pulou pra dentro do acampamento, que eles não me aceita lá mais, e eu saí, e fiquei vindo para o outro aqui, no Anita Mantuano.
- PESQUISADOR
  - Junto com esse pessoal que saiu de lá!
- ÉRICA
  - É, com o que saiu! Eu fiquei vindo pra cá. Todo domingo eu vinha, fiquei externa! Tinha o interno e o externo, fiquei externo, mas o meu sonho continuei. Quando eu vim pra cá, aí meu marido resolveu que não queria mais terra. *"Não mexo mais com esse povo, você não vai"!* Falei, *"eu vou"! "Você não vai, que se você pisar lá eu te mato"! "Então, você me mata porque eu vou pra lá, é lá que me dá terra. no FETAEG onde você tá não vai dá terra não. É o MST que dá terra"! "eu vou te matar"! "Então, você me mata que é para o MST que eu vou"!* Ah! de noite ele saiu eu juntei a mala, sumi. Fiquei oito dia sumida! Aí, ele viu que não me achava mesmo, né! Pegou os trenzim, desceu a barraca lá do FETAEG, jogou dentro da camionete e veio para o MST! (sorrindo) E aí, tô! É um sonho que eu tinha e concretizei através do MST. Sou apaixonada pelo Movimento...
- PESQUISADOR
  - E a dona Fernanda? Como é que foi?
- FERNANDA
  - Bom, eu sou de Piracanjuba, né! Mudei pra Caldas, e lá em Caldas tinha o Edson pintor, né! Que estava montando um acampamento do Movimento e aí, minha mãe falou que a minha vó com meu tio foi para o acampamento. Aí, ligaram pra ela, *"vem Luzia, vem Luzia"!* Ela ficou doida. E falava com meu pai e meu pai dizia, *"não, você não vai não"!* Ela, *"não, eu vou"!* Chegou no aniversário dela ele falou assim... é meu pai falou assim, *"vou te dar um presente, você pode escolher"!* Aí ela falou, *"eu posso mesmo"? "Pode"!*

"Ah, então eu quero ir para o acampamento"! "Você quer"? "Eu quero"! Aí, ela foi. Ela foi e aí levou o meu menino maior e... só que ele era nenenzinho para poder ficar junto com ela, e eu trabalhava no supermercado. Aí, com isso, minha mãe dizia, *"vamos, vamos"!* Eu falei, *"ah, vou não mãe! Trabalho aqui, carteira assinada, ganho até mais ou menos",* né! Aí, uma prima minha que trabalhava para o Estado queria. Aí, ela falou assim, *"Fernanda, deixa eu fazer o cadastro lá no acampamento no seu nome porque eu não posso por o meu nome agora, assim, quando as terra sair, dá tempo de eu me organizar pra mim ir", "ué, pode"!* Aí, ela fez o cadastro. Só porque, o pessoal do acampamento começou a ver ela indo lá de moto, de carro, bem estruturada, e olhava assim e pergunta para minha mãe, "*quem que é a Fernanda"? "Ah, é minha menina"! "Não, então você diz pra ela, ou ela vem pra pegar o cadastro dela ou essa mulher vai ter que por o nome dela aqui"!* Aí, quando minha mãe falou, *"Você vai perder"?* Aí, vem aquela mesma conversa, *"as terra tá pra sair, vai ter ocupação, vai pra dentro da terra".* (risos) Aí, como eu já gostava, né! Eu já era, como diz o outro, apaixonada em fazenda, todo final de semana eu tinha que ir pra fazenda onde meus tios trabalhavam. Aí, eu parei e pensei, igual todo mundo assim, *"nossa meu pedacinho de terra, né! Só meu"!* Aí, *"eu vou"!* Larguei tudo e fui. Foi bem nessa ocupação que a Rosa foi. Vai passar apuro assim lá longe, menina! Não aguentava mais comer... como que era o nome daquele trem lá?

- ROSA
  - Polenta!
- FERNANDA
  - Polenta!
- PESQUISADOR
  - Polenta!
- FERNANDA
  - Meu Deus do céu! Era gente comendo polenta e gente passando mal e atacou uma virose no pessoal lá, por causa da água lá do rio e foi um sofrimento, foi muito sofrido. Aí, eu pensei, falei, *"já estou aqui, fazer o que? Vou continuar"!* Aí, quando acabou essa ocupação e... era igual ela falou, tinha muita união, né! Quando soltava um foguete embaixo, todo mundo corria pra baixo, soltava um lá em cima, todo mundo corria pra cima. Era muito unido. Aí, voltamos dessa ocupação, fizemos outras ocupações e terra que é bom nada! E eu também já estava trabalhando de boia-fria, eu lembro que eu estava grávida, num barrigão! Fui trabalhar de boia-fria. Três dia trabalhando na repanha do café, até hoje nunca recebi. Quase morri, falei *"oh! meu Deus"!* Aí, a situação foi ficando bem crítica, bem apertada, eu falei assim, *"vou desistir, eu não dou conta mais"!* Aí, o meu pai saiu do emprego, foi ficar com a minha mãe, aliás, vinha ficava com a minha mãe no acampamento e eu lá naquela dificuldade, pensei *"vou desistir, vou ficar mais não, é muito sofrimento"!* Quando eu desisti, que passou trinta dias, eu vim embora, eu passei trinta dias, o pessoal entrou pra cá. Aí, o Lúcio mandou avisar, *"fala pra Fernanda vir que ela tem a parcela dela garantida".* Que eu contribuía muito no movimento.
- PESQUISADOR
  - Que tipo de contribuição?
- ROSA
  - Externo, contribuía muito financeiramente!

- FERNANDA
    - Não! A contribuição era assim, quando tinha que fazer alguma viagem, tinha que fazer algum estudo, tinha palestra essas coisas assim...
- REINALDO
    - Contribuía em dinheiro!
- FERNANDA
    - Então, eu estava sempre participando...
- PESQUISADOR
    - Tá, você estava... além dessa ajuda financeira tinha essa questão de você ir lá, fazer o aprendizado, é isso? Participar das palestras? E aí você voltava para o acampamento?
- LUZIA
    - Passar informação para as pessoas!
- FERNANDA
    - Isso, é... eles até queriam que eu fosse pra Cuba estudar, mas eu falei, *"não, vou não"!* Eu vim de Piracanjuba pra Caldas quase morri! (sorrindo)
- PESQUISADOR
    - Pra Cuba!
- FERNANDA
    - É, agora querem me mandar lá pra Cuba!
- LUZIA
    - É, porque o Movimento forma a pessoa...
- ÉRICA
    - Forma, lá em Cuba!
- LUZIA
    - Em médico, advogado. Tudo isso nós temos no Movimento!
- FERNANDA
    - Aí, eu pensei...
- LUZIA
    - Só que depois larga, né! Larga nois!
- FERNANDA
    - Aí, eu pensei comigo assim...
- PESQUISADOR
    - Depois nós vamos voltar a este assunto, me lembra! Deixa a Fernanda terminar aqui.
- FERNANDA
    - Aí, eu pensei assim, eu vou... aí quando o Lúcio me ligou, né! Eu falei assim, *"eu vou voltar! Já que ele falou que eu tenho minha parcela lá garantida eu vou voltar".*
- REINALDO
    - Eu tenho que apartar a bezerrinha!
- FERNANDA
    - Quando eu voltei, eu estava assentada lá onde a minha mãe estava no movimento...
- PESQUISADOR
    - Bezerra! Você tem que apartar a bezerra?
- FERNANDA
    - ... porque ainda não tinha sido dividida as parcela. Eu estava sentada embaixo de uma árvore olhando assim, imaginando, quando de repente que não, passou

uma turma. Quando me viram falaram assim, *"o que ela quer aqui? Ela não (ininteligível) pra nós, nós não vamos aceitar"!* Quando foi à tarde eu fiquei sabendo. Eu falei assim, *"ah, não! Eu vim pra cá para os outro me expulsar daqui, eu vou embora"!* E fui. Aí, passou um tempo minha mãe foi lá falou... Aí, já tinha dividido as parcela, cada um com sua parcela, minha mãe falou, "Fernanda*, vamos pra lá, vamos morar lá com a gente"!* Meu esposo falou assim, *"não, agora não, mas assim que tiver uma oportunidade"!* (ininteligível)... a oportunidade surgiu, a gente veio. Aí, eu fiz o cadastro aqui novamente com o pessoal do INCRA, tive essa oportunidade de fazer aqui e aí fiz, e logo em seguida houve um...

- ALGUMA MULHER
  - Uma desistência!
- FERNANDA
  - Não, foi um senhor que faleceu, o Bolinha. Aí eu, me veio na cabeça, *"nossa ele faleceu, a mãe dele não pode ficar lá"*, e o pessoal, *"por que você não vai pra lá*"*?* Eu falei, *"é mesmo, né! O menino dele não quer, o menino dele é formado, ganha muito bem mais a esposa, não vem pra cá"*. Aí, eu falei com meu esposo. Mas quando agente chegou aqui o pessoal falou assim, *"por que vocês não vão para aquela que está abandonada"?* Falei, *"será"! "Tá, vai pra lá"!* Aí eu falei com meu esposo, *"será que o pessoal apoiam"?* Quando chegamos aqui, *"não, a gente apoia"!* Falei assim, *"então, vamos"!* Estava na mamãe três dias. O dia amanheceu entramos no carro, fomos lá tiramos um monte de foto lá de todo jeito e falei, *"agora nós vamos lá buscar nossas coisas"*. Buscamos as coisas. Eu passei uns quinze dias traumatizada. Quando eu lembrava que morreu eu já ficava meia assustada, né!
- ALGUMA MULHER
  - Medo de que, Fernanda?
- FERNANDA
  - (Ininteligível) ...do que abandonou! (sorrindo) Mas aí, graças a Deus já tem dois anos e tanto que a gente tá lá na parcela e muita coisa a gente já fez lá.
- PESQUISADOR
  - Reinaldo, você quer acrescentar alguma coisa?
- REINALDO
  - Ué, a gente pode falar mais alguma coisa aí!
- PESQUISADOR
  - Estou falando assim, dessa... com relação a esse momento que você resolveu entrar nessa luta.
- REINALDO
  - Olha, esse momento de entrada nessa luta é quase idêntica à história de todas as companheira aí, porque eu fui nascido e criado na zona rural, na roça, e toda vida gostei muito da roça, mas eu fui um menino criado sem o papai, meu pai morreu, eu fiquei muito novinho, dois anos de idade, e minha mãe era uma mulher trabalhadeira, mas que não tinha firmeza, até porque ela também não tinha um lugar próprio, então não tinha como firmar. Um tempo estava com um fazendeiro, um tempo estava com outro, e aquilo ali era um problema pra nós. Mas, ao chegar os meus dezesseis anos eu empinei a carroça e disse pra mamãe que eu não ia mais acompanhar ela pra roça, que não ia mais trabalhar pra fazendeiro mais ela e aí comecei, né! E ficando por ali, eu tinha uma irmã mais velha que eu, que trabalhava lá numa empresa e eu não tinha dinheiro pra nada, mas tinha uma outra empresa que pegava meninos pra trabalhar. Então,

eu estava com dezessete anos na época, eu já tinha completado os dezesseis anos, tinha passado para dezessete anos, mas eu era pequeninho, eu não tive crescimento...

- ALGUMA MULHER
  - Era?!
- REINALDO
  - Hoje eu estou com uma estatura de homem normal, naquele tempo não, eu era um menino de dezessete anos e parecia um de dez, é sério! Eu ainda tenho foto lá em casa dessa época que você precisa de ver como que eu era tão petitico. Quando eu cheguei lá na janela da empresa pra assinar o termo de fichamento lá, o cara nem queria não, *"não, mais um menino desse? Você não tem dezessete anos não"!* "*Mas o documento tá aí mostrando que tem dezessete anos"!* E já tinha ido pessoa lá pra responsabilizar por mim, né! Porque realmente eu tinha essa idade. Então, isso foi em 1976, só que toda vida eu sofri demais trabalhando para os outros, eu fui um cara assim de muita sorte de não conseguir as coisas, eu não conseguia. Eu não consegui chance de aprender, eu tinha vontade assim, eu trabalha, esforçava. Não vinha chance pra mim. Eu não sei, parece que... ou a oportunidade passava e eu não via, ou ela não vinha. Eu via os cara lá... eu trabalhei uns dois anos lá nessa empresa de servente de pedreiro. Eu fazia reboco, eu fazia... assentava piso, eu assentava tijolo, eu fazia tudo, mas ninguém me ajudava. Eu via gente lá sendo... falava naquele tempo, classificação, classificava, tirava o cara de servente botava pra meio pedreiro, depois era pedreiro, oficial e tal... pintor! E eu fazia aquele serviço e ninguém lembrava de mim. Indignei com aquilo. Comecei a dá nó cego, como eles dizia, né! E aí, logo me mandaram para um tal de campo. Eu fui trabalhar no campo. Aí sim, metido a apontador. Botava eu de apontador, mas não classificava, cara! E aquilo foi só me indignando e eu vendo as outras pessoas subindo e eu não subia. Fiquei com raiva disso *"sabe que eu não vou trabalhar de empregado mais, vou largar disso"!* Pedi conta da empresa. Aí, já foi em 1978. E eu continuava sempre trabalhando fazendo uma rocinha com alguém daqueles fazendeiros por ali, mas era na meia, ou na renda e não dava resultado e não tinha condições de comprar uma terra e o sonho, também meu, era de ter o meu pedaço de terra. Eu sonhava, eu queria e eu lutava de todo jeito, mas eu não tinha sabedoria e esperteza de conseguir a terra, porque a maioria do nosso povo conseguiu terra foi de esperteza, que por isso que nós vamos chegar a um ponto aqui de que, por que nois chegou aqui, que foi por causa das esperteza dos sábios. Os sabidos se espertaram e pegaram muita terra e acabaram não era deles. Bem! Quando foi em 1979 eu fichei numa empresa melhor, trabalhando lá e tocando uma roça e aí começou a surgir as manifestações do MST. Quando foi 1984 o MST então, registrou de vez. Porque começou no sul, lá no Estado do Paraná, no Estado de Santa Catarina e eu já tinha televisão, o vizinho meu, quando tinha um momento que a gente podia, a gente ia e assistia, e lá na empresa tinha. De vez em quando eu via aquilo. E vendo aquela briga que era pra conquistar a terra. Meus ancestrais, meu avô, meus parente mais velhos, contavam muita história da revolta, que era uma historia que era ocupação de terra. E eu até botava aquilo na cabeça, *"quem sabe um dia vai sair isso de novo e eu vou pegar um pedaço de terra pra mim"!* E na nossa região norte lá, ali pro lado de Ceres, teve muitas vezes foram distribuído terra ali pro povo, só que o povo não firmava também. Bem, eu fui continuando com aquilo, quando foi em 1993 eu comprei uma posse pra

mim, lá no município, só que infelizmente a Serra da Mesa, uma tal de barragem que tem lá, foi lá e bebeu minha terra tudo de água e não obtive, assim, uma indenização que me desse conta de comprar outra terra. Ficou eu em pé de novo! Aí, nessa época o sindicato lá da região começou a batalhar pra ajudar aquele povo, porque em 1994 foram quatro mil e novecentas famílias que ficou desabrigada por essa empresa de Serra da Mesa lá no Município de Niquelândia, município de Uruaçu, Município de Minaçu, Município Colina Sul, Município de Barro Alto, então, esses município ficou tudo atingido por causa daquela represa e esse pessoal, então, ficou desabrigado, sem emprego e sem ter onde morar. Também, você pode lembrar que naqueles anos, é... a taxa de pessoas sem ter moradia, ter emprego, sem ter terra era quase oitenta por cento, naquela época. Era quase oitenta por cento em 1990. 1980 até 1990, estava aí, essa faixa. E aquilo dava assim um desespero na gente e agora eu já com trinta e poucos anos, eu já tinha quatro filhos e a coisa estava esticada pra mim, precisava de trabalhar, né! E precisava cuidar da família e não tive uma boa qualificação pra ser um bom funcionário e, *"como é que eu faço... é roça mesmo"!* Então, em 1999... eu acompanhei de 1994 até 99, eu trabalhei numa possezinha, outra posse que eu comprei com o dinheiro que a empresa lá da Serra da Mesa me indenizou, uma mixariinha, e eu fui e comprei uma outra posse, mas era só cascalho. Foi dois alqueire, barato, foi mil e duzentos reais naquela época, mas era mais cascalho, não tinha onde eu trabalhar. Passei pra frente e voltei pra cidade. Aí, na cidade começou a chegar pessoas integrantes do MST e começou fazer o tal Formação de Base, lá na cidade, que é um trabalho quase que nem o seu, né! Fazendo aquelas pesquisa, fazendo levantamento, como que era a região, como que era o povo, e daqui, dali, arranja um que tem bons argumento, conhecimento e até que me acharam. E quando me acharam eu comecei a contar as história de Niquelândia, história do município, história dos fazendeiro, história das empresa, que lá tem duas grande empresa, inclusive a Níquel Tocantins, que é do Grupo Votorantim, é a grande empresa lá que tem um projeto lá que não acaba nuca, né! Projeto foi fundado pra quatrocentos anos, mas ela tomou a terra daquela região tudo e aí, eu contando a história pros companheiro, eles animaram e acabamos fundando um centro de formação de pessoa lá, pra acampamento, e quando foi 1990, nós fizemos a primeira ocupação lá no município. E eu entrei. Eu fui convidado por eles... primeiro me chegou essa pessoa pra conversar comigo, e eu contei a história, aí me chamaram e eu comecei ir para as reuniões, e nessas reuniões já me tiraram pra negociação e fiz como as outras companheira aí disse, me apaixonei pela história, pelo MST! Me apaixonei, que eu falo assim oh! Eu já pedi perdão pra Deus, que eu entrei de corpo, alma e espírito no MST. Eu era terrível! Assim, animado, como você sempre me viu, você nunca me viu eu triste, e naquele tempo era uma loucura, porque eu era evangélico, mas eu só vivia cantando. Quando eu não estava cantando uma música do mundo, como diz, eu estava cantando um hino, mas era alegre, e gritava, e conversava com todo mundo e eu não sei o que botaram na cabeça deles, me botaram esse apelido em mim de Cenoura, porque foi conseguido no acampamento. Então, a primeira ocupação nossa, nós ocupamos a terra lá, desse Grupo Votorantim com trezentos e noventa e seis famílias. Nós levamos alimentação pra passar lá noventa dias. Ficamos lá nove dias! (sorrindo) A polícia chegou e tirou nois! Tá bom, voltamos, conseguimos uma negociação com o prefeito lá da cidade e ficamos é... acampados dentro do pátio da pecuária lá de Niquelândia, onde

eles faz a festa da pecuária. Nós ficamos acampados ali por quatro meses. Quando foi fevereiro já de 2001, nós alugamos uma fazenda, um alugar... aluguel de... conversa, (risos) não alugamos nada! Mas, porque lá era perigoso, se nois falasse que nois tava ocupando, o bicho pegava. Então, nois chegou e fizemos um blá, blá, blá lá com o homem, como que nois tava alugando a fazenda e forçamos lá pra dentro. Aí, lá nós já chegou só com cento e noventa e seis famílias, os outros já começaram, já desistiram, porque sempre há essa coisa. Em todas as coisas, você vê, tem gente que é frente, vai, persiste, mas tem gente que não persiste, né! E a coisa não é fácil! Um pouquinho dessa história, na questão da minha família...

- ALGUMA MULHER
    - Essa água aqui é pra nois?
- PESQUISADOR
    - É sim!
- REINALDO
    - ...quando eu disse que ia pra ocupação, minha mulher nunca interessou de ir lá, na reunião, nas reunião que tinha, ela não interessava de ir. Quando eu falei que ia pra ocupação, minha mulher, *"eu não vou"! "Eu vou"! "Daqui você não leva nem um prato nem um garfo"! "Eu não levo, eu compro"!* E eu era funcionário do Estado na época, trabalhava num colégio, fui lá no armazém, comprei tudo que eu queria levar lá pra ocupação. Panela, garfo, e prato, e tudo, tudo, fui nos açougue, comprei aquele tanto de alimento que eu queria, fiz um caldeirãozão de carne e lata de farinha, levei de tudo, assim, como que eu ia com a família. Era muita coisa pra mim passar sessenta dia! Uma lata de banha! Aí, uns seis dias que eu estava lá, a mulher resolveu e foi lá, foi lá mais um filho meu, mas os filhos estava na escola e aí ela também pousou lá mais eu e fincou lá mais eu três dia e o menino veio embora. Só que no terceiro dia dela lá, a polícia chegou e tirou nois. Tá bom, fomos embora! Aí, lá nesse acampamento na pecuária, ela não quis ir mora no acampamento. Com timidez, com vergonha, porque lá, nois estava na beira do asfalto, a pista lá, na nossa frente e o povo, todo mundo passava, *"Oh, tropa de vagabundo! Bandido! Vai trabalhar seu vagabundo"!* Gritava mesmo! *"Oh, filho duma..."* falava coisa, e falava palavrões, assim, terrível com nois! Tinha gente que entrava lá, rasgava nossas lona, cortava de faca de noite e, até que nós montamos uma guarita, montamos guarita e agora fazia guarda dia e noite. Tinha guarda ali dia e noite e a gente contribuindo com isso tudo. Você imagina, entrar a meia noite e sair seis hora da manhã, o outro entrava seis hora da manhã, saia meio dia, o outro entrava meio dia, saia seis da tarde, o outro entrava seis da tarde, saia meia noite e era assim. Então, essa luta foi ferrenha, assim, só que a gente passou a amar isso, gostar, pelo fato da necessidade, Ricardo, e da união do povo. A gente sentia saudade quando a gente ficava dois, três dias fora do acampamento... fora do acampamento. Sentia saudade do povo, sentia saudade da luta. Não era briga não! Houve muitos racha, muitas divergências, porque você sabe que onde que tem povo, tem né! Essas indiferenças de nossas ideias, na nossa família, o meu jeito de agir com a minha família, o jeito seu de agir com a sua, né! Às vezes tem um pai lá que quer bater no filho ou às vezes quer até espancar a mulher e nós, dentro do nosso movimento... hoje aqui não, hoje aqui cada um é livre, mas no acampamento, ninguém era livre não! Lá nois era unido e era pra ser uma família unida.

- ALGUMA MULHER
    - E respeitar um ao outro!
- REINALDO
    - Então, eu não conhecia essa mulher, não sabia de nada de vida dela, de marido dela, mas, se tivesse uma briga, eu tinha que ir lá! Se tivesse uma divergência lá, entre ela e o filho, ou entre ela e o marido, eu como coordenador, eu tinha que ir lá pra resolver o problema com eles. E qual era o resolver? No conselho!
- PESQUISADOR
    - Era no sentido de... deixa só eu intervir, aqui! Era no sentido de todos se preocuparem com todos... o acampamento estaria bem se todos estivessem bem? É mais ou menos isso?
- REINALDO
    - Isso, desse jeito!
- PESQUISADOR
    - Interferia pra isso acontecer?
- REINALDO
    - Interferia pra isso! Lá não entrava droga. Era proibido! Entrava? Entrava, porque aonde que o ser humano não entra? Aonde que ele não vai? O que ele não faz? Mas era proibido. Lá não era pra entrar bebida alcoólica! Não entrava não? Entrava, onde que não entra? Mas era proibido! Nois tinha as norma, nois tinha o corregimento! Nois corrigia! Não era?
- LUZIA
    - A pessoa bebia escondido, também, né!
- REINALDO
    - É, bebia escondido e ia com a lata cheia. Mas, levar garrafa de pinga lá pra dentro não podia e se chegasse lá bêbado, com bagunça, ficava pro lado de fora...
- LUZIA
    - Amarrava!
- REINALDO
    - No acampamento que eu fui ficava pro lado de fora! Amarrava se fosse preciso. Amarrava! Não era com maldade, mas fazia aquilo pra defesa própria da pessoa que estava embriagado e da própria família dele. Porque, naturalmente, Ricardo, as pessoas dos nossos acampamento, que bebiam muito, eles eram agressivos, a maioria eram agressivo. E quando entrava no assentamento, entravam pra desafiar um coordenador, entrava pra desafiar a própria família, e ali nois não aceitava, nois não deixava, entendeu? Então, é... nesse período a gente apaixonou completamente por isso. E aí, ficou de um jeito que nós ficamos dois anos e meio acampado lá, numa fazenda por nome de Arapuá, no Município de Niquelândia e... o nosso coordenador, dirigente estadual, era um cara muito experiente, mas muito malandro, esperto e... assim que nois acampou lá, já criamos um caixinha. Então, naquele tempo era mixaria, cinco Real por pessoa por mês, mas dava um dinheiro bom porque...
- PESQUISADOR
    - Era muita gente!
- LUZIA
    - Quantas pessoa, né!
- REINALDO

    - Cento e noventa e seis família... com cinco Real, dava muito dinheirinho e ele pegava esse dinheiro, falava que vinha em Goiânia pra negociar pra nois e não vinha, não levava nada, não tinha resposta, e nois lá acampado e aí arrumou um tal de policial lá, que disse que era o dono da terra e nois mexeu e virou e quando foi vê não era o dono da terra e aí nois começou a ficar meio apavorado, *"nós vamos ficar aqui fazendo o que"?* O povo começou a desistir. Mas, ele chegava e, bom de conversa, e falava, e ele mostrava que teve assentamento que ele fez assentamento, que ele assentou as família, quer dizer, *"eu fui um dirigente que lutei, pelejei e conquistei, tá aqui a prova pra vocês"!* Ele mostrava e agente ficava querendo acreditar.
- LUZIA
    - Querendo ou acreditando totalmente?
- REINALDO
    - Até que um dia o abestalhado chega lá de noite bêbado e deu tiro dentro do acampamento e quebrou um litro com um tiro assim e quase que pega numa mulher... e conquistando mulher casada! Aí, o que que nois fez? Juntamos a coordenação e expulsamos ele. Tiramos ele de cena! E aí, ligamos, agora nois já tinha número de telefone aqui... dos dirigentes estaduais em Goiânia. Aí, nós ligamos pra Goiânia, nesse tempo quem mais atendia nois lá era o... Jamanta! Jamanta! Aí, ligamos pro jamanta, e o Jamanta joga nois pra unha do Lúcio.
- ÉRICA
    - O Lúcio e a Baixinha!
- REINALDO
    - E... Baixinha, eu não lembro de falar dela não! Era Lúcio, era o Jamanta, Cabrito. Era esses três!
- ÉRICA
    - Nois era os quatro!
- REINALDO
    - Aí, o Lúcio pega vai lá visitar nois, vai mais o Cabrito. Chegou lá viu como que era a coisa e...eu toda vida fui assim muito conversador, cheguei junto e blá, blá, blá com eles, e eles falou, *"é esse que nois vamos botar ele de testa de ferro"!* E aí, já acolheram logo meu nome e passaram pro Jamanta, *"olha Jamanta, aquele cara lá, ele vai coordenar isso aí"!* E aí, já começaram me convidar, já tinha ido dois convite lá pra nois, pra nois ir para uma fazenda, que era a Bandeirante, lá no Município de Baliza, só que o tal coordenador não aceitava e aí, como nois tirou ele, o pessoal esfriou e aí que o pessoal não animava. Aí, o Jamanta chegou lá e me chamou particular e me explicou, *"Oh, nois tem a terra lá na Bandeirante assim, assim, assim... se vocês quiser nós vamos ajeitar para vocês ir pra lá"! "Eu quero"! "Só que primeiro nós temos que fazer uma ocupação"!* Aí, *"vamos, vamos fazer essa tal de ocupação"! "Você garante que sai um ônibus de gente daqui"? "Agora não, mas eu te prometo, e você me deixa um número de telefone e eu ligo pra você tal dia"!* E ele veio embora. Aí, reuni o pessoal, conversei com o pessoal e fui pelejando, pelejando, até que com quatro dia eu conquistei quarenta e oito pessoas que disse, que garantia que ia. Então, deu a lotação do ônibus, o ônibus era quarenta e oito...
- PESQUISADOR
    - Você concretizou!
- REINALDO
    - Anhram!

- PESQUISADOR
  - Você concretizou uma ação?
- REINALDO
  - Concretizei a discussão...
- PESQUISADOR
  - Fez acontecer?
- REINALDO
  - Fiz acontecer!
- PESQUISADOR
  - Aí, eu vou lembrar aqui, uma coisa que você tinha falado que eu falei que ia retornar. Quando você estava contando a sua história, você falou que tinha um sonho e pensava até em escrever pra programa, né! Essa coisa. Aquela questão do sonho que todo mundo tem. A gente sonha. Aí, eu estou vendo dois tipo de conversa que eu queria que vocês me falassem um pouquinho sobre isso. Essa história de ficar no sonho, que todo ser humano fica, e esse outro lado...
- LUZIA
  - Da realidade!
- PESQUISADOR
  - ...que todos vocês me falaram de fazer acontecer. Ou seja, sair do sonho...
- LUZIA
  - E ir pra realidade!
- PESQUISADOR
  - ...e passar pra... você tá me entendendo? Aquela questão de parar de sonhar e fazer de tudo pra aquele sonho se concretizar! Que é através da ação que as coisas acontecem.
- ÉRICA
  - É
- FLÀVIA
  - Verdade!
- PESQUISADOR
  - Onde que vocês aprenderam isso? Porque eu vi que isso foi comum de todo mundo. Todo mundo...
- LUZIA
  - No Movimento!
- PESQUISADOR
  - ...tinha um sonho e de repente aconteceu alguma coisa que vocês saíram do sonho e começaram a...
- LUZIA
  - A lutar por isso!
- PESQUISADOR
  - ... a lutar pelo sonho.
- LUZIA
  - Através do Movimento!
- PESQUISADOR
  - Você tá entendendo minha pergunta?
- REINALDO
  - Eu te disse aqui no início. Começou da formação! O que é a formação? Nós somos um... éramos umas crianças inocente na história. Chegou você, que já um educador formado pra aquela história e nos formou! Agora, nos chamou

pra essa ação, porque você viu o nosso sonho, os nossos desejo, você percebeu, chamou nois pra essa luta e nois chegamos junto. Nessa chamada, pra essa luta que eu fui ultimamente, nois foi lá pra uma tal de Fazenda Santa Rosa, no Município de Uruanã, e acho que você já ouviu falar dessa história, na fazenda de um tal de... Canhedo! Que era dono da VIPLAN, viação em Brasília, era dono de... coletivo...

- PESQUISADOR
  - De avião também!
- REINALDO
  - ...de transporte lá e de avião também!
- PESQUISADOR
  - Era o Wagner, né!
- REINALDO
  - É, Wagner Canhedo, certo? Então, nós ocupamos a fazenda dele em 2001, em 2001! Essa foi a segunda... porque a primeira, uma de vocês falou, a primeira maior ocupação que teve foi com vocês no Município de Rio Verde, né!
- ROSA
  - Foi na...
- FERNANDA
  - Monsanto!
- ROSA
  - Monsanto é, vizinha de Santa Helena.
- REINALDO
  - Pois é!
- PESQUISADOR
  - Como é?
- REINALDO
  - Região de Chapadão do Céu!
- ROSA
  - Monsanto, Santa Helena, Goiás!
- REINALDO
  - E, a segunda maior foi essas lá no Canhedo. Lá tinha seis mil pessoas. Três mil famílias e passava de seis mil pessoas acampado, nós acampamos, assim, de um dia pro outro também e só saímos de lá depois que nós fizemos a maior festa! E aí, ligaram e garantiram pra nois que a Fazenda Bandeirante estava liberada!
- PESQUISADOR
  - É tipo uma contrapartida? Vocês têm um lugar pra ir, mas antes vocês têm que demonstrar uma dedicação pro Movimento, fazer ação que justifique a gente dispensar aquela terra pra vocês? É mais ou menos isso, Reinaldo?
- REINALDO
  - O que é isso? O Movimento é o que briga com o INCRA, com o Governo. Porque o INCRA sabe da necessidade, o Governo Federal, o Governo Estadual sabe da necessidade do povo pra trabalhar, o povo pra trabalhar, pra ele (próprio), eu pra trabalhar pra mim, eu preciso ter onde trabalhar. Emprego não tinha, não tinha vaga de emprego praquele povo. O povo não tinha capacitação pra trabalhar onde que tinha emprego, então, precisava da terra pra trabalhar. Os fazendeiros tinham segurado as terra de forma que eles não estava arrendando mais, porque alguns de nois, que bancava um pouquinho de

sabedoria, trabalhava um ano, dois ano, três ano lá com o fazendeiro, botava ele no pau, naquele tempo já tinha isso, e ele obrigado a te indenizar tantos anos, tantos mil, então os fazendeiro começaram a não fazer isso mais. Não arrendava, não dava mais emprego pro pessoal. Era ou não era?

- AS MULHERES
  - Era!
- REINALDO
  - Isso gerou esse mundo de desempregado no Brasil inteiro, o Estado de Goiás estava cheio, mas todo o Brasil. Então, nós ocupamos essa fazenda Canhedo, ficamos lá três meses, lá nois comeu sessenta e tantas cabeça de gado dele, não sei quantos porco, lá nós fizemos a festa! Aí, quando nois saiu de lá, já estava garantida a Fazenda Bandeirante, de cinquenta e três... quinhentos e cinquenta e três parcelas, que seria quinhentos e cinquenta e três lote, que seria distribuído, só que nois tinha mais de cento e oitenta mil acampados naquela época, só que não foi só aquela fazenda, naquela época também surgiu essa daqui, que essa aqui foi é... conquistada mesmo em 2005, né! Que foi recebido o título dela, mas já estava naquela briga, conquistamos umas outras, não sei quantas pequenas, ali na região de Palmeiras, região de Acreúna, região de Cezarina, que ali se tornou o Canudo, mas tinha outras pequeninhas lá, que ainda não era conquistada. E aí, na região de Goiás Velho, na região norte também, conquistamos algumas fazendas lá na região norte, região do entorno de Brasília, como tem uma lá em Cocalzinho, que foi conquistada também naquela época, e veio estendendo, foi assim, diversificando.
- PESQUISADOR
  - Que aprendizado que fica disso?
- REINALDO
  - Anh?
- PESQUISADOR
  - Que aprendizado que fica?
- REINALDO
  - Nosso Deus!
- PESQUISADOR
  - Vamos ver!
- REINALDO
  - Um legado muito especial aí!
- FERNANDA
  - Vocês lembra aqui de um Hino do Movimento que eles cantava, eu não lembro do trecho dele todo não, eu lembro só um trechinho, mas falava assim, *"venham, temos, punhos erguidos..."* (cantarolando)
- LUZIA
  - Uai, é o Hino, é o Hino!
- PESQUISADOR
  - Pega aí o som? (para o técnico de filmagem)
- ROSA
  - É o Hino de todos acampamentos!
- REINALDO
  - Depois nois canta ele!
- LUZIA
  - É o Hino de todos acampamentos!

- REINALDO
  - No finalzinho a gente lembra ele!
- FERNANDA
  - Então, quando cantava esse Hino eu sentia... eu ficava lá atrás, eu olhava assim, eu sentia que o pessoal fazia assim com o punho... forte mesmo sabe? Assim com aquela esperança de está concretizando um sonho, sabe?
- ÉRICA
  - Sobre o aprendizado que traz pra gente da formação que vem através desse pessoal, né! Que vem de lá da nacional, da regional, vem é... umas pessoa preparada, então, eles vêm ensinar pra gente o que é o direito dentro da terra, como viver ali dentro da terra, né! E essas mobilização que a gente faz, nos proprietário, na hora que ocupa a terra, que come vaca, que come... que mexe no terreiro, isso aí é pra pressionar lá em cima...
- PESQUISADOR
  - Entendi!
- ÉRICA
  - ...né! Porque se nois entrar ali, ficar ali quietinho...
- PESQUISADOR
  - É uma estratégia?
- ÉRICA
  - É! ... aí eles esquece nois ali, né! Então, é onde nois parte pra comer o gado, comer os bezerro, come... pra poder...
- PESQUISADOR
  - Deixa eu puxar a sardinha pra minha salada, posso? Vocês sabem que o meu interesse é a educação, né! E aí, agora vocês começaram a falar nessas questões e a história toda é muito bonita e tem muita coisa significativa, mas...
- REINALDO
  - O tempo é batido!
- PESQUISADOR
  - ...você falou, você acabou de repetir ...precisa de vir uma pessoa que de certa forma, ou um grupo de pessoas, ou alguma organização que já tem o conhecimento trabalhado mas, se eu entendi o que você falou Reinaldo, essa vontade de ensinar ela combina com a sua vontade...
- REINALDO
  - Isso!
- PESQUISADOR
  - ...com o seu querer. Então, olha só! Tem alguém que te vem ensinar você conseguir aquilo que você quer. Então, tem dois aspectos da educação aí que eu estou querendo chegar, que eu gostaria que vocês falassem. Olha! Eu quero... eu tenho um objetivo, eu quero alguma coisa e eu preciso de uma ajuda, eu preciso me educar, me formar nesse sentido. Como que vocês veem a educação... vou dá um exemplo pra vocês, dos jovens aqui do assentamento. Vocês acham que essa educação tem essa coerência? Ou não? Tem uma educação que é voltada praquilo que é o objetivo das pessoas, ou tem uma educação que afasta as pessoas daquele objetivo? Como que vocês veem isso?
- LUZIA
  - Completamente!
- ÉRICA

    - É isso mesmo, sobre a educação, deixa a desejar aqui dentro, por quê? Porque os nossos filhos têm que ir pra cidade, têm que conviver com a cidade, né! E o aprendizado da terra é uma coisa, da cidade é outra. Isso começa a interferir na educação deles na terra. Passa já a ter vergonha de contar aonde mora, passa a ter vergonha de falar que é um Sem Terra, né! Por causa da convivência na cida... vai crescendo, vai mudando. Então, o que seria importante pra nois? Ter uma escola dentro do assentamento pra poder está trabalhando da mesma forma, pra não tirar isso das nossas criança, né! Deles crescer ali dentro com a mesma, com o mesmo modo que a gente cresceu, tendo amor pela terra, pela nossa... nosso antepassado, não deixar isso interferir. E a cidade interfere! Por eles ter que sair daqui e frequentar uma escola lá na cidade, isso interfere muito nas coisa dos nossos filho aqui dentro.
- PESQUISADOR
    - Rosa, você que tem os menino que estuda lá, como é que você vê isso? Ou pra você não tem problema, está tudo bem?
- ROSA
    - Até agora não tem enfrentado problema não! O único problema que eu achei é nesse caso, igual a Érica falou. Ter que ir pra lá, ter que conviver lá, se fosse uma coisa... até porque o meu marido ele queria assim, ele até parou com isso mais, mas antes ele queria demais que a Jussara fosse estudar em Cuba, pelo Movimento. Aí, tá. Aí, foi um problema porque ela já pulou fora, ela disse assim, *"ah, pai! Eu não vou! Por quê? Como é que eu vou, pai? Eu vou ficar lá com outras pessoas, pessoas que eu não conheço, vou ter que começar tudo do nada, eu vou... passo pra uma faculdade aqui perto, que vejo vocês toda semana e moro aqui em Ipameri..."* ficou aquela coisa! Falei, *"Jussara, você não quer mesmo, minha filha, ir"? "Não, mãe! Porque eu gosto de ser Sem Terra, mas eu não quero ser professora do Movimento, não tenho vontade"!* Falei, *"Jussara por causa de que você não tem vontade"? "Porque eu entrei no Movimento tarde demais, se eu tivesse entrado mais cedo"!* Porque, quando a gente entrou a Jussara já era mocinha. Jussara queria o quê? Somente a terra pro pai e a mãe trabalhar, ela trabalhar, mas... a ideia até aí. Aí, depois muda já a ideia. Pra ela trabalhar já não serve, é pro pai e a mãe, né! E, é tanto que casou, o marido ama aqui, ela gosta muito, mas pra morar ela não quer não, entendeu? Ela fala assim, mais ou menos...
- PESQUISADOR
    - E aí Reinaldo, como é que você vê isso?
- ROSA
    - *... "pra morar não, porque eu não tenho emprego, se fosse uma coisa que eu tivesse emprego"...*
- LUZIA
    - Ele tem filho formado no MST!
- ROSA
    - ...aí a conversa dela comigo, pra mim é essa, Kal, a gente tá montando uma cooperativa, tentando, vê se sai, não sei se vai dá certo, é Deus quem sabe, né! Se caso der certo... aí um dia ela falou, *"um dia, se tiver oportunidade, uma chance de emprego, eu posso até morar aqui, mas se não, eu não moro não. Do jeito que está, pra mim voltar, pra gente ficar assim , sem um emprego"!* Aí, eu falei assim, até pouco tempo eu falei, *"Jussara, agora que você casou, o Lucas gosta tanto, você quer? Fazer uma casinha pra morar lá"?* Perguntei, mas na verdade eu vou ser sincera com você, eu fiquei com medo da resposta.

Pensei, *"tomara que ela não aceita"!* Porque a gente que é mãe, a gente põe a sugestão, mas se ela aceita, ela me respondeu uma coisa que estava na minha cabeça, só que eu tinha... como ela fica assim, falando que ele gosta e ele fica... ele vem e fica empolgadinho, ele quer mudar tudo de lugar, ele chega tirar a gente do sério, do tanto que ele empolga, mas aí já tem aquela coisa, ela um dia me respondeu, *"mãe, eu me formei pra quê? Porque eu estudar tanto, me formar, pra voltar pra roça pra plantar verdura, mãe"?*

- PESQUISADOR
  - Deixa eu perguntar uma coisa pra vocês. Outra observação. Duas pessoas aqui falaram assim, é... tem vergonha, às vezes vai pra cidade fica com vergonha de ser Sem Terra. Eu escutei isso, alguém falou, não lembro quem foi, foi alguém aqui.
- ÉRICA
  - Eu falei!
- PESQUISADOR
  - Você falou também que a Jussara disse, *"eu gosto de ser Sem Terra, mas eu não queria ser professora"!* pergunta que eu vou fazer pra vocês: O que é ser Sem Terra? O que é ser Sem Terra?
- REINALDO
  - Você me disse assim, *"o que eu acho disso"*, na hora que ela estava falando. Eu tenho o conhecimento e esse entendimento pelos meus próprios filhos, porque hoje eu não tenho nenhum comigo. O que acontece? O grande problema que não é desejado por nós. Não foi, não era, não foi e não é e não será! Todos nós queríamos e queremos que nossos filho, nossa família tivesse aqui conosco. O que fez isso? Esse chamamento do Governo de tirar a escola da Zona rural e levar pra cidade, esse desfecho de descaso também dos governos para com os assentamento. Não nos deu oportunidade de termos a escola. Se você for lá no Canudo, você vai perceber uma grande briga, porque lá formamos professores de lá de dentro e brigando pra levar escola lá pra dentro, pois nem assim! Depois dos professor formado e eles não aceitava, não liberava, por quê? Não, porque tem esse programa de levar os aluno pra escola lá da cidade, por lá é isso, é aquilo, aquilo outro. O grande problema...
- PESQUISADOR
  - É, eles colocam isso como um benefício!
- REINALDO
  - Eles colocam sim!
- PESQUISADOR
  - E aí, o que vocês acham?
- REINALDO
  - Só que pra nós, oh! Ricardo, não é benefício. Nossos filho fica mal educado...
- ÉRICA
  - Anhram!
- REINALDO
  - ...brutos conosco...
- ÉRICA
  - Anhram!
- REINALDO
  - ...ignorante conosco, estranho com as nossas coisas dentro de casa, querem aquilo que nós não temos condição de dá, porque você sabe que quem mora

aqui na roça não tem a mesma condição de lá não. Outra coisa! Aqui nós observamos, o MST toda vida bateu nisso, observou esta questão do Estatuto da Criança, do Estatuto da Escravização no serviço, trabalho escravo, toda vida foi observado isso, nós não aceitamos isso no nosso meio, porem nós sabemos que você criar os seus filhos aqui, junto com você, eles vão pra escola e eles te ajudam, não num trabalho escravo, não num trabalho como eles é obrigado, responsável por aquele trabalho, mas você já imaginou você, *"meu filho, vai lá aparta os bezerro pra mim"!* O que é que tem? O menino está aprendendo, se adequando a essas coisas. Nós perdemos tudo isso aqui, todos os pais aqui perdeu e em todos os assentamento, culpa mais do que nós falamos, não é por que nós queremos jogar culpa em alguém, mas é a forma que a lei foi sancionada e está sendo executada que tirou esse direito nosso de ter nossos filhos conosco. Então, eles estudando lá, eles querem o quê? Eles querem a cidade. É, normalmente a filha dela consegue um emprego lá, porque ela estudou lá, as pessoa já conhece ela, arruma um emprego, mas aqui ela não tem. Ela não quer ser professora, por quê? Porque eu tenho na minha mente que eles não vão liberar escola aqui pro assentamento. Então, pra que eu ser professora?

- LUZIA
  - Mas se liberasse, aposto que ela vinha!
- REINALDO
  - Ela vem! Com certeza!
- ROSA
  - Não, não! Vocês entendeu outro lado! Eu disse professor do Movimento, ela não quer! Eu não disse que o pai dela queria que ela fosse estudar em Cuba? Formar, tipo, pra uma militante, uma coisa. Isso ela não quer! Agora, quanto a ser professor, vamos supor, se aqui tivesse uma escola, desse oportunidade dela dá aula, é o sonho dela seria esse, entendeu, mas é que nem ela me disse, eu deixei bem claro, voltar pra cá depois de formada pra mexer com a verdura, tacar a mão na horta... é o que eu faço, minha mão é acabado!
- FERNANDA
  - Voltar a ser lavradora, né!
- ROSA
  - Lavradora, Ela não quer! Porque ela nem tem vergonha de, oh! Kal! Lá na faculdade, eu não sei se você chegou a ir, eu não me lembro direito, mas vários, vários professor, você entra em contato, você vai ver até se eu estou aumentando alguma coisa, a gente tentou uma feira, na faculdade, mas essa história você deve até estar por dentro, que os alunos fizeram até um abaixo assinado contra nois lá, Sem Terra né! Esse assentamento com o, como é que chama o assentamento da Luzia, da Luzia? Como que chama o assentamento da Luzia?
- PESQUISADOR
  - Quando você vai lá em Catalão, na UFG?
- ROSA
  - A primeira foi, mas aqui o outro assentamento.
- ÉRICA
  - Aqui tem outro assentamentozinho, aqui!
- REINALDO
  - Paulo Gomes!
- ROSA

    - Paulo Gomes!
- PESQUISADOR
    - Aonde que é , aqui no...
- ÉRICA
    - Veríssimo, por ali!
- REINALDO
    - Ou é Madre Cristina!
- ROSA
    - Aí, Kal! Só que a feira, a Irmã Inês organizou...
- REINALDO
    - Madre Cristina, aqui no Município de Goiandira!
- ROSA
    - ...uma feira pra gente, de produtos orgânico, talvez não seja um orgânico tão assim já puríssimo, porque...
- FERNANDA
    - Agroecológico, né!
- ROSA
    - ...é, sai mais nesse que a Fernanda falou aí, né! Tá, pegamos, a gente foi pra essa feira lá. Pois a Jussara fez questão de apresentar os professor, nois pros professor dela, apresentou, ela apresentou eu, apresentou a Dagmar, apresentou pessoas daqui, *"é do meu assentamento. Essa é minha mãe meu pai"*, Ou! Conheci muitos professores, muito. Então, eu que fiquei com vergonha, eu vou falar verdade pra você, eu fiquei com vergonha, não queria que ela me apresentasse...
- PESQUISADOR
    - Você fala do orgulho que ela tem de, teve, de apresenta-los como...
- ROSA
    - Eu não queria porque ela, apesar de filha de Sem Terra, estava a coisa mais linda, bem arrumada, aquele povo tudo não tem nada a ver comigo, nem com a Dagmar, nem com nenhum de nois, e eu, não tinha tido tempo nem pra pentear o cabelo direito, penteei mais ou menos, arrumei aqui. As verdura foi perfeita, eu arrumadinha, mas não estava à altura ainda. Eu falei, *"nossa, a Jussara fica trazendo esse povo pra conversar com a gente, eu não quero conversar com esse povo"!* Eu é que fiquei acanhada. Aí, é que nem eu te disse, eles não têm vergonha dos pais, isso eles não têm, às vezes tem algum que até tem, tem uns que nem fala com um vizinho, com outro, mas os meus eu garanto que não têm, e falam com todos nós que eles conhecem aqui dentro e vê lá na rua. Só, que até agora! Eu não sei mais pra frente como vai ser, a gente sabe até aqui. Porque eu esclareço todos os dia, "*meus filho, vocês estão ali, você tem que ter sua faculdade, porque por mais que nois seja Sem Terra"...* nois foi, que agora nois nem é, viu Kal, nois não é sem terra mais não, né?
- REINALDO
    - Agora que nois é Sem Terra!
- ROSA
    - Nois é sem dinheiro, mas sem terra nois não é, nois é sem dinheiro!
- REINALDO
    - É isso que eu quero esclarecer pra ele, que ele me procurou...
- PESQUISADOR

    - Aí, que eu quero chegar nesse ponto! Olha só, o tanto que é interessante a contradição. Ela falou no sentido de... agora que vocês têm terra vocês não são mais sem terra. Num sentido. Eu acho que você está querendo esclarecer no outro! Vai!
- REINALDO
    - Isso! É o que eu quero esclarecer, porque na realidade, o sentido dela está correto, só que pra sua pergunta não é correto, porque agora é que nós somos Sem Terra. A nossa entidade! É como que você foi lá e fazer sua identidade, identidade! Você era indigente, porque você não tinha documento, aí você foi lá e registrou. Então, nós também ao entrarmos no MST, nós entramos pra uma luta de conquista da terra. A terra nós não ganhamos, nós conquistamos com muita raça e você está vendo aqui, que nós não estamos contando nem a metade da nossa luta, do nosso sofrimento...
- AS MULHERES
    - Iche!
    - Só por alto!
    - Não!
- ROSA
    - Nois só contou as... (ininteligível)
- REINALDO
    - Nós estamos passando aqui, meio que... pincelando aqui, que as hora já acabou!
- PESQUISADOR
    - (Ininteligível) ...a limitação do tempo, mas já deu pra perceber!
- REINALDO
    - Então, nós conseguimos pessoas...
- LUZIA
    - Nois não falou das carreira que nois teve das polícia não!
- REINALDO
    - ... que fora formada lá no sul do país, nosso aqui do Brasil, por lá que começou, e eles vieram e trouxeram isso, passaram isso pra nós. Mas já vieram com essa identidade Sem Terra! O que é Sem Terra? É o povo que lutou pra conquistar a terra. A terra estava aí, era de todo mundo, mas nois era sem terra, porque nois não tinha terra. Agora, hoje nois leva a identidade de Sem Terra, pela luta, certo?
- PESQUISADOR
    - E não deixou de ser. Não vai deixar de ser nunca?
- ÉRICA e LUZIA
    - Nunca!
- REINALDO
    - Essa identidade não acaba nunca! Aonde eu...
- PESQUISADOR
    - E das crianças, Reinaldo, dos jovens? Como é que você fala? Você acha que eles têm essa mesma identidade?
- LUZIA
    - Não!
- PESQUISADOR
    - Você acha importante ter? O que você pensa da identidade deles?
- REINALDO

    - Olha, Os meus filhos são filhos de Sem Terra!
- LUZIA
    - Mas não são Sem Terra!
- REINALDO
    - Se eles não quiserem aceitar a identidade, eles não vão aceitar, mas eles são filhos de Sem Terra, porque eu sou um Sem Terra! Eu tenho a identificação que eu sou Sem Terra, sabe por quê? O meu nome está registrado lá no protocolo...
- ALGUMA MULHER
    - No INCRA!
- REINALDO
    - ... federal...
- LUZIA
    - Em Brasília, é mesmo!
- REINALDO
    - ... lá em Brasília! Aonde eu for eu sou um cliente da Reforma Agrária, eu sou um assentado pela Reforma Agrária. No mundo, eu não pego terra por esse tipo de benefício, não pego! Nenhum de nós aqui, não pega mais porque já estamos registrados. Então, nós somos registrados e somos Sem Terra. Nós somos assentados, beneficiários da Reforma Agrária, assentados pelo MST que trouxe a identidade de Sem Terra.
- PESQUISADOR
    - Essa identidade, vocês carregam ela com orgulho...
- LUZIA
    - Orgulho!
- ÉRICA
    - Com orgulho!
- FLÀVIA
    - (Concorda acenando a cabeça)
- REINALDO
    - Ah! Eu com muito orgulho!
- ÉRICA
    - Não envergonhamos por ela!
- REINALDO
    - Inclusive os companheiro aqui já viu, eu...
- ROSA
    - Ninguém quer que mude!
- REINALDO
    - ... eu vim aqui fiz alguns debate aqui pra entrar na Associação e começava, falava, “Oh! Eu nasci nessa luta no MST, sou MST e não deixo de ser MST...
- LUZIA
    - Eu também falei a mesma coisa! Quando rachou aqui, eu falei a mesma coisa!
- REINALDO
    - ... por tudo que for preciso aqui, eu sou MST, não adianta! Quem é que veio pra cá, e estão aqui que não foi pelo MST?
- PESQUISADOR
    - O que não impede de você participar de outra associação!
- REINALDO
    - Não! Eu posso sair daqui, ir pra FETAEG ou qualquer outro, mas eu sou MST.

- ROSA
    - Oh, kal! É incrível, né! É igual às vezes lá em casa, porque assim, meus pais são baiano, tanto a minha mãe como meu pai. Eu já nasci em Goiás, tanto os meninos tudinho, né! Que eu sou a mais velha. Aí, lá em casa às vezes o Síndico fala assim, ele faz alguma coisa de errado ele fala, *"dei uma baianada hoje"*, deu uma bobeira hoje, uma baianada hoje, que baiano dá bobeira. Aí eu falo, que engraçado, taí uma coisa Kal... que na verdade está certo que eu possa até ser mais pra goiana, só que eu quero ser mesmo é baiana, eu falei, eu sou baiana e eu sou Sem Terra, assim, não sou no caso de ter a terra, mas na minha identidade, entende? Então, é a mesma coisa, nasci em Goiás, mas em lugar nenhum eu quero ficar, eu sou goiana. Eu falo logo, eu nasci em Goiás, né! Meu pai e minha mãe que é baiano, eu falo logo. Eu gosto de ser, você entende?
- REINALDO
    - Me dá uma folha dessa?
- PESQUISADOR
    - Em branco?
- REINALDO
    - É (a partir desse momento o Reinaldo começa a escrever o Hino do MST e pede a ajuda dos outros participantes para ajuda-lo a lembrar)
- LUZIA
    - E eu já falo logo que eu sou baiana. E não sou baiana!
- ROSA
    - Eu gosto de ser!
- LUZIA
    - Todo mundo sabe que eu sou baiana, mas eu não sou não!
- ROSA
    - Eu acho chique ser baiana e eu acho chique ser Sem Terra! Você entendeu? Porque Sem Terra, quando eu chego num lugar que as pessoas fala, *"Rosa, aonde você mora, o endereço"?* Eu já falo logo, *"Assentamento Olga Benário, Sem Terra, assentamento Sem Terra, Olga Benário"!* Sabe por quê? Porque eu fico assim pensando, *"oxente! Quem não é..."* não é falar mal, mas a pessoa não é capaz de lutar pelo sonho, está perdendo pra mim Kal. Eu sou mais eu, entende? Porque o Sem Terra, ele é capaz de lutar por qualquer coisa, o bicho é atrevido! Por isso que eu gosto de ser Sem Terra! É assim mesmo!
- PESQUISADOR
    - Ele é, ou ele aprendeu?
- ROSA
    - Eu acho que está no sangue! Eu acho que junta os dois. Tá no sangue porque aprendeu, mas muita gente aprendeu e desistiu na estrada...
- REINALDO
    - Lembra do outro pedaço?
- LUZIA
    - Como é que é? O que é isso aí? Ah, o Hino!
- FERNANDA
    - (Começa a cantarolar o Hino como se estivesse querendo lembrar)
- ROSA
    - ... Viu o exemplo, lá em casa era quatro, nois estava em quatro irmão. Eles vêm tudo aqui, eles ama vir aqui passear. Até hoje meu cunhado vem, aí ele vê

o serviço brutal nosso, ele vira pra mim e fala assim, *"Eh, cunhada! Eu gosto demais de vir pra cá, mas vou falar verdade, eu não servia pra ter terra, se eu tivesse pegado já tinha vendido, que eu não dou conta disso aqui"*, mas eu falei, *"mas você dá conta, engraçado, você dá conta de levantar é três e meia, quatro hora da manhã, qualquer hora pra ir pro boia-fria ou pra ir trabalhar no emprego pros outro".*

- LUZIA
  - Nossa! Você esqueceu? (sobre o Hino)
- PESQUISADOR
  - Esquece? A gente esquece o que aprende?
- LUZIA
  - Não, eu canso de dizer nas reunião, quando tinha, eu dizia, *"Oh, gente! Daqui uns dia nois não vai saber nem cantar o Hino nosso mais"*, porque já começa a reunião...
- PESQUISADOR
  - Qual a solução que você dá pra isso...
- ROSA
  - Só que é assim, cada... é o Hino do Movimento e cada acampamento tem um, né, Érica?
- PESQUISADOR
  - Parece, assim, você falou... você quis dizer assim, se a gente não exercitar esse aprendizado, a gente acaba esquecendo. Como é que vocês veem isso? Vocês estão exercitando o aprendizado ou vocês...
- LUZIA
  - Você acredita que eu vejo isso com tristeza?
- ÉRICA
  - Eu também!
- LUZIA
  - Eu vejo isso com tristeza!
- ROSA
  - É, não tá mesmo!
- LUZIA
  - Porque a gente cantava com aquela força tão grande, aquele amor, que eu chego arrepiava, eu sentia melhor cantando o Hino do Movimento do que o Hino Brasileiro.
- ROSA
  - Ah, claro!
- LUZIA
  - Eu sinto mais emoção!
- PESQUISADOR
  - Te tocava mais?
- LUZIA
  - Anhram!
- FERNANDA
  - É porque quando cantava, quando cantava o Hino era aquela força, aquela esperança...
- REINALDO
  - Lembra o outro verso aí?
- ÉRICA

    - Que era assim, a gente cantava só naquele momento, assim, que nois estava todo mundo reunido, oitenta e quatro família junto, você imagina, oitenta e quatro pessoas ali, tudo num rumo só, e agora dispersaram, esqueceram, cada um tá no seu canto, cada um tá ali, ninguém vê o outro, passa ano sem vê o outro, não é?
- PESQUISADOR
    - E se fosse pra pensar isso, gente. Pra pensar esse problema, essa dificuldade que vocês estão colocando?
- LUZIA
    - *"Sobre a sombra de nossa valentia"* (cantarolando)
- PESQUISADOR
    - Mesmo que for um sonho! Como que você... qual é a solução pra isso?
- ÉRICA
    - Pra resgatar o que a gente viveu aqui quando a gente entrou... francamente eu não vejo mais...
- PESQUISADOR
    - Perspectiva?
- ÉRICA
    - eu não vejo como... como, né Flavia? Voltar a ser aquilo novamente. Eu fico me procurando pra onde que se perdeu? Por quê?
- ROSA
    - Não dá pra ser a mesma coisa mais não. Tem pessoa que não tem nada a ver nem com assentamento, acampamento, não sabe nem o que um acampamento aqui. Porque agora diversificou tudo, agora que bagunçou geral!
- PESQUISADOR
    - Você tá falando de pessoas que entraram aqui...
- ROSA
    - Não sabe o que é acampamento! Essas aí sim, não são Sem Terra!
- PESQUISADOR
    - Que não passou por essa experiência?
- ÉRICA
    - Não tem formação!
- ROSA
    - Nunca!
- ÉRICA
    - Não passou pela formação que a gente passou, sabe? Não passou, não tem a menor ideia o que é... sabe?
- PESQUISADOR
    - E como vocês veem o futuro do assentamento?
- ÉRICA
    - Como eu vejo o futuro do assentamento? A mão de Deus agir no coração de cada um, porque... eu não vejo que tenha futuro, assim, pra ser o que era. Vai ser difícil, vai ser difícil...
- PESQUISADOR
    - Vocês estão resgatando aí a letra?
- ÉRICA
    - ... porque dispersou muito, deixou dispersar muito, né! Perder muito. Não deveria ter deixado chegar aonde chegou. Agora pra voltar de novo, eu não sei como. Vocês sabem? Alguém de vocês sabe como vai voltar a ser...

- PESQUISADOR
  - Pelas mãos dos jovens vocês acham mais difícil ainda?
- ÉRICA
  - Mais difícil ainda!
- PESQUISADOR
  - Por quê?
- ÉRICA
  - Porque eles são mais desligados ainda da... de interagir aqui dentro. Eles tá mais preocupado lá fora!
- ROSA
  - Você acredita que a Aninha achou bom demais, sábado passado, né! Porque ela, ela... no acampamento era assim, tinha... era muita... tinha como o jovem gostar! Depois desse racha que não prestou mesmo, sabe! Mas, antes eles gostava, por quê? A gente tinha muitas comemoração, sabe! Não era umas festa chique...
- LUZIA
  - Eu tenho uma música gravada que o seu menino gravou...
- PESQUISADOR
  - Vamos encerrar cantando, eu acho que vocês vão lembrar na hora que vocês forem cantar!
- REINALDO
  - Não dá não!
- PESQUISADOR
  - Dá, ué!
- REINALDO
  - Eu acho que cantando a gente não dá conta.
- ÉRICA
  - Deixa eu ver!
- TODOS (cantando)
  - *Vem teçamos da nossa liberdade, braços fortes que rasga o chão, sob a sombra da nossa valentia, despertemos a nossa rebeldia, e plantemos nessa terra como irmãos, venha, lutemos, punhos/braços erguidos...*

- REINALDO
  - Reunião do MST não tá acontecendo aqui dentro e quando acontece não estão cantando o Hino e aqui nas reuniões da Associação não... mas nós temos hino.
- PESQUISADOR
  - Gente, eu queria... eu acho que eu já tomei tempo demais de vocês, mas eu vou dizer pra vocês uma coisa, foi além do que eu esperava. Eu sabia até que ia acontecer isso, né! eu sabia que quando vocês tivessem a oportunidade de falar e trocar ideia, um ajudar o outro a lembrar, a coisa ia...
- LUZIA
  - E você pode escrever aí que o Movimento ele forma a pessoa, os filho dos acampado também.
- REINALDO
  - Ela lembrou o refrão aqui, oh!
- PESQUISADOR
  - Também?
- REINALDO

- Ela lembrou o refrão!

- ÉRICA
  - Forma! Leva pros Estados Unidos, leva pra qualquer lugar! Tudo quanto é lugar do mundo tem os filhos dos acampado que estuda.
- REINALDO (cantando)
  - *Vem teçamos a nossa liberdade...*
- ROSA
  - É aquele mesmo?
- REINALDO
  - É, esse é o refrão. É esse que você tá falando.
- ROSA
  - Será que eu tô certa?
- REINALDO
  - Tá, uai!
- ROSA (cantando)
  - *Nossa força leva edificar...*, como é que eu falei o outro pedaço?
- PESQUISADOR
  - Você tem que começar de novo!
- ÉRICA
  - Não, não, não dá não. Nois tem que voltar mesmo!
- LUZIA
  - Não, eu vou arrumar esse hino só pra... porque eu tenho ele...
- REINALDO
  - Começa ele aí!
- PESQUISADOR
  - Vamos lá, começa! Vamos ver até onde vocês vão!
- TODOS (cantando)
  - *Vem teçamos a nossa liberdade, braços fortes que rasga o chão, sob a sombra de nossa valentia, desfraldemos a nossa rebeldia, e plantemos nessa terra como irmãos, vem lutemos, braços...*

FIM

APÊNDICE C
TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM OS REPRESENTANTES DA ASPROAB

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO
COM OS REPRESENTANTES DA ASPROAB

- PESQUISADOR
  - Começar, né! Então, vamos lá! Oh, a primeira coisa que eu queria fazer é pedir desculpa pra vocês por causa desse transtorno, né! A gente imagina que a coisa vai dar tudo certo, mas esses imprevistos assim... mas vocês estão bem acostumados com isso, né! A gente sempre dá um jeitinho... no final dá tudo certo...
- GLÓRIA
  - Com certeza!
- PESQUISADOR
  - Mas então, eu queria agradecer vocês estarem aqui, tá! Aliás, eu queria agradecer a forma que vocês têm me recebido desde o primeiro dia que eu botei o pé aqui dentro pra poder desenvolver essa pesquisa. Eu não posso dizer que uma pessoa me recebeu mal na sua casa aqui. Eu fui muito bem recebido por todos, tá! Então eu queria agradecer, eu acho assim, essa fase da pesquisa, ela está chegando ao fim, da gente ter esse contato direto com vocês, mas ela só termina em fevereiro do ano que vem, e aí já fica aqui o meu convite pra todos vocês, quando eu for defender a minha dissertação, na minha defesa, né! Se vocês puderem estar presentes, tá! Um convite que eu faço, quando eu for apresentar para a banca examinadora, né! Da Universidade, para defender o trabalho que foi feito aqui, então vocês já ficam convidados, porque vocês são parte integrante dessa pesquisa, ela não é minha, ela é nossa, tá! Então, fica aqui o convite, quando eu tiver a data certa, eu vou fazer questão de tá comunicando vocês, pra vocês ficarem sabendo e se der certo a gente poder comemorar junto, tá...
- GLÓRIA
  - Com certeza!
- PESQUISADOR
  - ...então, já deixo meu muito obrigado pra vocês. Hoje, esse procedimento que nós vamos fazer aqui, tem toda essa questão que vocês estão vendo aí, do crachá, né! Essa questão do registro que o Denisson tá fazendo pra gente, porque a pesquisa, ela exige esses procedimentos, tá! A Universidade exige que se tenha alguns critérios para fazer esse movimento que nós estamos fazendo aqui hoje, tá! Então, eu gostaria que vocês ficassem bem à vontade, o que eu quero promover aqui é um bate papo entre nós, daqui a pouco eu vou parar de falar e eu quero ver vocês conversando, tá! Porque o que interessa é aquilo que vocês têm de experiência, de vivência, poder tá falando aqui pra gente, pra gente tirar disso daí, aquilo que possa interessar pra minha pesquisa e eu tenho certeza que tem muita coisa interessante pra vocês dizerem, tá! Esse procedimento, ele chama grupo focal, isso que nós estamos fazendo aqui tem um nome, né! A academia, a Universidade, ela sempre acha um nome diferente pra uma coisa que a gente já tá cansado de fazer, né! Que a gente... uma roda de conversa, de bate papo, né! Mas ela tem um nome lá, científico que chama grupo focal. O que é isso? Eu vou colocar algumas questões para que vocês falem sobre essas questões, mas aquilo que vier na cabeça, então, olha só, o grupo focal, não é intenção minha, aqui, saber é... o que cada um tem de conhecimento, se alguém sabe sobre determinado assunto ou se não sabe, nada disso. Não tem certo, não tem errado. Eu falei isso até pros jovens, né! Não

tem nada certo ou errado. Tudo aquilo que vier na cabeça de vocês, vocês têm liberdade pra falar, eu não quero saber quem sabe ou quem não sabe, ou se eu sei ou se eu não sei também. É uma conversa, tá! Depois, o que interessa pra pesquisa, fica na reação que quando eu falar alguma coisa vocês não aceitarem, quando determinado participante... o Paulo, ali, fala alguma coisa, ela, a Sebastiana não concorda, isso é até interessante que aconteça, então, por que que eu estou falando isso? Porque aqui, nós não estamos aqui pra descobrir a verdade, eu não estou atrás da verdade, eu quero saber a opinião de cada um, né! E essa diferença de opinião, ela é muito interessante pro trabalho, tá! Então, fiquem à vontade pra colocar aquilo que vier do coração mesmo, o que vier, deu vontade de falar, vocês podem estar falando, que é isso que eu gostaria muito que acontecesse, tá bom! Eu vou fazer uma apresentação, começar uma apresentação bem simples, eu vou ser o primeiro a fazer e depois eu gostaria que cada um fizesse como eu estou fazendo. O que eu vou fazer? Eu vou pegar um bombom ali, escolher uma pessoa, vou presentear essa pessoa com o bombom e vou fazer uma apresentação pelo que eu conheço dessa pessoa, coisa simples, tá ok? Aí, depois vocês seguem fazendo a mesma coisa, pode ser pessoal? Então vamos lá, eu vou ser o primeiro aqui. Vou pegar esse aqui que é mais gordinho. Deixa eu ver pra quem que eu vou oferecer. Eu vou oferecer pra Sebastiana, tá! Eu vou dar a volta aqui, Sebastiana você foi a primeira...

- SEBASTIANA
  - Mas eu não!
- PESQUISADOR
  - Eu conheço muito pouco da Sebastiana, vou falar pouco Eu tive na casa dela, acho que duas vezes, né isso? Eu conheço mais a Sebastiana pela filha dela, a Maíra, tá! E, pelo que eu já ouvi pela boca da Maíra, você é uma pessoa muito querida, e a mãe ser querida pela filha, né! Diz muita coisa, né isso! Então, essa é a Sebastiana, receba esse presente aqui. Pronto! Agora você faz a mesma coisa, escolhe uma pessoa pra você apresentar.
- SEBASTIANA
  - Ah, tá! Eu vou pegar...
- PESQUISADOR
  - Agora você pega um bombom e presenteia algum de nós aqui...
- SEBASTIANA
  - Aí, que beleza professor! Deus do céu, chega esfriei... Aí, tem que falar alguma coisa?
- PESQUISADOR
  - Apresenta alguém, um de seus colegas aí...
- SEBASTIANA
  - Eu tenho que me apresentar ou falar alguma coisa só?
- MAÍRA
  - Apresenta uma pessoa!
- PESQUISADOR
  - Fala quem é a pessoa só!
- PAULO
  - Se escolher eu, tem que falar muita coisa, hein! (risos)
- PESQUISADOR
  - Boa, né!

- PAULO
  - É, boa!
- PESQUISADOR
  - Coisa boa!
  - Quem que é essa?
- ZÉLIA
  - Você vira pra lá igual ele fez!
- PESQUISADOR
  - Não precisa não, vocês ficam á vontade. Quem que é essa?
- SEBASTIANA
  - É a Zélia. Aí, eu vou dá esse bombom pra ela de presente pra adoçar a vida dela e pra que ela fala alguma coisa...
- ZÉLIA
  - Eu sou boa pessoa, sou ruim, sou má vizinha, você tem que falar alguma coisa!
- SEBASTIANA
  - É, ela é uma boa pessoa, boa vizinha, uma boa companheira, sempre tá aqui com agente e... é isso aí.
- PESQUISADOR
  - É isso, tá ótimo! É a sua vez Zélia, vamos embora! Escolhe uma pessoa aí pra você apresentar. Vocês viram o crachá assim gente, oh! Porque aí, se der branco, a gente olha de novo pro crachá!
- ZÉLIA
  - Essa é a Leila, eu conheço a Leila tem um bom tempo que ela tá aqui conosco, é uma boa pessoa, eu gosto muito dela, então, eu acho ela uma pessoa excelente, ela sabe assim, pelos filhos dela, a gente vê como ela cria os filhos dela, da família dela...
- PESQUISADOR
  - Que bom!
- LEILA
  - Obrigada Zélia!
- PAULO
  - Aí é...
- PESQUISADOR
  - Achei que fosse ser panelinha!
- LEILA
  - Minha cara amiga aqui, Aninha, porque eu conheço ela muito tempo também, nois veio pra cá ela era bem catatauzinha, né...
- PESQUISADOR
  - Bebezinha?!
- LEILA
  - ... a família dela é uma família muito humilde, assim, elas é umas menina muito disciplinada, carinhosa, estudiosa e, assim, eu dou muito valor a isso, porque elas também gosta, assim, de trabalhar muito na terra, também a família trabalha com hortaliça, né! A família dela é uma família maravilhosa...
- ANINHA
  - Obrigada!
- PAULO
  - Achei que ela ia falar era de mim, veio pro meu lado, uai! (risos)
- PESQUISADOR

    - Quebrou a cara, hein Paulinho!
- ZÉLIA
    - Vamos deixar os homens apresentar os homens!
- PESQUISADOR
    - Quem que é essa?
- ANINHA
    - Maíra!
- PESQUISADOR
    - Ah, a Maíra!
- ANINHA
    - É uma pessoa amiga, companheira, muito legal...
- PESQUISADOR
    - Que bom! Vai Maíra!
- MAÍRA
    - Obrigada!
- GLÓRIA
    - Agora os homens vão acabar sozinhos!
- PESQUISADOR
    - Pois é! Os últimos serão os primeiros, né!
- MAÍRA
    - Eu vou falar do Alaor, que é o esposo da Zélia, que é um bom vizinho, que conheço muito ele, ele é muito legal e eu gosto muito dele.
- PESQUISADOR
    - Que bom! Vamos lá Alaor, foi o primeiro homem o Alaor.
- PAULO
    - O último fica com os bombons tudo!
- ALAOR
    - Esse aqui é o Paulo, eu conheço ele já um bom tempo, é um bom vizinho e uma boa pessoa.
- PAULO
    - Obrigado, amigo!
- PESQUISADOR
    - Que bom, vamos lá. Quem que está faltando? Eu... Glória...
- GLÓRIA
    - Não, você já foi!
- PESQUISADOR
    - Não, eu não fui apresentado, não ganhei bombom!
- SEBASTIANA
    - Tem que dar um bombom pro professor também ué, ele deu o dele!
- PAULO
    - Vinícius, você vai saber brincar? Então você não vai ganhar, ué!
- SEBASTIANA
    - Vai, ele é um rapaizão, ele sabe sim!
- PAULO
    - Você conhece todo mundo! Eu vou em você, depois você vai na... "*essa aqui é Glória, eu conheço ela desde criancinha que eu estou aqui, desde que eu era criancinha",* né! Entendeu? Brincar meu filho, participar, né!
- PESQUISADOR
    - Isso!

- PAULO
    - Ficou vermelho já! Esse aqui é meu filho, conheço ele desde que ele nasceu (risos), é um menino levado, custoso, e que vai entrar na brincadeira. Vai lá pegar um bombom lá...
- GLÓRIA
    - Aí você pega outro bombom...
- SEBASTIANA
    - Esse é seu, você pega outro pra Glória!
- PAULO
    - Vai lá atrás, fala dela, que você conhece ela desde quando você veio pra cá... nos encontro de Igreja...
- VINÍCIUS
    - Essa aqui é a Glória, eu conheço ela desde pequeno...
- GLÓRIA
    - E eu te faço muito carinho, não é! Toda vez que a gente se vê, não é?!
- PESQUISADOR
    - Sobrou eu pra você Glória! Agora você me apresenta, olha lá hein! Eu quero um bombom!
- GLÓRIA
    - Me apertou hein, você viu!
- PESQUISADOR
    - Vamos vê se você vai descobrir qual que é o meu preferido, ele tá aí!
- GLÓRIA
    - Deixa eu olhar, eu acho que é esse branquinho aqui!
- PESQUISADOR
    - O maior, né! Você acha que eu sou guloso, né! (risos)
- GLÓRIA
    - Eu sou a Glória e... primeira vez que eu participo desse... né, que a Zélia me convidou, né! E tem muitos anos que eu estou aqui e participo de quase todos os cursos e... é isso!
- PESQUISADOR
    - Obrigado!
- GLÓRIA
    - Eu sou uma pessoa assim, muito faladeira, mas ao mesmo tempo falo muito pouco!
- PESQUISADOR
    - Tá joia! Obrigado! Bom gente, então, eu vou colocar pra vocês, um tema, um primeiro tema que eu gostaria que vocês falassem. Eu só peço assim, na hora que um estiver falando, né! E a gente evitar de conversar um com o outro, porque depois, vocês não imaginam o trabalho que eu tenho de escrever tudo que foi falado e às vezes é difícil d'eu escutar o que uma pessoa estava falando quando os outros conversam, mas o primeiro assunto que eu gostaria de perguntar pra vocês é o que vocês guardam na memória de como foi que vocês entraram pra essa briga, pra essa luta pela terra, como que começou essa história, o que aconteceu que despertou vocês pra esse desejo de ter um pedaço de terra, como é que foi, quem que pode falar?
- ZÉLIA
    - O Alaor!
- PESQUISADOR

- Vamos ver se o Alaor... o que ele lembra
- ALAOR
  - Eu, foi através de vizinho, né!
- PESQUISADOR
  - De vizinho?
- ALAOR
  - É, eu não ouvia nem falar de Movimento de Sem Terra e uma vizinha minha entrou... eles entraram no Movimento, no dia dela vim pro acampamento pra fazer o cadastro, acho que pra pegar a cesta do INCRA, o esposo dela estava viajando e ela não... era prática de moto pra vim, ficava quase cem quilômetros da cidade. Ela pediu pra mim vim trazer ela, eu cheguei lá, vi um pessoal todo animado lá e me despertou a vim pro movimento. Foi isso.
- PESQUISADOR
  - Mais, gente! Quem lembra? Teve uma história parecida ou diferente?
- GLÓRIA
  - Eu vim...
- PESQUISADOR
  - Vai Glória fala pra nós!
- GLÓRIA
  - ...toda vida morei na fazenda dos outros, né! E aí, quando foi um dia eu fui, nós morava perto de Goiás Velho, Cidade de Goiás Velho, não sei se você conhece, e aí eu fui no colégio, e aí meus filhos, eu fui levar meus filhos, eles estudava lá nesse colégio, eles disseram pra mim *"mãe, tem um negócio de um movimento de sem terra aí, e nois mora sempre na fazenda dos outros, a senhora podia dá um jeito de entrar nesse movimento pra vê se nois pega uma terra pra nois, pra nois parar com esse negócio de morar na terra dos outros"* aí eu peguei e falei *"ah não, minha filha"!* Aí, ela falou *"não mãe, vai"!* Ela me deu o endereço, peguei, fui lá no escritório, né! Cheguei lá eles, foi até uma Irmã que deu, uma Irmã... freira! Me deu o endereço, o nome do líder que o José Maria, do assentamento, do acampamento onde a gente morava lá perto de Itaberaí, aí eu peguei dei o nome, aí eu falei *"então eu vou, né"!* Mas na hora que chegou lá em casa, que eles chegou do colégio, aí eu estava com o telefone dele, mas eu não tinha coragem de ligar, eu falei, *"não tenho coragem de ir"!* Aí, os menino chegou, e minha moça chegou e ligou, ligou e deu... é difícil demais falar com ele, muito difícil, não consegue falar. Aí, ligou, foi ligar e ele atendeu na hora, ela falou *"mãe deixa as panela aí que eu vou olhar e a senhora vem atender ele aqui"* e eu peguei fui atender ele. Aí, eu falei assim com ele, ele falou assim *"que dia que você quer vim"?* Eu falei *"meu deus do céu"!* Já fui dando tremedeira né! Eu pensei que ia demorar, né! Ele pegou e falou assim *"não amanhã, você pode vim amanhã que eu vou mostrar o acampamento pra você, né! Que você vem até Itaberaí..."* que eu morava em Goiás, *"...você vem até Itaberaí, eu mostro o acampamento pra você, e você vê se você vai, né"!* Aí, chegou lá, de cara as pessoas já me receberam muito bem e ele já falou como é que era, e tudo, né! E tal e tal, falou, "*com dois meses vai sair"*, e tal, né! Peguei falei, *"beleza, né"!* Aí, falou assim, minha menina falou, *"vamos voltar, e nós vamos pegar os trem, né! Pra poder vim".* Aí, juntei um cochãozinho, uma panelinha, um pratinho, um garfinho, pra poder vim, e chorar daquele tanto! Falei *"meu Deus",* só eu sozinha...
- PESQUISADOR
  - Você chorou?

- GLÓRIA
  - Nossa Senhora!
- PESQUISADOR
  - Você ficou...
- GLÓRIA
  - Fiquei nervosa, porque eu sozinha, larguei filho pra trás, larguei marido, larguei tudo, fiquei quase doida. Aí fui. Aí, de cara uma mulher, uma senhora lá, Divina, falou, *"não, você vai ficar comigo até eles fazer a sua barraca".* Aí, cada um lá tinha que esperar o cara da barraca falar assim, *"tem que fazer aqui"!* Aí, o cara da barraca já virou e falou assim, *"mas você pode fazer onde você quiser"!* eu tenho o retrato tá lá em casa, coisinha mais engraçadinha, eles fala igrejinha, ficou lá em cima, sabe! Aí, eu peguei fiquei, passou anos e anos e anos e anos, ficou seis anos na BR...
- PESQUISADOR
  - Seis anos acampada?
- GLÓRIA
  - É ocupa aqui, ocupa acolá, ocupa aqui, ocupa acolá, até que deu certo de sair essa terra. Nois foi pra porta do INCRA, o INCRA negociou aqui, o cara foi lá pra vender, né! Aí, ele pegou e falou assim, *você pode ir pra porta da fazenda então, que já tá negociando já,* nois ficou quase um ano lá, depois nois ficou quase um ano aqui na porta. Aí, nois esperou desocupar, ele tirar os trem dele, nois pegou e entrou. Aí, já estava negociado e pago já. É isso. Estou satisfeita demais da conta com minha terrinha!
- PESQUISADOR
  - Está satisfeita?
- GLÓRIA
  - Nossa Senhora, iche!
- LEILA
  - Vou deixar meu esposo falar que ele também fala super bem, então...
- PESQUISADOR
  - Como é que foi a história, mais ou menos?
- PAULO
  - Nois foi assim, minha cunhada, meu cunhado veio pra um acampamento aqui na beirada da estrada, ali, saída de Ipameri, não sei se você lembra dele, do Anita.
- PESQUISADOR
  - Perto de Urutaí?
- PAULO
  - É, saída de Urutaí, ali oh! Perto daquele motel. E aí, a gente veio, ficou lá dois meses Aí, esse menino maior meu era neném, adoeceu, nois foi embora Aí, ele passou vinte dias ele pegou a terra. Aí, nois veio, ficou feliz demais por eles, né! Aí, ele falou assim, *"o dia que vocês quiserem vim embora, um pedaço eu te dou aqui a hora que partir os lote"*. Aí, partiu os lote, nois veio embora pra terra dele, fez uma casa dentro da terra dele, deu um pedaço pra nois, né! Aí, depois outras pessoas desistiu da parcela, a gente foi pra parcela e tá lá lutando até hoje pra legalizar nois, porque até hoje não tá legalizado ainda. Mas, isso é um sonho também, que eu fui criado em roça, sabe! Eu sou órfão, fui criado na mão dos outros em roça, trabalho aqui, trabalho ali, desde menino pequeno, né!

Aí, o sonho da gente sempre era morar na roça, ter a terra, né! Sei fazer tudo de roça. E aí, graças a Deus, agora tá tudo certo. Sonho realizado!

- PESQUISADOR
  - Sonho realizado, você considera isso uma...
- PAULO
  - Eu considero.
- PESQUISADOR
  - ...coisa que você sempre quis e tá feliz de estar aqui?
- PAULO
  - Nossa Senhora! Considero demais da conta!
- PESQUISADOR
  - Quem mais?
- GLÓRIA
  - Tem dez anos que eu moro aqui
- PESQUISADOR
  - Já tem dez, né! Foi 2005.
- GLÓRIA
  - Hum-hum! três!
- MAÍRA
  - É porque eles acampou lá...
- PESQUISADOR
  - No acampamento?
- GLÓRIA
  - No nosso acampamento, desde lá!
- PESQUISADOR
  - A oficialização foi em 2005, não foi isso?
- GLÓRIA
  - 2003, nois saiu de...
- PAULO
  - 2005, é porque ficou dois anos ali, não foi? Na beira do asfalto ali, um tempo ali?
- GLÓRIA
  - Nove mês!
- PAULO
  - Nove mês!?
- GLÓRIA
  - Foi mais, né Seu Alaor?
- ALAOR
  - Pra mim foi seis!
- ZÉLIA
  - Seis mês na beira da estrada!
- PAULO
  - Seis mês ali na entrada, na porta.
- ZÉLIA
  - Foi no final de 2004. Entraram foi (ininteligível) na beira da estrada foi no final de 2004, no dia 17 de abril de 2005 foi que passaram pra dentro da terra.
- GLÓRIA
  - Eu falo assim, desde o acampamento.
- ZÉLIA

    - Do acampamento dela.
- GLÓRIA
    - Ah, não! tá certo!
- ZÉLIA
    - Foi em setembro, mais ou menos, de 2004, eles ficaram ali na porta, quando foi no dia 17 de abril de 2005 entraram (ininteligível).
- PESQUISADOR
    - Quem mais quer falar alguma coisa?
- SEBASTIANA
    - É, então, eu chamo Maria Sebastiana, todo mundo já sabe, me conhece, e eu iniciei esse movimento, eu morava no Rio Verde, nois tinha mudado pra lá há pouco, estava numa crise meio difícil pra nois, nois não conhecia assim, tinha ido de pouco, estava começando ainda, a casa era nova, o lugar novo, e meu marido primeiro querendo, atrás de entrar nas firma e não conseguia, eu falei *"ah, meu Deus do céu! a gente podia ir embora pra outro lugar porque aqui tá difícil"*. Aí, um dia, eu amanheci o dia e aquele tanto de gente descendo dos carro lá, numa vizinha lá, e pra fazer uma reunião e me chamaram, né! Eu falei, *"não, eu não sou crente não"!* eu pensei que era negócio de crente, né! Aí, eles, *"não, não é coisa não, é uma reunião pras pessoas receber terra"!* eu falei, *"então eu tô dentro"!* E ela era pequena, na época estudava, né! Pus ela pra escola, que era de frente o colégio, e eu fui assistir a reunião. Fui assisti, e gostei, e fui falei pro povo aí, precurei lá, né! Como é que era que fazia, eles falou, *"não, simplesmente, a semana que vem vai encostar um caminhão aqui, nessa casa, e aquelas pessoa que quiser ir pro Movimento, arruma um colchão, arruma um prato, uma panela, e isso, e isso... e espera que só entrar no caminhão, a gente leva e vai formar o acampamento"!* Isso é um caminhãozão grande, trucado mesmo, aí eu falei, *"então eu tô dentro, pode por o meu nome aí, que eu vou"!* Aí, quando meu marido chegou de noite, já falei pra ele, *"oh! Fui pra uma reunião ali, e disse que era pra nois ganhar terra, eu não entendi direito não, mas eu vou"!* Ele falou, *"você tá ficando doida, é aqueles povo que mata gente e atira, que briga, vai matar minha filha, pelo amor de Deus, eu já tô quase conseguindo trabalhar no frigorífico"!* Eu falei, *"não, você fica aí só, eu vou mais ela,* porque *lá agente vai ganhar terra logo, eles falou que em três mês nois ganha terra"!* É, e aí eu fiquei animada, falei, *"como nois trabalhou a vida inteira na roça, mais meu pai, nois nunca teve nada, eu vou trabalhar,* porque *se nois conseguir um chãozinho é bem mais bão pra nois"*. E eu fui, e ele ficou, pra falar verdade, quase doido da cabeça, que eu levei ela, né! E eu fui. Quando foi na outra semana, o caminhão chegou, já estava cheio de gente encostando com o colchão, colchão, panela, prato, tambor, e eu dentro também, peguei meus trem, enrolei meu colchão, peguei ela, pus o saco de lado e fomos pra lá, subimos no caminhão, sabia nem como é que era, compramos um pedaço de lona que eles falou, prego, e chegou lá, nois que foi formar o acampamento, só que já foi de cara umas duzentas pessoas, foi uns dois caminhão ou mais de gente, e lá no Rio Verde foi muita gente que formou o acampamento, e nois foi pra beira do Rio dos Boi, e lá cada um fazia o seu barraco, aquelas que conseguisse pedir ajuda e achasse, tudo bem, o que não... eu fiz o meu, pus dois pau lá, dois pau cá, joguei a lona por cima, já fiz a cama dela alta do chão um pouquinho, porque tinha muita cobra, e pegava água do Rio dos Boi, tomava banho no Rio dos Boi, e era aquele rolo, e lá nois ficou pelo um ano e seis mês, na beira do Rio dos Boi e,

daí eles foi fazendo reunião e nois veio andando de lá pra cá, fomos pra Aparecido do Rio Doce, pro Caçu, viemos pra outras parte que eu nem me lembro mais o nome...

- MAÍRA
  - Posto São Pedro!
- SEBASTIANA
  - Posto São Pedro, e veio pra cá, foi pra Catalão, foi pra Campo Alegre, viemos pra cá, enrolamos, eu sei que entre tudo, nois ficou mais de quatro ano em beira de estrada, não foi Maíra?
- MAÍRA
  - Foi!
- SEBASTIANA
  - Aí, nisso, meu marido ficou um ano pra rua e eu fiquei no acampamento só com ela, pequeninha. Aí, ela ia pra escola, as Kombi vinha, pegava, levava, e era muita confusão que tinha. E aí, até que ele teve que sair da firma, ele falou, *"você não vai vim embora não"?* falei, *"não tem jeito não, agora que tá perto de ganhar as terra, né"!* E nisso, nois ficou mais de quatro ano rolando no meio das estrada, na beira de barraco. E aí, ele saiu da firma, com pouco prazo ele chegou lá num ônibus, falou, *"eu vim ficar aqui também,* porque *você não vai embora mais"!* Falei, *"então fica aí, só que aqui o trem é difícil, não é fácil igual você tá pensando não, o trem aqui é com o saco na cabeça e virar o zetele aí no meio do mundo"!* E assim nois fez e nunca mais ele saiu, nisso nois ficou foi mais de quatro ano pelejando pra vê se nois pegava essas terra aqui, até que nois chegou aqui. Aí, nois conseguiu!
- PESQUISADOR
  - Tem uma coisa que eu notei na fala da maioria das pessoas. Foi o seguinte. O Alaor falou que ele chegou lá, ele gostou, eu acho que a Zélia falou alguma coisa também. Nesse primeiro contato, teve alguma coisa que encantou vocês...
- ZÉLIA
  - Eu, pra te falar verdade, eu não fiquei no acampamento...
- PESQUISADOR
  - Como é que foi?
- ZÉLIA
  - Assim, porque eu sou viúva há trinta anos, né! E aí eu fui conheci o Alaor, tem vinte anos que a gente se conhece. E aí, na época que o Alaor veio pro acampamento, a gente não éramos casado, a gente só se conhecia, né! E aí, o Alaor ficou. Aí, eu vim, só vim passear, aqui na beira da... fui lá no outro, do acampamento dele, aqui na beira da estrada quando ele estava, né! Lá na porta do INCRA, também eu tive, mas eu achei bom vê aquele monte de gente, aquele movimento, todo mundo lá, né!
- PESQUISADOR
  - É sobre isso que eu estou falando, o que esse movimento, o que essas pessoas tinham que te atraiu, que você achou interessante, o que tinha de diferente?
- ZÉLIA
  - Na verdade, quando eu vim lá da porta do INCRA, nem tanto, eu quase não vi não, mas quando eu vim aqui na beira da estrada, que eu nunca fiquei acampada não, eu vim na beira da estrada, eu vi aquele povo que estava tudo unido, inclusive até um dia desse eu estava comentando sobre isso, sabe! Eu vi um povo unido, sabe! Estava tudo em busca assim, de uma melhora de vida, todo mundo em busca do mesmo objetivo, o pessoal andava unido, parecia que

estava tudo com aquela esperança, que ia conseguir a terra, ia ter isso, ter aquilo, inclusive um dia desse eu estava até comentando, eu tenho saudade daquele tempo, porque era todo mundo amigo, todo mundo tinha tempo de ir lá, bater um papo na casa do vizinho, conversar, e parece que depois que passou pra parcela ficou tão difícil, é difícil você mais, ter aquelas pessoa que vai na sua casa, bate um papo, conversa, não sei se é porque está longe, todo mundo tem seus compromisso, mas virou aquela coisa assim, distante, sabe! Você quase não vê mais as pessoa...

- PESQUISADOR
  - Cada um cuidando do seu, distanciou muito, né!
- ZÉLIA
  - Cada um cuidando do seu, distanciou muito, essa que eu achei a...
- PESQUISADOR
  - Queria falar alguma coisa Alaor?
- ALAOR
  - Eu posso falar o que me segurou no acampamento?
- PESQUISADOR
  - Claro!
- ALAOR
  - As mentira das pessoas que fazia parte do movimento!
- PESQUISADOR
  - Como é que era?
- ALAOR
  - Eu vim, eles falaram que no máximo três mês nois estava na terra, que o INCRA já liberava dinheiro pra casa, liberava o fomento, segundo fomento, dinheiro pra fazer casa, dinheiro pra trabalhar na parcela Aí, eu fui na conversa deles, e a maioria das pessoas foi na conversa do pessoal do movimento, né! Aí, eu fui pensando que nuns três mês eu estava na terra já com benefício pra trabalhar. Aí, o trem foi enrolando, eu falava de ir embora eles falava *"não vai não, que já teve gente que saiu, com três dia ele dançou, a terra saiu, não vai não que você vai dançar"!* E só a mentiraiada do pessoal do movimento, o que me segurou em acampamento.
- ALGUMA MULHER
  - É isso mesmo!
- PESQUISADOR
  - E o resultado disso...
- ALAOR
  - E o resultado nada, só mentira, que até hoje eu ganhei meu segundo fomento, mas não recebi, não recebi meu segundo fomento, não recebi a segunda parcela da casa, dinheiro que eles prometia pro INCRA liberar, nunca liberou até hoje, nada! Eu estou trabalhando fora pra poder sobreviver.
- PESQUISADOR
  - Arrepende de alguma forma?
- ALAOR
  - Viche! Se eu pudesse voltar lá no começo, nunca mais eu fazia isso.
- PESQUISADOR
  - E a Sebastiana? Desse lado, assim...
- SEBASTIANA
  - Se eu me arrependo?

- PESQUISADOR
  - Não! Assim, quando você contou o contato que você teve...
- ALAOR
  - Espera, aí!
- PESQUISADOR
  - ...com o acampamento, né! Com o pessoal, não sei, acho que era... era do MST?
- SEBASTIANA
  - Era!
- PESQUISADOR
  - Então, parece que você... quando você teve um contato com essas pessoas, parece que de alguma forma você achou interessante, alguma coisa te atraiu. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso, o que te chamou a atenção, o que você achou bonito, igual a Zélia falou que o que chamou a atenção dela era a união, as pessoas juntas lutando por um objetivo só, né! Teve algum encantamento, ou teve só decepção. Eu queria que você falasse sobre isso.
- SEBASTIANA
  - Não, a gente teve muita decepção, mas teve muita coisas boa também, sabe! Igual ela falou, as amizade, o companheirismo, era muito gente no acampamento, nois era umas duzentas famílias, lembra? Lá na beira do Rio dos Boi, então você vê, era uma festa de gente, era muita família, e na época era todo mundo unido, cada um dava uma coisa, outro dava outra coisa, e fazia aquele, né! Mas aí, depois veio as amargura também, né! Aqueles negócio deles fazer a gente ir pras fazenda, no nosso teve esse tipo de coisa, né! Matar gado, meia noite, a gente ter que tá trazendo coisas na cabeça, correndo, polícia dando tiro, o dono da fazenda atirou na gente, e muita bagunça Aí, veio as amargura, aí veio a hora da gente pensar assim, eu vou pegar minha filha e vou é vazar, e vou embora, isso aí a gente fez muito, sabe! Às vez nois estava deitado, eu consigo pegar ela e jogar no chão e cair por cima dela e tiro por cima, caia as cascas da bala em cima do barraco de plástico E aí, nois ficava muito, eu fiquei muito assustada, no outro dia eu falei, oh! eu juntei meus trem e falei, *"eu vou embora que esse trem aqui vai é matar minha filha e me matar também, que é muito perigoso isso aqui"!* Eu vi que era muito perigoso. Mas não era, é que nois estava na beira de uma fazenda de um povo muito rico lá, né! Que tinha muita raiva da gente, então eles queria que nois fosse embora, e então, foi uma hora que eu cheguei a pensar, esse povo não tá com nada não, esse povo tem é muita mentira, só que aí eles...
- PESQUISADOR
  - Pensou, *"eu vou desistir"?*
- SEBASTIANA
  - É, pensemo, mas não cheguemo não! Que aí, na hora mesmo que eu fui pra chamar carro pra me levar embora, aí fez aquela reunião, aí me chamaram, *"você não vai fazer isso não",* é o que o Alaor falou, *"que só tá faltando um mês e pouquinho pra poder nois pegar essas terra, e você vai embora, depois você vai ver seus amigos, seus companheiro tudo bem, vocês vai sofrer",* eu falei, *"então, vou esperar mais um pouco"* E aí, nois foi levando, e nisso passou aquelas fase mais difícil, aí veio as fase das festa, veio as fase de outras coisa que ia... e a gente foi passando e cheguemo aqui!
- PESQUISADOR

- E hoje Sebastiana, você acha que valeu a pena, o que você...

- SEBASTIANA
  - Graças a Deus, hoje eu acho que depois de tudo valeu a pena! Eu acho que eu penso assim, hoje acho que foi Deus mesmo que recebeu a gente aqui, porque pra mim, acho que valeu a pena, mesmo que tá sendo muito sofrido, não tá sendo fácil, igual o Alaor falou, não tá sendo fácil pra gente viver aqui não, estamos melhorando agora, graças a Deus devagarzinho, esprimidinho, mas vai melhorando, né! Em vista do que nois vivia, de baixo do barraco de plástico, hoje nois temos uma casinha boa, tem uma energia, tem aguinha na porta, eu buscava água na cabeça, água longe nuns buraco, sofria demais, e hoje não, hoje, graças a Deus, nois tem umas coisinha, uma galinha, tem o porco se quiser ter no terreiro, tem nossas coisinha já bem, que eu sei que se nois tivesse na cidade, nois não teria, por exemplo, nois, eu né, o que eu tenho hoje, graças a Deus!
- PESQUISADOR
  - Ah! foi a Glória mesmo, eu acho que foi a Glória que falou, que achou bacana demais aquela... aquela organização, como que foi?
- GLÓRIA
  - Achei, achei muito bom, que eu fui muito bem recebida, fui muito querida, né! Nosso acampamento era umas... umas quinhentas pessoas, era uma festa, era um... dava a tarde, cada um tomava o seu banho, ia passear, o de lá passeava pra lá pra cima, o de cima passeava pra baixo, então era aquela coisa muito bonita, sabe! Todo mundo muito querido, não tinha desavença de jeito nenhum, sabe! Todo mundo muito humilde, né! Inclusive, assim, por exemplo assim, se chegasse a faltar assim... *"nossa! eu fiquei sabendo que tá faltando..."* por exemplo "*...faltando um óleo na casa da* Glória, *gente vamos dá um jeito de um pouco de óleo pra ela",* na hora! O outro virava, *"nossa! tem gente que tá faltando arroz, tá faltando isso, faltando sal, tadinho! ontem ele não fez nem janta. Calma aí, então! Gente oh! vamos pegar o fulano de surpresa! vamos fazer uma... vamos fazer uma cesta pra ele"!* E, como diz, cada um partia um pouquinho, meio litrinho de óleo, um pouquinho de sal, um pouquinho de arroz, na mesma hora a cesta estava pronta, chegava, entregava lá, e naquela alegria, chegava chorava, né! Então, aquilo encanta a gente, todo mundo muito humilde, muito unido, ninguém passava fome, né! Então, é uma coisa muito bonita.
- PESQUISADOR
  - Você acha que foi esse lado que te segurou?
- GLÓRIA
  - Justamente! Porque você vê, toda vida a gente morou na fazenda dos outros, na hora de você fazer as colheita o patrão dava um jeitinho de descombinar com você pra você ir embora, era aquela coisa, e toda vida era essa vida, ganhava pouco, fazia um trato não cumpria, né! E era outro trato, e eu falei, *"não tenho que, né"!* E chegou lá, ser bem recebida do jeito que nois era, nois fomos recebida, né! Que eu fui recebida, eu fiquei muito feliz, no meio daquele tanto de gente, quinhentas pessoas, né! Nossa! É bonito demais. Aí, eu tive que me apresentar pra todo mundo, fizeram aquela festa, né! Cada um que chegava era uma coisa, né! Nois tinha que fazer aquela festinha e tal, né!
- PESQUISADOR
  - Recebia as pessoas? Tinha esse ritual de receber a pessoa...
- GLÓRIA

- Recebia, *"seja bem vindo"!* E apresentava, ficava aquela coisa, né! *"Nois tá aqui pra ajudar vocês no que vocês precisar, certo! Não tenha vergonha, não se acanha, né! o que você precisar com nois, nois tá aí"!* todo mundo falava a mesma coisa, então foi uma coisa assim que me chamou, né! Muita atenção.

- LEILA
  - Assim também, Ricardo, eu queria falar assim, que eu fui acampada no Anita também, antes de vim pra cá, eu fiquei lá mais ou menos uns seis meses no Anita, né! Aí, então, eu tive que sair às pressas porque o meu filho adoeceu, né! Teve problema nos pulmões, né! Eu tive que sair de lá, não teve como eu ficar, nisso minha irmã conseguiu as terra aqui no outro mês, mas como eu não estava lá no acampamento, não tinha minhas ficha, meus trem lá, então, só ela que conseguiu, né! Mas com isso ela falou assim, *"não, você vem, eu te dou um pedacinho de terra aqui pra você morar com a gente"!* Falei, *"não, vou na hora"!* Porque sempre foi meus planos, mais meu esposo, né! Nós fomos criado na roça dos outros, né!
- PAULO
  - Hein! na hora que o Alaor falou que era muita mentira, né! Alaor...
- ALAOR
  - Sobre o que a Glória falou aí, da união no acampamento, isso aí é verdade, né! Era bom mesmo, todo mundo unido, mas eu falo da mentira do pessoal do Movimento.
- PESQUISADOR
  - Da organização, das pessoas que tinha um certo comando...
- GLÓRIA
  - Dos grandão, que eles falam assim que é tal do, é... como é que chama...
- ALAOR
  - Todo mês a terra estava saindo e...
- SEBASTIANA
  - Do líder, coordenador, militante...
- ZÉLIA
  - Não, eu já falei, que é bonito, era unido, né! Todo mundo...
- ALAOR
  - Sobre a união no acampamento, era bom mesmo!
- PAULO
  - Até tá saindo a terra, né! Mas quando estava saindo a terra igual que nois estava ali, no coisa mesmo ali. Aí, surgiu umas vaga aqui, sabe! Na época que nois estava lá, sabe! Deu até briga lá, chegou a época deles pegar o Mário Eugênio ali, oh! Não sei se vocês ficou sabendo disso, de um pessoal lá de Pires do Rio, encantoou ele num canto, armado, ameaçando ele, falou, *"se você não por* nois *lá*, nois *vai te matar"!* Aí, eu, o meu menino pequeno, eu falei assim, *"eu tenho que ir embora disso aqui"!* Um dia de domingo de reunião, fizeram um barracão de lona desse tamanho, reuniu, falou, *"vai ser sorteado umas família, as mais antiga",* juntou um grupinho de Pires do Rio na época, encantoou ele armado num canto lá, uns militante, encantoou ele armado lá, falou assim, *"se você não por* nois *lá, nois vai te matar"!* Aí, na outra semana eu vim embora, já estava com o menino doente, aproveitar o embalo, né!
- LEILA

    - Na época os meu filho ficou muito tempo... (ininteligível) ...rejeição (ininteligível) os leite que eles mandava, o Governo mandava, né! Geralmente perdia, o leite em pó, se tinha que dá tudo pro seu filho, você não tinha condição de comprar ali, né! E mandar... o meu povo trabalhava lá, mas não tinha condição, assim, de mandar direto, né! Aí, eu falei, *"não, amor, não tem como"!* que o médico mandou decidir, ou o acampamento ou o meu filho, né! É lógico que eu vou escolher o filho da gente, né!
- PAULO
    - Ele deu asma, ele tinha três anos e deu asma!
- LEILA
    - Ele tomava bombinha, aquele trem, deu rejeição no estômago, o leite era impróprio até pro consumo, né! Aí, como a gente veio pra cá, né! Minha irmã veio, ela falou assim, *"não Leila, eu te dou um pedacinho de terra, né"!* Aí, foi na época que ela repartiu um pedacinho. Aí, surgiu a vaga do homem que tá indo embora, a gente entrou na terra, tá aqui tem quatro... assim, no lote que a gente tá, tem quatro ano, aqui, no acampamento, tem cinco, mas é que, na verdade, a gente formamos uma família, pra mim é uma família!
- PESQUISADOR
    - Você fala o assentamento como um todo?
- LEILA
    - Como um todo, eu acho que é uma família pra mim...
- PESQUISADOR
    - Ah, legal isso! Isso é interessante!
- LEILA
    - Porque, assim, aqui eu tive ganho, eu também tive perda do meu filho aqui também, mais velho, e ele ia fazer quinze anos agora, né! Em janeiro, então, acho que a força da amizade aqui é muito grande, eu valorizo muito as pessoa daqui, eu até agradeço muito eles por existir na minha vida.
- PESQUISADOR
    - Eu estava comentando isso no caminho com a Zélia, o tanto que eu sinto tranquilo o ambiente aqui, a gente chega nas casas de vocês, eu chego tá aberto, às vezes não tem ninguém, às vezes tem carro, e a gente vê, as pessoas parece que vivem um ambiente de tranquilidade aqui, coisa que é difícil a gente ver, até na zona rural mesmo, aqui de Ipameri, porque eu falo isso, porque eu conheço outras regiões, né! Meu pai também tem terra aqui, pro lado aqui de catalão, e eu não vejo essa tranquilidade que eu vejo aqui Aí, o que vocês colocaram, essa questão que você colocou, desse ambiente meio violento, vocês também falaram aqui, e aqui hoje como é que é? Como que vocês veem esse clima? Eu falei aqui do que eu sinto aqui, estando aqui no assentamento, mas queria escutar vocês, o que vocês sentem com relação a essa questão de paz, violência, aqui dentro do assentamento.
- LEILA
    - Aqui dentro teve muito pouco caso, só no começo, mas hoje aqui só tem paz, muita amizade, confraternização das pessoas daqui, e assim, eu acho que cada um, pode chegar na casa de... cada um, seja a hora que for, que a porta sempre vai estar aberta pra gente, e assim, aqui a gente tem amigo de verdade, aqui... antes, na cidade, não! Que eu morei na cidade muito tempo, eu vim pra cá só... hoje eu me sinto feliz aqui, apesar de tudo que eu passei aqui, eu acho que aqui eu me encontrei na verdade, como uma família aqui, eu me encontrei e eu sou muito feliz aqui também.

- GLÓRIA
    - Aqui o padre vem celebrar missa, tem os terço na casa das pessoas, né! Tá juntando muita gente, já fui convidada agora mesmo pelo Paulo, né! Tá juntando muita gente na quarta-feira à noite, né! Mas, à noite não tem como eu ir, né! Igual eu falei pra ele, né! À noite fica difícil pra mim, né! Mas o povo aqui é muito, graças a Deus, se eu falar assim, sobre violência, menino de céu! A gente não morre porque... você vê bala passando assim oh! Sabe! E avião e... lá no Capim Puba, que nois ocupou, rapaz do céu, só via avião vim passando assim, e os bichão com uns riflão assim, pega aqui, pega aculá, a cama chega torcia assim oh! Meu Deus do céu, nois entrava no meio do mato, sabe! De noite então, só via bala fazendo tium, tium!
- PESQUISADOR
    - Gente, era uma ação, né! De fazenda?
- GLÓRIA
    - Era as ocupação nas fazenda que nois ia, né! Nas ocupação nas fazenda, nois não tinha um pingo de paz, nois não morria, olha! Você escutava só o barulhinho da bala!
- PESQUISADOR
    - Colocar uma questão pra vocês em cima disso que vocês estão falando. Se vocês não tivessem enfrentado essas dificuldades, vocês acham que vocês tinham conseguido a terra?
- GLÓRIA
    - Nunca, nunca, não consegue não!
- LEILA
    - Ninguém tinha tido essa vitória não!
- PESQUISADOR
    - O que vocês acham disso?
- GLÓRIA
    - Porque, eles acha mesmo, como diz, veio um dia pra matar mesmo, a coisa mais... sabe, né! Pra desocupar mesmo, não tem... é complicado demais!
- PESQUISADOR
    - Então, vocês acham que valeu a pena, que foi necessária essa luta ou...
- GLÓRIA
    - Valeu, pra mim valeu muito...
- LEILA
    - Pra mim também valeu!
- GLÓRIA
    - ...porque se não fosse a minha luta do jeito, como diz, só eu e a cara e a coragem, né! Larguei minha família todinha pra trás, arriscado morrer, né! Meus filho chorava por causa de mim, eu chorava por causa deles, né! Então, hoje valeu a pena sim!
- PESQUISADOR
    - Eu tenho uma coisa comigo que é assim, a vida da gente é feita de experiências, tudo que a gente passa a gente tira aprendizado, vocês concordam...
- LEILA
    - Com certeza!
- PESQUISADOR

- ...vocês acham que as coisas boas que a gente vive, as coisa ruins que a gente vive, a gente tira ensinamentos disso daí, que a gente leva às vezes, pra vida toda, né! Tem umas coisas que a gente quer esquecer, né! Outras, a gente leva de exemplo e a gente leva e fala assim, *"poxa, eu aprendi isso, foi quando aconteceu essa situação comigo"*. Que aprendizado que vocês tiram dessa época? Eu falo assim, o que vocês aprenderam? Aprenderam alguma coisa nessa época de acampamento, no início da luta de vocês? Ficou alguma coisa, assim, significativa pra vocês, que vocês acham que é um bom aprendizado?

- LEILA
  - Eu acho que a força de vontade e a determinação, né! De cada um, né! Porque sem a força de vontade, eu acho que nenhum teria vencido, só lutando que a gente vence, né!
- PESQUISADOR
  - Sebastiana, o que o acampamento te ensinou?
- SEBASTIANA
  - Ensinou muita coisa, né professor! Eu acho que, assim, se a gente... quando a gente quer uma coisa, eu acho que a gente tem que pedir a Deus com muita força de vontade mesmo, se agarrar no que a gente pensa e seguir em frente, porque, se não, a gente não consegue não, não é fácil não, sabe! É... ficar nessa luta e conseguir ficar até o final, porque, essa luta tem umas fase que é muito difícil, mas com fé a gente vence, né!
- PESQUISADOR
  - Glória, aprendeu alguma coisa?
- GLÓRIA
  - Aprendi que se você não lutar, com muita fé em Deus, com muita garra, e falar assim, *"eu quero isso, esse é meu objetivo, eu quero que acontece isso aqui, eu quero conseguir isso"!* Se você não ter muita fé em Deus, né! Eu aprendi assim, se você quer uma coisa você tem que lutar por aquilo, se você não lutar com muita fé em Deus, muita garra, você não consegue, né! Eu aprendi que isso aí, você tem que ir com muita garra, muita fé em Deus que você chega lá.
- PESQUISADOR
  - Alaor, ficou algum aprendizado? Mesmo que seja esse lado que você falou de, né! Não confiar nas pessoas, o que você tirou de lição dessa fase, dessa época?
- ALAOR
  - Eu não sei te falar sobre isso não, é o mesmo que elas falou aí!
- PESQUISADOR
  - Zélia!
- ZÉLIA
  - Eu acho que o aprendizado que a gente tem desde a época que eu conheço o povo, assim, é dar valor as pequenas coisas, sabe! Porque às vezes, hoje você tem uma coisa que você não dá nem valor, você vê pensa assim, ah! Isso é tão simples, mas quando você chega naquele ponto, que você tá na beira da estrada, que você tá lutando, qualquer coisa, até uma amizade, você tem que... você aprende a dar valor, sabe! Valorizar as pequenas coisas. Ontem mesmo eu estava falando com o pessoal que estava... né! Era uma união, às vezes se ganhava um litro de óleo... que me lembro de numa época de natal, que eu estive aí na beira da estrada e o pessoal ganharam uma cesta, e era pouca, mas até o óleo eles dividia, metade pra alguma... a ideia era, um litro de óleo dividiam pra três, quatro pessoas, um litro de óleo só, pegava aquele litro de óleo e... entendeu! Aí, que eu falo, então a gente aprende a valorizar, porque

talvez a pessoa, *"Ah! eu vou querer um litro de óleo"!*, não dá o valor, né! Às vezes tem até um pouco de óleo em casa ali, não valoriza, né! E aquilo ali dividiu e todo mundo saiu feliz porque dividiu, porque ganhou um pouquinho de óleo, né! Então, tem gente que desperdiça talvez as coisas, não dá valor, nada, até a própria coisa, pouca coisa que tem. Então, a gente aprende a valorizar muita coisa, tem coisa que você pensa assim, *"ah, não serve pra nada"!* Mas, pra gente aqui dentro, tudo! Então, eu acho que a gente pegou o aprendizado de valorizar as pequenas coisas, coisa que você acha que não tem utilidade. Talvez, quando você morava na cidade, talvez uma amizade, um amigo, um vizinho, porque vizinho em cidade já viu, né! Ninguém valoriza ninguém... e aqui é muito importante você ter um vizinho que está do seu lado, é bom demais, eu falei com o pessoal, que eu entrei pra dentro e dividiu todo mundo, é que nem eu estou falando pra você, que mora todo mundo longe, então pra você ir á pé...

- PESQUISADOR
    - Deixa eu falar uma coisa, você falou uma coisa que me chamou muito a atenção, porque é assim, as coisas simples que vocês falam. Você falou que lá na cidade as pessoas não ligam muito umas pras outras, eu não estou perguntando, não é pra você não, é pra todo mundo que está aqui, pode falar. O que vocês acham que tem de diferente nessa vida da cidade que faz as pessoas não darem valor ao seu vizinho, a uma pessoa que está próxima? Qual é a diferença?
- PAULO
    - Correria por causa da... dinheiro. O pessoal quer fazer a vida rápido, trabalhar, só trabalhar, trabalhar, não dá moral nem pra um vizinho, você mora perto de uma pessoa na cidade, você fica uma hora... você mora em catalão?
- PESQUISADOR
    - Eu moro em Ipameri.
- PAULO
    - Ipameri! Se você morasse numa cidade maiorzinha um pouquinho, você vai ver que você fica até ano sem conhecer um vizinho, o cara chega cedo, sai cedo chega de noite. Lá, a preocupação é ganhar dinheiro na cidade grande, né! E aqui a vida é mais pacata, né!
- PESQUISADOR
    - E o que você acha... bom, você já me falou que você adora aqui, né! O que você valoriza aqui que você acha que é diferente dessa correria que você descreveu lá?
- PAULO
    - A tranquilidade, companheirismo, você está andando, você para aí, está tocando um gado você para um, conversa meia hora com ele se deixar, não tem aquela correria da cidade, aqui tudo pode esperar pro outro dia, pra mais tarde, agora lá não, lá é pontual e... eu penso assim, aqui é tranquilidade.
- PESQUISADOR
    - A questão do dinheiro, você falou... a correria lá....
- PAULO
    - É, pra ganhar dinheiro, porque o custo de vida na cidade é alto, aqui não é tão alto, aqui você se vive com o que tem...
- PESQUISADOR
    - Alguém quer complementar o que ele falou, gente! Eu achei muito interessante o que ele falou.

- GLÓRIA
  - Eu nunca morei na cidade!
- PESQUISADOR
  - Você nunca morou na cidade? Mas por falta de opção, de oportunidade... por falta de oportunidade ou porque você não gosta, você prefere a vida no campo?
- GLÓRIA
  - Toda vida gostei da vida no campo, né! Pra começar, meus pais, né! Nois foi nascido e criado lá na fazenda, né! Na fazenda dos outros, meu pai nasceu e foi criado, né! Foi assim e assim nois foi... casei e fui morar na fazenda dos outros também, fui toda vida na fazenda dos outros, nunca morei na cidade, toda vida fazenda mesmo...
- PESQUISADOR
  - Essa correria aí, que o Paulinho descreveu, você nem sabe o que é?
- GLÓRIA
  - Não sei. Sei que os outros fala, né! Às vezes eu vou, assim, passear, as meninas às vezes fala...
- PESQUISADOR
  - Sebastiana, quando você vai lá na rua, o que você acha, dá vontade de ficar ou d**á** vontade de correr pra trás?
- SEBASTIANA
  - Eu vou lá correndo, a Zélia até briga comigo...
- ZÉLIA
  - A Sebastiana morava na rua, a Sebastiana sabe!
- SEBASTIANA
  - Eu morava na cidade, eu morava no Rio Verde, lá a vida é muito corrida mesmo, é igual ele aí falou, a gente quase não tem tempo pra falar um bom dia pra um vizinho, ou uma boa noite, porque quando começa escurecer, você já chega, já vai tomar banho, fazer o cumê, já correr pra cama, pra poder no outro dia pensar, *"ai meu Deus, seis hora tenho que tá pegando o ônibus no ponto"*, e outra hora correr atrás de serviço, pra procurar serviço, e precura um, e precura outro, e quase ninguém dá atenção, porque aquele que tem, já quer por é um parente, é outros que não dá atenção pra gente, nois mesmo, quando mudou pro Rio Verde, nois morava em cidade pequena, que era na Maurilândia, uma cidade pequena, só tinha a usina, era diferente, né! E nois foi pro Rio Verde, lá nois sofreu, nois passou um bocadinho difícil no Rio Verde, no início da nossa vida lá, foi difícil pra ele chegar entrar no frigorífico, até ele chegar entrar no frigorífico, nois comeu feijão com farinha, ela era pequena, como diz o ditado, foi muito sofrido mesmo, teve uma época que eu falei, *"vamos embora dessa cidade aqui, que nois vai passar é fome"!* Só que aí, logo nois se ajeitou, mas não é fácil não, não é fácil!
- PESQUISADOR
  - Quando vocês estavam lá, eu vou insistir um pouquinho no acampamento e vou deixar isso pra lá daqui a pouco, mas eu quero perguntar pra vocês, vocês falaram das lideranças que tinha do pessoal do Movimento. Tinha algum momento lá, que era dedicado pra formar vocês, essas lideranças vinham com alguns ensinamentos, ou não tinha? Só acontecia assim, informalmente como vocês contaram. Tinha algum momento que parava pra dar palestra, pra ensinar alguma coisa pra vocês da ideologia do Movimento, ou não tinha, como que era?

- ALAOR
  - Tinha sim!
- PESQUISADOR
  - Tinha! Como que acontecia Alaor, você lembra?
- ALAOR
  - Tinha umas reunião, tinha coisa explicando, só que eu ando com a cabeça meia fraca, eu não lembro mais.
- PESQUISADOR
  - Você não lembra, mas tinha, né!
- ALAOR
  - Tinha!
- PESQUISADOR
  - E você Glória, o que você lembra dessa...
- GLÓRIA
  - Tinha. Aí, tinha né! Com os líder lá, igual você está perguntando... com os grandão, né! Os militante, tal... tinha, reunião com eles, mas é... igual seu Alaor estava falando, sempre tinha a reunião com eles, pra que!? Pra mentira! eles vinha, mentia, mentia e virava, falava assim, *"nois tá precisando de tanto, que nois tem que correr atrás de umas terra ali, porque tá saindo uma terra ali, não sei o que, e vamos fazer um..."* eles falava... como é que é na época? Como é que eles falava seu Alaor?
- PESQUISADOR
  - Mobilização...
- GLÓRIA
  - Não... é o jeito deles arrecadar o dinheiro!
- ALAOR
  - É caixinha, sei lá, não sei mais o que lá...
- GLÓRIA
  - Não, não é caixinha não...
- ALAOR
  - É, eles tinha um outro esquema lá de arrecadar dinheiro.
- GLÓRIA
  - É um jeito que eles falava lá, uma palavra estranha, aí, *"nois tá precisando de tanto"!* E aí, cada um tinha de tirar o seu... se não tirasse o seu do bolso ou da boca pra dá pra eles fazer a correria deles... depois, nois ia descobrir, sabe onde eles estava? Na churrascaria, nuns lugar comendo churrasco, mais não sei aonde, tomando cerveja, jogando sinuca. Não foi uma vez nem duas. Então, sempre tinha, mas é desse jeito, igual nois tá falando, mentira, *"olha nois vamos correr atrás da terra, tá saindo"*, né! Sempre foi desse jeito, então vou falar, é difícil!
- ALAOR
  - Essa questão de ensinamento, tinha, mas era bem... coisa mínima mesmo.
- GLÓRIA
  - É, pouca coisa que eles falava, mas o resto, a maioria, era cem por cento mentira!
- PESQUISADOR
  - E as crianças que viviam lá, não tinha criança no acampamento, Como que eles eram educados, eles iam pra escola, como que é?
- SEBASTIANA

    - Lá no meu, eles tinha Kombi, pegava as criança, aliás, ela era uma das pequeninha. As Kombi pegava, juntava na beira da estrada, pegava e levava pras escola das outras fazenda, não era da cidade não, era pra escola de outras fazenda, igual lá na região que nois ficou muitos anos acampado, ela mesmo estudou muitos anos em escola de fazenda mesmo, de outras fazenda, e a noite, às vezes, tinha outros tipo de diversão, assim, tipo uns negócio de mística que eles fazia, falava da vida de Lampião, aliás eu fiz muito mística, eles me punha lá pra fazer tipo a mulher da Maria Bonita, fazendo a parição e muita coisa...
- PESQUISADOR
    - Era uma... tipo um teatro, uma encenação?
- SEBASTIANA
    - Isso, era! Aliás, a Maíra também, até participou muito de coisas... né!
- PESQUISADOR
    - Você lembra da Maria Bonita, a mulher do Lampião. O que mais, de personagens, que eles encenavam?
- SEBASTIANA
    - Eles passava muito esses tipo de coisa e fazia a formagem da gente, fazendo quase tipo aquilo, vestia a gente...
- PESQUISADOR
    - Caracterizava a pessoa...
- SEBASTIANA
    - Isso!
- PESQUISADOR
    - Pois é, você já foi Maria Bonita, é isso?
- SEBASTIANA
    - Já! Isso!
- PESQUISADOR
    - Você não lembra de outra pessoa, você mesma, fazer outro personagem, porque pra mim é interessante captar o que eles tinham de intenção de passar com essas representações, entendeu!
- ZÉLIA
    - Eu fiz essa representação!
- PESQUISADOR
    - Qual?
- ZÉLIA
    - Da Maria Bonita!
- ALAOR
    - O cara que morreu no Pará, como é que chama?
- PESQUISADOR
    - No Pará?
- ALAOR
    - Chico Mendes!
- PESQUISADOR
    - Chico Mendes... no Acre, né! É no Acre, né? É do Acre que ele é, não é?
- ALAOR
    - É... tinha gente... tinha um livro lá que eles também faziam insinuação de um cara do México, um cara antigo no movimento, foi matado pelos... pelo latifúndio... falava muito sobre latifundiário...
- PESQUISADOR

    - Você lembra do nome dele, por acaso?
- ALAOR
    - Eu só lembro do Chico Mendes!
- PESQUISADOR
    - Desse do México, você não lembra o nome, né?
- ALAOR
    - Do México eu não lembro, eu até tive um livro dele quando eu era solteiro lá, eu ganhei e depois...
- PESQUISADOR
    - Emiliano?
- ZÉLIA
    - O Che Guevara?
- PESQUISADOR
    - Zapata?
- ALAOR
    - Não lembro, eu dei o livro pra outra pessoa.
- PESQUISADOR
    - Não, mas isso não faz mal, não faz mal... você lembra de mais alguma encenação que você fazia?
- SEBASTIANA
    - Eu fiz várias mesmo, porque a gente morava na beira de uma BR muito movimentada que era lá pro lado de Rio Verde, de Santa Helena, praquelas BR pra lá. E aí, na época, a nossa coordenadora era uma mulher bem escura , ela chamava Marinete, ela chama Marinete, ela é assentada hoje, lá perto de Canudo pra lá, pra esses lugar pra lá...
- PESQUISADOR
    - Quando você falou Canudo, eu estou te perguntando, porque, no outro... na outra reunião que eu falei, saiu esse nome também, Canudo...
- SEBASTIANA
    - Canudo é um assentamento...
- PESQUISADOR
    - É um assentamento?
- SEBASTIANA
    - É, perto de Goiânia, pertinho de Goiânia mesmo, pra lá um pouquinho, bem pertinho. Aí, a gente já foi, já ficou lá, eu mesma já fiquei lá uns seis meses junto com eles, fazendo trabalho de acampamento mesmo, a gente ficou lá, porque lá, era um assentamento. Aí, os acampado ia pra lá fazer trabalho, eu fiquei lá uns seis mês, conheço lá bastante...
- PESQUISADOR
    - Que tipo de trabalho?
- SEBASTIANA
    - A gente fazia... era tipo... a gente ia buscar as história dos assentado pra levar pros acampado. Aí, a gente ia pra escutar. Aí, ia outras pessoa mais... porque eu quase não tenho estudo, né! Eu quase não sei falar, assim, muitas coisa, porque eu não tenho estudo nenhum, estou estudando agora, eu não tive estudo nenhum...
- PESQUISADOR
    - Não, mas é rico o que você tem na memória...
- SEBASTIANA

    - ... porque a gente ia pra escutar aquelas palestra, que ia gente de fora, de longe, de outros assentamento de fora do Goiás também ia pra lá, e ficava muitas pessoa...
- PESQUISADOR
    - Você gostava?
- SEBASTIANA
    - Gostava, na época eu gostava. Ela era pequena, mas gostava demais. Quando falava assim, vamos fazer... por exemplo, eles punha muito eu, porque eles punha eu muito pra fazer mística, devido eles falar que eu era muito... coisada, né!
- ZÉLIA
    - Esparolada!
- SEBASTIANA
    - É! Aí, eles gostava de fazer... me ajeitava, me punha pra mística. Menina, aquilo ali até caminhão parava pra vê! O dia da parição da Maria Bonita, parou foi carreta na estrada, assim oh! E foi vê aquele trem numa mesa, fazendo cesariana, e ela gritando, aquele rolo, o povo tudo com rifle na mão. Menino, foi um tiroteio! (risos) Então, já nesse caso lá, de nois ir lá pra esse Canudo, a gente ficou lá muito tempo lá. Aí, a gente ia e aqueles que escrevia, levava pra poder tirar as coisa daqueles que ia de longe pra falar lá, eles fazia reunião, fazia festa, baile nesse dia, e tudo quanto era de coisa que você pensar de diversão, conversa, lá tinha. Aí, a gente tinha que ir, levar pros acampamento. Então, a gente ficava muito tempo lá. Aí, ia trocando. Aí, com o tempo aquela voltava, ia outras pessoa, e ela sempre me acompanhava pra todo lado, que ela era pequena, né! Aí, eu, como disse, pra todo lado que eu ia, ela tinha que ir junto. Nisso, ela cresceu assim, oh! Nos acampamento, nos assentamento, e hoje está aqui!
- PESQUISADOR
    - E hoje está aqui!
- SEBASTIANA
    - Graças a Deus! Estudando, fazendo o seu...
- PESQUISADOR
    - E aqui, o que vocês têm pra falar daqui, agora... agora nós já chegamos aqui, saímos lá do acampamento e chegamos aqui. Aqui, o que vocês esperam, está tudo tranquilo, o que vocês acham que é o futuro aqui do assentamento, como que vocês veem isso?
- ALAOR
    - Eu posso falar?
- PESQUISADOR
    - Pode!
- ALAOR
    - Pra quem chegou aqui com uns troquinho está tranquilo, né! Agora, pra quem chegou sem nada, igual eu... eu estou tentando trabalhar fora pra cercar minha parcela e vê se eu consigo, a partir de uns dois anos, que eu consegui o que eu estou pensando, parar de trabalhar fora. Eu acho que quem tem um comecinho está tranquilo!
- PESQUISADOR
    - Está mais tranquilo! Mas você tem essa perspectiva, então, né!
- ALAOR

    - Tenho!
- PESQUISADOR
    - Você vê isso como uma coisa que vai acontecer, daqui a dois anos vai acontecer, né!
- ALAOR
    - O problema meu, é que eu cheguei sem nada, peguei uma parcela bruta de tudo, sem um palmo de cerca, então... e ainda tinha uma conversa aqui, que eu acho que o Paulinho ouviu, a maioria das pessoa aqui ouviu, os militante do movimento disse que o pessoal não podia trabalhar fora, teve uns que ainda teimou, e eu, como quero ser meio obediente, né! Então, fiquei naquela, esperando. Agora com um ano e pouco pra cá, que eu cismei e falei, *"não, não vou esperar mais nada de INCRA não, eu vou trabalhar fora, vou cercar a minha parcela",* graças a Deus já comprei o arame e, a partir do momento que eu cercar e der conta de formar um pedacinho, eu acho que aí eu estou... eu consigo...
- PESQUISADOR
    - Você acredita que a sua parcela vai dar conta de proporcionar seu sustento...
- ALAOR
    - Eu consigo me manter dentro dela!
- PESQUISADOR
    - ...de você se manter!
- ALAOR
    - É, o meu sustento eu acho que eu, a partir do momento que eu cercar, der conta de formar um pedacinho de pasto, eu consigo me manter lá dentro dela.
- PESQUISADOR
    - Com essa questão está tranquilo também, Paulinho? Ou não?
- PAULO
    - Eu também tenho que trabalhar fora, né! Até conseguir arrumar os trem, né! Que o meu caso é outro ainda, eu não estou legalizado na parcela até hoje, mas é quase a mesma coisa, né, Alaor! Que também você não ganhou crédito nenhum, né!
- ALAOR
    - Não!
- PAULO
    - Meu sonho também é esse, de parar de trabalhar pros outro, ficar quieto aqui!
- PESQUISADOR
    - Mas por enquanto não deu ainda?
- PAULO
    - Não, não dá ainda não! Entrei numa parcela, terra bruta também, formei só um pedacinho até hoje, eu quero vê se eu formo todo ano um pedacinho, pra vê se daqui... o mesmo projeto dele, daqui a dois anos eu parar de trabalhar pros outro.
- PESQUISADOR
    - Você acredita mesmo que isso vai acontecer?
- PAULO
    - Eu acredito, se não eu não estava aqui mais, pelo que nois já passou aqui nesse assentamento.
- PESQUISADOR
    - E vocês duas aí, o que vocês veem, do futuro de vocês?

- SEBASTIANA
    - Se Deus quiser, a gente tira um pouco lá de dentro, igual eu vendo farinha, eu vendo frango, mas o Jair também trabalha pra fora também, que por um lado, poder acudir, tem ela que estuda, tem muitas coisa que às vezes está precisando em casa e tal, né! Para poder ajudar ela também, porque não esta sendo fácil, né! E já estou pensando também na formatura dela e já, que ela vai começar mais, e tal, vai ficar difícil... mas, devagarzinho a gente pensa, que se Deus quiser, daqui a uns dois anos, igual eles está falando aí, nois tá firme e forte e arrumadinho, né! Se Deus quiser, dentro da estrutura que nois tem, mais tranquilo, com um carrinho, arrumadinho, se Deus quiser, nois chega lá!
- PESQUISADOR
    - Quer complementar alguma coisa Glória?
- GLÓRIA
    - Uai, igual ela está falando, né! Eu vendo frango, eu fazia feira, vendo feijão, vendo frango, junto minhas coisa, jogo nas costas e oh! Ia parar lá. A gente está pelejando pra chegar, né! No nosso objetivo, acabar de organizar as nossas coisas, né! Então, é difícil...
- PESQUISADOR
    - Leila, quer falar alguma coisa?
- LEILA
    - Eu acho que meu esposo já falou tudo, né!
- PESQUISADOR
    - Você tem essa perspectiva que vai dar tudo certo daqui um tempo?
- LEILA
    - Ah, eu acho que sim! Com certeza vai e, inclusive, eu acho que o futuro dos meus filhos está aqui também!
- PESQUISADOR
    - Ah, que legal! Você falou uma coisa agora, que você já puxou o próximo assunto que é importante pra mim. Você falou que o futuro dos seus filhos, você sonha que seja aqui também?
- LEILA
    - Eu sonho! Com certeza!
- PESQUISADOR
    - Como que você...
- LEILA
    - Ah! eu penso que...
- PESQUISADOR
    - ...projeta isso, qual que é esse sonho?
- LEILA
    - Meu esposo pensa em trabalhar na terra, assim... fazer alguma coisa ali dentro que eles possa ficar trabalhando ali dentro também, uma hortaliça, um mandiocal, mexer com frango, com vaca, com leite, né! Então, nesse ponto não, eu acho que eles gostam muito já, né! A gente acompanha em casa eles nessa situação também, né! Eu acho que ali dentro, se a gente conseguir formar um pasto direitinho, formar uma hortaliça direitinho, a gente trabalhando em várias produções, né! Eu acho que a gente consegue sim, manter os filho da gente ali, da terra!
- PAULO

    - Porque esse é o problema do assentamento hoje. Eu estava até brincando com a Maíra aqui, oh! Ela é uma das únicas que ficou. Ela e a menina aqui, que está novinha, mas o irmão dela que é mais velho, já foi embora, os amigo dela, tudo foi embora, tudo está estudando fora, trabalhando fora, não é verdade Zélia? Não é Alaor?
- ALAOR
    - É!
- PAULO
    - Aqui tinha uma turma de mocinha e rapazinho aqui, se você vê o tanto que as festas que fazia aqui. Só tá ficando nois velho mesmo, porque não tem condições, o INCRA, o Governo não ajuda os filhos de assentado, esse que é o problema, nois estava falando isso aqui hoje.
- PESQUISADOR
    - Você falou problema duas vezes, eu sou observador nesse ponto, você tocou nessa questão... se eu estiver errado eu quero que você me corrige, não se preocupe, mas você colocou a questão dos jovens sair daqui, como um problema! Tem alguém que acha que os jovens sair daqui não é problema, é solução...
- GLÓRIA
    - Solução!
- PESQUISADOR
    - Eu quero que vocês discutam isso, você está colocando como um problema...
- LEILA
    - Eu acho que é um problema!
- PESQUISADOR
    - Você acha que é uma solução?
- GLÓRIA
    - É, porque aqui não tem estudo pra eles, não tem serviço pra eles, então eles está correndo atrás de uma solução pro problema deles, assim, entendeu! Eu acho assim. Que aí, os menino, seu irmão mesmo, está lá em Catalão trabalhando, porque... aqui em Ipameri, não tem serviço pra eles, né! Aqui não tem como eles manter eles, né! Os pais não dá conta de manter eles, né! Então, cada um tem que... eu acho assim...
- PESQUISADOR
    - É, mas você coloca na mesma situação que ele, parece que você está dizendo, no fundo, que você gostaria que fosse diferente, ou não é isso? Você acha que é isso mesmo?
- GLÓRIA
    - Eu gostaria que eles estivesse aqui, né...
- PESQUISADOR
    - Gostaria!
- GLÓRIA
    - Gostaria que eles tivesse tudo aqui com nois, que era tão bom...
- PESQUISADOR
    - Eu acho que é a mesma condição sua, não é? Mais ou menos... vamos ver se a Zélia colabora com a gente...
- GLÓRIA
    - É, vamos ver!
- PESQUISADOR

    - Ela está querendo falar...
- ZÉLIA
    - Eu estou falando assim, sobre aqui, nós, todo mundo aqui, né! Que agora aqui, o que está sendo importante pra nós, é que nós temos muita qualificação pra nós aqui dentro...
- PESQUISADOR
    - Aqui dentro?
- ZÉLIA
    - É, inclusive nós fizemos o Negócio Certo Rural, né! Agora nois tá fazendo o PER, que inclusive através do PER, ensina a gente fazer...
- PESQUISADOR
    - PER?
- ZÉLIA
    - PER, é! É um curso que a gente faz, pra você aprender a fazer um projeto, você analisar... se em tudo, se o jovem começasse a inserir também nesses programa aqui dentro, eles vai aprender que na terra dá pra gente sobreviver, porque, no caso, que nem elas estão falando, é um problema, que depois vai ficar só os velho se essas criança for tudo pra cidade, né! Então, seria bom... que nois já tem aqui dentro, é porque as que tinha, eles já foram, né! O jovem que tinha aqui, na época que eles saíram, não tinha, mas nós estamos tendo qualificação aqui dentro, direto, que aprende... a gente, olha! Até com as cascas das coisa, se for preciso, a gente aproveitar e trabalhar!
- PESQUISADOR
    - Mas, pelo que você está falando, Zélia, parece que os jovens não têm participado dessas qualificações.
- ZÉLIA
    - Não, não tem, porque nós não temos jovens aqui no momento, que os que tinham saíram, porque, nós estamos falando! Na verdade, nós só temos praticamente essas duas aí...
- PESQUISADOR
    - Ah não! mas espera aí, espera aí! Eu acho que ainda tem muito jovem aqui, ainda. Eu estou falando isso de observação minha, né! Quantos ônibus saem daqui, Maíra, quanto transporte?
- MAÍRA
    - Três!
- PESQUISADOR
    - Três! É o que, quais são?
- MAÍRA
    - É van, o ônibus e uma Kombi!
- PESQUISADOR
    - Você acha que tem quantas pessoas aqui, mais ou menos?
- ZÉLIA
    - Mas é criança...
- PAULO
    - A maioria é criança! os jovem mesmo, os rapazinhos...
- PESQUISADOR
    - Muito novo?
- PAULO

    - É! Os mais velho é a Maíra e os menino do Sabino, né! Maíra, que sobrou! O Jander foi embora, Matheus... Matheus está aí, né! Matheus está aí... é essas duas aqui e um rapaz mais velho! É os mais velho daqui...
- PESQUISADOR
    - Tá! Aí, eu vou te perguntar uma coisa, principalmente pra vocês dois que estão vivendo essa situação agora e vocês tocaram no assunto. É... você falou que seus meninos adoram, né!
- LEILA
    - Gostam muito!
- PESQUISADOR
    - Mas eles vivenciam muito com você, né! Paulinho, a vida na...
- PAULO
    - É! gosta, né!
- PESQUISADOR
    - ...lá na parcela, o dia a dia, né! O que vocês produzem, eles estão perto, né! Eles estão vivenciando...
- PAULO
    - Acompanhando!
- PESQUISADOR
    - A partir do momento que eles forem crescendo e a escola (ininteligível)... como que vocês veem isso, o fato deles saírem daqui, ir lá pra cidade estudar. Você acha que vai ajudar esse futuro que vocês imaginam ou vocês acham que pode atrapalhar? Como vocês veem a saída deles pra estudar lá na cidade?
- PAULO
    - Uai, se for na área da agricultura, uai, pra eles fazer agronomia, alguma coisa assim, pra ajudar a gente, bom né! Agora, se eles formar pra um advogado, a hora que eu ficar velho mais ela, o que vai ser da terra lá, ele não vai querer vim morar aqui, o que eu falo... quero chegar pra você, igual agora a Zélia falou aqui, oh! Dos curso, esses trem, se os menino tivesse aí, ia aproveitar. Não ia Zélia? Faltou apoio do Governo, entendeu? Pra incentivar os jovens trabalhar aqui, um crédito, uma linha de crédito pros menino, um rapaz de dezesseis, dezessete ano, hoje aí, comprar umas vaca, um gado, tocar a vida. O pai dá um pedaço de terra, vamos supor, se você tem dez alqueire, seu filho pode ficar com uns três, quatro, cinco. Não pode? Eu penso assim, ele pode estudar, que daqui na cidade, nois estava falando hoje, é vinte minuto daqui na cidade, pode fazer uma faculdade lá, uai!
- PESQUISADOR
    - É, e não precisa nem dividir, né! Paulinho... eu estou te provocando... eu estou te provocando, não precisava, na minha visão, não precisa nem dividir a terra, dá três pra ele, ou cinco, ou metade... podia produzir junto! Como que você vê isso? Ou não! Você acha que não ia dá certo?
- PAULO
    - Produzir junto, é... junto, só que você fazendo isso...
- PESQUISADOR
    - Ou você acha que precisa dividir pra dá certo?
- PAULO
    - Não! Pra incentivar, né! Oh! Isso aqui é seu, você cuida, você tem isso aqui, é pra você! Nossa! Eu tive um rapaz...
- PESQUISADOR

    - Pra ele sentir estimulado a ficar?
- PAULO
    - ... que a ideia minha e dele era essa, meu filho que eu perdi, nossa ideia era essa... e ele ia se dá bem, sabe! Trabalhava igual eu, pra melhor!
- PESQUISADOR
    - Ele gostava?
- PAULO
    - Ícha!
- PESQUISADOR
    - Apesar dele está... porque ele já estava no oitavo ano, né!
- PAULO
    - Nono, né!
- PESQUISADOR
    - No nono ano, né! Então, você acha que os seus mais novos aí... vai continuar do mesmo jeito? Você acha que apesar deles estarem estudando lá...
- PAULO
    - Cada um tem a cabeça diferente, né!
- LEILA
    - A gente incentiva muito eles a ficar na terra e tentar viver ali dentro.
- PAULO
    - Ao menos um dos filho, entendeu? Tinha que ficar pra dar prosseguimento nos sonho da gente, né! Agora você tem a terra, você tem três filho, os três filho forma doutor, advogado, você acha que eles vai querer voltar aqui?
- PESQUISADOR
    - Oh, Paulinho! Como que você acha que a educação pode ajudar ou atrapalhar nisso aí que você está falando?
- PAULO
    - Ajuda, né, tudo, né!
- PESQUISADOR
    - Como que pode ajudar? Que tipo de educação eles deveriam estar recebendo pra ajudar esse projeto seu? Que o projeto que você fala...
- PAULO
    - Você fala os rapaz, e as moça, né?
- PESQUISADOR
    - É, eu estou falando de vocês, porque vocês têm criança, né! Mas, pensando no jovem daqui, como que você acha que a educação que eles recebem, tanto em casa, quanto na escola, pode ajudar a construir esse futuro que você deseja, com eles interessados em ficar aqui, né! Ou você acha que depende só da educação de casa, a escola pode...
- PAULO e LEILA
    - Não, a escola é fundamental, né!
- PESQUISADOR
    - Me explica mais um pouquinho sobre isso.
- PAULO
    - É porque na escola lá, ele vai... é outra convivência, ele tem que viver os dois lado pra ele escolher um quando ele crescer, não é mesmo!
- PESQUISADOR
    - Os dois lados!
- PAULO

    - É uai, ele viver o lado da cidade na escola, viver o lado da roça no campo, trabalhar aqui, estudar lá, que isso é que eu acho que é o certo. O filho, principalmente o filho homem, ele não pode ficar estudando e ficar quieto não, eu penso assim, ele tem que trabalhar no campo, igual nois mora no campo, se eu morasse na cidade, ele ia trabalhar comigo na cidade, mas tem que trabalhar aqui, nois mora aqui, e estudar lá. Aí, quando estiver formando, ele escolhe o que ele quiser!
- PESQUISADOR
    - Ah, então tá! Olha só, você está falando que a educação aqui é uma e lá é outra, e você acha legal isso, porque ele tem os dois lados...
- PAULO
    - Isso, pra ele escolher o futuro dele, né!
- PESQUISADOR
    - E a senhora! Fala Sebastiana!
- SEBASTIANA
    - É isso aí que ele fala mesmo, porque eu acho assim, se as criança que conveve aqui dentro, vim uma escola pra eles estudar aqui dentro, quando chega lá na rua tem diferença com as outras criança lá da cidade, como eles exclui, eles fica *"nossa chegou lá, aquela turminha é do assentamento, aqueles menino é do assentamento, é da fazenda oh! os da fazenda chegou"!* E fica... a gente vê que se for pra eles é... igual ele tá falando aí, pra ter escola, assim, aqui, e eles participar só daqui, pra casa, e ficar aqui, movimentando aqui dentro, fica uns menino, assim, excluído que não vai saber como, por exemplo, sair daqui e negociar alguma coisinha lá na cidade, que quando chegar, todo mundo já olha assim, do tipo, *"nossa, esses menino é tudo da fazenda, nunca vi esses menino aqui estudando"!* Às veiz até fala assim, *"não, eles não estuda não"!* Por quê? Porque muitas da veiz não leva a sério a escola daqui, porque... sei lá, não sei explicar direito, mas eu acho que (ininteligível).
- PESQUISADOR
    - Você acha importante ter esses dois lados, acha interessante eles irem pra lá, pra ver o outro lado e poder decidir?
- SEBASTIANA
    - Isso! eles ir pra lá, conviver lá, conviver aqui, porque lá eles vê, igual a Maíra mesmo, chega de vez em quando fala, *"nossa, mãe! mas aconteceu isso lá que eu fiquei com dó, nossa! Aconteceu isso e isso, nossa! Mas tá difícil mãe, Nossa Senhora"!* Às vez, né! Então ela já fica vendo como é a complicação lá na rua, como é aqui, a diferença entre uma coisa e outra, e aí já vai tá sabendo dos dois lado, né! Que ela sempre fala assim, *"é mãe! eu quero estudar, se Deus quiser, e vou conseguir formar pra mim ajudar vocês aqui,* porque *é tão difícil pra vocês aqui, eu vejo que é difícil pra nois mãe, mas eu vou vencer e ainda vou tentar ajudar vocês com meu estudo, se Deus quiser"!* Então isso é...
- PESQUISADOR
    - O ajudar que você imagina, Maíra, é trazer alguma coisa de fora pra ajudar seus pais aqui, ou você vir aqui dentro e ajudar a partir daqui de dentro, como que você imagina?
- MAÍRA
    - Também! Eu acho assim, que nem... eu pretendo estudar administração, mas assim, quando eu terminar uma administração eu pretendo fazer uma agronomia, até o doutorado de agronomia, pra mim, quando meu pai e minha

mãe precisar, ou alguém da família aqui precisar, daqui de dentro, acabar ajudando, porque, por exemplo, um agrônomo pode olhar uma terra, saber como ajudar a plantar como precisa, fazer essas coisas aqui dentro pra qualquer família que precisar, assim, eu pretendo ajudar, por causa que meu pai ou qualquer outro... e também, se eu for, por exemplo, estudar administração, eu posso ir ajudando eles, trazendo dinheiro, que talvez possa ser difícil aqui. Aí, eu posso ir trazendo dinheiro, ajudando eles nessas coisas.

- PESQUISADOR
  - Entendi! gente, eu deixo assim... se alguém quiser complementar alguma coisa, falar alguma coisa que tenha vontade, deseja falar mais alguma coisa... eu estou satisfeito com o que eu escutei, tá! Eu queria tocar nesse pontos, como que foi pra vocês chegarem aqui, o que vocês aprenderam na época, né! Dessa luta, é... falar um pouco da educação, como que vocês veem o futuro dos jovens, vocês já falaram bastante, agora, na hora que eu estava rememorando agora, me ocorreu uma coisa que eu tenho curiosidade, se vocês quiserem tentar me explicar, tá! É... vocês hoje, desse grupo que está aqui hoje, participam da associação, não é? Como que foi esse rompimento com o Movimento que, pelo o que eu vi, todo mundo veio aqui a partir do movimento, a não ser vocês dois, não sei, mas participaram junto, né!
- PAULO
  - É, nois fez parte do Movimento, mas por pouco tempo e saímos!
- PESQUISADOR
  - O que aconteceu que afastou do Movimento, o que vocês acham disso... vocês podem me falar sobre isso?
- ZÉLIA
  - Bom, eu acho o seguinte... aliás, não que o Movimento em si, que todos movimentos sociais, eles são bem vindos, né! Ele está aí pra ajudar as pessoas, mas os cabeça grande daqui do Movimento é que... eles buscavam só pra eles, então a gente ficou muito sofrido, ficava... na época que nois entrou, eu estou desde o pré-assentamento, eu não estava no acampamento, né! Mas, com três anos sem cortar a parcela, e saindo aluguel de pasto aqui, era oito mil reais que eles pegava por mês de aluguel de pasto e todo mundo sofrendo e ninguém sabia pra onde ia esse dinheiro, porque não era dividido entre os acampado, né! E ficava naquele sofrimento e nada! E buscando e nada, nada! Buscando, nada... até que resolvemos largar de mão do Movimento e abrir uma associação, na época tinha sessenta e pouco, hoje nós estamos com quarenta e cinco associados, né! E isso já tem seis anos, né! Seis ou sete anos, né! Que nós abrimos a Associação, assim, em si, por causa que assim, porque da liderança do Movimento, porque não agradava todos...
- PESQUISADOR
  - Não é o Movimento em si...
- ZÉLIA
  - Não é o Movimento em si...
- PESQUISADOR
  - ...faz tempo que você está me falando...
- ZÉLIA
  - ...não!
- PESQUISADOR
  - São as pessoas que dirigiam que às vezes...
- ZÉLIA

    - ...que dirigiam o Movimento na época que a gente ainda estava, né! Não é porque, às vezes, *"não, o Movimento MST isso"!* Não, (ininteligível) cada um, ele tem suas qualidades, né! Só que os dirigentes daqui deixou a desejar, então, a turma aqui saiu, que na época, e foi uma luta feia! Uma luta feia quando nós saímos de lá e se nois tivesse botado... se não tivesse uns dirigente aí, bem por o pé na parede, nois não tinha resistido não, nois foi muito massacrado por causa disso e... mas assim, a decisão nossa foi essa, pode ficar um pouquinho (ininteligível) porque, mesmo nois debaixo do barraco, nois estava em lona ainda, quando nós saímos pra fazer o Movimento... pra sair... saímos... pra ir pra Associação, a gente mesmo assim, por exemplo, estava nois em casa, ainda tinha aquelas ocupação que tinha que fazer, e tinha que ir pra Goiânia. Aí, por exemplo, lá em casa era eu e o Alaor. Aí, tinha que ficar em casa, o Alaor e eu ir, aí a gente, lá de onde estava a mobilização, não importava se eu tinha gado em casa, se eu tinha porco, se você tinha... mesmo no pré-assentamento a gente tinha, e você era obrigado a ir, se tivesse uma obrigação em Goiânia, e se você tivesse que ocupar o INCRA ou ocupar qualquer coisa, você era obrigado a ir, o Movimento você era, se fosse do MST você tinha que ir, se você não pudesse ir você tinha que pagar pra alguém ir, você entendeu! Então era assim, uma coisa que te obrigava, então, às vezes você tinha sua terra pra você trabalhar nela ou tentar ficar ali. Aí, você tinha que continuar a mesma coisa, sabe...
- PESQUISADOR
    - Continuar na mesma luta!
- ZÉLIA
    - Aquela mesma luta e você tinha que largar as coisas em casa porque tinha planta, às vezes deixava morrer e deixava ficar pra lá porque... falta de cooperação deles mesmo, porque nessa época eles podia pensar, *"não, esse pessoal está aqui..."*, tinha muita gente na beira da estrada, *"fica lá, quem está na sua parcelinha fica, se tiver muita gente em casa e der pra um ir vai..."* mas tinha lugar que tinha um sozinho, e tinha que ir, você entendeu! Aí, deixava morrer o que tinha, morrer planta, morrer isso, ou os outros ir lá olhar, então, mais foi isso, não só por causa em si, o Movimento não...
- ALAOR
    - O primeiro que começou a inventar o negócio da Associação foi embora amarrado, foi expulso...
- PESQUISADOR
    - Teve uma repressão!
- ALAOR
    - ...foi lá uma turma deles lá, e pegaram ele lá e saiu até tiro lá, uma meia-noite véia lá, de madrugada, amarraram ele lá e enfiaram... e jogaram ele numa camionete...
- PESQUISADOR
    - Mas hoje está tranquilo, né!
- ALAOR
    - O Movimento hoje aqui está... os militante, né! Que igual ela falou, o Movimento não tem culpa disso, né! A culpa é dos dirigente que faz parte, né!
- PESQUISADOR
    - Vocês falaram muito dessa questão do valor que vocês dão pra união das pessoas, vocês sentem o assentamento... ele está unido, tem condição de unir ainda, vocês sonham com essa união de todo mundo no mesmo barco, como

que vocês veem essa união, essa amizade entre as pessoas que vivem aqui nessa comunidade?

- ZÉLIA
  - Graças a Deus... eu, no meu ponto de vista, eu acredito assim, nós temos um grupo bom de pessoas unidas, mas cem por cento não é não, ainda tem uns assim, meio... mas o sonho da gente seria todo mundo ser unido, né! Seria maravilhoso se fosse igual, que nem eu estava falando pra você, na beira da estrada que todo mundo era amigo de todo mundo, todo mundo... hoje em dia ainda tem, assim, umas pessoas, assim, ao contrário, que está... nem Deus conseguiu vim aqui e agradar todo mundo, né! Então, sempre tem uns fora, mas graças a Deus eu acredito que nós temos, no meu ponto de vista, tem um grupo de pessoas muito unidas, muito boa aqui dentro.
- PESQUISADOR
  - Bom, era isso gente! Se alguém quiser complementar alguma coisa... está bom? Eu só tenho a agradecer mais uma vez, viu...
- GLÓRIA
  - Nós e que agradecemos!
- PESQUISADOR
  - ...muito obrigado mesmo, vocês colaboraram muito, e tudo que foi falado aqui, vai ser importante ser analisado com calma...
- GLÓRIA
  - Se não falou direito você desculpa...
- PESQUISADOR
  - Não! falaram direito, é que ...
- GLÓRIA
  - ... a gente é, igual nois estava conversando, analfabeta, né!
- PESQUISADOR
  - Não tem isso! Não tem isso! Eu acho que essa questão de saber ler e escrever, ela não demonstra a sabedoria e a experiência que as pessoas têm, é um detalhe, isso é o mais fácil, não é Sebastiana, aprender a ler e escrever é coisinha fácil, não é!
- SEBASTIANA
  - Você já viu o livro do professor Waldivino, que ele escreveu (ininteligível) aqui dentro?
- PESQUISADOR
  - Eu já li o trabalho dele!
- ZÉLIA
  - Você não viu o livro não?
- PESQUISADOR
  - Ele transformou em livro? O livro eu não tive oportunidade não!
- ZÉLIA
  - Então, o livro inclusive ele lançou em... mas só que eu não sei se ele, assim... reproduziu ele, mas ele fez um que inclusive ele lançou em Catalão, mas é interessante o livro dele.
- PESQUISADOR
  - É muito interessante. A dissertação dele eu já li, é muito bacana...
- ZÉLIA
  - Inclusive tem até foto do Alaor lá naquele mandiocal, no livro dele, ele conta uma história...

- PESQUISADOR
  - Tem uma foto do pessoal ali na ponte, fazendo...
- ZÉLIA
  - Aí ele fez um livro. Aí, eu estava lendo o livro dele, é muito interessante!
- PESQUISADOR
  - Então, esse trabalho que eu estou fazendo, é certeza que ele vai virar um trabalho que a gente chama de dissertação, é o volume de um livro, dá aí umas cento e cinquenta a duzentas páginas, se a gente conseguir fazer um trabalho bem consistente, interessante, que eu acho que eu tenho material pra fazer, eu não sei se eu tenho é tempo, porque eu tenho que defender a dissertação em fevereiro do ano que vem, é pouco tempo pra gente imaginar de... de tantas coisas que vocês me falaram, de tudo que eu vi aqui, tem muita coisa pra ser contada, mas quem sabe, né! A gente sonha transformar isso num livro também, né! E outra coisa que eu tenho, assim, eu projeto o meu futuro, porque, eu não sei se vocês sabem, eu sou professor da Prefeitura e do Estado, né! Se eu tiver como, eu dedicar um tempo da minha carga horária pra desenvolver algum trabalho aqui dentro, a partir dessa experiência que nós estamos tendo aqui hoje, né! Aquela experiência que a gente teve, né! Maíra, com os jovens, que foi muito gostoso, foi muito bacana, né! Eu vi que os jovens gostaram muito, né! E o que a gente fez, é uma formação, a gente bateu um papo, mas que, tanto serviu pra mim, como eu tenho certeza que serviu pra eles também, né! Então, se a gente tiver como está vindo aqui pro assentamento, desenvolver algum projeto na área de educação, pra mim vai ser um prazer, né! Porque eu já tinha uma simpatia muito grande pela questão do assentamento, senão não estaria aqui desenvolvendo essa pesquisa, né! Teria escolhido outro campo pra tá... outra área pra tá estudando, se eu escolhi aqui é porque eu tenho uma afinidade, e só fez crescer a partir do momento que eu entrei aqui, conheci, né!... Os jovens já conhecia na escola, mas quando eu entrei aqui e senti de perto, a admiração só cresceu, eu falo isso, assim, sem nenhuma demagogia, é verdadeiro mesmo, então, quem sabe isso aqui é o começo de um trabalho que possa vir aí pra frente, tá! No mais muito obrigado, vou convidar vocês agora pra gente lanchar e desculpa ter tomado o tempo de vocês, que eu sei que é sempre apertado, tá!
- SEBASTIANA
  - Que você volta sempre pra poder nois reunir outra vez, que é sempre muito bom a gente tá reunindo com pessoas diferente, pra gente poder ir aprendendo cada vez mais, né! E se Deus quiser a gente sempre vai estar...
- PESQUISADOR
  - Vai dá certo!
- PAULO
  - E um detalhe, eu não te falei agorinha que aqui é tranquilo! (risos)
- ZÉLIA
  - Se fosse na cidade você não ia ter isso aqui!
- PAULO
  - Se fosse na cidade nois não podia parar pra se reunir...
- PESQUISADOR
  - Eu já estou com aquela rotina de cidade que é tudo com horário marcado, corrido...
- PAULO
  - Sua vida lá não é corrida!

- PESQUISADOR
    - ...preocupa, né! Aqui vocês têm outro ritmo, né! Isso é muito bom! Vamos lá então gente, oh! Eu peço pra vocês não repararem, é coisa simples, tá! Da outra reunião, eu consegui a Flávia pra fazer aquele lanche gostoso que ela traz pra gente, mas ela tá envolvida com curso ontem e hoje, eu falei, *"ah!, não vou incomodá-la não"* então, vocês não reparam não, é coisa da cidade viu! Vamos lá, então!
- ZÉLIA
    - É os mais novo que vai levar cadeira...
- PAULO
    - Então é o Vinícius, a Naira e a ...

FIM

APÊNDICE D:
TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM OS ESTUDANTES DO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM OS ESTUDANTES DO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO

- PESQUISADOR
  - Então, o que é o grupo focal? É nós fazermos um grupo só e esse grupo ter o foco em algumas questões que são importantes para a gente. Então, eu vou colocar aquelas questões que eu gostaria muito que vocês conversassem livremente sobre elas, né? Então, agora, eu conheço vocês, nós já passamos por esse primeiro momento e eu sei que vocês têm muita coisa para falar. Então, assim, não tem certo e não tem errado aqui. É até interessante para o resultado do grupo focal, eu pensar uma coisa e a Cida achar outra e ela falar assim, *"Ah! Ele falou isso, mas eu acho diferente"*. Por que eu estou dizendo isso? Para vocês não ficarem com aquela preocupação de *"eu tenho que falar aquilo que é certo, não posso falar besteira"*. Não existe besteira para o grupo focal, não existe! Tudo que vocês puderem falar, que estiverem pensando, é importante que vocês falem. Eu vou pedir uma atenção para o seguinte: Eu expliquei para vocês, lá na escola que, na medida do possível, eu vou ter que transcrever para o papel tudo que for falado. Eu não falei isso para vocês? E é difícil quando duas, três pessoas falam ao mesmo tempo. Então, se a Paula quiser falar alguma coisa sobre aquilo que eu propor para vocês estarem conversando, que a gente preste atenção. Isso não impede de outra pessoa querer complementar o que ela está falando, lembrar de alguma coisa a mais, mas vocês se manifestem de alguma forma e espera ela terminar de falar. Aí, a gente passa a palavra para a outra pessoa que está querendo falar. Isso por que, gente? É só para organizar o registro que o Fernando está fazendo, ok? Alguém tem alguma dúvida? Não tem não, né?
- ORIENTADORA
  - Se alguém quiser perguntar alguma explicação, fica à vontade, pode perguntar.
- PESQUISADOR
  - É um bate papo informal.
- ORIENTADORA
  - É uma conversa. Aqui é uma roda de conversa!
- PESQUISADOR
  - Um bate papo do jeito que vocês fazem, do jeito que vocês vêm conversando na van, na Kombi, no ônibus, é como se fosse. Só que a gente precisa desse momento para cada um estar falando, é por causa do registro, porque depois a gente não consegue lembrar tudo, né Cida? E a gente esquece coisas importantes, ok?
- ORIENTADORA
  - Na verdade o grupo focal, na escola em outras situações, vocês estão acostumados a trabalhar em grupo, não está? A fazer trabalho de grupo. Aqui, esse grupo focal nosso aqui, é uma roda de conversa. O Kal vai disparar um assunto, vai perguntar para vocês. E aí, a roda da conversa, cada um que quiser dá uma opinião a respeito pode falar, tranquilo. Está bem? Kal!
- RENAN
  - Eu queria saber se esse vídeo vai ser divulgado em algum lugar ou se é só para o senhor usar?
- PESQUISADOR
  - Não. Ah! Importante isso, olha!
- ORIENTADORA

    - Ah, bom! Boa pergunta!
- PESQUISADOR
    - Esse registro aí, a única finalidade dele é a pesquisa, tá? Então, vocês podem ter toda a confiança de que nada que for registrado aqui vai ser utilizado para outro fim. A não ser se vocês autorizarem, ok! Vamos supor que alguém fale aqui alguma coisa muito bacana, muito significativa, se isso tiver a intenção de ser mostrado para alguém, aí, eu venho aqui em você e pergunto se pode usar a sua imagem. Então, ninguém vai usar essa imagem para nada, é só para a pesquisa. É porque a memória não grava tudo que é importante. É só isso!
- RENAN
    - Vai usar só para a pesquisa do senhor?
- PESQUISADOR
    - Só para a pesquisa. Não sai do...
- RENAN
    - Não vai ser divulgado no mestrado lá, no debate lá?
- PESQUISADOR
    - Só o resultado. Se por acaso o meu texto, eu for escrever que alguém falou, eu não vou colocar nem o nome. A gente inventa um nome, coloca um nome...
- ORIENTADORA
    - Um nome de fantasia!
- PESQUISADOR
    - Um nome de fantasia. Tá? Para não ter identificação.
- ORIENTADORA
    - Oh, Renan! É, e tem outro detalhe. Agora, essa filmagem aqui, se depois que o Fernando editar vocês tiver curiosidade de ver, o Ricardo traz para ver, entendeu? Assim, depois de pronto! Se vocês tiver curiosidade, vai ficar com o Ricardo, entendeu né? Mas, tranquilo.
- PESQUISADOR
    - Sempre que vocês quiserem ter acesso aos registros, vocês podem ficar à vontade viu? A gente pode criar um momento para estar apresentando também.
- ORIENTADORA
    - Pode marcar um outro encontro.
- RENAN
    - É só uma dúvida minha mesmo!
- PESQUISADOR
    - Mas foi ótima a sua pergunta, está vendo? Foi importante.
- ORIENTADORA
    - Não, beleza. Mas eu acho importante. E agente pode, inclusive, marcar um outro encontro, um segundo encontro aqui, até para mostrar. Que hoje eu queria trazer o equipamento, não teve jeito de trazer o projetor.
- PESQUISADOR
    - Então, vamos lá pessoal! Alguma dúvida sobre o grupo focal? Eu posso pedir mais um detalhezinho? Tentar falar um pouquinho mais alto quando for falar.
- RENAN
    - Eu não vou poder falar mais alto por causa da minha garganta.
- PESQUISADOR
    - A gente vai contar com o silêncio de todo mundo, né? E aquela pessoa que estiver falando, procurar falar na medida do possível... oiê! Seja bem vinda, chegou na hora certa!

- ORIENTADORA
  - Chegou na hora! Como que é seu nome?
- VIVIANE
  - Viviane!
- ORIENTADORA
  - Oh, Viviane! Senta para cá, Oh! Eu vou pegar um crachá para você.
- PESQUISADOR
  - ...porque, com um ano e cinco meses você não se lembra, né? Provavelmente, né? Então, isso é o que seu pai e sua mãe te conta?
- JÚLIA
  - Não, eu lembro de ...
- ORIENTADORA
  - É porque ela ficou lá pouco tempo, né?
- PESQUISADOR
  - Aí você ficou lá quanto tempo?
- JÚLIA
  - Eu fiquei só um ano e cinco meses lá em Itabira, depois eu vim para o assentamento, vim para o acampamento.

- PESQUISADOR
  - Quem tem uma história diferente ou parecida com a dela, que se lembra de como foram para o acampamento. Como que era? Por que a família resolveu? Ela falou que foi a mãe dela que resolveu com o sonho de ganhar a terra, não foi isso?
- RENAN
  - Meu pai sempre teve o sonho de ter uma terra, ele sempre gostou de mexer com isso, plantar, ter o trabalho dele. Daí, ele tinha a chácara da vó dele lá no município de Campo Alegre. Assim que surgiu o acampamento indo para Urutaí, ele decidiu né! Conversou com a gente, perguntou se a gente topava, e a gente foi e acampou, eu acho que uns nove meses.
- RENARA
  - Foi nove meses, mas eu, o Renan e minha mãe, a gente ia só o final de semana.
- RENAN
  - É, porque a gente morava com a minha mãe para poder estudar e assim, com nove meses, saiu essa terra aqui para ele.
- ORIENTADORA
  - Oh! Renara, então nesse tempo que o seu pai ficava no acampamento, a sua mãe e vocês ficavam aonde?
- RENARA
  - Na cidade.
- RENAN E RENARA JUNTOS
  - A gente tinha uma casa na cidade.
- ORIENTADORA
  - Para poder estudar. Porque de outro modo, vocês não tinham jeito de estudar.
- RENARA
  - Não, minha mãe estudava à noite, trabalhava de manhã e a tarde em um colégio lá, que eu esqueci qual é, e eu e o Renan estudava.
- RENAN

    - Aí, assim que meu pai conquistou a terra aqui, a gente morava lá na beira do Rio do Braço, a gente ficou lá, acho que uns dois anos, eu acho, daí partiu os lotes, cada um pegou a sua parcela, agente mudou para ali e começou a cuidar de lá agora.
- PESQUISADOR
    - Entendi! Antes de ir para dentro da parcela que coube à sua família, todo mundo morava num local só? É tipo um acampamento dentro do assentamento?
- RENAN
    - Tem gente que não mudou de onde morava, que pegou a terra lá mesmo. Tipo, na beira do rio morava muita gente, morava minha família, a família da Júlia, a do Ítalo, que mora lá ainda, muita gente morava lá.
- PESQUISADOR
    - Certo, você falou que seu pai sempre teve o sonho de ter uma terra né? Ele trabalhava com o que antes?
- RENAN
    - Meu pai, ele trabalhava no ramo de fotografia.
- PESQUISADOR
    - Quem lembra o que o pai fazia, ou a mãe fazia, antes de ir para o acampamento?
- JÚLIA
    - Meu pai era garçom.
- LAÍZA
    - Eu! Meu pai já foi padeiro, e também veterinário de agropecuária.
- MÁRCIA
    - Eu também lembro. Meu pai é não sei o que, a gente não mora junto, é separado, mas a minha mãe, ela estava terminando o curso de medicina.
- PESQUISADOR
    - De...
- MÁRCIA
    - De medicina. Aí, ela pegou e parou. Só que agora ela já voltou a fazer de novo e já está terminando.
- ORIENTADORA
    - Ela faz aonde? Lá no SENAC. Na verdade não é medicina.
- PESQUISADOR
    - É técnico em enfermagem?
- MÁRCIA
    - Aham! Aí, ela está terminando de fazer já.
- PESQUISADOR
    - Quem mais lembra a profissão, o que o pai ou a mãe fazia?
- ANIELE
    - Meu pai era pedreiro.
- PESQUISADOR
    - E ele continua trabalhando como pedreiro?
- ANIELE
    - Também, continua.
- ORIENTADORA
    - Sua mãe era o que Júlia?
- JÚLIA

    - Manicure.
- LAÍZA
    - Minha mãe trabalhava como doméstica.
- PESQUISADOR
    - Bom, mas a Cida perguntou para vocês, da época de acampamento, vocês falaram que não se lembram de muita coisa, mas vou perguntar uma coisa, assim, específica para vocês. Tinha brincadeiras no acampamento? De que vocês brincavam?
- ANIELE
    - Pique-pega, pique-esconde. A gente reunia em turminha e ia brincando, tipo, de várias brincadeiras. Subir em árvore, essas coisas.
- PESQUISADOR
    - Quem mais se lembra das brincadeiras?
- HELEN
    - Ali na entrada, quando a gente morava lá na entrada, era cheio de barraco na beira do asfalto, do outro lado tinha uma mulher, eu não lembro quem era, que juntava as crianças pequenas enquanto os pais estavam trabalhando e ia brincar com elas, contar história.
- MÁRCIA
    - A minha mãe contava história.
- ORIENTADORA
    - Isso era bom? O que tinha de interessante nessas brincadeiras?
- HELEN
    - Tudo. Tipo, era legal, por causa... você ficava mais era dentro de casa, porque você não podia sair para brincar que era muito perto do asfalto, então, assim, a gente tinha pelo menos um lugar pra sair, pra brincar.
- ORIENTADORA
    - Legal, vocês também tinham experiência de roda de história?
- MÁRCIA
    - É... mais ou menos, eu não lembro muito bem, porque eu tinha cinco anos, né! Então, mas, a minha mãe, ela levava a gente pra cá e contava história.
- PESQUISADOR
    - A sua mãe era essa pessoa que ela falou que reunia para contar história?
- MÁRCIA
    - Aham!
- PESQUISADOR
    - Isso, você sabe, por acaso, se era assim, de livre vontade dela, ela fazia porque gostava disso ou tinha alguma organização, cada pessoa cuidava de alguma coisa no acampamento? Como que era? Você lembra?
- MÁRCIA
    - Não, minha mãe sempre gostou de criança, mas eu não sei.
- ORIENTADORA
    - Mas eu estou curiosa com uma coisa. Por coincidência aqui, do Gabriel até o Henrique, né! Os meninos, quando reúnem assim, menino brinca de que? O que tem para brincar?
- MENINOS JUNTOS
    - Futebol, vôlei... Tomar banho no córrego!
- ORIENTADORA
    - Ah! Muito bem! Estava faltando sair o banho no córrego.

    - Menino brinca de que? O que menino gosta de fazer?
- TOMÁS
    - Como assim, de que idade?
- ORIENTADORA
    - O que é interessante quando reúne. Tudo bem, brincadeira é um coisa, além das brincadeiras o que mais de interessante tem para fazer?
- TOMÁS
    - Comentários, conversa, falar besteira.
- ORIENTADORA
    - Ah! Falar besteira, contar piada.
- TOMÁS
    - Piada é sem graça.
- ORIENTADORA
    - Piada é sem graça. E as paqueras das meninas, como que é assim? Rola?
- TOMÁS
    - São os assuntos. (risos)
- ORIENTADORA
    - Os assuntos que rola?
- TOMÁS
    - Quem que é a mais bonita, quem pegaria, quem não pegaria.
- ORIENTADORA
    - E isso inclui as meninas da cidade?
- TOMÁS
    - Tudo, geral!
- ORIENTADORA
    - Passa o rodo?
- INDEFINIDO
    - Passa o rodo, a vassoura...
- PESQUISADOR
    - Pessoal, de forma geral, se eu perguntar pra todos, vamos dizer assim, se eu perguntar assim. Como que era a vida na época do acampamento, vocês vão falar assim, era legal ou era ruim? O que vocês me falam?
- JÚLIA
    - Era ruim.
- HELEN e RENARA
    - Era legal.
- RENARA
    - Eu achava legal.
- PESQUISADOR
    - Olha só o tanto que é interessante. Teve alguém que achou legal. Renara o que tinha de legal?
- RENARA
    - Ah! Porque eu achava os meninos diferentes, eles tinham umas brincadeiras diferentes dos meninos da cidade, como eu ia só final de semana, então eu gostava de brincar com as outras crianças, eles ensinavam novas brincadeiras diferentes para a gente.
- PESQUISADOR
    - Você lembra de alguma, Renara?
- RENARA

    - Aprendi a ir para o córrego com a Júlia. Quando a Júlia era pequenininha, ela ficava tentando me ensinar o dia inteiro a nadar, mas eu nunca aprendi, a Júlia, ela era bem pequenininha, a gente ia pro rio, tomava banho com a mãe dela, pescar...
- PESQUISADOR
    - Você falou uma coisa interessante. Brincadeiras diferentes. Você passou a impressão que as brincadeiras da cidade são diferentes das brincadeiras do campo.
- RENARA
    - Comecei a subir em árvore...
- PESQUISADOR
    - Você acha que tem uma melhor ou uma pior, ou você acha que é só diferente e é legal aprender as duas. O que você acha?
- RENARA
    - Eu prefiro as da fazenda.
- RENAN
    - Kal, uma coisa que é legal, é que quando estava no acampamento todo mundo era unido, todo mundo ajudava um ao outro.
- PESQUISADOR
    - Isso é importante. Espera aí! Fala isso de novo que eu quero escutar. É que tem um "zum, zum, zum" ali, que eu...e eu já falei para vocês que com cinquenta anos a gente para de escutar direito! Como é que é?
- RENAN
    - Na época do acampamento, é tipo, todo mundo era unido, um ajudava o outro, assim, se alguém precisava de uma coisa, ia na casa do outro, pegava emprestado. Aí, os homens juntavam para fazer as coisas, as mulheres ficavam em casa, fazia comida.
- ORIENTADORA
    - Fazia mutirão?
- RENAN
    - Fazia mutirão, fazia barraca para as pessoas novas.
- ORIENTADORA
    - Que tipo de mutirão que você fazia?
- RENAN
    - Eu não! (Risos) Tipo, eles juntavam, tipo, quando meu pai chegou mesmo lá eles juntaram, ajudaram meu pai fazer a barraca dele lá, para ele poder ficar lá. O Governo mandava uma cesta todo mês, assim, de quinze em quinze dias, para quem precisava.
- PESQUISADOR
    - Por que você falou assim, *"na época do acampamento"?* Agora não é mais?
- RENAN
    - É que hoje em dia cada um tem que cuidar da sua terra, ninguém tem tempo de ficar ajudando um ao outro, né? Que agora cada um tem o seu pedaço de terra para cuidar.
- ORIENTADORA
    - Mas, a Renara falou um negócio aqui que me chamou a atenção. Ela falou das amizades construídas ao encontrar garotos e garotas diferentes no acampamento. Eu queria que vocês falassem sobre isso. Vocês conseguiram construir novas amizades nesse tempo de criança? Fala um pouco disso para a

gente. Eu queria ouvir vocês sobre isso. Vocês fizeram amizades? Fala isso, como é que é.

- MÁRCIA
  - Nossa, pelo menos minhas melhores amigas estão aqui, né?
- PESQUISADOR
  - Tem alguma diferença entre... vocês percebem alguma diferença no tipo de amizade que vocês constroem aqui dentro, com as amizades que vocês constroem lá na escola. Tem alguma?
- GENERALIZADO
  - Ih!
  - Muita!
- LAÍZA
  - Tem gente que só presta para enganar mais é a gente, assim, em certos pontos, aí, está sendo uma pessoa muito falsa na amizade.
- RENAN
  - Tipo, eu e o Tomás. Aqui, tipo, a gente é melhor amigo, vai um na casa do outro, fica lá de boa...
- TOMÁS
  - É, mas quando chega na cidade, ele vaza com os amigos dele e eu vazo com os meus. (risos)
- ORIENTADORA
  - Como assim, Tomás? Quando chegam na cidade têm grupos de amigos diferentes?
- TOMÁS
  - Não! Tipo, ele tem, tipo, um amigo, o fulano, lá na cidade mais ou menos ele. E eu tenho o meu. Mas, é tipo, é lados diferentes.
- ORIENTADORA
  - Chegou lá na cidade cada um tem a sua turma?
- TOMÁS
  - É, na escola. Agora, quando é festa, nós vamos juntos.
- RENAN
  - Quando é festa vai eu o Tomás...
- ORIENTADORA
  - Espera aí, na escola cada um tem a sua turma?
- MÁRCIA
  - A gente não. A gente tem mais amigos, a gente anda, assim, todo mundo junto, mas a gente nunca separa. Tudo a gente faz junto, sempre está combinando. (risos)
- RENARA
  - Quando chegam na escola eles não podem faltar de aula para ficar junto.
- RENAN
  - Tipo, o horário é diferente, a escola é diferente.
- PESQUISADOR
  - Pessoal, vocês começaram a falar em escola. Deixa eu retomar uma coisa aqui, uma coisa que ficou, se não a gente esquece. Época de acampamento e escola. Escola na época que vocês estavam acampados. Quem passou por essa experiência, o que pode falar para a gente?
- ORIENTADORA

    - A Renara falou que ela mais o Renan ficavam lá na cidade porque o pai ficava no acampamento.
- RENARA
    - Porque não tinha como ir para a escola se a gente ficasse no acampamento.
- RENAN
    - A maioria das crianças do acampamento não estudava.
- PESQUISADOR
    - Tá, mas tem alguém aqui que viveu e estudou ao mesmo tempo, viveu em acampamento e estudou ao mesmo tempo? Ah! O que você lembra dessa época? Como que era? Como você ia para a escola? Como que era?
- MAÍRA
    - Eu, quando tinha seis anos, foi o primeiro acampamento que eu fui. Aí, eu estudava na fazenda, tinha uma fazenda assim, mais para cima do acampamento e a gente estudava lá. Aí, depois, quando eu mudei de acampamento, eu acabei ficando dois anos sem estudar, por causa que não tinha como ir, que a gente morava longe da cidade, era na rodovia, então não tinha como ir, passava um ônibus, só que era a noite e o ônibus só tinha duas vagas, para duas crianças. Aí, no caso, pegava os meninos mais velhos que eram os únicos que tinham, que era um de quatorze e um de quinze e eles botaram eles para estudar à noite, então, era só eles que estudavam, os outros mais novos, nenhum estudava e eu acabei perdendo dois anos.
- PESQUISADOR
    - E para essa escola primeira que você falou na fazenda, como é que você ia?
- MAÍRA
    - Ia de Kombi, puxava, passava uma Kombi pegando nois, eram duas meninas, no primeiro acampamento era só eu e mais uma menina que morava. Aí, a gente ia de Kombi, e ele passava nas outras fazendas aos arredores e pegava os outros alunos e era aluno de todas séries, de tudo quanto é tipo de série, oitavo, primeiro...
- PESQUISADOR
    - Então, teve uma época que você ficou sem escola porque não tinha transporte?
- MAIARA
    - É.
- PESQUISADOR
    - Quem mais gente, lembra... como que era Júlia?
- JÚLIA
    - Eu tinha cinco anos, eu comecei a estudar na creche. Eu comecei a ir de transporte e depois eu passei pro primeiro ano, eu estudava tipo, integral, eu chegava na escola, tipo, nove horas e saia cinco horas.
- ORIENTADORA
    - Mas vocês falaram de festa e eu fiquei curiosa para saber como é que...que tipo de festa é mais frequente aqui, que vocês gostam?
- TOMÁS
    - Balada, de tudo.
- ORIENTADORA
    - Mesmo?! Mas, as baladas acontecem aqui na comunidade?
- TODOS
    - Na cidade!
- ORIENTADORA

    - E vocês vão para a balada na cidade? E quando vai para a balada todo mundo vai junto?
- RENAN
    - Só eu e o Tomás, que costuma sair assim junto.
- INDEFINIDO
    - Só os doidos!
- RENAN
    - Porque, tipo assim, a gente dorme na casa da minha avó.
- TOMÁS
    - Não dorme, né! Porque a gente chega às seis horas da manhã. Aí, loguinho, dorme uma hora e vem embora, né! Às vezes, quando não tem festa no outro dia.
- PESQUISADOR
    - Tomás, você veio de onde? De Goiânia para cá? Tem pouco tempo Tomás?
- TOMÁS
    - Vai fazer um ano.
- ORIENTADORA
    - Aí, você já mora aqui?
- TOMÁS
    - Já.
- PESQUISADOR
    - Eu vou voltar lá atrás um pouquinho, pode?
- TODOS
    - Pode!
- PESQUISADOR
    - Eu vou fazer uma pergunta para vocês. O que o acampamento ensinou para vocês? Vocês aprenderam alguma coisa com o fato de... o que vocês aprenderam na época de acampamento que vocês acham que os jovens, que não passaram por essa experiência, deixaram de aprender? O acampamento ensinou alguma coisa para vocês?
- ALGUMA MENINA
    - Ensinou.
- RENAN
    - O acampamento me ensinou assim, que quando a gente une assim, muitas pessoas, consegue fazer grandes coisas. Que, tipo, começava do nada assim, quando via, no outro dia tinha um monte de barraca pronta, já muita gente morando.
- RENARA
    - A dividir os brinquedos com as outras crianças, porque tinha muita criança no acampamento que não tinha brinquedo. Eu levava os meus para poder brincar com as outras crianças também.
- PESQUISADOR
    - Você acha que essa experiência te ajudou a dividir as coisa, a ser mais solidária, é isso?
- RENARA
    - Ahram!
- PESQUISADOR
    - Legal, mais alguém gente? Pensa!
- RENAN

    - Tipo, Quando a gente morava em acampamento, como a gente morava na cidade, agente tinha uma condição melhor que as outras pessoas que estavam lá, né? Aí, tipo, a minha mãe levava coisa de comer, assim, para a gente lanchar, a gente dividia com todo mundo.
- MAÍRA
    - A nunca desistir também, porque se minha mãe não tivesse insistido e ficar no acampamento e lutar, a gente não estaria aqui, a gente não teria conseguido ter a terra.
- PESQUISADOR
    - Você falou assim, *"estar aqui"*, você transmitiu, sem querer, uma felicidade de estar aqui. Eu estou certo ou errado?
- MAÍRA
    - É.
- PESQUISADOR
    - Você acha legal estar aqui? É a realização de um sonho? O que você me diz sobre isso?
- MAÍRA
    - Gosto muito daqui! Porque, quando nós fomos para o primeiro acampamento, foi um amigo da minha mãe que montou o primeiro acampamento. Aí, a gente conseguiu uma terra para o lado de lá, só que aconteceu algumas coisas que tiraram a minha mãe, mas a minha, *"eu não vou desistir"*, e foi mudando. Nós moramos em muitos acampamentos até chegar aqui. Nós morávamos perto de Campo Alegre. Aí, surgiram algumas vagas aqui no assentamento e pediram para escolher. Aí, dividiram o acampamento, alguns vieram para cá e outros foram lá para o lado de Goiânia, e minha mãe decidiu ficar aqui porque ela já tinha lutado muito. E aí, escolheu aqui, e foi lutando que ela conseguiu chegar aqui.
- PESQUISADOR
    - Sobre essa luta, o que vocês têm para falar? Que luta que é essa que ela está falando? Alguém pode complementar?
- TOMÁS
    - É tipo assim, viver mais com a... minha mãe ia direto nos acampamentos conosco. Aí, é tipo, conseguir, né? Ficar aí, porque, tipo, passa necessidade às vezes, é muito... não tem, tipo, uma vida confortável, saúde, questão de comida, alimentação... é tipo, não tinha a proteção de doenças e tal... e a luta era quando eles iam nas fazendas, né? Convencer os fazendeiros de forma... "boa" a dividir as terras. (risos)
- PESQUISADOR
    - Entendi!
- JÚLIA
    - A luta do trabalho também.
- LAÍZA
    - Também as condições de vida assim, de manter, para a gente.
- RENAN
    - Porque, tipo, quando começa a luta em acampamento, as pessoas passavam muito tempo precisando das coisas, tipo, de comida. Não tinha como levar muito alimento. Na noite, assim, pra fazer acampamento, já amanhecia no outro dia com acampamento. Passava necessidade de água, para tomar banho, comida.

- MAÍRA
    - Nossa, era muito sofrido.
- HELEN
    - Quando chovia, tinham muitas barracas que os trem molhava dentro, enchia de água. Uma vez mesmo, minha mãe teve que, por causa que ela estava passando mal, e nós fomos para a casa da tia do meu pai, e quando nós voltamos a barraca estava toda encharcada, molhou tudo. Aí, quando chovia, era pior ainda.
- PESQUISADOR
    - Mais difícil ainda? E por acaso alguém se lembra, ou você mesma Helen, de alguma dificuldade ou alguma coisa muito chata que aconteceu, tipo isso que você está falando, mas que não foi por causa de chuva, de vento, poeira...
- VIVIANE
    - Enfrentar polícia!
- PESQUISADOR
    - Alguma coisa que chateou demais vocês, que era ruim, que acontecia pela ação de pessoas. Tinha isso ou não?
- HELEN
    - Teve um acampamento mesmo, por causa que o povo estava querendo entrar na terra e muitos falavam para eles esperarem que ia conversar com o fazendeiro. Aí, teve uma vez que os fazendeiros ameaçavam matar o povo. Teve um que, minha mãe, minha vó que conta, ela também mora no acampamento, né? Que eles pegaram um rapaz, ele era mudo, e eles pegaram ele para falar onde eles estavam acampados e como ele não sabia falar, ele apanhou, quase mataram o menino.
- ORIENTADORA
    - A Viviane também está falando aqui. O que era chato?
- VIVIANE
    - É assim, muitas vezes, eles enfrentaram a polícia assim, a polícia ia lá, assim com toda a força para tirar eles da terra, só que aí, como eles queriam mesmo ter uma terra, um lugar para eles morarem, eles enfrentavam. Muitas vezes eles já enfrentaram.
- PESQUISADOR
    - Era aquela luta que o Tomás falou. Não era fácil. Não era uma luta fácil, né?
- TOMÁS
    - É, tipo assim, as pessoas lutavam para ter alguma coisa, né? Que não tinham e agora têm.
- ORIENTADORA
    - Que quer conquistar, né?
- TOMÁS
    - É, e muitas ainda com luta, né? Que estão aí, nos acampamentos...
- PESQUISADOR
    - Tomás, eu vou te provocar um pouquinho. Agora que já conseguiu, que vocês já conseguiram a terra, você acha que esse aprendizado da luta ainda vale?
- TOMÁS
    - Vale!
- PESQUISADOR
    - É preciso continuar lutando para conquistar as coisas? Como que você vê isso?
- TOMÁS

    - Vale, mas de outra forma, né? Porque agora a gente tem a terra, vai lutar para conseguir produzir a terra, cercar, criar os animais, conseguir ter uma vida melhor. Do baixo vai subindo.
- ORIENTADORA
    - Melhorar as condições, né Tomás?
- TOMÁS
    - Melhorar as condições de vida.
- ORIENTADORA
    - Mas, a Tatiana comentou... eu estou observando a fala, a Helen mencionou, a Maíra também. Uma pergunta. Vocês estão falando na avó, na mãe. A persistência maior de permanecer no acampamento é das mulheres ou os homens também são firmes e persistentes?
- VISITANTE
    - As fazendas aqui, quase tudo é no nome das mulheres.
- RENAN
    - Ei, Cida! No começo, assim, quando o meu pai entrou no acampamento, assim, ele teve que enfrentar, tipo, com a mãe dele o pai dele, por causa do preconceito que tinha. A própria família do meu pai tinha muito preconceito contra essas coisas assim, Sem Terra e tal. Aí, meu pai teve que enfrentar muita coisa por causa disso.
- ORIENTADORA
    - E esse preconceito ainda existe, gente?
- RENAN
    - Não, hoje não existe.
- ALGUMA MENINA
    - Existe.
- RENAN
    - Não com a família do meu pai, porque, já agora, eles gostam daqui. Mas, tipo, até hoje na cidade tem umas experiências assim.
- PESQUISADOR
    - Deixa ele acabar de falar. Aí, eu quero escutar vocês. Acho interessante.
- RENAN
    - Tipo, na cidade ainda tem muita diferença, assim, fala que mora no assentamento, sofre preconceito, mas, tipo, tem muita gente que vive aqui muito melhor que muita gente que está na cidade, porque conseguiu, lutou, assim, trabalha.
- ORIENTADORA
    - E está bem instalado...
- RENAN
    - Está muito mais instalado que muita gente que mora na cidade, porque lutou para ter aqui.
- ORIENTADORA
    - Interessante!
- JÚLIA
    - Tipo, existe preconceito até hoje, tipo, de escola, de gente que fala que Sem Terra não presta, que escola não aceita gente do Sem Terra.
- PESQUISADOR
    - E a escola em si, o que você... percebe alguma coisa assim? A escola?
- JÚLIA

    - Percebe.
- PESQUISADOR
    - Me fala um pouquinho!
- JÚLIA
    - Muito preconceito, tipo, com a minha pessoa existe muito preconceito.
- PESQUISADOR
    - Tá, mas você está falando assim da escola ou dos colegas, professor?
- JÚLIA
    - Dos colegas e da escola também.
- LAÍZA
    - É, e a população também tem inveja até hoje, assim, da população da zona rural.
- PESQUISADOR
    - Tem o quê? Inveja?
- LAÍZA
    - É, porque vendo que nós temos condições boas aqui e eles não.
- PESQUISADOR
    - É, dá uma inveja... O que você tinha falado?
- ANIELE
    - Na escola, na escola também, a gente sofre preconceito, até alguns professores, né! Não gosta da gente por ser... muita gente chama a gente de Sem Terra. Aí, essas coisas assim, isso é ruim porque é preconceito, né! Com a gente. Aí, os colegas também, de sala, sempre com as mesmas coisas, sabe? E exclui a gente por morar na fazenda, isso é ruim.
- MAÍRA
    - Quando eu fui estudar em Campo Alegre, tinha duas escolas lá, o C3 e o C4. Nós fomos primeiro para o C3, foi a primeira escola que cadastraram a gente. Aí chegamos lá, perguntaram de onde que a gente era, a gente falou que era do Sem Terra. Tem gente que conhece lá, tem muita gente que conhece lá como Pássaro Preto, foi lá do Pássaro Preto. Aí, o povo já olhou assim... é dos Sem Terra. Mudaram a gente de escola no outro dia. Mandaram a gente para o C4. Aí, já no C4, a gente não tinha essa tanta diferença, não sentia tanta essa diferença, mas no C3 a gente sentiu muito, eu e muitas meninas também, que iam.
- PESQUISADOR
    - Deixa eu fazer uma pergunta para vocês. Quando as pessoas se referem a vocês ou aos familiares de vocês, fala assim, os Sem Terra, o que vocês acham disso?
- DUAS MENINAS
    - Ruim!
- HELEN
    - Nós não somos mais sem terra!
- TOMÁS
    - Eu acho que depende. Depende da expressão da pessoa. Igual, a pessoa que não tinha nada igual muitos locais tinha gente que era o marido a mulher e os filhos, morava numa barraca, tipo, agora tem uma terra, que vai conseguir... Mas, tem muitos, tipo, Sem Terra, tem uns, tem muitos que não dão valor. Igual muitos aqui, ganharam e venderam. Isso já é um bando de vagabundo uai, (risos) porque ganhou e vendeu, não tinha nada Aí, ganhou, e ao invés de

tentar, porque tudo ajuda para tentar crescer, pega não, pega e vende e volta pro mesmo lugar.

- HELEN
  - Agora tem uns que têm que ir embora porque aprontam mesmo no lugar e aí o povo não quer aqui, aí conversa e ele tem que devolver a terra ou vender.
- ORIENTADORA
  - Helen, o que é aprontar? Tipo assim!
- HELEN
  - Como lá no Retiro mesmo, lá teve, meu tio mesmo, eu falo, ele destruiu muitas coisas lá. E aí, ele teve que vender.
- ORIENTADORA
  - Entendi.
- PESQUISADOR
  - Aí, a própria comunidade reúne e acha que aquela pessoa tem que deixar, é assim que resolve?
- RENAN
  - (Ininteligível) ...então a pessoa é notificada, a gente (ininteligível)... notifica a pessoa. Aí, eu acho que duas ou três notificações, chega uma intimação para a pessoa abandonar a terra. Aí, isso é onde as pessoas vende a terra para não perder tudo que tem.
- JÚLIA
  - Alguns a mãe morre, tipo assim, teve um pessoal que a mãe morreu, vendeu a terra e foi embora.
- PESQUISADOR
  - Ah, tá! Tem coisas... parece que eu estou entendendo assim. Tem algumas pessoas que deixam por, por...
- ALGUMA MENINA
  - Necessidade.
- PESQUISADOR
  - Necessidade mesmo, coisas que acontecem que não tem como, né? E outras porque, é o que o Tomás estava falando, são pessoas que não tinham aquela vocação, né? E acabam abandonando o assentamento. É mais ou menos isso?
- TODOS
  - É!
- ORIENTADORA
  - Oh, Kal! Mas eu queria tocar num ponto aqui que o pessoal já falou, eu queria ouvir mais. Vocês acham então, que precisava melhorar a imagem da própria comunidade aqui, porque, é... antes havia uma luta de quem não tinha terra, então era sem terra. Hoje vocês já têm a propriedade, ou seja, não é mais sem terra, é pessoa com a propriedade, já tem a propriedade e o preconceito em relação à imagem continua. Eu queria ouvir a opinião de vocês sobre isso, assim, vocês acham que essa imagem precisava ser melhorada no sentido do respeito, é... o que poderia fazer para melhorar essa imagem, porque o que vocês estão nos dizendo é totalmente diferente do que quem não conhece vocês acha. É totalmente diferente. Porque vocês mostram uma realidade dinâmica, de pessoas que já têm a terra, que está produzindo, deseja progredir, deseja prosperar e luta para as condições melhorarem, né? Tanto é que vocês moram aqui, vão para a cidade estudar, vai e volta, e isso é um esforço danado de todo mundo, né?

- TOMÁS
    - Bem logo, eu tinha chegado de Goiânia, chegando de Goiânia, aí comecei a morar aqui, aí fui para a escola.
- ORIENTADORA
    - Você mora aqui com quem Tomás?
- TOMÁS
    - Moro com a minha tia.
- ORIENTADORA
    - Sua tia mora aqui e você mora com ela?
- TOMÁS
    - Não, com minha mãe. Tipo, um pedaço. Minha tia deu um pedaço para nós.
- PESQUISADOR
    - É a mesma parcela, as duas famílias!
- ORIENTADORA
    - As duas famílias na mesma parcela. Entendi Tomás!
- TOMÁS
    - Aí, eu fui para a escola. Aí, tá lá. Aí, eu cheguei na escola no primeiro dia, no segundo dia, no terceiro dia os meninos, "*é",* falando de um lá que morava na fazenda, *"é seu, cala a boca seu roceiro, não sei o que",* sabe? Vai lá. E o terceiro dia. No quarto dia ele falou. No quinto, no quinto falou, *"não, seu roça, não sei o que",* eu falei, *"que eu saiba, a roça fica dentro da fazenda, não é a fazenda que fica dentro da roça, que eu saiba, a gente é fazendeiro, a gente não é da roça"*, que o menino, ele tinha meio um negócio assim, meio um problema de falar, falava meio gaguejando. Aí, todo mundo calou a boca, e calou a boca, que às vezes tem que falar alguma coisa que os meninos não sabem, ninguém, tipo, tirando mal uma expressão porque não conhece.
- PESQUISADOR
    - Tomás, eu escutando você falar eu sinto assim, você tem orgulho, né? De ser daqui, das experiências que você passou, você acha legal...
- TOMÁS
    - Eu acho, tipo assim, agente que é humilde, mais baixo, a gente tem que ter orgulho do que a gente tem, é igual eu tenho minha moto ali, minha moto está um lixo praticamente, (risos) e eu vou para a escola, eu vou para a cidade direto nela, tô nem aí não, paro na frente de escola, chega menino, *"ah! Você é de assentamento e esse lixo aí!* É lixo mesmo, eu sei que é lixo, mas é o que eu tenho. "*Por que você não compra uma moto"?* É porque eu não tenho dinheiro de comprar uma moto melhor. "*Por que você não tem não sei o que"?* Porque eu não tenho condição. Quando eu tiver minha condição, você pode saber que eu vou comprar, eu não compro porque eu não tenho condição de ter ainda.
- RENAN
    - Ei, Cida! Mas uma coisa que eu vejo, tipo, a festa que as pessoas ricas da cidade vão, eu e o Tomás vamos. A gente frequenta os mesmos lugares, ou seja, a gente não tem uma condição menor do que a deles para eles terem preconceito com a gente, porque, tipo, onde qualquer pessoa de Ipameri, que mora na cidade, for, eu e o Tomás podemos ir. Porque não?
- PESQUISADOR
    - Pessoal, deixa eu adiantar um pouquinho porque, se não, fica muito longo, tá? Faltam duas questões ainda para a gente tocar no assunto, tá? Isso não impede de vocês retornarem a alguma coisa que vocês queiram falar, tá? Mas, vamos

tentar encaminhar agora para aquele segundo ponto que eu falei que a gente ia conversar, que é sobre a educação. Então, o que é educação para vocês? Quem quer falar alguma coisa? O Que é educação?

- TOMÁS
  - Educação eu acho que, tipo, a primeira coisa... aprender a estudar, né? Estudar até se formar. Educação, saber viver, conviver com as pessoas, chegar num lugar estranho você, tipo, você é Sem Terra, mas você tem que saber como conversar, tipo, se comportar, tipo, chega lá, igual nós chegamos lá na festa, é todo mundo, quase todo mundo da cidade, nós somos a mesma coisa, tipo, vai na sua, enche a cara e vai a mesma coisa. A educação, acho que é respeitar, né? Respeitar as pessoas, seja quem seja, pode ser um mendigo, no chão lá, mas tem que saber que você podia estar lá também, mas você não está, então você, tipo, não precisa você ir lá, não sei o que, mas você respeitar. A pessoa vir falar com você, você falar, tipo, educadamente, não tratar mal, que é uma pessoa também, né? Saber conviver.
- PESQUISADOR
  - Legal! Interessante! Sua visão de educação é muito legal. Quem tem... concorda com ele, quer acrescentar alguma coisa, ou tem outra visão, vê a educação de outro jeito? Educação? Vamos gente! Podem falar o que vocês estão pensando, o que é educação?
- ORIENTADORA
  - O que mais orgulha vocês aqui gente? Dentro do que vocês fazem, o que dá mais orgulho e satisfação em vocês?
- TOMÁS
  - Eu acho que ser o que a gente é, não importa aonde.
- PESQUISADOR
  - Vou perguntar para as meninas aqui. Por que a educação é importante, então? Por que é importante ter educação?
- MÁRCIA
  - Na verdade a educação é importante para todo mundo, né? Assim, porque se você tiver educação você pode conseguir um futuro melhor, tudo, né?
- PESQUISADOR
  - A educação é importante para conseguir um futuro melhor?
- MÁRCIA
  - Também, né? Então, várias coisas.
- JÚLIA
  - Tipo, saber respeitar a sociedade, tipo, você vai mais longe que você não saber respeitar.
- LAÍZA
  - E também, saber se sustentar também na vida.
- MAÍRA
  - Para mim também a educação é isso, é tudo, porque a minha mãe, ela é analfabeta e agora ela está estudando porque está vindo buscar à noite e ela estuda (inelegível) mas, que nem eu sei, ela sofre porque quando ela chega em algum lugar, não sabe ler ou ver um preço, ela vai perguntar, a pessoa vai com falta de educação e fala "*por que você não... não tá vendo o preço aí"?* Não, se ela soubesse, ela não teria perguntado, né?
- PESQUISADOR

    - Você falou uma coisa muito interessante para mim, que eu acho muito interessante. Você falou que sua mãe está se alfabetizando agora, não é isso? Tá, mas você reconhece uma sabedoria nela pelo que você falou, ela sabe, ela tem uma educação também, não tem?
- MAÍRA
    - Tem!
- PESQUISADOR
    - Onde você acha que ela aprendeu essa educação que ela tem?
- MAÍRA
    - Eu acho que...
- PESQUISADOR
    - Já que... desculpa!. Só para complementar. Já que, eu entendi que ela não frequentou muito a escola, se frequentou, frequentou muito pouco, né?
- MAÍRA
    - Muito pouco.
- PESQUISADOR
    - Ela não aprendeu o que ela sabe... foi na escola?
- MAÍRA
    - Não, não. Acho que foi no mundo. Minha mãe andou muito, ela viu muitas coisas, então ela acabou de tanto ver ou errar, acabou aprendendo com isso, com os erros, com as pessoas que ela via, com as pessoas que sabiam ler e escrever. Ela, por exemplo, ia entrar num banco, ela não sabia, então, ela olhava a pessoa, a pessoa entrava, ela ia e fazia do mesmo jeito que a pessoa fazia. E aí, agora que ela está estudando, ela sempre me pede para eu ajudar, e eu ajudo, claro, eu sei e eu gosto de ensinar ela, o que eu puder eu faço.
- TOMÁS
    - Tem um ditado *"se você não aprendeu em casa ou na escola a vida te ensina"* e ensina de um jeito que ninguém quer aprender.
- PESQUISADOR
    - A educação é a casa, a escola e a vida, na sua opinião?
- TOMÁS
    - É, em certa parte a vida, tipo, a gente que aprende a educação em casa e na escola, aprende um pouquinho mais na vida, mas menos. Agora, as pessoas que não aprendem em casa e na escola a educação é mais um lance policial, né? Ela vai aprender na vida, apanhando, assim, agora...
- ORIENTADORA
    - Tomás, será que a vida ensina alguma coisa de bom?
- TOMÁS
    - Ensina!
- ORIENTADORA
    - Tipo?
- TOMÁS
    - Tipo, se a pessoa não teve muita educação em casa e não frequentar a escola como deve ser frequentada, simplesmente ela chegar num certo lugar ela vai ser, tipo, discriminada, discriminada praticamente, excluída, parece que é um nada, um cachorro lá. Tipo, a vida vai ensinando. Igual, a pessoa, tipo, a pessoa não sabe ler e vai... minha tia também não sabe ler, ela está frequentando a escola para aprender ler para tirar a carteira, carteira de volante, porque sem saber ler não consegue tirar a carteira de motorista.

- MAÍRA
    - Também, é o que o Tomás falou, a vida ensina a ser humilde. Minha mãe aprendeu que com humildade ela pode ir em qualquer lugar. Então, eu acho que educação é isso, é humildade, é paz, é amor ao próximo, respeito.
- PESQUISADOR
    - Legal!
- LAÍZA
    - É bom levar a sério e, também, ajudar a pessoa, também, largar na sua vida, também, assim, seu próprio defeito e aprende, também, nos seus estudos, a melhorar os seus sentimentos.
- PESQUISADOR
    - Certo!
- ORIENTADORA
    - Importante. O Wanderley queria falar?
- WANDERLEY
    - É que, quem é da cidade discrimina, né? Fala *"Ah! É ladrão de terra, que não sei o que",* mas, você tem que ir lá, chegar na pessoa, saber conversar com educação para a outra pessoa ver e pensar, *"uai, mas porque que tem essa fama e a pessoa é tão educada",* ou seja, transmitir uma boa imagem, né?
- PESQUISADOR
    - Entendi!
- WANDERLEY
    - E acabar com o preconceito, né?
- ORIENTADORA
    - Então, quer dizer Wanderley, que o preconceito, ele pode ser superado a partir da forma como vocês mesmos se inserem na... não é isso?
- WANDERLEY
    - Com a educação, isso!
- PESQUISADOR
    - Oh, Wanderley! Deixa eu te fazer uma pergunta. É... eu entendi que você quis dizer que as pessoas que vivem aqui têm que estar bem preparadas para poder combater o preconceito que vem de fora, né? Você acha que você está preparado para argumentar com as pessoas, para convencer as pessoas de que elas estão equivocadas, você acha que você está preparado? Você tem condição de conversar com elas para convencê-las do contrário?
- WANDERLEY
    - Imagino que tenho, né? Acho que tenho!
- PESQUISADOR
    - De onde que vem esse preparo. Só um minutinho! Quem te deu essa base de confiança, para você conversar com elas e convencer? Onde que você aprendeu isso?
- WANDERLEY
    - Ah! Com meu pai, também, né? A gente aprende mesmo é na... é na vida. Meu pai. A gente não dá direito de falar mal da gente mesmo, né? Tem que saber se defender.
- PESQUISADOR
    - Seu pai conversa com você, com essas coisas, com relação a isso?
- WANDERLEY
    - Conversa, conversa!

- PESQUISADOR
  - O que você ia falar Tomás?
- TOMÁS
  - Porque as pessoas, tipo, só você falar assim, é Sem Terra, já vem aquela expressão daqueles Sem Terra que são mais, mais loucos. Tudo é um bando de vagabundo, igual eu disse, né? Faz doidura, rouba. É igual, tipo, nós somos Sem Terra aqui. A maioria é gente boa, as pessoas reconhecem, mas tem uns Sem Terra, que é Sem Terra, vai lá faz a compra... um ano para pagar. E vai lá, vai ficando a fama. É Sem Terra, é Sem Terra, e não presta. É porque, às vezes, a imagem das outras pessoas...
- PESQUISADOR
  - Mas, você acha que isso é uma coisa que acontece só com os Sem Terra?
- TOMÁS
  - Não, acontece com todo mundo. Eu falo assim, é porque, tipo, de ser Sem Terra, porque aquele Sem Terra fez aquilo. Aí, todo mundo leva a imagem. É igual na sala, tipo, a sala que... eu estudo à noite agora, a sala de manhã, tipo, a maioria fazia bagunça, tinha uns quinze que ficavam quietos, tipo, a sala levava a fama de baguncenta, porque, tipo, quase a sala toda fazia bagunça e os que ficavam quietos levavam a fama também.
- JÚLIA
  - Tipo, porque, uma vez, o meu pai foi comprar num lugar. Aí, tinha outra pessoa que tinha comprado, tipo, não tinha pagado. Aí, o cara falou assim, *"eu não vou vender para você porque você não vai me pagar também".* Aí o meu pai falou assim, tipo, *"eu não sou igual a ele não"*, tipo, *"eu pago as minhas contas e tudo certinho"*. Aí, ele conseguiu comprar.
- PAULA
  - Um exemplo foi meu pai, que ele foi arrumar a moto dele. Aí, ele foi na oficina.Chegou lá, o cara falou assim... a moto tinha estragado de novo, meu falou *"Ah! Mas você levar a moto para mim lá estragada, você não quer consertar"?* Ele, *"não, eu não vou consertar não"!* Ele falou assim, *"vai consertar sim, porque eu paguei pelo serviço"!* Ele pagou mais de quinhentos reais para o cara, ele falou assim, *"não, eu não vou consertar nada para você não, aquele bando de Sem Terra, nunca paga direito, não sei o que, não sei o que",* discriminando. Aí, meu pai falou, *"não, então eu vou resolver isso ali agora, eu vou na delegacia"!* Aí, o cara, depois, veio conversar com meu pai, *"não, desculpa, é que não sei o que".*
- PESQUISADOR
  - Entendi, é a questão do preconceito, mas vamos voltar para a escola um pouquinho? Conversando com vocês, eu percebi, muitas pessoas aqui falaram de várias possibilidades de aprender, né? A Maíra falou que a vida ensina, o Tomás falou a mesma coisa, várias pessoas falaram disso, então vocês têm a visão de que a educação é uma coisa bem ampla, né? A escola de vocês, que vocês estão estudando, como que vocês veem isso? A escola está cumprindo esse papel? Em quê, ela está ajudando a construir essa educação que vocês me falaram e se, por acaso, o que está faltando para ela atender esse desejo que vocês têm de educação? Como que vocês veem a escola que vocês estão estudando? Não precisa nem falar, apesar de eu saber onde a maioria estuda, mas a escola que vocês estão frequentando, o que ela está sendo boa para atender isso que vocês esperam da educação, e onde que ela está falhando?
- ORIENTADORA

    - O que é bom? O que a escola ajuda e o que a escola não ajuda?
- JÚLIA
    - Tipo, a escola está faltando em algumas coisas, tipo, algumas coisas que a gente mesmo reclama e ela não providencia nada.
- PESQUISADOR
    - Por exemplo?
- JÚLIA
    - Tipo, preconceito comigo. Tipo, eu sofro muito preconceito por ser negra.
- PESQUISADOR
    - É? Você acha que falta a escola trabalhar essa questão do preconceito?
- JÚLIA
    - Tipo, eu já reclamei um monte de vezes para as professoras, para a diretora, tipo, ela não fez nada até hoje, então, isso falta.
- PESQUISADOR
    - Isso está sendo um ponto, que é muito importante, da escola está trabalhando, que você acha que está faltando lá, né?
- ORIENTADORA
    - Isso acontece com mais alguém gente? Vocês observam isso?
- TOMÁS
    - Tipo, eu, nós estudávamos na mesma escola e eu, tipo, nunca levei muito a sério não, É negão, é preto é chulé, é teta, (risos) eu levo quase tudo na brincadeira.
- JÚLIA
    - Você sofreu bem menos preconceito do que eu, né?
- ORIENTADORA
    - Oh, Tomás! Você aparenta ser um cara mais popular, né? Então vai da forma com que você encara e lida, não que o preconceito não exista, né?
- TOMÁS
    - Não, é, existe o preconceito, mas depois, tipo, eu mesmo cheguei aqui, mais ou menos com dois meses, eu já conhecia quase todo mundo, tá! E falava com todo mundo. Então, não tive dificuldade para conversar, esses trem. As pessoas que eu conheço hoje... mesma coisa, às vezes, uns amigos meus, tipo, é branco, melhor do que eu, não consegue conversar com as meninas que eu converso, agora, o Renan também é mais popular um pouquinho que eu, mas eu também consigo alcançar um pouquinho, mas vai indo. Eu acho que depende da pessoa, não é da cor. Tem que saber viver.
- PESQUISADOR
    - Posso passar para o próximo ponto? Você tinha terminado Tomás?
- ORIENTADORA
    - Sobre a escola, alguém tem alguma coisa a dizer, da escola? O que é falho, o que é legal, o que não é?
- PESQUISADOR
    - Ela lembrou de uma coisa importante, fala!
- LAÍZA
    - Eu, até hoje na escola, eu sofro dificuldade também no estudo, por eles não me escutarem do que eu estou querendo levar mais a sério para eu formar no estudo, para passar também no vestibular.
- PESQUISADOR
    - Você quer passar no vestibular?

- LAÍZA
  - Sim. (acenando a cabeça)
- PESQUISADOR
  - Qual curso você quer fazer?
- LAÍZA
  - Eu pretendo me formar como professora de Geografia.
- PESQUISADOR
  - De Geografia? Que bom, hein!
- JÚLIA
  - Às vezes, a gente tem dificuldade, pede para a professora explicar ela, também não explica direito a gente não entende direito.
- LAÍZA
  - E até hoje, eu apoio até, também, o Weberton também, para ele conseguir passar como professor de matemática.
- PESQUISADOR
  - Ah, ele quer fazer matemática? E depois que formar? O que você pensa em fazer? Entrou na faculdade, fez a faculdade, é, virou professora de Geografia, uma geógrafa, e aí?
- LAÍZA
  - Aí, eu vou ter que ter mais é ensinar as pessoas no conteúdo, assim, que não sabe ainda.
- PESQUISADOR
  - Aí, você vai virar professora?
- LAÍZA
  - É o que eu mais pretendo!
- PESQUISADOR
  - Quando você virar professora, o que você vai fazer diferente? Você está reclamando, reclamando não, você está levantando alguns pontos negativos da escola. E aí, quando você virar a professora Laíza, o que você vai fazer diferente?
- LAÍZA
  - Vou fazer diferente é ensinar as pessoas os estudos, e também passar futuramente, também, nos cursos.
- PESQUISADOR
  - Legal! Alguma coisa de bom da escola eu tenho certeza que tem. Nem que for o professor de Educação Física, tem que ter alguma coisa boa nessa escola.
- ALGUMA MENINA
  - O Kal.
- ALGUM MENINO
  - Tinha.
- TOMÁS
  - Eu acho que a escola, tipo, a escola da oportunidade para quem quer crescer na vida, tipo, ela tenta, ajuda, mesmo os meninos com dificuldade, baguncento. Então, eles tentam, reclamam e tal, mas, tipo, quem cresce na vida, a escola pode ser a pior, ela dá oportunidade. Se um aluno for um bom aluno, tirar dez e querer crescer, ele vai longe, pode ser a escola mais esfarrapada, nominho. Então, *"naquela escola não presta, não vai naquela escola não que não presta"*, não é a escola, são os alunos, às vezes depende, de uma sala de quarenta alunos, às vezes, têm três, dois que querem levar a sério os estudos.

- PESQUISADOR
  - Mas, se você fosse pensar alguma coisa para a sua escola ser melhor, o que você falava, o que na escola podia ter de melhor? Para ela melhorar?
- TOMÁS
  - Eu acho que mais tempo de recreio. (risos)
- PESQUISADOR
  - Isso é importante. (rindo) Aqui!
- ALGUMA MENINA
  - As aulas não serem de cinquenta minutos!
- GABRIEL
  - Tem vezes, que quem vem no ônibus, chega aqui mais de noite, chega mais tarde, mais escuro.
- JÚLIA
  - Quem estuda de tarde chega muito tarde em casa.
- PESQUISADOR
  - Lá da entrada principal são doze quilômetros, né? Você levantou um problema, né? Está chegando de noite. E a solução para esse problema, o que a escola pode fazer para resolver esse problema? Botar um jatinho?
- GABRIEL
  - Tipo assim, o sexto horário é seis e quinze. A sala da Márcia é do primeiro ano. Aí, quase todo dia, ela fica de sexto horário.
- ALGUM MENINO
  - Não, todo dia!
- GABRIEL
  - Aí, o ônibus tem que esperar ela até seis e quinze para ela sair. Se o sexto horário fosse mais cedo, o ônibus ia sair de lá mais cedo, ia chegar aqui mais cedo também.
- ALGUM MENINO
  - Quinze para as seis estava bom!
- TOMÁS
  - Não, mas... ele é meu irmão (em relação ao Gabriel). Mas eu acho que esse lado não é, eu acho que a escola ainda tem horário muito... a carga horário muito pequena, ainda para a aprendizagem! (surpresa de muitos)
- TÚLIO
  - Tinha que ser quarenta e cinco minutos!
- ALGUM MENINO
  - Não, quinze minutos estava bom!
- PESQUISADOR
  - A observação dele é muito importante! Sabe por que que eu vou falar isso? Para vocês pensarem, olha só! Não são todos da escola que têm essa dificuldade de deslocamento que vocês têm, né? Então, para vocês, vocês chegam em casa, vocês falaram aí, sete horas? Quem estuda à tarde? Não é? Sete e meia? Mas, quem mora ali, por exemplo no C1, na rua de baixo, chega em casa que hora?
- TOMÁS
  - Cinco minutos depois!
- PESQUISADOR

    - Qual a solução que seria. Vocês estão entendendo que eu estou falando que são duas realidades diferentes? Parece que vocês estão querendo uma escola só para vocês!
- ALGUMA ESTUDANTE
    - Quem é do ônibus podia sair mais cedo!
- TOMÁS
    - É, tipo, é o que eu acho, tipo, a escola, a escola tem que cumprir com o negócio, o negócio, quem é da área rural, tem que saber que é essa realidade.
- ORIENTADORA
    - Tomás, o Gabriel levantou uma questão aqui que eu quero concordar com ele num ponto. Se o transporte não fosse o mesmo, se as rotas fossem diferenciadas, resolveria o que o Gabriel falou em relação a quem tem o sexto horário, porque organizaria as rotas para facilitar para quem termina mais cedo vir embora mais cedo e quem termina mais tarde vir embora depois em outra rota. Concorda comigo Tomás? Assim olha! Se tivesse duas rotas, dois transportes, para atender os horários diferenciados, facilitaria. Não é uma ideia?
- TOMÁS
    - Mas, eu acho...é uma ideia, o negócio é, eu acho que ia gastar mais, né!
- RENARA
    - Mas aí, tipo, tem dois alunos, a Júlia e o irmão dela. O irmão dela sai mais tarde, a Júlia sai cedo. Aí, a Kombi ia lá deixava ela, aí outra Kombi ia deixar o irmão dela. A Prefeitura não dá conta!
- TOMÁS
    - Ia gastar muita verba para fazer isso! Eu acho, tipo, a gente da área rural tem que saber disso! Tem pessoas, que daqui um ano, tipo, uma pessoa que está no nono, daqui um ano ela vai estar no primeiro ano.
- PESQUISADOR
    - Lá vai eu provocar, eu gosto de provocar, eu sou provocador. É... vocês acham que todo muito tem direito a educação ou vocês têm menos direito, ou o pessoal da cidade tem menos direito. Como vocês veem isso?
- VÁRIOS JOVENS
    - Todo mundo tem o mesmo direito!
    - Direito igual!
- PESQUISADOR
    - Todo mundo tem o mesmo direito? E a escola, vocês acham que a escola, ela é boa para todo mundo?
- JÚLIA
    - É.
- TOMÁS
    - Tipo, ela dá chance para quem quer!
- PESQUISADOR
    - Tá! Então, agora...
- RENAN
    - No meu ponto de vista Kal, eu acho que, eu não sei se é pela Diretora do C2 ser a mãe do motorista aqui, ela flexibiliza muito as coisas na escola para a gente, tipo, a van estraga, ela deixa a gente entrar em qualquer horário que a gente chega, se chega mais tarde, ela entende que é por causa de ser da fazenda que chega mais tarde.

- PESQUISADOR
  - Entendi. A escola é flexível para atender as características.
- JÚLIA
  - E o C1 não é!
- PESQUISADOR
  - Mas, se vocês fossem fechar assim os olhos, assim agora, olha! Fechar os olhos e imaginar a escola do meu sonho, como que ela seria? Pensando na educação. Olha só, nós estamos conversando naquele tema que é educação, né? Brincar educa? Vocês me falaram que educa. Falaram das experiências lá do acampamento, que a sua mãe contava história, reuniam e tal, a gente sabe que a gente aprende muito brincando, né? Mas, pensando nessa formação, nessa educação, como que seria a escola para vocês tirarem o melhor proveito dela, como que ela teria que ser? Como que vocês imaginam essa escola? Perfeita! Agora não tem mais... eu quero falar para vocês assim, não tem mais prefeitura que não tem dinheiro, é... não tem mais buraco na estrada que vocês desenharam, não tem a van tendo que sair com o farol aceso porque está de noite, alguém me falou que chega com muita fome, quem foi? Porque demora demais. A escola ideal para vocês terem a melhor educação do mundo, como que ela deveria ser?
- MÁRCIA
  - Uma coisa que eu acho assim, a escola deveria ser mais interativa, as aulas, além de teóricas, eu acho que todas, não só a Educação Física, assim, teriam que ser práticas também. Porque a gente está aprendendo na teoria, deveria ser prático também, sabe? As coisas que fossem possível, lógico.
- PESQUISADOR
  - A prática para você é importante, você acha que está faltando na escola?
- MÁRCIA
  - Também, é! Falta.
- GABRIEL
  - Tornar a aula mais interessante.
- PESQUISADOR
  - E aqui no assentamento, vocês aprendem alguma coisa na prática? Fazendo?
- TOMÁS
  - Aprende!
- PESQUISADOR
  - O que?
- TOMÁS
  - Capinar. (risos)
- PESQUISADOR
  - É importante!
- TOMÁS
  - Cuidar da horta, cuidar das galinhas, cuidar de vaca, ajudar nos parimentos dos cavalos, de égua, de cavalo, vai indo, muitas coisas.
- PESQUISADOR
  - Oh, Tomás! Eu estou falando Tomás, mas qualquer pessoa se sinta à vontade para responder. Esses aprendizados, você acha importante ou não? Sério agora! Você acha esse aprendizado importante para você?
- TOMÁS

    - Se for para a pessoa levar a vida na roça, sim! Agora, se for para a cidade, tipo, depende. Não vai precisar cuidar, tipo, desses animais que é mais da roça, agora, limpar a casa, esses trem, galinha, porco, saber tratar, cozinhar, lavar. Que às vezes, nós, as pessoas, podem morar sozinhas. Tem que saber fazer tudo. Tem que saber viver independente, sem depender de ninguém.
- RENAN
    - Do meu ponto de vista, a fazenda, assim, me ajuda muito, que tipo, nas aulas de Geografia tem ideia sobre erosão, assim, desmatamento Aí, tipo, é o que eu lido todo dia na fazenda, eu sei muita coisa sobre isso.
- TOMÁS
    - Às vezes, nós trabalhamos matemática para ver quantos litros de gasolina vai dá por dia...(risos)
- PESQUISADOR
    - Muita Matemática, Economia! Pessoal, para o último bloco de questão que eu quero passar para vocês... é o mesmo, voltando ao início da atividade, quando a Cida trouxe para a gente aquele sonho gostoso. O sonho de vocês, o que vocês querem? Não só para o futuro. Vamos começar falando agora. O que vocês querem para vocês agora, não é para o futuro não. O que vocês estão precisando, o que vocês estão mais querendo hoje, agora, o que tinha que acontecer agora, que está fazendo falta?
- TOMÁS
    - Ganhar na Mega Sena! (risos)
- PESQUISADOR
    - Mega Sena!
- ANIELE
    - Melhorar a educação!
- PESQUISADOR
    - Melhorar a educação? Mas, eu perguntei para vocês o que tinha que melhorar você não me falou nada. O que precisa melhorar?
- ANIELE
    - Muita coisa!
- PESQUISADOR
    - Fala uma só!
- ANIELE
    - Controlar o racismo. Os professores tinham que estar mais atentos a esse assunto, porque, eu acho isso muito ruim e, sei lá...
- PESQUISADOR
    - Qual assunto?
- ANIELE
    - Do racismo! Porque as pessoas que moram na fazenda sofrem muito com isso, eu acho que os professores tinham que estar mais atentos, deviam tentar entender mais a gente, é isso!
- JÚLIA
    - Tipo, a gente sofre preconceito assim, tipo, diariamente. Todo dia eu sofro preconceito por eu ser da fazenda e por eu ser negra, também.
- PESQUISADOR
    - Porque tem esse preconceito que te incomoda, lógico, tem que incomodar mesmo, né?
- ANIELE

    - Mas assim, lá na minha sala, de fato tem alguns professores que são assim com fazenda também, porque, quando eu da minha sala sou a única que mora na fazenda. Era o Tomás também, só, como ele foi para outra escola. Aí, tipo, a minha professora de Geografia, ela sempre me defende, porque às vezes os meninos falam...
- PESQUISADOR
    - Ah! Tem uma professora que te defende? É professora de qual disciplina?
- ANIELE
    - É Geografia! Ela conversa com os meninos. Ela faz com que os meninos entendam que morar na fazenda, não é porque a gente mora na fazenda que é roceiro. Ela explica para os meninos, né! Que assim fica mais fácil de lidar!
- PESQUISADOR
    - Que legal! Só essas duas aqui que tem querer para agora? Educação e acabar com a questão do preconceito...Ah! Tem a Mega Sena! Todas o que, Tomás?
- TOMÁS
    - Ganhar dinheiro e todas as motos potentes!
- PESQUISADOR
    - As motos potentes também. O pessoal de cá! Para agora, vocês não estão querendo nada?
- JÚLIA
    - A violência, também!
- HELEN
    - A estrada e o transporte escolar!
- ORIENTADORA
    - O que vocês desejam, para agora e para o futuro!
- ALGUM MENINO
    - Almoçar!
- PESQUISADOR
    - Sério agora gente! Essa parte é muito importante para a gente!
- TOMÁS
    - O futuro?
- PESQUISADOR
    - Ela está falando o futuro, o que vocês esperam para o futuro? É aqui? É fora daqui? É os dois? Formar! Aqui Oh! A Júlia falou formar.
- RENAN
    - Na minha opinião, acho que devia também, melhora na educação!
- PESQUISADOR
    - Espera um pouquinho, gente! É importante a gente manter o foco! Na sua opinião...
- RENAN
    - Na minha opinião, devia ter uma melhora na educação, tipo, uma reforma pros professores, porque eles dão aula do modo antigo ainda. Têm muitos professores que acham que é só passar matéria no quadro, mal explica e já dá uma prova!
- TOMÁS
    - É, tipo assim, têm uns, igual Matemática, eu tinha dificuldade em Matemática, para aprender, agora na escola, na outra escola que eu estudo a noite, eu não tenho dificuldade. Consegui, ontem mesmo eu fechei a prova de Matemática!
- PESQUISADOR

    - Que bom, parabéns! Você acha que é o professor, a escola, ou o que foi? O método que mudou de uma escola para outra.
- TOMÁS
    - Não, acho que é o professor. Às vezes, tem um professor que você aprende, ele explica e você aprende. Já têm outros, que explicam, explicam e você não consegue, não consegue aprender.
- PESQUISADOR
    - E as meninas aí, oh! O futuro de vocês. O que vocês esperam?
- MÁRCIA
    - Bom, no meu caso, eu gosto muito daqui, mas eu pretendo morar em Goiânia, eu acho, porque eu gosto também bastante de lá, que eu vou sempre para lá. Mas, eu pretendo ajudar meus pais.
- PESQUISADOR
    - Você pretende ajudar seus pais?
- MÁRCIA
    - É, minha mãe, meu pai, também.
- PESQUISADOR
    - Mais alguém quer falar alguma coisa do futuro. Só ela que falou.
- TOMÁS
    - É tipo assim, eu acho que o futuro, o futuro de cada um é ter um destino. Igual eu mesmo. Eu quero me formar, estou querendo fazer engenharia, talvez, mas, tipo, eu quero crescer, quero fazer minha casa, quero ter a minha família, quero ter, tipo, o que eu quero, o que eu quero ter, tipo, minha garagem, eu quero ter no mínimo dois carros, duas motos, ter uma continha boa no banco, e ajudar meus pais, tipo, crescer mais, não passar mais necessidade. Ter uma vida mais elevada um pouquinho.
- PESQUISADOR
    - E para conseguir isso tudo que você falou, qual que é o caminho que você acha que vai te levar lá?
- ALGUM MENINO
    - Estudar!
- TOMÁS
    - Educação e a escola!
- PESQUISADOR
    - Escola e educação! Quem mais gente?
- LAÍZA
    - Eu pretendo me formar como geógrafa e também fazer o curso de informática.
- RENAN
    - Kal, mas também não adianta ter uma escola boa se os alunos não sabem dá o valor que a escola tem. Porque tem muita gente que vai para a escola para brincar, para lanchar no máximo...
- ALGUM MENINO
    - É nois mesmo!
- PESQUISADOR
    - Vocês falaram muito pouco daquilo que vocês querem para o futuro de vocês e eu vou mudar a pergunta. E o futuro do assentamento? Como vocês imaginam o Assentamento Olga Benário, dessa comunidade no futuro? Qual é o sonho de vocês em relação ao assentamento?
- RENAN

    - No meu ponto de vista, o futuro do assentamento é, tipo, a gente, jovens que estão aqui, que, tipo, as pessoas mais velhas, nossos pais, assim, estão aqui e já não estão muito, assim, com muitos sonhos ainda para o assentamento. Agora, a gente tem que sonhar o que a gente quer e colocar isso em prática no assentamento. A gente é que vai ter que fazer isso!
- MÁRCIA
    - Bom, no caso a minha mãe ainda sonha, porque, para a gente enrolou bastante essa questão de vir o dinheiro para terminar de construir a casa. Ela quer construir, quer arrumar lá dentro, agora no meu caso, eu não pretendo morar aqui no futuro, aqui no assentamento, eu quero morar em outro lugar, mas eu quero ajudar ela a construir isso, porque ela gosta muito daqui.
- PESQUISADOR
    - Mais alguém quer falar sobre o futuro do assentamento? O que vocês imaginam para o futuro dessa comunidade aqui.
- TOMÁS
    - Eu acho que depende de cada um, né! Da família. Têm umas famílias, têm outras. Ás vezes, tem uma família que quer sair, outra que os filhos não querem. A maioria, mais ou menos, quer ir para a cidade. São bem poucos mesmo, eu acho que pode contar nos dedos os que querem ficar na roça, viver na roça.
- PESQUISADOR
    - Você? Você vê seu futuro com alguma relação aqui com o assentamento ou você vê fora?
- TOMÁS
    - Talvez! Posso ter, tipo, não! Minha mãe mesmo, ela quer morar até, até no dia que jogar o pé dentro do caixão. Aí, tipo, dependendo, às vezes eu posso, tipo, estou com dezesseis, fazer dezoito anos, eu sair de casa e trabalhar, né! Seguir minha vida. Às vezes, eu posso investir, né! Igual, gado mesmo, dá dinheiro colocar na fazenda. A relação, às vezes, pode ser essa. Morar na cidade e ter alguma coisa minha na fazenda que der lucro, que um dia eu possa vender e pegar o dinheiro e comprar outra coisa.
- PESQUISADOR
    - Mais alguém quer falar? Maíra, você quer falar sobre o futuro do assentamento. O que você imagina? O que você gostaria que acontecesse aqui?
- ALGUMA MENINA
    - Ter área de lazer!
- MAÍRA
    - Ah! Eu espero que quando eu for, tipo, para Catalão estudar Administração, espero quando eu voltar, para eu ajudar os meus pais, eu ter esse... como ajudar os meus pais, que sonham muito com aqui, que eles gostam muito e eu pretendo ajudar eles e eu espero que todas as famílias também estejam bem, todas organizadas.
- PESQUISADOR
    - Mais alguém quer falar alguma coisa, gente?
- JÚLIA
    - Eu espero que seja asfaltado aqui também!

FIM

ANEXO A: Hino do MST

Hino do MST

Letra: Ademar Bogo
Musíca: Willy C. de Oliveira

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Refrão:
Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Braços erguidos ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Refrão:
Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Nossa Força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular